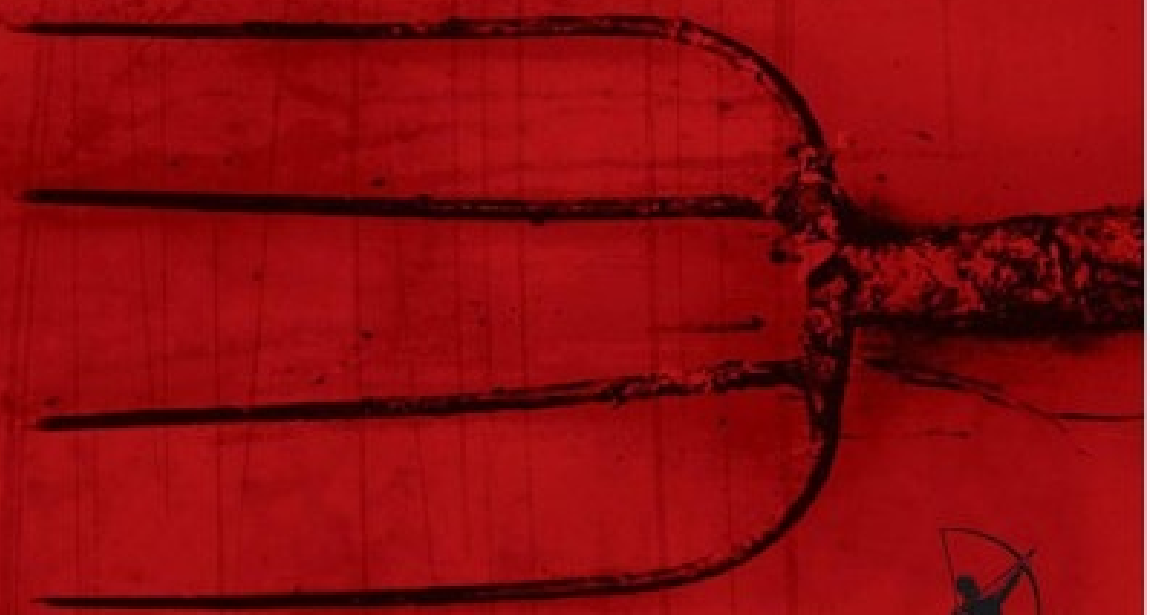
QUANDO AS PESSOAS QUE VOCÊ AMA LHE VIRAM AS COSTAS
E SUA VIDA SE TORNA UM INFERNO, SER O DIABO NÃO É TÃO MAU ASSIM.

JOE HILL

AUTOR DE *A ESTRADA DA NOITE*

O PACTO



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

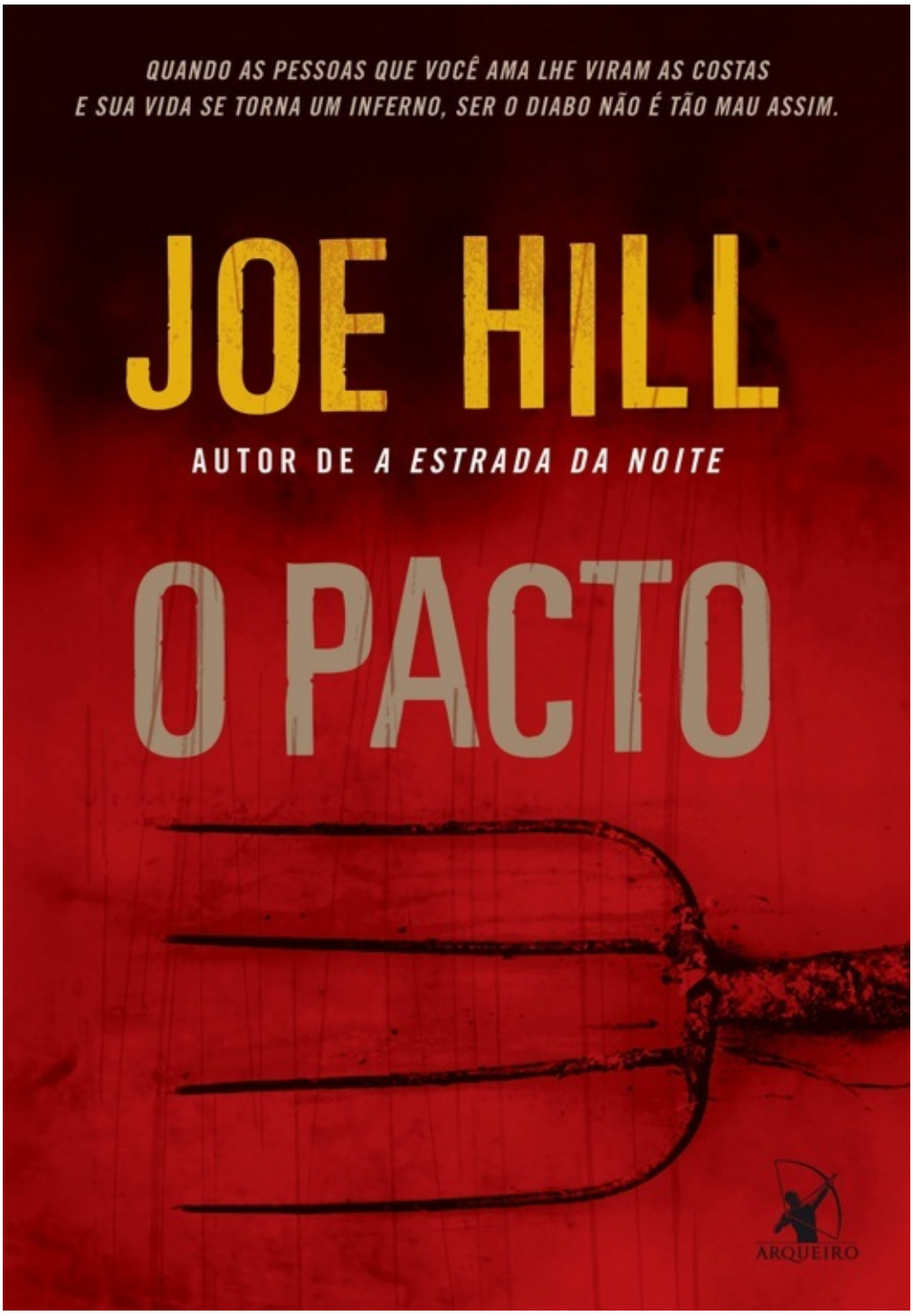
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


QUANDO AS PESSOAS QUE VOCÊ AMA LHE VIRAM AS COSTAS
E SUA VIDA SE TORNA UM INFERNO, SER O DIABO NÃO É TÃO MAU ASSIM.
JOE HILL
AUTOR DE A ESTRADA DA NOITE
O PACTO
ARQUEIRO



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o

célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e

Minha vida, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou

criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos

Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um

dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos

projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor

pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além,

mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e

contratempos da vida.

Título original: *Horns*

Copyright © 2010 por Joe Hill.

Copyright da tradução © 2010 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada

ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com Harper Collins Publishers.

A citação de “On Daemons & Dust” foi retirada de *Maps and Legends: Reading and Writing Along the Borderlands*, de Michael

Chabon. Copyright © 2008 por Michael Chabon

TRADUÇÃO: Bárbara Heliodora e Helen Potter Pessoa

PREPARO DE ORIGINAIS: Rachel Agavino

REVISÃO: Rebeca Bolite, Luis Américo Costa e Penha Dutra

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed

CAPA: Mary Schuck

IMAGEM DE CAPA: Vladimir Godnick / Getty Images

ADAPTAÇÃO DA CAPA: Miriam Lerner

ARQUIVO EPUB: Simplíssimo Livros

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H545p

Hil , Joe

O pacto [recurso eletrônico] / Joe Hil [tradução de Barbara Heliodora e Hel en Potter

Pessoa]; São Paulo: Arqueiro, 2012.

recurso digital

Tradução de: Horns

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-051-8 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Heliodora, Barbara. I .

Pessoa, Hel en Potter. I I. Título.

CDD: 813

12-0824

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Leanora – com amor, sempre.

Satã é um de nós. Muito mais do que Adão e Eva.

– MICHAEL CHABON, “ON DAEMONS & DUST” (SOBRE DEMÔNIOS E PÓ)

INFERNO

CAPÍTULO 1

I**gnatius Martin Perrish passou a** noite bêbado, fazendo coisas horríveis. Acordou na manhã

seguinte com dor de cabeça, levou as mãos às têmporas e sentiu algo estranho, um par de

protuberâncias pontiagudas. Estava tão enjoado – sentia-se fraco e seus olhos lacrimejavam por

causa da luz – que, a princípio, não deu atenção a isso. A ressaca não lhe

permitia pensar nem se

preocupar.

Porém, enquanto cambaleava diante da privada, olhou de relance para seu reflexo no espelho

acima da pia e viu que tinha criado chifres durante a noite. O susto foi tão grande que o fez

recuar e, pela segunda vez em 12 horas, mijou nos próprios pés.

CAPÍTULO 2

E**le enfiou de novo a bermuda cáqui** – ainda estava com as mesmas roupas que usara no dia

anterior – e se debruçou sobre a pia para olhar melhor.

Em matéria de chifres não eram lá grande coisa. Tinham mais ou menos o tamanho de seu

dedo anular, eram grossos na base e, à medida que faziam uma curva para cima, se afinavam até

formar uma ponta. Os chifres estavam cobertos por uma pele muito pálida, com exceção das

extremidades pontiagudas, que eram de um vermelho intenso e feio, como se estivessem prestes a

romper a carne. Tocou um deles e percebeu que a ponta estava sensível, ligeiramente dolorida.

Correu os dedos ao longo de cada um dos chifres, sentindo a densidade do osso por baixo da

pele lisa e esticada.

A primeira coisa em que pensou foi que, de algum modo, ele mesmo tinha causado aquela

aflição para si. Na noite anterior, já bem tarde, entrara pela mata atrás da velha fundição até o

local onde Merrin Williams havia sido morta. As pessoas tinham deixado lembranças em uma

cerejeira doente e sombria, cujo tronco descascado deixava o cerne à mostra. Merrin fora

encontrada assim, com as roupas rasgadas deixando a carne à mostra. Havia fotos dela

delicadamente dispostas nos galhos, um vaso de flores de salgueiro-gato, cartões Hallmark

retorcidos e manchados pela exposição ao tempo. Alguém – provavelmente a mãe de Merrin –

tinha deixado grampeada no tronco da árvore uma cruz de rosas amarelas de náilon e uma

Virgem de plástico que sorria com a beatitude idiota dos retardados.

Ig não suportava aquele sorriso afetado. Tampouco suportava a cruz, afixada ao local onde

Merrin sangrara até morrer em decorrência de traumatismo craniano. Uma cruz de rosas

amarelas. Puta que pariu! Era como uma cadeira elétrica com almofadas de estampa florida:

uma piada de mau gosto. Ele ficou incomodado por alguém querer levar Cristo até ali. Cristo

estava um ano atrasado para fazer algum bem; não esteve por perto quando Merrin precisou

d’Ele.

Ig arrancou a cruz do tronco, jogou-a no chão e a pisoteou. Precisava mijar. Fez isso mirando

na Virgem e, bêbado, acabou acertando os próprios pés. Talvez isso tivesse sido blasfêmia

suficiente para causar aquela transformação. Mas não – ele sentia que havia mais alguma coisa.

Não conseguia lembrar o quê. Tinha bebido demais.

Virou a cabeça para um lado e para o outro, estudando-se no espelho, tocando os chifres

repetidamente. A que profundidade chegava o osso? Será que havia raízes que se infiltravam até

o cérebro? Quando pensou nisso, o banheiro escureceu, como se a lâmpada no teto tivesse

piscado por um momento. No entanto, a escuridão estava em seus olhos, em sua cabeça, não nas

lâmpadas. Ele agarrou a pia e esperou a fraqueza passar.

Então se deu conta. Iria morrer. Claro que iria morrer. Alguma coisa estava mesmo

pressionando seu cérebro: um tumor. Os chifres não estavam ali de verdade. Eram metafóricos,

frutos de sua imaginação. Ele tinha um tumor comendo seu cérebro e fazendo com que ele visse

coisas. E, se já chegara a esse ponto, provavelmente era tarde demais para ser salvo.

A ideia de que iria morrer trouxe uma onda de alívio, uma sensação física, como a de subir

para respirar depois de ficar submerso por muito tempo. Ig quase se afogou uma vez e, na

infância, sofrera de asma. Para ele, contentamento era simplesmente ser capaz de respirar.

– Estou doente – suspirou. – Estou morrendo.

Dizer isso em voz alta melhorou seu humor.

Olhou-se no espelho com atenção, esperando que, agora que sabia tratar-se de uma

alucinação, os chifres desaparecessem, mas não deu certo. Eles continuavam ali. Ig puxou

freneticamente os cabelos, tentando esconder os chifres pelo menos até chegar ao médico, mas

desistiu ao se dar conta de que era tolice tentar esconder algo que ninguém além dele podia ver.

Caminhou até o quarto com as pernas bambas. A roupa de cama estava desarrumada de

ambos os lados e o lençol de baixo ainda exibia a forma amarrotada das curvas de Glenna

Nicholson. Ele não se lembrava de ter se deitado ao lado dela, tampouco de ter chegado em casa

– mais uma parte da noite que estava faltando. Até então, ele acreditava que tinha dormido

sozinho e que Glenna havia passado a noite em outro lugar. Com *outra* pessoa.

Eles saíram juntos na noite anterior, mas, depois de beber um pouco, Ig tinha começado a

pensar em Merrin, com o aniversário da morte dela se aproximando. Quanto

mais bebia, mais

sentia sua falta – e mais percebia quão pouco Glenna se parecia com ela. Com suas tatuagens,

suas unhas postiças, sua estante cheia de livros de terror, seus cigarros e sua ficha criminal,

Glenna era o oposto de Merrin. Vê-la sentada do outro lado da mesa irritava Ig. Estar com ela

parecia traição, embora não soubesse se estava traindo Merrin ou a si mesmo. Finalmente ele teve

de fugir – Glenna insistia em acariciar os nós de seus dedos, um gesto que deveria ser carinhoso,

mas que, por alguma razão, o enfurecia. Ele foi ao banheiro e se escondeu lá durante 20

minutos. Quando voltou, encontrou a mesa vazia. Sentou-se e bebeu por uma hora até se dar

conta de que ela não voltaria e de que não estava chateado por isso. Porém, em algum momento

da noite, tinham acabado ali, na mesma cama que vinham dividindo havia três meses.

Ouviu o ruído distante da televisão na sala ao lado. Glenna ainda estava em casa, não tinha

ido para o salão. Ele lhe pediria uma carona até o médico. A breve sensação de alívio ante a ideia

da morte tinha passado e ele já temia os dias e semanas que estavam por vir: o pai lutando para

não chorar, a mãe demonstrando uma falsa alegria, soro, tratamentos, radiação, vômitos

inevitáveis, comida de hospital.

Ig se arrastou até a sala adjacente, onde Glenna estava sentada no sofá, vestindo calças de

pijama desbotadas e uma camiseta regata do Guns N’ Roses, debruçada para a frente, os

cotovelos apoiados na bandeja de café da manhã, enfiando na boca o último pedaço de um

donut. À sua frente estavam a caixa de doces comprada no supermercado três dias antes e uma

garrafa de dois litros de Coca Zero. Estava assistindo a um programa de entrevistas.

Ela o ouviu chegar e olhou em sua direção, as pálpebras abaixadas, um olhar de

desaprovação, depois se voltou outra vez para a TV. “Meu melhor amigo é um psicopata” era o

tema do dia. Dois fazendeiros gordos estavam prestes a se agredir.

Ela não notou os chifres.

– Acho que estou doente – disse ele.

– Não enche o saco – retrucou ela. – Também estou de ressaca.

– Não, quero dizer… Olhe para mim. Pareço bem? – perguntou Ig, pois precisava ter certeza.

Ela virou lentamente a cabeça na direção dele e deu uma espiada com os olhos semicerrados.

Os cílios ainda estavam cheios de rímel da noite anterior, um pouco borrado. Glenna tinha um

rosto liso e agradavelmente arredondado, e um corpo macio e agradavelmente arredondado.

Poderia até ter sido modelo, desde que fosse para moda *plus size*. Pesava uns 25 quilos a mais

que Ig. Não que fosse grotescamente gorda, ele que era absurdamente magro. Ela gostava de

transar ficando por cima e, quando se apoiava no peito dele, o deixava sem ar, um ato

impensado de asfixia erótica. Ig, que com frequência precisava lutar para respirar, conhecia

todas as pessoas famosas que morreram de asfixia erótica. Era um fim surpreendentemente

comum entre músicos. Kevin Gilbert. Hideto Matsumoto, provavelmente. Michael Hutchence,

sem dúvida. Hutchence não era alguém em quem ele quisesse pensar naquele momento, por

causa de sua música “The Devil Inside” – “o demônio interior, cada um de nós”, dizia a letra.

– Ainda está bêbado? – perguntou Glenna.

Como ele não respondeu, ela balançou a cabeça e olhou de volta para a televisão.

Era isso, então. Se ela os tivesse visto, teria se levantado aos berros. Mas não podia vê-los

porque não estavam ali. Só existiam na imaginação de Ig. Provavelmente, se ele se olhasse num

espelho, também não os veria. Porém, ao dar de cara com seu reflexo na janela – vítreo,

transparente, um fantasma demoníaco –, os chifres ainda estavam lá.

– Acho que preciso ir ao médico – disse ele.

– Sabe do que *eu* preciso? – perguntou ela.

– De quê?

– De outro donut – respondeu Glenna, inclinando-se para olhar dentro da caixa aberta. –

Você acha que devo?

Ele respondeu com um tom indiferente que quase não reconheceu:

– Por que não?

– Já comi um e não estou mais com fome, só com vontade de comer outro. – Ela levantou a

cabeça para encará-lo, os olhos brilhando de tal modo que, de repente, pareciam tanto

assustados quanto suplicantes. – Queria comer a caixa inteira.

– A caixa inteira – repetiu ele.

– Nem quero usar as mãos. Quero cair de boca. Sei que é nojento. – Ela movia o dedo de um

donut para outro, contando. – Seis. Você acha que tudo bem se eu comer mais seis donuts?

Era difícil pensar em outra coisa além de sua própria preocupação, da pressão e do peso em

suas têmporas. O que ela tinha acabado de dizer não fazia sentido, era só mais uma parte

daquela estranha manhã de pesadelos.

– Se você estiver me sacaneando, é melhor parar. Já falei que não estou me sentindo bem.

– Quero outro donut – disse ela.

– Vai em frente. Eu não me importo.

– Tudo bem. Se você acha que não tem problema…

Ela pegou um donut, partiu em três pedaços e começou a enfiá-los na boca, um atrás do

outro, sem engolir nenhum.

Logo estava com todo o doce na boca e com as bochechas estufadas. Engasgou de leve, depois

respirou fundo e começou a engolir.

Ig ficou olhando, com nojo. Nunca vira Glenna fazer algo assim, não via nada parecido desde

os tempos do ensino médio, quando os garotos faziam coisas nojentas para provocar uns aos

outros no refeitório. Quando terminou de comer, ela estava ofegante. Respirou algumas vezes

para recuperar o fôlego e depois olhou para ele por sobre o ombro, um tanto aflita.

– Nem estava gostoso. Meu estômago está doendo. Você acha que devo comer outro?

– Por que comer outro se o seu estômago já está doendo?

– Porque quero ficar gorda de verdade. Não como agora. Mas o bastante para você não querer

mais nada comigo.

Ela botou a língua para fora, a ponta tocando o lábio superior. Um gesto pensativo, como se

estivesse ponderando.

– Eu fiz uma coisa horrível ontem à noite. Quero te contar – acrescentou.

Mais uma vez Ig pensou que nada daquilo era real. Porém, se estava tendo algum tipo de

alucinação febril, era persistente. Convincente nos mínimos detalhes. Uma mosca andava pela

tela da TV. Um carro passou pela rua, com um ruído baixo. A um momento seguia-se

naturalmente outro, somando-se à realidade. Ig era bom em soma. Matemática tinha sido seu

forte na escola, depois de ética, que para ele não contava como uma matéria de verdade.

– Acho que não quero saber o que você fez ontem à noite.

– É por isso que quero contar. Para deixá-lo com nojo. Para te dar um motivo para me largar.

Eu me sinto péssima com relação ao que você tem passado e ao que as pessoas falam de você,

mas já não suporto acordar do seu lado. Só quero que você vá embora e, se eu contar a coisa

nojenta que fiz, isso vai acontecer e vou ser livre novamente.

– O que as pessoas falam de mim?

Foi uma pergunta estúpida. Ele já sabia. Ela deu de ombros.

– O que você fez com a Merrin. Como você parece um pervertido sexual, coisas assim.

Ig a encarou, transfigurado. Cada coisa que ela dizia era pior do que a anterior. Isso e o fato

de ela estar à vontade ao falar tudo aquilo o deixavam fascinado. Sem vergonha

nem embaraço.

– Afinal o que você queria me dizer?

– Encontrei Lee Tourneau ontem à noite, depois que você sumiu. Lembra que rolava uma

coisa entre a gente no ensino médio?

– Lembro.

Lee e Ig tinham sido amigos em outra vida, mas agora tudo aquilo ficara para trás, morrera

com Merrin. É difícil manter amizades íntimas quando se é suspeito de ser um assassino e

estuprador.

– Ontem à noite ele estava lá no bar e, depois que você desapareceu, me pagou uma bebida.

Eu não falava com Lee há séculos. Tinha me esquecido de como ele é bom de papo. Você

conhece o Lee. Ele não banca o superior com ninguém. Foi muito legal comigo. Você estava

demorando a voltar, então ele disse que deveríamos procurá-lo no estacionamento e que, se você

tivesse ido embora, ele me daria uma carona para casa. Mas, quando chegamos lá, começamos a

nos beijar de um jeito bem quente, como nos velhos tempos, quando estávamos juntos. Me

empolguei e paguei um boquete para ele ali mesmo, com uns carinhas olhando e tudo. Eu não

fazia nada tão maluco desde que tinha uns 19 anos e me enchia de anfetaminas.

Ig precisava de ajuda. Tinha que sair do apartamento. O ar estava pesado e ele sentia os

pulmões pressionados.

Glenna voltou a se debruçar sobre a caixa de donuts, a expressão plácida, como se tivesse

acabado de contar algo sem importância: que o leite tinha acabado ou que estavam sem água

quente de novo.

– Tudo bem se eu comer mais um? Meu estômago já está melhor.

– Como quiser.

Ela virou a cabeça e o encarou. Seus olhos pálidos brilhavam com uma excitação estranha.

– Sério?

– Não ligo a mínima – disse ele. – Por mim, você pode comer até explodir.

Glenna sorriu, formando covinhas nas bochechas, então inclinou-se sobre a mesa e pegou a

caixa com uma das mãos. Segurando-a firme no lugar, enfiou a cara lá dentro e começou a

comer. Ela fazia barulho ao mastigar, estalando os lábios e respirando de um jeito estranho.

Engasgou de novo, sacudindo os ombros, mas continuou comendo, usando a mão livre para

empurrar mais donuts para dentro da boca, mesmo com as bochechas já estufadas. Uma mosca

zumbia em volta dela, agitada.

Ig andou até a porta, do outro lado da sala. Glenna ergueu um pouco o tronco, para tomar

ar, e virou os olhos na direção dele. Sua expressão era de pânico. Tinha as bochechas e a boca

salpicadas de açúcar.

– *Humm.* – Não dava para dizer se ela gemia de prazer ou de tristeza.

A mosca pousou no canto da sua boca. Ig a viu por um momento. Então Glenna fez um

movimento com a língua e ao mesmo tempo prendeu o inseto com a mão. Quando abaixou a

mão, a mosca havia sumido. Sua mandíbula trabalhava: para cima e para baixo, triturando tudo

o que estava em sua boca.

Ig esgueirou-se para fora. Enquanto fechava a porta atrás de si, Glenna inclinou novamente o

rosto na direção da caixa… um escafandrista que, tendo enchido os pulmões de ar, voltava a

mergulhar nas profundezas.

CAPÍTULO 3

E**le foi dirigindo até uma clínica** que tinha atendimento de emergência. A pequena sala de

espera estava quase cheia, fazia muito calor e uma criança gritava – uma garotinha deitada de

costas no meio da sala. Ela produzia incríveis uivos soluçantes entrecortados por pausas para

tomar fôlego. Sua mãe estava sentada numa cadeira encostada à parede,

inclinada na direção da

menina, sussurrando furiosa e freneticamente uma torrente contínua de ameaças, imprecações e

propostas do tipo “obedeça agora antes que seja tarde demais”. A certa altura tentou agarrar o

calcanhar da filha, que chutou sua mão com um sapato de fivela preto.

As outras pessoas na sala estavam determinadas a ignorar a cena, olhando apáticas para suas

revistas ou para a TV ligada mas sem som que ficava a um canto. Aqui também estava passando

“Meu melhor amigo é um psicopata”. Muitos olharam para Ig quando ele entrou, alguns de

uma forma esperançosa, talvez fantasiando que o pai da menina tivesse chegado para levá-la dali

e lhe dar uma boa surra. Mas, assim que o viram, perceberam que ele não estava ali para ajudar

e desviaram o olhar.

Ig gostaria de ter trazido um chapéu. Cobriu a testa com a mão em concha, como se

protegesse os olhos de uma luz ofuscante, na esperança de esconder os chifres. Entretanto, se

alguém os percebeu, não deu nenhum sinal.

Havia uma janela no fundo da sala e, do outro lado, a recepcionista estava sentada diante de

um computador. Ela encarava a mãe da menina, mas, quando Ig apareceu na sua frente,

levantou os olhos e seus lábios se curvaram, formando um sorriso.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou, já pegando uma prancheta com alguns formulários.

– Quero que um médico dê uma olhada numa coisa – disse Ig, levantando um pouco a mão

para mostrar os chifres.

Ao vê-los, ela apertou os olhos e franziu os lábios, fazendo uma careta simpática.

– Isso não parece bom – comentou, girando a cadeira e ficando de frente para o computador.

Essa não era a reação que Ig esperava – embora ele mal soubesse o que esperar. Ela reagira

como se ele tivesse mostrado um dedo quebrado – ou uma urticária –, mas, de toda forma,

reagira. Parecia ter visto os chifres. No entanto, Ig não acreditava que, se ela *realmente* os tivesse

visto, apenas franziria os lábios e olharia para outro lado.

– Só preciso lhe fazer umas perguntas. Nome?

– Ignatius Perrish.

– Idade?

– 26.

– Você já se consultou com algum médico daqui?

– Eu não vou ao médico há anos.

Ela levantou a cabeça e o olhou pensativa, fazendo novamente a careta simpática. Ig achou

que estava prestes a ser repreendido por não ter feito checkups regulares. Na sala de espera, a

menina gritou ainda mais alto. Ig olhou para trás a tempo de vê-la acertar o joelho da mãe com

um caminhão de bombeiros de plástico, um dos brinquedos amontoados ali para distrair as

crianças. A mãe arrancou-o das mãos dela. A menina caiu de costas de novo e começou a chutar

o ar – como uma barata de pernas para o alto –, chorando com fúria renovada.

– Queria dizer para ela calar a boca daquela maldita pirralha – comentou a recepcionista,

num tom de bate-papo informal. – O que você acha?

– Tem uma caneta para me emprestar? – perguntou Ig, com a boca seca, enquanto pegava a

prancheta. – Vou preencher esses papéis.

A recepcionista deixou os ombros caírem e seu sorriso desapareceu.

– Claro – disse, entregando uma caneta a Ig.

Ele se virou de costas para ela e olhou para os formulários, mas não conseguiu focar a vista.

Ela viu os chifres, mas não estranhou. E depois disse aquilo sobre a criança e sua mãe

impotente: *Queria dizer para ela calar a boca daquela maldita pirralha.* E perguntou o que ele

achava. Exatamente como Glenna, perguntando se seria uma boa enfiar a cara na caixa de

donuts e comer como um porco.

Ig procurou um lugar para se sentar. Havia duas cadeiras vazias, uma de cada lado da mãe.

Enquanto se aproximava, a garota encheu os pulmões com todo o ar que podia e deu um grito

tão estridente que fez as janelas e algumas pessoas na sala tremerem. Continuar avançando para

aquele som era como caminhar em direção a um tufão.

Quando Ig se sentou, a mãe da menina afundou em sua cadeira, batendo na própria perna

com uma revista enrolada – embora Ig sentisse que não era exatamente ali que ela quisesse bater.

A menina parecia ter exaurido suas forças com aquele último grito e agora estava deitada de

costas com lágrimas rolando pelo seu rosto vermelho e feio. A mãe também tinha as faces

vermelhas. Ela revirou os olhos infelizes para Ig. Por um momento pareceu notar os chifres, mas

depois desviou o olhar.

– Desculpe por essa barulheira ridícula – disse, tocando a mão de Ig num gesto apaziguador.

Quando sua pele roçou a dele, Ig soube que ela se chamava Allie Letterworth e que havia

quatro meses se encontrava com seu instrutor de golfe num motel na rua do clube. Na semana

anterior tinham adormecido depois de uma trepada extenuante, e o celular de Allie ficara

desligado. Ela não atendera as chamadas cada vez mais frenéticas da colônia de férias da filha,

querendo saber onde ela estava e quando iria buscar a menina. Quando finalmente chegou, duas

horas atrasada, a filha estava histérica, com o rosto todo vermelho, o nariz escorrendo e os olhos

injetados e furiosos. Para acalmá-la e comprar seu silêncio, Allie teve que lhe dar um bichinho de

pelúcia de 60 dólares e uma banana split. Era o único jeito de evitar que o marido descobrisse. Se

soubesse como era chato ter uma criança, jamais teria engravidado.

Ig afastou a mão.

A menina começou a grunhir e a bater com os pés no chão. Allie Letterworth suspirou,

inclinou-se na direção de Ig e disse:

– Eu adoraria dar um chute nessa bunda mimada, mas fico preocupada com o que as pessoas

diriam se eu batesse nela. Você acha que…

– Não – respondeu Ig.

Ele não tinha como saber tudo aquilo sobre ela, mas ainda assim sabia, da mesma forma que

sabia seu próprio número de celular e seu endereço. E também tinha certeza de que Allie

Letterworth não falaria sobre chutar a bunda mimada da filha com um completo estranho. Era

como se estivesse falando consigo mesma.

– Não – repetiu Allie Letterworth, abrindo sua revista e depois deixando-a cair, fechada. –

Acho que não posso fazer isso. Não seria melhor eu me levantar e sair? Simplesmente deixá-la

aqui, pegar o carro e ir embora? Eu poderia ficar com Michael, me esconder de todo mundo,

tomar gim e trepar sem parar. Meu marido me processaria por abandono, mas e daí? Você iria

querer a guarda compartilhada *daquilo*?

– Michael é o seu instrutor de golfe? – perguntou Ig.

Sonhadora, ela fez que sim com a cabeça, sorriu e disse:

– O mais engraçado é que eu nunca teria me inscrito para as aulas do Michael se soubesse que

ele era preto. Antes de Tiger Woods não havia crioulos no golfe, a menos que estivessem

carregando os tacos. Os campos de golfe eram lugares aos quais se podia ir para fugir deles. Você

sabe como é a maioria dos pretos. Sempre com seus celulares, falando palavrão o tempo todo e o

jeito como olham para as mulheres brancas. Mas Michael é educado. Fala como se fosse um

branco. E é verdade o que dizem sobre o pau dos negros. Transei com vários brancos e nenhum

deles era tão bem-dotado quanto Michael. – Ela franziu o nariz e continuou: – Nós o chamamos

de taco de ferro.

Ig pulou da cadeira e andou rapidamente na direção da recepcionista. Rabiscou depressa as

respostas para algumas perguntas e lhe entregou a prancheta.

Atrás dele a menina gritou:

– *Não!* Não, eu *não vou* me sentar!

– Sinto como se eu *tivesse* que dizer alguma coisa para a mãe daquela garota – falou a

recepcionista, olhando para além de Ig para a mulher e sua filha, sem prestar a menor atenção à

prancheta. – Sei que não é culpa dela se a filha é essa malcriada desprezível, mas queria lhe dizer

só uma coisa.

Ig olhou para Allie Letterworth e sua filha. Allie estava curvada sobre a menina de novo, a

cutucando com uma revista enrolada e sussurando: *shhh*. Ig voltou a olhar para a recepcionista.

– Claro – disse ele.

Ela abriu a boca, então hesitou, olhando ansiosa para a cara de Ig.

– O único problema é que não queria começar uma cena.

As pontas dos chifres pulsavam com um calor repentino e desagradável. Alguma parte dele já

estava surpresa – e não havia nem uma hora que ele tinha chifres – por ela não ter se rendido

aos seus impulsos quando ele lhe deu permissão.

– O que você quer dizer com *começar* uma cena? – perguntou, alisando

incessantemente o

pequeno cavanhaque que estava deixando crescer. Agora estava curioso para saber se conseguiria

fazê-la ceder. – É impressionante como as pessoas deixam os filhos agirem hoje em dia, não é?

Pensando bem, fica até difícil culpar os filhos se os pais não conseguem ensiná-los a se

comportar.

A recepcionista sorriu: um sorriso persistente e agradecido. Ao vê-lo, Ig teve outra sensação

nos chifres, uma excitação.

Ela se levantou e olhou para além dele, na direção da mulher e da garotinha.

– Senhora? – chamou. – Desculpe-me, senhora?

– Sim? – respondeu Allie Letterworth, levantando os olhos na esperança de que a filha fosse

chamada para a consulta.

– Sei que sua filha está muito chateada, mas, se você não for capaz de acalmá-la, poderia

demonstrar um mínimo de consideração com o restante de nós e levantar essa bunda gorda daí e

levá-la pra fora, pra não termos mais que ouvir esses berros? – pediu a recepcionista, com seu

sorriso fixo e falso.

O rosto de Allie Letterworth perdeu a cor, deixando alguns pontos vermelhos e quentes em

suas bochechas. Ela segurou a filha pelo pulso. O rosto da garota tinha agora um tom vermelho

horroroso e ela tentava se soltar, enterrando as unhas na mão de Allie.

– O quê? – perguntou Allie. – O que foi que você disse?

– Minha cabeça! – gritou a recepcionista, desmanchando o sorriso e batendo furiosamente em

sua têmpora esquerda. – Sua filha não cala a boca e minha cabeça vai explodir…

– Foda-se! – gritou Allie Letterworth, levantando-se, trôpega.

– … se você tivesse um pingo de consideração pelos outros…

– Vai tomar no cu!

– … pegaria esse seu leitãozinho histérico pelos cabelos e tiraria essa merda daqui…

– Sua mal comida!

– … *mas ah*, não, você só fica aí sentada nessa *masturbação*…

– Vamos, Marcy – disse Allie, puxando a filha pelo pulso.

– Não! – gritou a menina.

– Eu disse vamos! – falou a mãe, arrastando-a em direção à saída.

No limiar da porta para a rua, a filha de Allie Letterworth conseguiu livrar o pulso das garras

da mãe. Cruzou a sala como um raio, mas tropeçou no caminhão vermelho e caiu de quatro. A

garota voltou a gritar, dando o mais estridente de todos os seus berros, e rolou de lado,

segurando o joelho ensanguentado. A mãe não deu a mínima. Atirou a bolsa no

chão e começou

a gritar com a recepcionista, que também respondia aos berros. Os chifres de Ig pulsavam com

uma agradável e curiosa sensação de plenitude e importância.

De todas as pessoas na sala, Ig era quem estava mais perto da criança, e não parecia que a mãe

iria até a filha para acudi-la. Então ele pegou seu pulso para ajudá-la a se levantar. Quando

encostou nela soube que seu nome era Marcia Letterworth e que mais cedo ela tinha virado o

café da manhã de propósito no colo da mãe, que a estava obrigando a ir ao médico para

queimar suas verrugas. Ela não queria ir porque isso iria doer, mas a mãe era má e estúpida.

Marcia virou seu rosto em direção ao dele. Seus olhos, cheios de lágrimas, eram de um azul

intenso como o de um maçarico.

– Odeio a mamãe – disse ela para Ig. – Quero botar fogo na cama dela com fósforos. Quero

queimar ela toda.

CAPÍTULO 4

A**enfermeira que pesou Ig e mediu** sua pressão lhe contou que o ex-marido estava

namorando uma moça que tinha um carro esporte amarelo. Ela queria tirar sua hora de

almoço para ir até o local onde a moça estacionava e arranhar a lateral do carro

de ponta a

ponta. Tinha vontade de botar cocô de cachorro no banco do motorista. Ig ficou sentado na

mesa de exames, imóvel, os punhos fechados, sem emitir nenhuma opinião.

Quando a enfermeira tirou o aparelho de medir pressão, seus dedos tocaram o braço nu de Ig

e ele soube que ela já havia arranhado o carro de muitas outras pessoas: um professor que a

reprovou por ter colado numa prova, uma amiga que espalhou um segredo dela, o advogado de

seu ex-marido, porque era o advogado de seu ex-marido. Em sua cabeça, Ig podia vê-la aos 12

anos enfiando um prego na lateral do Oldsmobile preto do pai, deixando uma linha branca,

horrível, que atravessava o carro inteiro.

A sala de exames estava muito fria, o ar-condicionado no máximo, e Ig estava tremendo de

frio e de nervoso quando o Dr. Renald entrou. Ig abaixou a cabeça para mostrar os chifres. Disse

ao médico que não sabia discernir o que era real e o que não era e que acreditava estar tendo

alucinações.

– As pessoas não param de me contar coisas pavorosas. Ficam dizendo o que gostariam de

fazer, coisas que ninguém *jamais* admitiria. Uma garotinha acabou de me contar que tem

vontade de botar fogo na cama da mãe. Sua enfermeira me disse que quer destruir o carro de

uma moça. Estou com medo. Não sei o que está acontecendo comigo.

O médico estudou os chifres; rugas de preocupação marcaram sua testa:

– São chifres.

– Sei que são chifres.

O Dr. Renald balançou a cabeça.

– Parecem inflamados nas pontas. Dói?

– Pra caramba.

– Hum-hum – murmurou o médico, esfregando a mão sobre a boca. – Vamos medi-los.

Passou a fita métrica em volta da base, depois mediu o comprimento da têmpora até a ponta e

a distância entre uma ponta e outra. Rabiscou alguns números na ficha de Ig. Passou a ponta

dos dedos calejados sobre os chifres, sentindo-os, o rosto atento, pensativo. Ig descobriu algo que

não queria saber: alguns dias antes o Dr. Renald ficara se masturbando, atrás das cortinas de seu

quarto, no escuro, enquanto espiava as amigas de sua filha de 17 anos na piscina.

O médico deu um passo para trás, seus velhos olhos cinzentos preocupados.

Parecia estar tomando uma decisão.

– Sabe o que eu quero fazer?

– O quê? – perguntou Ig.

– Quero amassar um pouco de OxyContin e dar uma cheirada. Prometi a mim mesmo que

nunca cheiraria no trabalho, porque fico meio estúpido, mas não sei se vou conseguir esperar

mais seis horas.

Ig demorou um pouco para perceber que o médico estava esperando sua opinião.

– Poderíamos falar só sobre essas coisas na minha cabeça? – perguntou Ig.

Os ombros do médico desabaram. Ele virou o rosto e deixou escapar um suspiro demorado e

ansioso.

– Escute – disse Ig. – Alguém tem que me ajudar.

O Dr. Renald olhou relutante para ele.

– Não sei se isso está acontecendo ou não – disse Ig. – Acho que estou ficando louco. Por que

as pessoas não se espantam quando me veem? Se eu visse um homem com chifres, iria mijar nas

calças. – Foi exatamente o que ele fez quando se viu pela primeira vez no espelho.

– Eles são fáceis de esquecer – disse o médico. – Assim que desvio os olhos de você, me

esqueço deles. Não sei por quê.

– Mas agora você está vendo.

Renald concordou.

– E você nunca tinha visto nada igual?

– Você tem certeza de que não posso dar só uma cheiradinha? – perguntou o médico. De

repente ele se animou e propôs: – Eu divido com você. Podemos chapar juntos.

Ig balançou a cabeça.

– Escute, por favor.

O médico fez uma cara feia, mas concordou.

– Por que você não está chamando outros médicos? Por que não leva isso um pouco mais a

sério?

– Para ser honesto – disse Renald –, é um pouco difícil me concentrar no seu problema.

Continuo pensando naquelas pílulas que estão na minha maleta e naquela garota com quem

minha filha está andando. Nancy Hughes. Meu Deus, eu quero aquela bunda. Mas fico um

pouco enojado quando penso nisso. Ela ainda usa aparelho nos dentes.

– Por favor – disse Ig. – Estou pedindo sua opinião médica. Preciso de ajuda. O que eu faço?

– Malditos pacientes. Só se preocupam com vocês mesmos.

CAPÍTULO 5

E**le estava dirigindo sem pensar para** onde ia e, naquele momento, isso não era importante.

Estar em movimento era o suficiente.

Se restava um lugar para Ig chamar de seu, era esse carro. Seu Gremlin AMC 1972. O

apartamento era de Glenna. Ela já morava lá antes dele e continuaria morando quando eles

terminassem, o que, aparentemente, já acontecera. Ele tinha voltado a morar com os pais por um

tempo, logo depois do assassinato de Merrin, mas não se sentia em casa, não pertencia mais

àquele lugar. Agora, tudo o que lhe restava era o carro – um veículo, mas também uma moradia,

um espaço em que passara muitos momentos da sua vida, bons e ruins.

Os bons: fazer amor com Merrin Williams, batendo com a cabeça no teto e o joelho no

câmbio. Os amortecedores traseiros eram duros e rangiam quando o carro dava solavancos para

cima e para baixo, um barulho que fazia Merrin morder os lábios para não rir, mesmo enquanto

Ig se movia entre as suas pernas. Os ruins: a noite em que Merrin foi estuprada e morta, perto da

velha fundição, enquanto ele dormia no carro, se recuperando de uma bebedeira, odiando-a nos

seus sonhos.

O Gremlin tinha sido um refúgio quando não havia outro lugar aonde ir, quando não havia

mais nada a fazer a não ser ficar vagando por Gideão, esperando que alguma coisa acontecesse.

Nas noites em que Merrin trabalhava ou tinha que estudar, Ig passeava por aí com seu melhor

amigo, Lee Tourneau, um cara alto, magro e meio cego. Eles iam de carro até a faixa de areia à

margem do rio, onde às vezes encontravam uma fogueira, pessoas conhecidas, um ou dois jipes

estacionados no dique e um isopor cheio de cervejas. Ficavam sentados no capô do carro,

olhando as fagulhas do fogo voando pela noite até desaparecerem, as chamas refletidas nas

águas negras e velozes. Conversavam sobre as piores maneiras de morrer – um assunto natural

para eles, estacionados ali, tão perto do rio Knowles. Ig dizia que afogamento era a pior e podia

falar por experiência própria. O rio o tinha engolido uma vez, mantendo-o lá no fundo e

forçando passagem pela sua garganta. Foi Lee Tourneau quem mergulhou para tirá-lo de lá. Lee

dizia que havia coisas muito piores do que afogamento e que Ig não tinha imaginação.

Acreditava que morrer queimado sem dúvida era pior do que afogado. Era ó *bvio* que ele diria

isso, pois tivera uma experiência terrível com um carro em chamas. Ambos sabiam do que

estavam falando.

O melhor de tudo eram as noites no Gremlin com Lee e Merrin juntos. Lee se espremia para

passar para o banco de trás – ele era gentil por natureza e sempre deixava Merrin sentar na

frente com Ig – e então se deitava, com o braço apoiado na testa, um Oscar Wilde em desespero

recostado no sofá. Eles iam até o drive-in Paradise tomar cerveja enquanto malucos com

máscaras de hóquei perseguiam adolescentes seminuas, que tombavam sob serras elétricas

fazendo o público vibrar e buzinar. Merrin dizia que eram encontros de casais: Ig ficava com ela,

e Lee, com sua própria mão. Para ela, metade da diversão de sair com os dois juntos era

perturbar Lee, mas, na manhã em que a mãe dele morreu, Merrin foi a primeira a chegar na sua

casa, para abraçá-lo enquanto ele chorava.

Por meio minuto Ig pensou em ir visitar Lee – ele o salvara uma vez, talvez pudesse fazê-lo de

novo. Mas depois se lembrou do que Glenna tinha lhe dito havia apenas uma hora, aquela

confissão que mais parecia um pesadelo: *me empolguei e paguei um boquete para ele ali mesmo,*

com uns carinhas olhando e tudo. Ig tentou sentir as coisas que supostamente deveria sentir,

tentou odiar os dois, mas não conseguiu despertar sequer uma leve repugnância. No momento

tinha outros problemas. E eles estavam crescendo em sua cabeça.

E, de qualquer forma, não era como se Lee o tivesse apunhalado pelas costas, roubando sua

amada bem diante do seu nariz. Ig não estava apaixonado por Glenna, tampouco achava que ela

estivesse ou que alguma vez tenha estado apaixonada por ele – ao passo que Lee e Glenna

tinham uma história, tinham sido um casal muitos anos atrás.

Ainda assim não era o tipo de coisa que um amigo faria com outro, mas Lee e Ig também não

eram mais amigos. Depois que Merrin foi assassinada, Lee Tourneau, de forma natural, sem ser

abertamente cruel, cortou Ig de sua vida. Lee até manifestou, de forma discreta, uma

solidariedade sincera nos dias seguintes à descoberta do corpo de Merrin, mas nenhuma

promessa de que ficaria ao lado de Ig, nada de marcar encontros. Então, nas semanas e meses

seguintes, Ig percebeu que só ele telefonava para Lee, nunca o contrário, e que o amigo também

não se esforçava muito para dar continuidade à conversa. Lee sempre demonstrou certo

distanciamento afetivo, e isso fez com que Ig não percebesse logo de cara que havia sido deixado

para trás definitivamente. Mas, depois de um tempo, as contínuas desculpas de Lee para não ir à

casa dele e para não encontrá-lo fizeram sentido. Lee era assessor de um congressista de New

Hampshire e não podia ter um relacionamento com o principal suspeito de um caso de estupro

seguido de assassinato. Não houve brigas nem situações constrangedoras entre eles. Ig

compreendeu e deixou tudo acabar sem relutância. Lee – o pobre, vulnerável, estudioso e

solitário Lee – tinha um futuro. Ig não.

Talvez porque estivesse pensando na beira do rio, acabou estacionando junto do Knowles, aos

pés da ponte da estrada de Old Fair. Se estivesse procurando um lugar para se afogar, não

haveria nenhum melhor do que aquele. A faixa de areia avançava uns 30 metros rio adentro

antes de desaparecer nas águas azuis, profundas e rápidas. Ele podia encher os bolsos com

pedras e se arrastar pela correnteza. Também podia subir na ponte e pular; ela era alta o

suficiente – e, se quisesse fazer as coisas direito, poderia saltar na direção das rochas em vez de na

água. Só de pensar no impacto, ele estremeceu. Saiu do carro e foi se sentar no capô, ouvindo o

zumbido dos caminhões passando sobre ele, rumo ao sul.

Já estivera ali centenas de vezes. Como a velha fundição na estrada 17, a beira do rio era o

destino daqueles que ainda eram jovens demais para ter um destino. Ig se lembrou de outra vez

em que estivera ali, com Merrin, de como eles foram pegos pela chuva e se esconderam debaixo

da ponte. Estavam no ensino médio naquela época. Nenhum dos dois podia dirigir e não

tinham um carro onde se abrigar. Dividiram uma cesta de mexilhões fritos encharcada, sentados

numa pedra coberta de musgo, caída debaixo da ponte. Estava tão frio que saía fumaça de suas

bocas ao respirarem e ele segurou as mãos dela, frias e molhadas, entre as dele.

Ig encontrou um jornal desbotado, de dois dias antes, e, quando se cansaram de, em vão,

tentar lê-lo, Merrin disse que eles podiam fazer algo inspirador com ele. Alguma coisa que

pudesse levantar o moral de todos que olhassem a chuva sobre o rio, onde quer que estivessem.

Dispararam morro acima através da garoa para comprar velas de aniversário no 7-Eleven e

depois voltaram correndo. Merrin lhe ensinou a fazer barquinhos de papel com as folhas do

jornal, então eles acenderam as velas, puseram uma em cada barquinho e foram soltando, um a

um, na chuva e no crepúsculo, uma longa procissão de pequenas chamas deslizando

serenamente pela escuridão do rio.

– Juntos, somos inspiradores – disse Merrin, com hálito de mexilhão, os lábios gelados tão

perto do lóbulo da sua orelha que ele ficou arrepiado. Ela tremia sem parar, lutando contra um

ataque de riso. – Merrin Williams e Iggy Perrish fazendo do mundo um lugar melhor e mais

bonito, um barquinho de cada vez.

Ou ela não percebeu ou fingiu não ver que os barquinhos se enchiam de chuva e afundavam a

menos de 90 metros da margem, apagando as velas.

Lembrar-se dos momentos e de quem ele era quando estavam juntos estancou o turbilhão de

pensamentos frenéticos e descontrolados em sua cabeça. Talvez pela primeira vez em todo o dia,

Ig pôde parar e refletir, sem entrar em pânico, sobre o que estava acontecendo com ele.

Mais uma vez considerou a possibilidade de estar sofrendo uma dissociação da realidade, de

que tudo pelo que ele passara durante o dia tivesse sido só imaginação. Não seria a primeira vez

em que confundia fantasia com realidade e ele sabia, por experiência própria, que tinha uma

tendência especial para estranhos delírios religiosos. Nunca se esquecera da tarde que havia

passado na Casa na Árvore da Mente. Em oito anos, raramente passava um dia sem pensar

naquilo. Mas, é claro, se a casa na árvore foi uma fantasia – e essa era a única explicação lógica –,

foi uma fantasia a dois. Ele e Merrin tinham descoberto o lugar juntos, e o que aconteceu lá era

um dos laços de seda secretos que os unia, uma coisa sobre a qual refletir quando o trânsito

ficava ruim ou no meio da noite, depois de serem acordados por um trovão e não conseguirem

voltar a dormir.

– Sei que é *possível* que pessoas tenham a mesma alucinação – Merrin disse uma vez. – Só

nunca achei que eu fosse desse tipo.

O problema de pensar que os chifres não eram nada além de uma ilusão especialmente

persistente e assustadora – um salto para a loucura que havia muito já se aproximava – era que

ele só conseguia lidar com a realidade que estava diante dele. Não adiantava dizer a si mesmo

que tudo aquilo era coisa de sua cabeça se fosse continuar acontecendo. Ele não precisava

acreditar, assim como o fato de não acreditar não tinha consequência alguma. Os chifres

estavam sempre lá quando levantava a mão para tocá-los. Mesmo quando não os tocava, estava

consciente das pontas sensíveis e doloridas destacando-se contra a brisa fria da beira do rio.

Tinham a convincente e literal solidez de um osso.

Perdido em pensamentos, Ig não ouviu o carro da polícia deslizando ladeira abaixo até frear

repentinamente atrás do Gremlin e o motorista fazer a sirene soar por um

instante. O coração de

Ig disparou dolorosamente e ele se virou rapidamente. Um dos policiais se debruçara pela janela

do carona.

– Qual é, Ig? – perguntou o policial, que não era qualquer um, mas Sturtz. Ele usava uma

camisa de manga curta apertada que deixava à mostra seus braços bronzeados, de um marrom

dourado, curtidos pela contínua exposição ao sol. Era um homem bem-apessoado. Com os

cabelos louros soltos ao vento e os olhos escondidos atrás dos óculos escuros espelhados, poderia

estar num anúncio de cigarros.

Posada, seu parceiro que ocupava o volante, tentava usar o mesmo estilo, mas não lhe caía

bem. Ele era muito mirrado, com o pomo de adão muito proeminente. Os dois usavam bigode,

mas o de Posada parecia afetado e ligeiramente cômico, o tipo de coisa que se veria no rosto de

um maître francês numa comédia de Cary Grant.

Sturtz deu um sorriso irônico. Sempre ficava contente ao ver Ig, que, por sua vez, nunca ficava

contente ao ver um policial, mas preferia evitar Sturtz e Posada especificamente. Desde a morte

de Merrin, o hobby da dupla era pegar no pé dele. Eles o faziam encostar se estivesse dirigindo

cinco quilômetros acima do limite de velocidade e aproveitavam para dar uma geral no carro,

multando-o por jogar lixo pela janela, por andar devagar, por viver.

– Nada. Só estou sentado aqui – respondeu Ig.

– Você está sentado aí há meia hora – retrucou Posada, enquanto os dois policiais saíam do

carro. – Falando sozinho. A mulher que mora ali atrás mandou os filhos entrarem porque estava

ficando assustada.

– Imagine como ela ficaria se soubesse quem ele é – disse Sturtz. – Seu amigável vizinho

tarado e suspeito de assassinato.

– Mas, olhando o lado positivo, ele nunca matou nenhuma criancinha.

– Ainda não – atalhou Sturtz.

– Já estou indo – disse Ig.

– Você fica – ordenou Sturtz.

– O que você está planejando? – perguntou Posada ao companheiro.

– Estava pensando em enquadrá-lo por alguma coisa.

– Pelo quê? – insistiu Posada.

– Não sei. Qualquer coisa. Queria plantar uma evidência. Um saquinho de cocaína. Uma

arma não registrada. Pena que não temos nada. Queria mesmo era foder com a vida dele.

– Tenho vontade de beijar sua boca quando você fala palavrão – disse Posada.

Sturtz fez que sim, sem se perturbar com aquela declaração. Então Ig se lembrou dos chifres.

Estava começando de novo, como acontecera com o médico, a enfermeira, Glenna e Allie

Letterworth.

– O que eu queria mesmo – disse Sturtz – era prendê-lo por qualquer coisa, só para ele reagir

e começar uma briga. Então eu teria uma desculpa para arrancar todos os dentes da porra da

boca dele.

– Ah, como eu ia gostar de ver isso – disse Posada.

– Vocês se dão conta do que estão falando? – perguntou Ig.

– Não – respondeu Posada.

– Mais ou menos – disse Sturtz. Ele apertou os olhos como se tentasse ler uma placa distante.

– Estávamos falando se deveríamos prender você só de sacanagem, mas não sei por quê.

– Você não sabe por que quer me prender?

– Ah, isso eu sei. Só não sei por que estávamos falando sobre isso. Não é o tipo de coisa que

costumo dizer.

– Por que vocês querem me prender?

– Por causa dessa sua cara de veado. Isso sempre me irritou. Não sou muito fã de

homossexuais – confessou Sturtz.

– E eu quero te prender porque talvez você revide e então o Sturtz vai jogar você sobre o capô

do carro para colocar as algemas – disse Posada. – Isso me daria uma boa imagem para bater

uma punheta hoje à noite, só que eu faria isso imaginando vocês dois nus.

– Então vocês não querem me prender porque acham que me safei do assassinato da Merrin?

– perguntou Ig.

– Não – disse Sturtz. – Não acho que você a matou. Você é muito cheio de frescura. Teria

confessado.

Posada riu.

– Bote as mãos no teto do carro. Vou dar uma geral. Ver o que você tem lá atrás.

Ig ficou contente por poder se virar de costas para eles. Ele pressionou a testa contra o vidro

da janela do motorista. O frio era um alívio.

Sturtz deu a volta até o porta-malas. Posada ficou ao lado de Ig.

– Preciso das chaves – disse Sturtz.

Ig enfiou a mão no bolso.

– Mantenha as mãos no carro – ordenou Posada. – Eu pego as chaves. Em qual bolso?

– Direito – disse Ig.

Posada escorregou a mão para dentro do bolso da frente da calça de Ig e enroscou o dedo na

alça do chaveiro. Retirou-o de lá fazendo barulho e o jogou para Sturtz, que o apanhou com as

duas mãos e abriu o porta-malas.

– Queria botar a mão no seu bolso de novo e ficar com ela lá – disse Posada. – Você não sabe

como é difícil não usar minha autoridade para tirar uma casquinha. Nunca imaginei que meu

trabalho envolveria algemar homens sarados seminus com tanta frequência. Tenho que admitir

que nem sempre fui bonzinho.

– Posada, acho que qualquer hora dessas você devia contar ao Sturtz o que sente por ele –

disse Ig, os chifres pulsando enquanto falava.

– Você acha? – perguntou o policial, surpreso mas curioso. – Já pensei nisso algumas vezes,

mas acho que ele provavelmente iria arrebentar minha cara.

– De jeito nenhum. Aposto que ele está só esperando você tocar no assunto. Você acha que ele

sempre deixa o primeiro botão da camisa aberto por quê?

– Já tinha notado isso.

– Você devia simplesmente abrir o zíper dele e pagar um boquete. Surpreenda-o. Faça-o gozar.

Provavelmente ele só está esperando você tomar a iniciativa. Mas não faça nada até eu ir embora,

o.k.? Vocês vão querer um pouco de privacidade.

Posada fez uma concha com as mãos, colocou-as sobre a boca e bafejou, verificando seu

hálito.

– Puta merda – exclamou. – Não escovei os dentes hoje de manhã. – Então estalou os dedos. –

Mas tenho chicletes no porta-luvas. – Ele correu para o carro, murmurando alguma coisa para si

mesmo.

O porta-malas bateu. Sturtz voltou para o lado de Ig, intimidador.

– Queria ter um motivo pra te prender. Queria que tocasse em mim. Eu poderia mentir e dizer

que você me tocou. Que me fez propostas. Sempre achei que você era meio bicha, com seu jeito

afeminado e esses olhos de quem vai começar a chorar. Não acredito que Merrin Williams tenha

deixado você meter nela. Quem quer que a tenha estuprado, sem dúvida lhe deu a primeira boa

trepada de sua vida.

Parecia que Ig tinha engolido um pedaço de carvão em brasa e estava com ele preso no meio

do caminho, dentro do peito.

– O que você faria se um cara tocasse em você? – perguntou Ig.

– Eu enfiaria meu cassetete no rabo dele. Pergunte ao Sr. Homo se ele iria gostar disso. –

Sturtz pensou por um instante, então disse: – A menos que eu estivesse bêbado, então

provavelmente deixaria que ele me chupasse. – Fez mais uma pausa antes de perguntar, num

tom de voz animado: – Você vai me tocar para eu poder enfiar meu…

– Não – disse Ig. – Mas acho que você está certo sobre os gays, Sturtz. É preciso impor um

limite. Se você deixar o Sr. Homo ileso depois de tocar em você, então todos vão pensar que você

também é gay.

– Sei que estou certo. Não preciso que você me diga. Já acabamos por aqui. Vai embora. Não

quero mais ver você parado aqui debaixo da ponte. Fui claro?

– Sim.

– Na verdade, eu *quero* encontrar você por aqui outra vez, mas com drogas no porta-luvas,

entendido?

– Entendido.

– O.k. Espero que isso fique bem claro. Agora dê o fora.

Sturtz deixou as chaves do carro de Ig caírem no chão de cascalho.

Ig esperou que ele fosse embora antes de se abaixar para pegá-las e se acomodar atrás do

volante do Gremlin. Deu uma última olhada para o carro de polícia pelo espelho retrovisor.

Sturtz estava sentado no banco do carona, segurando uma prancheta com as duas mãos e

olhando para ela, com a testa franzida, tentando decidir o que escrever. Posada

estava sentado

de lado, encarando seu parceiro com uma mistura de desejo e voracidade. Enquanto Ig ia

embora, Posada lambeu os lábios e se inclinou, sumindo de vista.

CAPÍTULO 6

E**le tinha ido até o rio para elaborar** um plano, porém, por mais que tivesse pensado, estava

tão confuso agora quanto estivera uma hora antes. Pensou nos pais e chegou a dirigir dois

quarteirões na direção da casa deles. Mas depois girou o volante bruscamente, mudando de

rumo e pegando uma estrada lateral. Precisava de ajuda, mas não achava que os pais poderiam

fazer alguma coisa por ele. Ficava nervoso só de pensar no que poderiam lhe oferecer em vez de

ajuda… que desejos secretos poderiam dividir com ele. E se a mãe guardasse o desejo de trepar

com garotinhos? E se o pai de fato trepasse?!

De todo modo, as coisas entre eles tinham ficado diferentes desde a morte de Merrin. Para eles

era triste ver o que acontecera com Ig depois do assassinato dela. Não queriam saber como ele

estava vivendo, nunca foram à casa de Glenna, que perguntava por que eles nunca tinham

jantado juntos e insinuava que Ig tinha vergonha dela, o que era verdade. A sombra que o filho

havia lançado sobre suas vidas também os magoava. Afinal, toda a cidade acreditava que Ig

tinha estuprado e matado Merrin Williams e se safado ileso porque seus pais, ricos e bem

relacionados, mexeram os pauzinhos, cobraram alguns favores e torceram meia dúzia de braços

para interferir na investigação.

Durante um tempo, o pai dele fora uma subcelebridade. Tocara com Sinatra e Dean Martin e

participara de seus discos. Gravara seus próprios discos – quatro no total – com a Blue Tone, no

final dos anos 1960 e início dos anos 1970, e uma de suas canções alcançou o Top 100; era uma

música instrumental delirante e sofisticada chamada “Fishin’ with Pogo”. Casou-se com uma

vedete de Las Vegas, interpretou a si mesmo em programas de variedades na TV e numa porção

de filmes, e finalmente se estabeleceu em New Hampshire, para que a mãe de Ig pudesse ficar

perto da família. Depois foi um professor famoso na Faculdade de Música de Berklee e de vez

em quando tocava com os Boston Pops.

Ig sempre tinha gostado de ouvir o pai tocar, de vê-lo se apresentar. Era quase errado dizer

que o pai tocava. Sempre parecia que era o contrário, que era o trompete que o tocava. A forma

como suas bochechas se inchavam para depois se esvaziarem, como se estivesse sendo sugado

para dentro do instrumento, as chaves douradas que pareciam agarrar os dedos dele como

pequenos ímãs agarram o ferro, fazendo-os saltar e dançar em acordes surpreendentes e

inesperados. A forma como fechava os olhos e inclinava a cabeça, seus quadris balançando para

a frente e para trás, como se o torso fosse uma broca cavando cada vez mais fundo o seu ser,

arrancando a música de algum lugar dentro dele.

O irmão mais velho de Ig entrou de cabeça no mesmo ramo de trabalho da família. Terence

aparecia na TV todas as noites, bem tarde, estrelando seu próprio programa, uma mistura de

música e comédia, *Hothouse*. Terry tocava trompete em situações que aparentemente ofereciam

risco à sua vida: tocou “Ring of Fire” num anel de fogo com Alan Jackson, tocou “High & Dry”

com Norah Jones, ambos num tanque que ia se enchendo de água. A música não era lá muito

boa, mas ficou ótimo na TV. Terry estava ganhando uma boa grana.

Ele também tinha seu próprio modo de tocar, diferente do de seu pai. O peito fazia tanta

pressão contra a camisa que parecia que um botão ia saltar a qualquer momento. Os olhos

ficavam tão esbugalhados que ele parecia estar sempre surpreso. Parecia um metrônomo,

balançando o tronco para a frente e para trás. Seu rosto resplandecia de felicidade e às vezes seu

trompete parecia gritar de alegria. Tinha herdado do pai seu dom mais precioso: quanto mais

praticava uma coisa, mais soava como se não tivesse praticado quase nada e tudo se tornava

mais natural, inesperado e vívido.

Quando eram adolescentes, Ig odiava ouvir Terry tocar e inventava qualquer desculpa para

não ter que ir com os pais às apresentações do irmão. Ele passava mal de tanta inveja, ficava sem

dormir na véspera de qualquer grande evento em que Terry fosse participar no colégio, ou, mais

tarde, em clubes locais. Detestava especialmente assistir às apresentações de Terry na companhia

de Merrin, mal podia suportar o deleite no rosto dela, vê-la seduzida pela música do irmão.

Quando ela se deixava levar pelo balanço da música, Ig imaginava o irmão buscando seus lábios

com mãos invisíveis. Mas isso já fora superado havia muito tempo. Agora a única parte do dia

de que gostava era assistir a *Hothouse,* quando Terry tocava.

Ig também teria sido músico – não fosse a asma. Nunca conseguia tomar ar suficiente para

fazer o trompete gemer daquele jeito. Sabia que o pai queria que ele tocasse, mas, quando Ig se

esforçava, ficava sem ar e seu peito se comprimia horrivelmente e a escuridão se insinuava no

alto de sua vista. Às vezes fazia tanta força que chegava a desmaiar.

Quando ficou claro que não iria muito longe com o trompete, tentou piano, mas foi uma

tragédia. O professor, amigo de seu pai, era um bêbado de olhos injetados que fedia a fumaça de

cachimbo e deixava Ig sozinho praticando alguma peça insuportavelmente complexa enquanto

cochilava no quarto ao lado. Depois disso, sua mãe sugeriu o contrabaixo, porém, àquela altura,

Ig já não estava mais interessado em dominar instrumento algum. Estava interessado em Merrin.

Uma vez apaixonado por ela, não precisava mais dos trompetes da família.

Em algum momento teria que vê-los: o pai, a mãe e Terry. Seu irmão estava na cidade, tinha

vindo num voo de madrugada para o aniversário de 80 anos de sua avó no dia seguinte,

aproveitando o recesso de verão na produção de *Hothouse*. Era a primeira vez que Terry voltava

a Gideão desde a morte de Merrin e não ficaria muito tempo, iria embora na manhã após o

aniversário da avó. Ig não o culpava por querer partir depressa. O escândalo aconteceu

exatamente quando o programa estava deslanchando e poderia ter posto tudo a perder. O fato

de Terry voltar a Gideão, onde poderia ser fotografado junto de seu irmão assassino – uma foto

que valeria uma boa grana, pelo menos para a *Enquirer* –, dizia muito sobre ele. Mas Terry

nunca acreditou que Ig fosse culpado. Tinha sido o defensor mais notório e inflamado de Ig,

num momento em que a emissora teria preferido que ele tivesse emitido um sucinto “Sem

comentários” e seguido em frente.

Por enquanto Ig podia evitá-los, porém cedo ou tarde teria que se arriscar a encará-los. Talvez,

pensava, as coisas fossem diferentes com sua família. Talvez eles fossem imunes a seu poder, de

forma que seus segredos continuariam guardados. Eles o amavam e ele os amava. O amor devia

ter alguma utilidade. Talvez pudesse aprender a controlar essa coisa, desligá-la, o que quer que

“essa coisa” fosse. Talvez os chifres desaparecessem. Tinham aparecido de repente, por que não

poderiam sumir do mesmo jeito?

Passou a mão pelos cabelos fracos que já rareavam – estava ficando calvo aos 26 anos! –, então

apertou a cabeça com as palmas das mãos. Ele odiava o ritmo frenético dos seus pensamentos, a

maneira como uma ideia se seguia a outra incontrolavelmente. As pontas dos seus dedos

tocaram os chifres e ele gritou de medo. Estava a ponto de dizer *Deus, por favor, Deus, faça-os*

desaparecer… mas então se controlou e não disse nada.

Uma sensação de formigamento foi subindo por seus braços. Se agora ele era um demônio,

será que ainda podia falar de Deus? Será que um raio cairia sobre sua cabeça com um clarão, o

despedaçando? Arderia em chamas?

– Deus – sussurrou.

Nada aconteceu.

– Deus, Deus, Deus – disse.

Levantou a cabeça, ouvindo, esperando alguma resposta.

– Por favor, Deus, faça com que eles desapareçam. Desculpe-me se fiz alguma coisa que O

irritou ontem à noite. Eu estava bêbado. Estava com raiva – disse Ig.

Prendeu a respiração, levantou os olhos, viu seu reflexo no retrovisor. Os chifres continuavam

lá. Já tinha se acostumado a vê-los. Estavam se tornando parte do seu rosto. Esse pensamento fez

com que tivesse um calafrio de repulsa.

No limite de seu campo de visão, deslizando do lado direito, viu uma coisa branca brilhante e

virou o volante, parando junto ao meio-fio. Ig estivera dirigindo sem pensar, sem

prestar atenção

a onde estava e sem a menor ideia de para onde seguia. Sem querer, tinha chegado ao Sagrado

Coração de Maria, a igreja que frequentara com a família por dois terços de sua vida e onde vira

Merrin Williams pela primeira vez.

Com a boca seca, olhou para o Sagrado Coração. Não estivera ali, ou em qualquer outra

igreja, desde que Merrin fora assassinada, pois não quis fazer parte da multidão, ser encarado

pelos outros paroquianos. Também não queria se acertar com Deus. Deus é quem devia se

acertar com ele.

Talvez, se ele entrasse e rezasse, os chifres desaparecessem. Ou talvez o padre Mould soubesse

o que fazer. Então Ig teve uma ideia: o padre deveria ser imune à influência dos chifres. Se havia

alguém que pudesse resistir ao seu poder, pensou, não seria um homem de batina? Ele tinha

Deus ao seu lado, e a proteção da Sua casa. Talvez pudesse providenciar um exorcismo. Padre

Mould deveria conhecer pessoas que pudesse contatar para conseguir esse tipo de coisa. Uma

aspersão de água benta, alguns pais-nossos e Ig voltaria ao normal.

Ele deixou o Gremlin no meio-fio e subiu o caminho cimentado que levava ao Sagrado

Coração. Já estava quase abrindo a porta quando se deteve, retirando a mão. E se, na hora em

que tocasse a maçaneta, sua mão pegasse fogo? E se não pudesse entrar? E se, quando tentasse

passar pela porta, alguma força do mal o repelisse, o jogando de bunda no chão? Viu-se

cambaleando trôpego pela nave, com fumaça saindo pela gola da camisa, seus olhos saltando

das órbitas como um personagem de desenho animado, imaginou-se sufocando numa dor

lancinante.

Obrigou-se a esticar a mão e tocar a maçaneta. Uma das portas se abriu – sua mão não

queimava, nem ardia, nem sentia qualquer tipo de dor. Ele olhou para a penumbra da nave,

sobre as fileiras de bancos escuros e envernizados. O lugar cheirava a madeira antiga e a velhos

livros de cânticos, com suas capas de couro surradas e folhas frágeis. Ele sempre gostou daquele

cheiro e ficou surpreso ao descobrir que ainda gostava, que o odor não o fazia engasgar.

Ig cruzou a porta, abriu os braços e esperou. Correu os olhos por um de seus braços e depois

pelo outro, para ver se alguma fumaça iriar surgir sob os punhos da camisa. Não aconteceu

nada. Levantou a mão para tocar o chifre em sua têmpora direita. Ele ainda estava lá. A igreja

era uma caverna de silêncio e escuridão, iluminada apenas pelo brilho pálido dos vitrais: Maria

aos pés de seu filho, que morria na cruz; João batizando Jesus no rio.

Achou que deveria se aproximar do altar e se ajoelhar, implorando a Deus por uma trégua.

Sentiu uma prece formando-se em seus lábios: *Por favor, Deus, se o Senhor fizer os chifres*

desaparecerem, serei Seu servo para sempre, voltarei à igreja, me tornarei padre, propagarei a

Palavra do Senhor, propagarei a Palavra do Senhor sob o calor escaldante dos países do terceiro

mundo, onde todo mundo tem lepra, se é que alguém ainda tem lepra, mas, por favor, faça-os

desaparecer, deixe eu voltar a ser como antes. Mas não chegou a pronunciá-la. Antes de dar um

passo, ouviu um suave tinir de ferro contra ferro e virou a cabeça.

Ele ainda estava na entrada do átrio e, à sua esquerda, havia uma porta entreaberta que dava

em uma escada. Descendo essa escada, chegava-se a um pequeno ginásio, à disposição dos

paroquianos para atividades diversas. O ferro tiniu novamente. Ig tocou a porta e ela se abriu

facilmente, escancarando-se e liberando o som de uma música country.

– Olá? – chamou, de pé sobre a soleira.

Ouviu outro tinir de ferro e um suspiro ofegante.

– Sim? – respondeu padre Mould. – Quem é?

– Ig Perrish, senhor.

Seguiu-se um momento de silêncio, talvez longo demais.

– Venha até aqui embaixo me ver – disse Mould.

Ig desceu as escadas.

Na outra extremidade do porão, uma fileira de lâmpadas fluorescentes iluminava um tatame,

algumas bolas infláveis gigantescas, uma trave de ginástica olímpica – equipamentos para as

aulas de acrobacia das crianças. Mas, ao pé da escada, havia algumas luzes apagadas e estava

mais escuro. Dispostos ao longo das paredes havia alguns aparelhos aeróbicos. Perto do pé da

escada, havia um banco supino onde padre Mould estava deitado de costas.

Quarenta anos atrás, Mould fora piloto de aviões em Syracuse. Depois se tornou marinheiro e

serviu no Iron Triangle por um período. O padre ainda possuía a massa muscular e o físico

impressionante de um jogador de hóquei, além da autoconfiança de um soldado. Ele andava

bem devagar, abraçava as pessoas que o divertiam e era amoroso e afável como um velho são-

bernardo que gosta de dormir no sofá, mesmo sabendo que não pode. Estava usando um

agasalho cinza e tênis Adidas velhos e surrados. Seu crucifixo estava pendurado em uma das

extremidades da barra de pesos, oscilando suavemente enquanto ele abaixava a

barra para

depois levantá-la outra vez.

A irmã Bennett estava de pé atrás do banco. Ela também lembrava um pouco um jogador de

hóquei, os ombros largos e o rosto pesado e masculino, o cabelo curto e crespo preso para trás

por uma faixa violeta. Para combinar, usava uma roupa de ginástica púrpura. Irmã Bennett

tinha ensinado ética na Escola São Judas e gostava de desenhar fluxogramas no quadro-negro,

mostrando como certas decisões levavam inexoravelmente à salvação (um retângulo repleto de

nuvens fofas) ou ao inferno (uma caixa repleta de chamas).

O irmão de Ig, Terry, tinha zombado dela implacavelmente, para divertimento de seus

colegas, desenhando seus próprios gráficos que mostravam como, depois de todo tipo de

grotescos encontros lésbicos, a irmã Bennett acabaria indo para o inferno, onde ficaria mais do

que satisfeita, deliciando-se em perturbadoras práticas sexuais com o Demônio. Esses desenhos

fizeram de Terry o centro das atenções no refeitório da São Judas – um primeiro gostinho da

fama. Foi também seu primeiro encontro com a notoriedade, já que acabou sendo dedurado

(por um informante anônimo, cuja identidade ainda permanece desconhecida).

Terry foi

chamado ao escritório do padre Mould. O encontro aconteceu a portas fechadas, mas isso não

foi suficiente para abafar o som da palmatória de Mould batendo na bunda de Terry ou o seu

choro, depois do vigésimo golpe. Todo mundo na escola ouviu. O barulho chegou a todas as

salas de aula através dos tubos de ventilação do velho sistema de aquecimento. Ig se contorcia

em sua carteira, agoniado pelo irmão. E acabou cobrindo as orelhas com as mãos para não ter

mais que ouvir. Terry foi proibido de tocar no recital de fim de ano – para o qual vinha

praticando havia meses – e foi reprovado em ética.

Padre Mould se sentou, enxugando o rosto com uma toalha. Estava mais escuro ali, e Ig

pensou que Mould realmente não podia ver os chifres.

– Oi, padre – disse Ig.

– Ignatius. Há quanto tempo. Por onde você tem andado?

– Moro no centro – disse Ig, com a voz rouca de emoção. Ele não estava preparado para o

tom solícito de padre Mould, sua afeição fácil, como um avô bondoso. – Não é muito longe, na

verdade. Sempre penso em aparecer, mas…

– Ig, você está bem?

– Eu não sei. Não sei o que está acontecendo comigo. É a minha cabeça. Olhe para a minha

cabeça, padre.

Ig se aproximou, curvando-se um pouco, entrando na luz. Podia ver a sombra da sua cabeça

no piso cimentado, os chifres eram um pequeno par de ganchos destacando-se em suas

têmporas. Ele tinha até medo de ver a reação de Mould e olhou para ele envergonhado. A

sombra de um sorriso educado permanecia no rosto do padre Mould. Ele franziu a testa,

pensativo, e analisou os chifres com uma espécie de confusão apática.

– Eu estava bêbado ontem de noite e fiz coisas terríveis – disse Ig. – E, quando acordei, estava

assim, e não sei o que fazer. Não sei no que estou me transformando. Pensei que o senhor

pudesse me orientar.

Padre Mould continuou olhando por um bom tempo, de boca aberta, perplexo.

– Olha, garoto – disse, afinal –, você quer que eu lhe diga o que fazer? Acho que você deve ir

para casa e se enforcar. Provavelmente, seria a melhor coisa para você, para sua família, na

verdade para todo mundo. Tem uma corda no almoxarifado atrás da igreja. Eu a pegaria para

você se achasse que isso o colocaria na direção certa.

– Por que… – Ig começou, mas teve que se interromper para limpar a garganta. –

Por que o

senhor quer que eu me mate?

– Porque você matou Merrin Williams e aquele judeu figurão, advogado do seu pai, livrou a

sua cara. A pequena e doce Merrin Williams. Eu tinha uma grande afeição por ela. Ela tinha

uma bundinha linda, embora não fosse muito grande. Você deveria ter ido para a cadeia. Eu

queria que você fosse preso. Irmã, me ajude aqui – e esticou-se sobre as costas para uma nova

série de repetições.

– Mas, padre – disse Ig. – Eu não fiz aquilo. Eu não matei a Merrin.

– Ah, seu mentiroso – disse Mould enquanto punha as mãos na barra acima dele. A irmã

Bennett colocou-se em posição na cabeceira do banco. – Todo mundo sabe que foi você. Deveria

acabar com a sua vida também. Você vai para o inferno de qualquer jeito.

– Eu já estou no inferno.

Mould deu um grunhido enquanto baixava a barra até o peito e a levantava outra vez. Ig

percebeu que a irmã Bennett o encarava.

– Não o julgaria se você se matasse – disse ela sem rodeios. – Na maioria dos dias, quando

chega a hora do almoço, já estou pronta para me matar. Odeio a maneira como as pessoas

olham para mim. As piadas sobre lesbianismo que fazem pelas minhas costas. Eu poderia usar

aquela corda do galpão, se você quiser.

Mould bufou e empurrou a barra para cima.

– Penso em Merrin Williams o tempo todo. Principalmente quando estou comendo a mãe

dela. Ultimamente, ela anda fazendo muitos trabalhos para mim aqui na igreja. A maior parte

deles, apoiada sobre as mãos e os joelhos. – Ele sorriu ao pensar nisso. – Pobrezinha. Nós

rezamos juntos quase todos os dias. Normalmente pedindo para que você morra.

– O senhor… o senhor fez voto de castidade – disse Ig.

– Castidade é o caralho! Imagino que Deus já fique satisfeito por eu me controlar diante dos

coroinhas. Acho que essa senhora precisa do conforto de alguém e com certeza não vai conseguir

nada com aquele quatro-olhos desgraçado do marido dela. Pelo menos não o tipo certo de

conforto.

– Quero ser alguém diferente. Quero fugir. Quero alguém que goste de mim. Você já gostou

de mim, Iggy? – perguntou a irmã Bennett.

Ig engoliu em seco.

– Sim… acho que sim, de certo modo.

– Quero dormir com alguém – continuou a irmã Bennett, como se ele não tivesse

dito nada. –

Quero ter alguém que me abrace de noite, na cama. Não quero nem saber se é homem ou

mulher. Não me importa. Só não quero mais ficar sozinha. Posso assinar cheques em nome da

igreja. Às vezes tenho vontade de limpar a conta e fugir com o dinheiro. Às vezes quero

desesperadamente fazer isso.

– Fico surpreso – disse Mould – que não apareça ninguém nesta cidade para vingar o que

você fez com Merrin. Fazer você experimentar um pouco do que fez a ela. Imagine se alguns

cidadãos conscientes fossem lhe fazer uma visita uma noite dessas, o levassem para um passeio

relaxante pelo campo, direto para aquela árvore onde você matou Merrin, e o deixassem

pendurado lá. Se você não fizer o que é mais decente e se enforcar, então a melhor opção seria

essa.

Ig ficou surpreso ao perceber que estava mais calmo, os punhos relaxados, a respiração mais

compassada. Mould se desequilibrou com a barra de pesos. A irmã Bennett a pegou e colocou de

volta no lugar com um tinido.

Ig levantou os olhos para ela e disse:

– O que a impede?

– De quê? – perguntou ela.

– De pegar a grana e fugir.

– Deus – disse a irmã. – Eu amo a Deus.

– E o que Ele já fez por você? – perguntou Ig. – Ele faz a dor parecer menor quando as pessoas

riem de você pelas costas? Ou pior: em nome d'Ele você deve ficar sozinha no mundo? Quantos

anos você tem?

– Sessenta e um.

– Já é velha. É quase tarde demais. *Quase*. Você pode esperar mais um dia? Ela tocou sua

própria garganta, com os olhos arregalados e estarrecidos. Então disse:

– É melhor eu ir. – E se virou e passou correndo por ele em direção às escadas.

Padre Mould quase não percebeu que ela estava indo embora. Agora estava sentado, os

punhos apoiados nos joelhos.

– Você já acabou?

– Só falta uma série.

– Deixe-me ajudá-lo – disse Ig, posicionando-se atrás do banco.

Quando entregou a barra a Mould, seus dedos tocaram os nós dos dedos do padre e Ig viu

que, quando tinha 20 anos, ele e uns outros caras do time de hóquei, com os rostos cobertos por

máscaras de esqui, seguiram um carro cheio de garotos da Nação do Islã que

tinham vindo de

Nova York a Syracuse para falar sobre direitos civis. Mould e seus amigos obrigaram os garotos a

sair da estrada e os perseguiram pela mata com seus tacos de beisebol. Pegaram o garoto mais

lento e quebraram suas pernas em oito lugares diferentes. Só depois de dois anos o rapaz pôde

voltar a se locomover sem a ajuda de um andador.

– Você e a mãe da Merrin realmente andaram rezando para que eu morresse?

– Mais ou menos – disse Mould. – Para ser honesto, na maioria das vezes que ela clamava por

Deus, estava me cavalgando.

– Você sabe por que Ele não me pegou? – perguntou Ig. – Sabe por que Deus não atendeu às

suas preces?

– Por quê?

– Porque Deus não existe. Suas preces são sussurradas para um quarto vazio.

Com muito esforço, Mould levantou a barra de novo, abaixou-a e disse:

– Besteira.

– É tudo mentira. Nunca houve ninguém lá. É você que tem que usar a corda que está no

galpão.

– Não – disse Mould. – Você não pode me obrigar a fazer isso. Não quero morrer. Amo a

minha vida.

Bom. Então ele não podia obrigar as pessoas a fazerem nada que elas já não quisessem. Ig

achou que não era bem assim.

Mould fez uma careta e bufou, mas não conseguiu levantar a barra de novo. Ig virou-se de

costas para o banco e seguiu para as escadas.

– Ei – disse o padre. – Preciso de ajuda.

Ig enfiou as mãos nos bolsos e começou a assoviar um hino religioso. Pela primeira vez

naquela manhã sentia-se bem. Atrás dele, Mould arfava e se esforçava para se livrar da barra,

mas Ig subiu os degraus sem nem olhar para trás.

A irmã Bennett passou por Iggy no momento em que ele chegou ao átrio. Estava usando

calças vermelhas e uma blusa sem mangas com estampa de margaridas e tinha prendido o

cabelo. Levou um susto ao vê-lo e quase deixou a bolsa cair no chão.

– Você já está indo? – Ig perguntou a ela.

– Eu… eu não tenho carro – disse ela. – Queria levar o carro da igreja, mas tenho medo de ser

pega.

– Você já limpou a conta. Que diferença um carro pode fazer?

Ela o encarou por um instante, depois se aproximou e beijou Ig no canto da boca. Assim que

seus lábios o tocaram, Ig soube da mentira horrível que ela havia contado para a mãe quando

tinha 9 anos; do terrível dia em que, por impulso, beijara uma de suas alunas, uma mocinha

bonita de 16 anos chamada Britt; e de sua desesperadora renúncia às suas crenças espirituais. Ele

viu essas coisas, entendeu e não se importou.

– Deus o abençoe – disse a irmã Bennett.

Ig teve que rir.

CAPÍTULO 7

N**ão lhe restava nada a fazer além** de ir para casa e ver os pais. Embicou o carro na direção

de sua casa e partiu.

O silêncio do carro o deixou inquieto. Tentou o rádio, mas o som estridente o irritou mais que

a calmaria. Seus pais moravam a 15 minutos da cidade, o que lhe deu muito tempo para pensar.

Ele nunca tinha estado tão inseguro sobre o que esperar deles desde a noite que passara na

cadeia, sendo interrogado sobre o estupro e a morte de Merrin.

O detetive, um cara chamado Carter, começou o interrogatório deslizando uma foto dela

sobre a mesa entre eles. Mais tarde, quando estava sozinho na cela, aquela mesma foto estava à

espreita sempre que ele fechava os olhos. Merrin estava de costas, branca contra as folhas

marrons, com os pés juntos, os braços estendidos ao longo do corpo, o cabelo desgrenhado. Seu

rosto estava mais escuro que o chão, a boca estava cheia de folhas e havia um fio de sangue

escuro e seco que saía da linha do cabelo e descia até a lateral do seu rosto delineando os ossos

de sua face. Ela ainda usava a gravata dele, sua faixa larga cobria com pudor seu seio esquerdo.

Ele não conseguia afastar aquela imagem da cabeça. Mexendo com seus nervos e com seu

estômago embrulhado, até que, a certa altura – quem poderia dizer quando? Não havia relógio

na cela –, ele caiu de joelhos diante da privada de aço e vomitou.

Teve medo de ver a mãe no dia seguinte. Tinha sido a pior noite da sua vida e provavelmente

a dela também. Ela não conseguiria dormir e ele a imaginava sentada na cozinha, as costas

eretas, de camisola, com uma xícara de chá de ervas frio, pálida e com os olhos vermelhos. Seu

pai, que também não teria conseguido dormir, lhe faria companhia. Ig se perguntava se o pai

teria ficado sentado ao lado dela, calado, os dois quietos e assustados, sem poderem fazer nada

além de esperar, ou se Derrick Perrish teria ficado agitado e de mau humor, andando pela

cozinha, dizendo para ela o que iriam fazer e como resolveriam a questão.

Ig estava determinado a não chorar quando visse a mãe e não o fez. Nem ela. Sua mãe tinha

se arrumado como se fosse a um almoço com o conselho de curadores da universidade e seu

rosto magro e fino estava alerta e calmo. Seu pai era quem parecia ter chorado. Derrick tinha

dificuldade em focar a visão e respirava com dificuldade.

– Não fale com ninguém a não ser o advogado – foi a primeira coisa que sua mãe disse. – Não

admita nada.

– Não admita nada – repetiu o pai e, abraçando-o, começou a chorar. Então, entre soluços,

Derrick disse: – Não me interessa o que aconteceu.

Foi então que Ig percebeu que eles acreditavam que ele era culpado. Era a única coisa em que

jamais pensaria. Mesmo se ele *tivesse* feito aquilo – mesmo que tivesse sido pego em flagrante –,

Ig achava que os pais acreditariam em sua inocência.

Ig saiu da delegacia de polícia de Gideão quase no fim da tarde, seus olhos ardiam por causa

da luz forte e oblíqua de outubro. Não tinha sido acusado. Nunca o foi. Nem tampouco foi

inocentado. Até hoje estava “sob investigação”.

Foram coletadas evidências na cena do crime, talvez DNA – Ig não tinha certeza, pois a polícia

ocultava os detalhes –, e ele acreditava piamente que, uma vez que fossem

analisadas, seria

inocentado publicamente. Mas houve um incêndio no laboratório em Concord e o material

recolhido foi destruído. Essas notícias deixaram Ig perplexo. Era difícil não se tornar

supersticioso, não achar que forças obscuras conspiravam contra ele. Seu destino estava

envenenado. As únicas evidências que restaram foram as marcas de pneu Goodyear. O Gremlin

de Ig tinha pneus Michelin. Mas isso não era decisivo e, se não havia uma prova concreta de que

Ig houvesse cometido o crime, também não havia nada para livrar a sua cara. Até para ele

mesmo, seu álibi – que ele tinha passado a noite sozinho no carro, desmaiado por causa de um

porre, atrás de um Dunkin' Donuts no meio do nada – parecia uma mentira desesperada,

esfarrapada.

Nos primeiros meses depois que voltou para a casa dos pais, foi cuidado e tratado como uma

criança gripada: eles traziam sopas e livros para que ele se curasse depressa. Andavam na ponta

dos pés em sua própria casa, com medo de que os barulhos rotineiros pudessem deixar Ig

nervoso. Era curioso que se preocupassem tanto quando consideravam a possibilidade de ele ter

feito coisas tão terríveis a uma garota que eles também amavam.

Mas, depois que as acusações contra ele perderam a força e a ameaça iminente de um processo

passou, os pais se afastaram dele, se fechando. Eles o amaram e estiveram dispostos a lutar ao

lado dele quando parecia que o filho seria julgado por assassinato, mas ficaram aliviados em vê-

lo pelas costas assim que perceberam que ele não iria para a cadeia.

Ig ficou com os pais por nove meses, mas não teve que pensar muito quando Glenna

perguntou se ele queria dividir o aluguel. Depois de se mudar, só via os pais quando ia visitá-los.

Não se encontravam na cidade para almoçar juntos, para ir ao cinema ou fazer compras e eles

nunca foram até o apartamento dele. Às vezes, quando Ig aparecia em casa, descobria que seu

pai estava fora, na França, para um festival de jazz, ou em Los Angeles, trabalhando numa trilha

sonora. Nunca ficava sabendo com antecedência dos planos do pai, que também não telefonava

para dizer que estaria fora da cidade.

Ig tinha conversas inofensivas com a mãe no solário, durante as quais não discutiam nada de

importante. Ele estava prestes a começar num trabalho na Inglaterra quando Merrin morreu,

mas a tragédia tirou sua vida dos trilhos. Ele disse à mãe que iria voltar para a

faculdade, que

tinha as fichas de inscrição para a Brown e para a Columbia. E tinha mesmo: elas estavam sobre

o micro-ondas do apartamento de Glenna. Uma delas tinha sido usada como guardanapo para

um pedaço de pizza e a outra estava manchada com meias-luas marrons, deixadas por uma

xícara de café. Sua mãe estava disposta a continuar com o jogo, encorajando e aprovando, sem

fazer perguntas desconfortáveis, como se ele faria alguma entrevista ou se estava pensando em

arranjar um emprego enquanto esperava a resposta das faculdades. Nenhum dos dois queria

destruir a frágil ilusão de que as coisas estavam voltando ao normal, de que tudo daria certo

para Ig, que a vida iria seguir seu rumo.

Em suas visitas ocasionais, ele só se sentia realmente à vontade com Vera, sua avó, que morava

com seus pais. Ele nem tinha certeza se ela lembrava que ele tinha sido preso por estupro e

assassinato. Na maior parte do tempo ela ficava numa cadeira de rodas, em consequência de

uma cirurgia para colocação de uma prótese de quadril que inexplicavelmente não a deixara

melhor, e Ig a levava para passear pela estrada de cascalho, através do bosque ao norte da casa

de seus pais até a vista da Queen’s Face, uma grande formação rochosa usada como plataforma

de voo livre. Num dia quente de julho, quando havia vento, era possível ver algumas asas-deltas

volteando e flutuando no céu, aproveitando as correntes ascendentes. Quando Ig estava com sua

avó apreciando as asas-deltas que desafiavam os ventos da Queen’s Face, sentia-se quase a

mesma pessoa que tinha sido quando Merrin ainda estava viva, alguém que se sentia feliz por

ajudar os outros, feliz por sentir o cheiro do ar livre.

Enquanto subia a ladeira até a casa, viu Vera no jardim da frente, na cadeira de rodas, uma

jarra de chá gelado numa mesa a seu lado. Sua cabeça estava inclinada. Ela tinha cochilado sob

o sol. Talvez a mãe de Ig estivesse sentada com ela do lado de fora – havia um cobertor xadrez

estirado na grama. O sol incidia sobre a jarra de chá, fazendo da borda um arco brilhante, uma

auréola prateada. Era a cena mais tranquila possível, mas assim que Ig parou o carro seu

estômago começou a se agitar. Foi como na igreja. Agora que estava aqui, não queria ir embora.

Mas estava com medo de encontrar as pessoas que tinha ido visitar.

Então saiu do carro. Não havia mais nada a fazer.

Um Mercedes preto que ele não reconheceu estava estacionado ao lado da

entrada. Tinha

placa de Álamo – o carro alugado de Terry. Ig tinha se oferecido para buscá-lo no aeroporto,

mas Terry dissera que isso não fazia sentido, afinal iria chegar tarde e também queria ter seu

próprio carro. Eles poderiam se ver no dia seguinte. Então, em vez disso, Ig tinha saído com

Glenna e acabara bêbado e sozinho na velha fundição.

De todas as pessoas da família, Terry era quem ele menos temia ver. Independentemente do

que o irmão tivesse a confessar, quaisquer que fossem suas compulsões ou vergonhas, Ig estava

pronto para perdoá-lo. Devia isso a ele. Talvez, num certo nível, fosse Terry quem ele realmente

tinha vindo ver. Quando Ig enfrentou o maior problema de toda a sua vida, Terry fora aos

noticiários todos os dias, dizendo que as acusações contra ele eram uma fraude, totalmente

absurdas, que seu irmão não seria capaz de ferir alguém que amasse. Ig pensou que, se houvesse

alguém capaz de ajudá-lo agora, esse alguém seria Terry.

Ig andou pela grama até chegar ao lado de Vera. Sua mãe a havia deixado virada para o longo

declive gramado, virada para a velha cerca de madeira aos pés do morro. A orelha de Vera estava

apoiada em seu ombro e seus olhos estavam fechados, sua respiração assoviava

baixinho. Ele

sentiu parte da tensão se dissipar ao vê-la descansando daquele modo. Pelo menos não teria que

falar com ela, não teria que ouvi-la confessar seus desejos mais terríveis e secretos. Já era alguma

coisa. Ficou olhando para seu rosto fino, cansado e enrugado, quase passando mal de tanto

carinho que tinha por ela, pelas manhãs que passaram juntos tomando chá com biscoitos de

manteiga de amendoim e assistindo à TV. Seu cabelo, preso para trás, já estava se soltando dos

grampos, de modo que longas mechas da cor do luar caíam sobre suas faces. Ele pôs a mão

gentilmente sobre as dela – esquecendo-se por um momento do que um toque poderia causar.

Então percebeu que a avó não sentia dor alguma nos quadris, mas gostava que pessoas a

empurrassem de um lado para outro na cadeira de rodas, sempre à sua disposição. Ela estava

com 80 anos, portanto, tinha direito a certas coisas. Gostava especialmente de dar ordens à filha,

que achava que cagava cheiroso por ser rica o bastante para se limpar com notas de 20 dólares,

esposa do grande “que-já-foi-alguém” e mãe de uma subcelebridade e de um assassino

depravado. Mas Vera ainda achava que isso era melhor do que o que Lydia já tinha sido, uma

prostituta barata que teve a sorte de agarrar um joão-ninguém de sucesso relâmpago com um

ataque sentimentaloide. Para Vera ainda era uma surpresa sua filha ter deixado seus anos em Las

Vegas com um marido e uma bolsa cheia de cartões de crédito, em vez de com uma sentença de

10 anos de prisão e alguma doença venérea sem cura. Vera acreditava que Ig soubesse o que sua

mãe tinha sido – uma prostituta barata – e que isso tivesse instilado nele um ódio patológico às

mulheres e era esse o verdadeiro motivo para ele ter estuprado e matado Merrin Williams. Essas

coisas eram sempre tão freudianas. E, é claro, aquela garota, Merrin, sempre foi uma interesseira,

desde o primeiro dia balançando o traseiro na cara do menino, correndo atrás de um anel de

noivado e do dinheiro da família de Ig. Com suas saias curtas e blusinhas apertadas, Merrin

Williams não passava de uma putinha, na opinião de Vera.

Ig soltou o pulso de Vera como se fosse um fio desencapado que inesperadamente tivesse lhe

dado um choque, gritou e cambaleou para trás. Sua avó mexeu-se na cadeira e abriu um olho.

– Ah – disse ela. – Você.

– Desculpe. Não queria acordar a senhora.

– E eu preferia que você não tivesse feito isso. Queria dormir. Estava mais feliz

dormindo. Por

acaso acha que eu quero ver *você*?

Ig sentiu o mesmo frio percorrendo seu peito. Sua avó virou a cabeça para o outro lado.

– Quando olho pra você, tenho vontade de estar morta.

– É mesmo?

– Não posso ver nenhum dos meus amigos. Não posso ir à igreja. Todo mundo fica me

encarando. Todos sabem o que você fez. Isso me dá vontade de morrer. E então você aparece

para me levar para passear. Odeio quando saio com você e as pessoas nos veem juntos. Você

nem imagina como é difícil fingir que não o odeio. Sempre achei que havia alguma coisa errada

com você. A maneira como você guinchava ao respirar sempre que corria para qualquer lugar.

Sempre respirando pela boca, como um cachorro, principalmente quando estava perto de

meninas bonitas. E você era lerdo. Muito mais do que seu irmão. Tentei falar com Lydia. Nem

sei quantas vezes eu disse que você não era bom da cabeça. Ela não me deu ouvidos e olha o que

aconteceu. Temos todos que conviver com isso.

Colocou a mão sobre os olhos, seu queixo tremia. Enquanto Ig se afastava através do gramado

ainda pôde ouvi-la começando a chorar.

Ele atravessou a varanda, cruzou a porta, que tinha sido deixada aberta, e entrou na escuridão

cavernosa do hall. Pensou em subir para seu antigo quarto e se deitar. Achou que poderia ter um

tempo para si, na escuridão fria, cercado de cartazes de shows e de seus livros infantis. Mas

então, ao passar pelo escritório da mãe, ouviu o barulho de papéis sendo arrumados e

automaticamente se virou para vê-la.

Sua mãe estava debruçada sobre a mesa, com os dedos passeando sobre um maço de folhas de

papel. De vez em quando tirava uma e botava em sua maleta de couro. Inclinada desse jeito, sua

saia de risca de giz ficava apertada no traseiro. Seu pai a conhecera quando era dançarina em Las

Vegas e ela ainda tinha o mesmo corpo daquela época. Ig teve um lampejo do que vira na cabeça

de Vera, a crença que sua avó tinha de que Lydia havia sido uma prostituta, mas quase

imediatamente considerou isso um devaneio senil. Sua mãe participara do Conselho Estadual de

Artes de New Hampshire e lia romances russos. E, mesmo quando era vedete, pelo menos tinha

usado penas de avestruz.

Quando Lydia viu Ig na porta olhando para ela, a maleta se desequilibrou em seu joelho.

Conseguiu segurá-la, mas já era tarde demais. Uma cascata de papéis se espalhou pelo chão.

Alguns flutuaram, balançando de um lado para outro, sem destino e sem pressa, como flocos de

neve e Ig novamente se lembrou dos praticantes de voo livre. As pessoas também pulavam da

Queen's Face. Era uma paixão dos suicidas. Talvez ele fosse até lá depois.

– Iggy – disse ela. – Não sabia que você viria.

– Eu sei. Estava rodando por aí. Não sabia aonde mais poderia ir. Estou tendo uma manhã

dos diabos.

– Oh, meu filho – disse ela, as sobrancelhas franzidas com simpatia. Havia tanto tempo que

ninguém o olhava daquele jeito e ele ansiava tanto por compaixão que se sentiu abalado, quase

fraco.

– Uma coisa horrível está acontecendo comigo, mamãe – disse ele, com a voz falhando. Pela

primeira vez naquela manhã teve vontade de chorar.

– Oh, meu filho – disse ela de novo. – Você não podia ter ido a outro lugar?

– Como?

– Não quero mais saber dos seus problemas.

A sensibilidade na parte de trás de seus olhos começou a diminuir, a vontade de chorar

desaparecendo quase tão rapidamente quanto surgira. Os chifres pulsavam com

uma dor suave,

não exatamente desagradável.

– Mas estou com problemas.

– Não quero ouvir. Não quero saber. – Ela se abaixou e começou a catar os papéis e a guardá-

los na maleta.

– Mamãe – disse ele.

– Quando você fala tenho vontade de cantar! – gritou ela, largando a maleta e tapando os

ouvidos com as mãos. – *Lalala-la-la-la!* Quando você fala, não quero ouvir. Quero prender a

respiração até você ir embora.

Tomou uma grande quantidade de ar e parou de respirar, com as bochechas estufadas.

Ele atravessou o cômodo e caiu diante dela, de modo que ela tivesse que olhar para ele. Ela se

encolheu, os joelhos contra o peito, mantendo as mãos nos ouvidos e a boca bem apertada. Ele

pegou sua maleta e começou a pôr os papéis lá dentro.

– É assim que você se sente sempre que me vê?

Furiosamente, ela fez que sim com a cabeça, os olhos arregalados e brilhantes.

– Não se sufoque, mãe.

Ela o encarou por mais um instante, então abriu a boca e respirou profundamente, emitindo

um assovio. E ficou observando ele colocar seus papéis dentro da maleta.

Quando falou, tinha a voz baixa, aguda e rápida, as palavras saíam quase juntas:

– Queria escrever uma carta para você. Uma bela carta, com uma linda letra corrida, no meu

melhor papel de carta, para lhe dizer quanto seu pai e eu o amamos, quanto sentimos por você

estar infeliz e como seria melhor para todos se você simplesmente fosse embora.

Ele acabou de pôr os papéis na maleta e ficou ali, agachado, segurando-a entre as pernas.

– Para onde?

– Você não queria fazer caminhadas no Alasca?

– Com a Merrin.

– Ou ir à Viena?

– Com a Merrin.

– Ou aprender chinês? Em Pequim?

– Merrin e eu pensamos em dar aulas de inglês no Vietnã. Mas nunca pensei que fôssemos

realmente.

– Não me importa para *onde* você vai. Desde que eu não tenha que vê-lo uma vez por semana.

Desde que não tenha que ouvir você falar sobre si mesmo como se estivesse tudo bem, porque

não está tudo bem, nunca mais vai ficar. Ver você me deixa muito triste. E, Ig, tudo o que quero

é ser feliz de novo.

Ele entregou a maleta a ela.

– Não quero mais que você seja meu filho – disse ela. – É difícil demais. Preferia ter tido só o

Terry.

Ele se inclinou e deu um beijo em seu rosto. Ao fazê-lo, viu o ressentimento, guardado por

anos, pelas estrias que a gestação dele tinha deixado. Ele tinha conseguido, de uma tacada só,

arruinar seu corpo digno de estar na página central da *Playboy*. Terry fora um bebê pequeno,

atencioso, que tinha deixado intactas suas formas e sua pele, mas Ig tinha fodido tudo. Uma vez,

em Las Vegas, um sheik do petróleo tinha lhe oferecido cinco mil dólares por uma única noite,

bem antes de ela ter filhos. Bons tempos. Foi a melhor e mais fácil grana que ela ganhara em

toda a sua vida.

– Não sei por que falei aquilo tudo – disse Lydia. – Eu me odeio. Nunca fui uma boa mãe. –

Então pareceu compreender que tinha sido beijada e tocou o rosto, acariciando-o com a palma

da mão. Ela piscava por entre lágrimas, mas, quando sentiu o beijo em sua pele, sorriu. – Você

me beijou. Então você está… está mesmo indo embora? – Sua voz tremia, cheia de esperança.

– Nunca estive aqui – disse ele.

CAPÍTULO 8

Q**uando voltou ao hall de entrada,** olhou através da tela para a varanda e para o mundo além

dela, iluminado pelo sol, e pensou que tinha que partir imediatamente, sair dali antes de

encontrar mais alguém, o pai ou o irmão. Tinha mudado de ideia sobre procurar Terry. Depois

de tudo, decidira evitá-lo. Levando em consideração todas as coisas que sua mãe tinha dito, Ig

pensou que era melhor não testar seu amor por mais ninguém.

Entretanto, não cruzou de novo a porta da frente. Em vez disso se virou e começou a subir as

escadas. Estava lá, pensou, e devia dar uma olhada no seu quarto para ver se havia alguma coisa

que ele quisesse levar quando fosse embora. Para onde? Ainda não sabia. Porém não tinha

certeza se algum dia voltaria ali.

As escadas tinham mais de 100 anos e rangiam e resmungavam enquanto Ig subia. No exato

momento em que chegou ao segundo andar, uma porta do outro lado do corredor, à direita, se

abriu e seu pai colocou a cabeça para fora. Ig já tinha visto isso acontecer uma centena de vezes.

Seu pai se desconcentrava facilmente e não suportava ouvir um movimento nas escadas sem

olhar para ver quem era.

– Oh – disse ele. – Ig, pensei que você tivesse… – Mas sua voz falhou. Seu olhar se desviou

dos olhos de Iggy para se fixar nos chifres. Ficou lá, com sua camiseta branca sem mangas e os

suspensórios listrados, os pés descalços.

– Pode falar – disse Ig. – Agora é a parte em que você me conta qualquer coisa terrível que

escondeu a vida toda. Provavelmente sobre mim. É só falar, e a gente se livra disso.

– Gostaria de poder fingir que estava fazendo algo importante no meu estúdio para não

precisar falar com você.

– Até que não foi tão ruim.

– É tão difícil olhar para você.

– Pula essa parte, que já resolvi com a mamãe.

– Penso em Merrin. Era uma boa garota. De certa forma eu a amava. E tinha inveja de você.

Nunca amei ninguém como vocês dois se amavam. Com certeza não amei sua mãe assim, aquela

putinha obcecada por status. O pior erro que cometi. Tudo de ruim que aconteceu na minha

vida foi por causa desse casamento. Menos Merrin. Merrin era a coisa mais doce. Ninguém

conseguia ouvi-la rir sem ter vontade de sorrir. Quando penso em como você fodeu com ela e

depois a matou tenho vontade de vomitar.

– Eu não a matei – disse Ig, com a boca seca.

– E o pior – disse Derrick – é que ela era minha amiga, ela me admirava, e eu ajudei você a se

safar.

Ig ficou olhando.

– Foi o cara que dirige o laboratório do tribunal de justiça, Gene Lee. O filho dele morreu de

leucemia há alguns anos, mas, antes de ele bater as botas, consegui ingressos para eles irem ver o

Paul McCartney e dei um jeito de Gene e o filho encontrarem com ele no camarim e tudo.

Depois que você foi preso, Gene entrou em contato. Perguntou se tinha sido você e eu falei para

ele que não podia dar uma resposta honesta. Dois dias depois houve aquele incêndio no

laboratório em Concord. Gene não era o encarregado, ele trabalhava em Manchester, mas eu

sempre achei…

Ig sentiu um embrulho no estômago. Se as provas recolhidas pela perícia no local do crime

não tivessem sido destruídas, teria sido possível provar sua inocência. Mas tudo foi queimado –

assim como qualquer esperança que Ig ainda tivesse em seu coração, junto com tudo o que havia

de bom em sua vida. Em momentos de paranoia ele imaginava que *havia* uma

conspiração

secreta para condená-lo e destruí-lo. Agora percebia que estava certo, havia uma conspiração em

andamento, só que era para protegê-lo.

– Como você pôde fazer uma coisa dessas? Como pôde ser tão estúpido? – perguntou ao pai,

sem fôlego, num estado de choque que beirava o ódio.

– É isso o que me pergunto. Todos os dias. Quer dizer, quando o mundo vem atrás dos seus

filhos, de faca na mão, é sua obrigação protegê-los. Qualquer um é capaz de entender. Mas isso.

Isso. Merrin era como uma filha para mim. Frequentou nossa casa diariamente por 10 anos.

Confiava em mim. Eu comprava pipoca para ela no cinema, ia vê-la jogar lacrosse e nós

jogávamos croqué. Ela era linda e amava você. E depois você esmagou o cérebro dela. Não foi

correto acobertar você, não por aquilo. Você devia ter ido para a cadeia. Quando vejo você nessa

casa, tenho vontade de arrancar esse olhar melancólico da sua cara estúpida. Como se você

tivesse alguma coisa a lamentar. Você se safou de assassinato. *Literalmente*. E me arrastou para a

lama. Fez eu me sentir imundo. Tenho vontade de me lavar, de me esfregar com palha de aço.

Sinto arrepios quando falo com você. Como pôde fazer isso com ela? Ela era

uma das melhores

pessoas que já conheci. Sem dúvida ela era o que eu mais gostava em você.

– Eu também – disse Ig.

– Quero voltar para o meu estúdio – disse o pai, sem fôlego, com a boca aberta. – Quando

olho para você a única coisa que quero fazer é sumir. Para o meu estúdio. Para Las Vegas. Para

Paris. *Qualquer lugar.* Quero desaparecer e não voltar nunca mais.

– E você realmente acredita que eu a matei. Nunca lhe ocorreu que as evidências que você fez

Gene queimar podiam ter me salvado? Todas as vezes que eu disse que não tinha feito nada,

você nunca acreditou que talvez, só talvez, eu pudesse ser inocente?

Seu pai o encarou, sem poder responder por um momento. Então disse:

– Não. Na verdade, não. Para ser honesto, fiquei até espantado de você não ter feito nada a

ela antes. Sempre achei que você era um merdinha esquisito.

CAPÍTULO 9

E**le parou na porta do seu quarto** por um minuto, mas não entrou, nem se deitou, como tinha

pensado em fazer. Sua cabeça doía de novo nas têmporas, na base dos chifres. Sentia uma

crescente pressão por trás deles. A escuridão tremulava nos cantos de sua visão, ao ritmo das

batidas de seu coração.

Mais do que tudo, queria descansar, queria acabar com aquela maluquice. Queria o toque de

uma mão fria em sua testa. Queria Merrin de volta – queria chorar com o rosto enterrado em seu

colo, enquanto ela corria os dedos por sua nuca. Todos os pensamentos de paz se resumiam a

Merrin. Qualquer lembrança tranquila parecia incluí-la: a brisa de uma tarde de julho, deitados

na grama sobre o rio; um outubro chuvoso, bebendo cidra com ela na sala de estar,

aconchegados sob a manta de tricô, o nariz gelado de Merrin encostado em sua orelha.

Passou os olhos pelo quarto analisando os vestígios da vida que vivera ali. Viu a ponta do

velho estojo de seu trompete escapando por debaixo da cama, apanhou-o e o colocou sobre o

colchão. Lá estava seu trompete prateado – sem brilho, as chaves macias, como se ele tivesse sido

muito usado.

E foi. Mesmo depois de saber que seus pulmões fracos nunca lhe permitiriam tocar trompete,

Ig, por razões que já não compreendia mais, continuou praticando. Depois que seus pais o

mandavam ir dormir, ele ficava tocando no escuro, deitado de costas debaixo dos lençóis, os

dedos voando pelas chaves. Tocava Miles Davis, Winton Marsalis e Louis Armstrong. Mas a

música estava só na sua cabeça – apesar de colocar os lábios no bocal, não tinha coragem de

soprar, com medo de trazer uma onda de delírio e uma tempestade de neve negra. Agora isso

tudo parecia uma absoluta perda de tempo, todas aquelas noites praticando para nada.

Num súbito ataque de fúria, esvaziou o estojo no chão, jogando longe o trompete e o resto da

sua parafernália – tubos, válvula de óleo, bocal reserva. A última coisa que agarrou foi uma

surdina, uma Tom Crown, que parecia um enorme enfeite de Natal feito de cobre polido.

Pensou em lançá-la para o outro lado do quarto, chegou até a fazer o movimento de arremesso,

mas seus dedos não se abriram, não permitiram que ele a jogasse. Era uma bela peça de metal,

mas não foi isso que o impediu. Não sabia por que a segurara.

A Tom Crown é uma peça que se coloca na campana do trompete para abafar o som. Se

usada corretamente, produz um som lascivo e meloso. Ig ficou olhando para ela, a testa

franzida, *alguma coisa* imperceptível se insinuando em sua consciência. Não era uma ideia, não

ainda. Não era nem meia ideia. Uma noção confusa e vaga. Algo sobre trompetes, sobre como

eram tocados.

Finalmente Ig deixou a peça de lado e se voltou outra vez para o estojo do trompete. Arrancou

o molde de isopor, guardou lá dentro uma muda de roupa e começou a procurar seu

passaporte. Não que estivesse pensando em sair do país, só queria levar tudo o que fosse

importante, para não ter que voltar depois.

O passaporte estava na primeira gaveta do armário, dentro de sua pomposa Bíblia, uma

versão King James com capa de couro branco e as palavras de Jesus impressas a ouro. Terry se

referia a ela como “Bíblia Neil Diamond”. Ig a ganhara ainda criança, participando de um *quiz*

sobre as Escrituras nas aulas de catecismo. Diante das respostas da Bíblia, Ig tinha todas as

perguntas certas.

Pegou o passaporte de dentro do Livro Sagrado e então se deteve, olhando para uma porção

de pontos e linhas rabiscados a lápis, já desbotados, na contracapa. O código Morse. Ig o

copiara ali havia mais de 10 anos. Certa vez acreditou que Merrin Williams tinha lhe enviado

uma mensagem em código Morse e passou duas semanas elaborando a resposta, que devia ser

dada da mesma forma. A palavra que escolheu ainda estava registrada ali, numa série de pontos

e traços: aquele era o trecho de que mais gostava na Bíblia.

Jogou a Bíblia dentro do estojo. Tinha que haver alguma coisa ali, uma dica útil para sua

situação, um remédio homeopático que pudesse usar num caso grave de diabolismo.

Era hora de partir, sair dali antes que visse mais alguém. No entanto, após descer as escadas,

notou que sua boca estava completamente seca e que era difícil engolir. Ig foi até a cozinha e

bebeu água direto da torneira. Fez uma concha com as mãos, molhou o rosto e depois, se

apoiando nas laterais da pia, sacudiu-se como um cachorro. Enxugou o rosto com um pano de

prato, sentindo o prazer do toque áspero contra sua pele gelada, arrepiada de frio. Finalmente Ig

deixou a toalha de lado e se virou, dando de cara com o irmão de pé atrás dele.

CAPÍTULO 10

T**erry estava encostado na parede,** ao lado da porta vaivém. Ele não parecia bem, talvez por

causa do voo na madrugada. Precisava se barbear e suas pálpebras pareciam inchadas, como

se estivesse com alergia. Terry era alérgico a tudo – pólen, manteiga de amendoim, e certa vez

quase morrera por causa de uma picada de abelha. Sua camisa de seda preta e as calças de lã

pareciam largas no seu corpo, como se ele tivesse perdido peso.

Eles se encararam. Ig e Terry não ficavam juntos no mesmo cômodo desde o fim de semana

em que Merrin foi morta e, naquela ocasião, a aparência de Terry não era muito melhor. Ele

tinha ficado atônito de sofrimento, por ela e por Ig. Terence partiu para a Costa Oeste logo

depois – supostamente porque tinha de ensaiar, embora Ig achasse que o irmão tivesse sido

convocado para uma reunião de administração de crise com os executivos da Fox – e desde

então não voltara, o que não era nenhuma surpresa. Terry nunca gostou muito de Gideão,

mesmo antes do assassinato.

– Não sabia que você estava aqui. Não o ouvi entrar – disse Terry. – Você criou chifres

enquanto estive fora?

– Achei que estava na hora de adotar um novo visual. Gostou?

– Quero lhe dizer uma coisa – disse Terry, balançando a cabeça, seu pomo de adão moveu-se

para cima e para baixo.

– Bem-vindo ao clube.

– Quero lhe dizer uma coisa, mas ao mesmo tempo *não* quero. Estou com medo.

– Vai fundo. Desembucha. Provavelmente não vai ser tão ruim. Não acredito que o que você

tenha a me dizer possa me chatear muito. Nossa mãe acabou de confessar que não quer me ver

nunca mais. E nosso pai falou que queria que eu apodrecesse na cadeia.

– Não.

– É.

– Oh, Ig – disse Terry, os olhos cheios d’água. – Eu me sinto péssimo. Sobre tudo. Sobre como

as coisas aconteceram para você. Sei quanto você a amava. Eu também a amava, você sabe.

Merrin. Ela era uma garota e tanto.

Ig concordou.

– Quero que você saiba… – começou Terry com a voz entrecortada.

– Vai em frente – disse Ig gentilmente.

– Eu não a matei.

Ig ficou estarrecido, uma sensação de formigamento começou a se espalhar pelo seu peito. A

ideia de que Terry tivesse estuprado e matado Merrin nunca lhe ocorrera, era impossível.

– Claro que não.

– Eu amava vocês dois, cara, queria que fossem felizes. Eu nunca teria feito nada pra

machucá-la.

– Sei disso – respondeu Ig.

– Se eu tivesse a menor ideia de que Lee Tourneau ia matá-la, teria feito alguma coisa pra

impedir – disse Terry. – Pensei que Lee fosse amigo dela. Queria tanto ter

contado para você,

mas Lee me fez ficar calado. Ele me obrigou.

– Aiiiiiiiiiiii – gritou Ig.

– Ele é terrível, Ig – disse Terry. – Você não o conhece. Você acha que conhece, mas não tem

nem ideia.

– Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii – continuou Ig.

– Lee armou para você e para mim. Desde então minha vida é um inferno.

Ig disparou para o corredor, atravessou a escuridão até chegar à porta da frente, jogou-se

contra a tela, voou para o lado de fora, para a inesperada e ofuscante luz do dia, com os olhos

embaçados pelas lágrimas, não viu os degraus e caiu direto no jardim. Levantou-se, ofegante.

Tinha deixado cair o estojo do trompete – quase não se dava conta de que ainda estava com ele –

e pegou-o de volta da grama.

Cambaleou pelo gramado, sem nem olhar direito para onde estava indo. Os cantos de seus

olhos estavam úmidos, e ele achou que estivesse chorando, mas, depois de tocar o rosto, seus

dedos ficaram ensanguentados. Levou as mãos aos chifres. As pontas tinham rompido a pele e o

sangue escorria pelas faces. Sentia um pulsar forte e constante nos chifres e, apesar da dor, uma

excitação também despontava de suas têmporas, uma sensação de relaxamento não muito

diferente de um orgasmo. Ele avançou, trôpego, proferindo uma torrente de imprecações,

obscenidades que ele trazia engasgadas. Tinha ódio daquela dificuldade de respirar, do sangue

pegajoso no seu rosto e nas suas mãos, do céu azul muito claro, de seu próprio cheiro, ódio,

ódio, ó *dio*.

Perdido em pensamentos, não viu a cadeira de rodas de Vera até quase esbarrar nela. Parou

abruptamente, olhando para ela, que tinha adormecido de novo, ressonando baixinho. Ela

esboçava um sorriso, como se tivesse um sonho agradável, e sua expressão de paz e tranquilidade

fez o estômago de Ig se revirar de raiva. Deu um chute no freio que ficava na parte de trás da

cadeira de rodas e depois a empurrou.

– Sua vaca! – disse enquanto a cadeira começava a rolar morro abaixo.

Vera levantou a cabeça, voltou a encostá-la no ombro e depois a levantou, numa fraca

agitação. A cadeira de rodas rolou pelo gramado verde e bem tratado fazendo barulho, uma das

rodas bateu numa pedra, fazendo a cadeira sacolejar com força, e Ig se lembrou do dia em que,

aos 15 anos, desceu a trilha Evel Knievel num carrinho de supermercado: sem

dúvida o

momento em que sua vida deu uma guinada. Será que naquele dia ele tinha ido tão rápido

quanto a avó ia agora? Era impressionante como a cadeira de rodas pegava velocidade, como a

vida de uma pessoa pegava velocidade – como a vida era igual a uma bala em direção ao alvo,

impossível de desviar ou desacelerar, e você, assim como a bala, não sabia o que iria encontrar,

nunca saberia de nada além da velocidade do impacto. Vera provavelmente estava a mais de 60

quilômetros por hora quando bateu contra a cerca lá embaixo.

Ig andou até o carro, respirando normalmente de novo; a sensação de dor e de aperto no

peito tinha passado, tão rapidamente quanto surgira. O ar tinha cheiro de grama fresca,

aquecida pelo sol do final de agosto, e de folhas verdes. Ig não sabia para onde iria em seguida,

só sabia que estava indo. Uma cobra deslizava pelo gramado atrás dele, era verde e preta e tinha

um aspecto molhado. Uma segunda cobra se juntou a ela. E uma terceira. Ele nem percebeu.

Enquanto se sentava ao volante do Gremlin, começou a assoviar. Era *realmente* um lindo dia.

Manobrou o Gremlin e começou a descer o morro. A estrada o esperava onde ele a deixara.

CEREJA

CAPÍTULO 1

E**la estava mandando uma** mensagem para ele.

No começo ele não percebeu que era ela, não soube quem estava fazendo aquilo. Nem

sequer tinha notado que era uma mensagem. *Aquilo* começou uns 10 minutos após o início da

missa: um raio de luz dourado em sua visão periférica, tão ofuscante que ele se encolheu.

Esfregou os olhos, tentando se livrar daquela mancha brilhante que agora flutuava diante dele.

Quando sua visão melhorou, ele olhou em volta tentando saber de onde vinha a luz, mas não

conseguiu descobrir.

Havia uma menina sentada do outro lado do corredor, um banco à frente dele, de vestido

branco de verão. Seu olhar voltava toda hora para ela, não que achasse que a garota tinha

alguma coisa a ver com a luz, mas porque era a melhor coisa para a qual olhar naquele lado do

corredor. E ele não era o único que achava isso. Um garoto magricela com cabelos muito finos e

quase brancos de tão louros estava sentado exatamente atrás dela e às vezes parecia se inclinar

para a frente a fim de olhar, sobre seu ombro, para a frente de seu vestido. Ig nunca vira a

menina, mas tinha uma vaga lembrança de conhecer o garoto da escola e achou que ele estaria

um ano à sua frente.

Ignatius Martin Perrish procurava furtivamente por uma pulseira de relógio ou um bracelete

que pudesse estar refletindo a luz em sua pupila. Examinava pessoas com óculos de armação

metálica, mulheres com brincos de argola, mas não conseguia identificar o que causava aquele

raio irritante. Na maior parte do tempo, entretanto, olhava para a menina, com seu cabelo

vermelho e os braços brancos nus. Alguma coisa na alvura daqueles braços fazia com que eles

parecessem mais nus do que os braços das outras mulheres na igreja. Muitas pessoas ruivas têm

sardas, mas ela parecia ter sido esculpida numa barra de sabão.

Sempre que ele desistia de procurar a fonte da luz e voltava os olhos para a frente, o raio

voltava, um clarão que não o deixava enxergar. Era enlouquecedor, aquele *pisca-pisca* no seu

olho esquerdo, como uma mariposa feita de luz circulando a sua volta, batendo as asas em seu

rosto. Chegou até mesmo a se bater, na tentativa de acertá-la.

Foi nesse momento que ela se entregou, fungando de repente, contorcendo-se de tanto esforço

que fazia para conter o riso. Então lançou para ele aquele olhar – longo e

enviesado, satisfeito e

divertido. Sabia que tinha sido pega e que não tinha sentido ficar fingindo. Ig sabia que ela

planejara tudo, continuar até ser descoberta, e esse pensamento fez seu sangue correr mais

rápido. Ela era muito bonita, tinha mais ou menos a mesma idade que ele e seu cabelo estava

preso por uma fita cor de cereja. Com os dedos, segurava um delicado crucifixo dourado preso a

uma corrente em seu pescoço, então o girou na direção da luz do sol e ele brilhou, tornando-se

uma chama em forma de cruz. Ela repetiu o gesto algumas vezes, numa espécie de confissão, e

depois largou o crucifixo.

Depois daquilo Ig não conseguiu mais prestar a mínima atenção ao que o padre Mould dizia

no altar. Queria, mais do que qualquer coisa, que ela voltasse a olhar para ele, mas por um longo

tempo ela não o fez, uma espécie de doce negação. Então o espiou de novo, lentamente,

sorrateiramente. Encarando-o, fez o crucifixo piscar bem nos seus olhos, dois flashes curtos e um

longo. Passado um momento, ela enviou uma sequência diferente: três curtos. Ela sustentava o

olhar dele enquanto fazia o crucifixo piscar, sorrindo, mas de um jeito sonhador, como se já não

se lembrasse por quê. A determinação em seus olhos sugeria que ela *queria* que ele entendesse

alguma coisa, que o que fazia com a crucifixo era importante.

– Acho que é código Morse – sussurrou o pai de Ig pelo canto da boca: um preso falando com

outro no pátio da carceragem.

Ig estremeceu, uma reação nervosa automática. Nos últimos minutos, o Sagrado Coração de

Maria tinha se transformado num programa de TV que passava ao fundo, o volume tão baixo

que parecia um murmúrio. Porém, quando o pai falou, o susto arrancou Ig daquele momento e

lhe despertou a consciência de onde estava. Também percebeu, para sua surpresa, que seu pênis

tinha ficado ligeiramente duro e repousava, quente, contra sua perna. Era muito importante que

ele voltasse ao normal. A qualquer momento todos teriam que se levantar para os hinos finais e

ele não queria estar com a barraca armada.

– O quê? – perguntou ao pai.

– Ela está dizendo: “pare de olhar para as minhas pernas ou vai ficar de olho roxo” – explicou

Derrick, novamente pelo canto da boca, fazendo graça.

Ig fez um barulho esquisito, tentando limpar a garganta.

A essa altura, Terry estava tentando ver. Ig estava sentado junto ao corredor, com o pai à sua

direita, seguido pela esposa e depois Terry, de modo que o irmão mais velho precisava espichar o

pescoço para ver a menina. Ele a avaliou – ela tinha virado o rosto para a frente outra vez – e

então sussurrou alto:

– Desculpe, Ig, sem chance.

Lydia bateu na cabeça de Terry com seu hinário.

– Porra, mãe – reclamou ele.

Então ela voltou a bater com o livro na cabeça dele.

– Você não vai falar essa palavra aqui dentro – sussurrou.

– Por que você não bate no Ig? – retrucou Terry. – Ele é que está secando a ruivinha. Cheio de

ideias pervertidas. Ele está cobiçando. Olha só a cara dele.

– Cobiça – disse Derrick.

A mãe de Ig olhou para ele, que corou. Depois se virou para a menina, que não dava a menor

atenção a eles, fingindo estar interessadíssima no padre Mould. Depois de alguns instantes Lydia

suspirou e se voltou para a frente da igreja.

– Tudo bem – disse. – Já estava começando a me perguntar se Ig era gay.

E então chegou a hora dos cânticos e todos ficaram de pé. Ig olhou novamente para a menina.

Quando ela se levantou, acabou entrando num feixe de luz e uma coroa de fogo se acomodou

em seus cabelos vermelhos, escovados e brilhantes. Ela se virou e olhou para ele de novo, abrindo

a boca para cantar, só que em vez disso deu um gritinho, baixo mas significativo. Estava prestes a

piscar o crucifixo para ele quando a delicada correntinha de ouro se soltou, caindo na palma de

sua mão.

Ig ficou olhando enquanto ela, de cabeça baixa, tentava consertar o cordão. Então aconteceu

uma coisa que o deixou arrasado. O garoto louro e de boa aparência que estava sentado atrás

dela inclinou-se e fez um movimento hesitante e sem sentido em direção à sua nuca. Ele estava

tentando prender a corrente para ela, que se retraiu, afastando-se dele, lançando-lhe um olhar

assustado e nada amistoso.

O louro não corou nem pareceu constrangido. Parecia menos um garoto e mais uma estátua

clássica, dona de uma frieza pétrea e cruel, uma aparência que lembrava a de um jovem césar,

alguém que poderia, apenas apontando o polegar para baixo, transformar um monte de cristãos

ensanguentados em comida de leão. Anos mais tarde seu cabelo, cortado rente como um

capacete e naquele tom pálido, seria popularizado por Marshall Mathers, mas naquele momento

parecia apenas esportivo, nada de especial. Ele também usava uma gravata, o que lhe dava

classe. Disse alguma coisa à menina, mas ela balançou a cabeça. O pai dela se curvou, sorriu

para o menino e se ocupou ele mesmo do cordão.

Ig relaxou. César tinha cometido um erro tático. Ao tocá-la sem que ela esperasse, acabou por

aborrecê-la em vez de seduzi-la. O pai mexeu no cordão por um tempo, depois riu e balançou a

cabeça porque não tinha como consertá-lo. Ela riu também, pegando o cordão de volta. A mãe

lançou um olhar fulminante para os dois, e pai e filha voltaram a cantar.

A missa acabou e a conversa foi tomando o recinto como a água enchendo uma banheira – a

igreja era um recipiente com uma capacidade fora do normal, e sua natureza silenciosa

rapidamente foi substituída pelo barulho. A matéria favorita de Ig sempre foi matemática e ele

automaticamente pensava em termos de capacidade, volume, variáveis e, acima de tudo, valores

absolutos. Mais tarde, passou a ser bom também em ética, mas talvez isso fosse apenas uma

extensão da parte dele que era boa em manter as equações corretas e fazer com que os números

se comportassem bem.

Ele queria falar com ela, mas não sabia o que dizer e, de repente, era tarde

demais. Ao sair do

vão entre os bancos para o corredor, ela olhou para ele, um pouco tímida mas sorrindo, e então

o jovem césar se postou ao lado dela, lhe dizendo alguma coisa. O pai interferiu novamente,

colocando-se entre a filha e o imperador júnior e fazendo com que ela andasse mais rápido. Ele

até sorriu para o garoto, gentil, simpático – mas, enquanto o outro falava, empurrava a filha

para a frente, levando-a para longe, aumentando a distância entre ela e o rapaz de rosto calmo,

compreensivo e nobre. O césar não pareceu chateado, nem tentou alcançá-la de novo, apenas

balançou a cabeça pacientemente e até deu um passo para o lado, permitindo que a mãe da

menina e algumas outras senhoras – seriam tias? – tomassem sua frente.

Com o pai a protegendo, não havia a menor chance de falar com ela. Ig a viu partir, torcendo

para que ela olhasse para trás e acenasse para ele, mas é claro que isso não aconteceu. Àquela

altura o corredor já estava apinhado de gente saindo. O pai de Ig colocou a mão no ombro do

filho, dando a entender que eles esperariam as coisas se acalmarem. Ig viu o jovem césar ir

embora. Ele também estava acompanhado do pai, um homem de bigode louro grosso, que

crescia até as costeletas, o que lhe dava a aparência de um bandido de filme de faroeste de Clint

Eastwood, alguém para ficar do lado esquerdo de Lee Van Cleef e ser baleado na primeira troca

de tiros da batalha final.

Finalmente o tráfego no corredor diminuiu, e o pai de Ig tirou a mão de seu ombro para que

ele soubesse que era hora de ir. Ig saltou do banco e, como de costume, deixou os pais passarem

na frente para ele ficar ao lado de Terry. Olhou, esperançoso, para o banco onde a menina

estivera, como se de alguma forma ela pudesse ter reaparecido ali – e, enquanto olhava, sua

pupila direita encheu-se com um raio de luz dourada, como se tudo estivesse começando de

novo. Ele desviou e fechou os olhos e depois foi direto até o banco.

Ela tinha deixado o pequeno crucifixo de ouro e a corrente, enrolada, sobre um quadrado de

luz. Talvez os tivesse posto ali e se esquecido de pegá-los, com o pai apressado para tirá-la de

perto do garoto louro. Ig pegou o cordão, esperando que estivesse frio. Mas estava quente,

agradavelmente quente, como uma moedinha deixada o dia todo sob o sol.

– Iggy? – chamou a mãe. – Você não vem?

Ele fechou a mão sobre o cordão, se virou e foi andando rápido pelo corredor. Era importante

alcançá-la. Ela tinha lhe dado uma oportunidade de impressioná-la, de encontrar o que foi

perdido, de demonstrar que era atento e tinha consideração. Mas, quando chegou à porta, ela já

tinha ido embora. Ele ainda pôde vê-la sentada no banco de trás de uma perua com painéis

laterais de madeira, ao lado de uma de suas tias, os pais na frente, descendo o meio-fio.

Bom. Tudo bem. Sempre haveria o domingo seguinte e, quando Ig lhe devolvesse a corrente,

não estaria mais quebrada e ele saberia exatamente o que dizer para se apresentar.

CAPÍTULO 12

T**rês dias antes de Ig e Merrin se** encontrarem pela primeira vez, Sean Phillips, um soldado

reformado que morava na parte norte de Pool Pond, acordou à uma hora da manhã com o

estampido metálico de uma explosão. Por um momento, desorientado pelo sono, achou que

estava de volta ao USS *Eisenhower* e que alguém tivesse acabado de lançar um torpedo. Então

ouviu gargalhadas e pneus cantando. Levantou-se do chão – ele tinha caído da cama e

machucado o quadril – e abriu as cortinas a tempo de ver uma merda de um Road Runner

dando o fora. Sua caixa de correio tinha sido arrancada do poste onde ficava e estava jogada no

chão, fumegando, completamente destruída. Tinha tantos buracos que parecia ter sido alvejada

por uma espingarda.

No final da tarde do dia seguinte houve outra explosão, dessa vez na lixeira que fica atrás da

Woolworth. A bomba emitiu um estrondo e cuspiu gotas de lixo flamejante a mais de cinco

metros de altura. Jornais e embalagens em chamas caíram como granizo em brasa e diversos

carros estacionados por ali foram danificados.

No domingo em que Ig se apaixonou – ou teve tesão – pela menina desconhecida sentada do

outro lado do corredor no Sagrado Coração, houve outra explosão em Gideão. Uma bomba-

cereja – assim chamada por ser redonda, envolta em papel vermelho e com um pavio longo,

parecendo a fruta – com a mesma potência de um quarto de uma banana de dinamite foi

detonada no banheiro do McDonald's da rua Harper. Destruiu o assento, rachou o vaso,

despedaçou a pia, inundou o chão e encheu todo o banheiro masculino com uma fumaça preta.

O prédio foi evacuado até que o comandante do corpo de bombeiros dissesse que era seguro

entrar. O incidente ganhou a primeira página do *Diário de Gideão* de segunda-feira – uma

matéria que terminava com o comandante pedindo que os responsáveis parassem com aquilo

antes que alguém perdesse um dedo ou até mesmo um olho.

Havia semanas que as coisas estavam explodindo pela cidade. Tudo começou dois dias antes

do 4 de Julho e continuou até bem depois do feriado, com uma frequência cada vez maior.

Terence Perrish e seu amigo Eric Hannity *não eram* os principais suspeitos. Nunca tinham

destruído nada que não fosse deles e eram jovens demais para sair por aí dirigindo bêbados à

uma hora da manhã, explodindo caixas de correio.

Mas…

Mas Eric e Terry *estavam* na praia em Seabrook quando Jeremy Rigg, primo de Eric, entrou

no galpão da fábrica de fogos de artifício e saiu de lá trazendo uma caixa com 48 bombas-cereja.

Ele dizia que tinham sido produzidas nos bons e velhos tempos em que o poder desses

explosivos ainda não era limitado pelas leis de segurança infantil. Jeremy deu seis delas para Eric,

um presente de aniversário atrasado, como dissera, apesar de o verdadeiro motivo ter sido pena.

O pai de Eric tinha a saúde frágil e estava desempregado havia mais de um ano.

É possível que Jeremy Rigg tenha sido o paciente zero daquela epidemia de explosões e que

todas elas pudessem estar ligadas a ele de alguma forma. Ou talvez ele só tenha comprado as

bombinhas porque os outros garotos também estavam comprando, porque era o que tinha de

fazer. Quem sabe não haveria múltiplos pontos de contaminação? Ig nunca ficou sabendo e

talvez isso realmente não tivesse a menor importância. Era como se perguntar como o mal entrou

no mundo ou o que acontece com uma pessoa depois que ela morre: uma discussão filosófica

interessante mas curiosamente sem sentido, uma vez que tanto o mal quanto a morte acontecem,

independentemente de como, por quê e qual o sentido. A única coisa que importava era que, no

começo de agosto, Eric e Terry, assim como todos os garotos adolescentes de Gideão, estavam

possuídos pela febre de explodir coisas.

As bombinhas também eram chamadas de Cerejas de Eva. Eram bolas vermelhas do tamanho

de pequenas maçãs, cobertas com uma fina camada de poeira, como um tijolo, e estampadas

com a silhueta de uma mulher seminua – uma gostosona peituda com as mesmas proporções

improváveis de uma caricatura num para-lama de caminhão: tetas do tamanho de bolas de praia

e cinturinha de pilão, mais fina que as coxas. Num ato de recato, ela usava uma folha de bordo

como tapa-sexo, de onde Eric concluiu que ela era uma puta canadense praticamente pedindo

para que tocassem fogo em seus peitos.

A primeira vez que Terry e Eric usaram uma dessas bombas foi na garagem de Eric. Eles

jogaram a cereja dentro de uma lata de lixo e saíram correndo. A explosão derrubou a lata no

chão, a fazendo rodopiar pelo cimento, e atirando a tampa contra o telhado. Quando bateu de

volta no chão, a tampa soltava fumaça e estava amassada como se alguém tivesse tentado dobrá-

la ao meio. Ig não estava lá, mas Terry lhe contou tudo e disse também que, depois da

detonação, os ouvidos dele e de Eric zumbiam tanto que um não conseguia ouvir a algazarra que

o outro fazia. Outros itens se seguiram numa série de explosões: uma boneca do tamanho de

uma criança, um pneu velho que eles mandaram morro abaixo com uma bomba presa com fita

adesiva em seu interior e uma melancia. Ig não esteve presente em nenhuma das ocasiões, mas

seu irmão sempre fez questão de lhe contar todos os detalhes, para que ele soubesse o que tinha

perdido. Sabia, por exemplo, que da boneca não restara nada além de um pé chamuscado, que

caiu do céu com um estrondo bem na entrada da garagem de Eric, fazendo um sapateado louco

sem corpo, e que o fedor do pneu queimado fez todo mundo que o sentiu ficar tonto e enjoado.

Também soube que Eric estava perto demais da melancia quando ela explodiu e, como

consequência, precisou tomar um banho. Os detalhes atormentavam Ig e o deixavam exaltado, e

lá pelos meados de agosto ele estava meio desesperado para ver alguma coisa ir pelos ares com

seus próprios olhos.

Portanto, no dia em que Ig entrou de manhã na despensa e encontrou Terry tentando enfiar

um peru congelado, de 12 quilos, dentro de sua mochila, soube imediatamente para o que era.

Não pediu para ir junto e nem fez ameaças: *Deixa eu ir com você ou vou contar pra mamãe.* Em

vez disso, ficou observando Terry lutar com a mochila e, quando ficou claro que não ia caber,

disse que eles deviam carregá-lo numa trouxa. Foi buscar sua capa de chuva no armário do hall

de entrada e os dois puseram a ave dentro dela, cada um pegando uma das mangas. Não seria

difícil carregar o animal desse jeito, entre os dois, e Ig iria com o irmão sem precisar pedir.

Usaram a capa até chegarem aos limites da mata, então, logo depois de começarem a subir a

trilha que levava à velha fundição, Ig viu um carrinho de supermercado, meio afundado num

lamaçal à beira do caminho. A roda da frente do lado direito trepidava furiosamente e flocos de

ferrugem caíam continuamente do carrinho, mas ele aguentou carregar o peru por mais de dois

quilômetros. Terry fez Ig empurrar.

A velha fundição era uma grande ruína medieval feita de tijolos pretos que tinha, de um lado,

um enorme cano de chaminé retorcido e paredes que lembravam um queijo suíço, de tantos

buracos nos quais um dia haviam estado janelas. Era cercada por um antigo estacionamento de

muitos quilômetros quadrados, cuja pavimentação tinha tantas rachaduras que estava a ponto

de se desintegrar, com tufos de mato crescendo no meio delas. O lugar estava cheio naquela

tarde, garotos andavam de skate nas ruínas e havia fogo numa lata de lixo lá nos fundos. Um

bando de adolescentes desocupados – dois pivetes e uma garota viciada – se agrupava em torno

das chamas. Um deles segurava o que parecia um salsichão deformado enfiado num espeto –

uma coisa enegrecida e estranha de onde saía uma fumaça azul adocicada.

– Olha – disse a garota, uma loura gorducha e cheia de espinhas que usava jeans de cintura

baixa. Ig a conhecia. Ela era da turma dele. Glenna qualquer coisa. – Lá vem o jantar.

– Parece até o Dia de Ação de Graças – disse um dos garotos. Ele usava uma camiseta com os

dizeres “EXPRESSO PARA O INFERNO” e fez um gesto largo em direção ao fogo da lata de

lixo. – Joga essa perua gostosa aqui dentro.

Ig, que só tinha 15 anos e ficava tímido diante de garotos mais velhos que não conhecesse, não

conseguia falar, sua traqueia se contraía como se já estivesse tendo um ataque de asma. Mas

Terry estava tranquilo. Era dois anos mais velho e tinha carteira de habilitação. Já apresentava

uma graça dissimulada e a ânsia de divertir a plateia característica dos artistas. Ele falou pelos

dois. Sempre falava pelos dois. Era o seu papel.

– Parece que o jantar já está pronto – disse Terry, apontando para a coisa no espeto. – Seu

cachorro-quente está queimando.

– Não é cachorro-quente! – disse a garota com a voz esganiçada. – É cocô! Gary está assando

um cocô de cachorro! – Ela se dobrava e gritava de tanto rir. Seus jeans eram velhos e

desbotados, seu corpete, pequeno demais, parecia ter sido comprado numa liquidação, mas, por

cima dele, usava uma jaqueta de couro preta muito bonita, de corte europeu. A jaqueta não

tinha nada a ver com o resto de seu visual nem com o calor, e a primeira coisa

que Ig pensou foi

que era roubada.

– Quer um pedaço? – perguntou o garoto com a camiseta EXPRESSO PARA O INFERNO.

Ele tirou o espeto do fogo e apontou na direção de Terry. – Tá no ponto.

– Qual é, cara? – disse Terry. – Estou no ensino médio, ainda sou virgem, toco trompete na

banda da escola e tenho pinto pequeno. Não preciso de mais merda.

Os desocupados caíram na gargalhada, talvez menos pelo que foi dito e mais por quem disse –

um garoto magro, bonito, usando uma bandana estampada com uma bandeira americana

desbotada para esconder seu cabelo preto desgrenhado – e pelo jeito como disse, num tom

entusiasmado, como se estivesse tirando o maior sarro da cara de outra pessoa e não de si

mesmo. Terry usava as piadas como se fossem golpes de judô, como forma de desviar de si a

energia dos outros e, se não conseguisse encontrar outro alvo para seu humor, sacaneava a si

mesmo – um dom que lhe seria muito útil anos mais tarde, durante as entrevistas que fazia no

Hothouse, como quando implorou a Clint Eastwood que lhe desse um soco na cara e depois

autografasse seu nariz quebrado.

Expresso para o Inferno olhou para além de Terry, do outro lado do asfalto

quebrado, para

um garoto que estava de pé no alto da trilha Evel Knievel.

– Ei, Tourneau, seu almoço está pronto.

Mais gargalhadas – embora a garota, Glenna, de repente parecesse desconfortável. O garoto

no alto da trilha nem olhou para eles, apenas continuou lá, olhando para baixo do morro, com

seu skate de *mountainboard* sob o braço.

– Vai descer? – provocou Expresso para o Inferno. – Ou também vou ter que preparar um par

de ovos pra você?

– Vai, Lee! – gritou a garota, levantando o punho para encorajá-lo. – Arrebenta!

O garoto no alto da trilha lançou um rápido olhar de desdém na direção dela, e então Ig o

reconheceu da igreja. Era o jovem césar. Assim como da outra vez, ele usava uma gravata, mas

com uma camisa de botões de mangas curtas, bermuda cáqui e tênis All Star de cano alto, sem

meias. E, só por estar carregando um *mountainboard*, ele conseguia dar às suas roupas um efeito

levemente alternativo, tornando o fato de estar de gravata uma afetação irônica, o tipo de coisa

que o vocalista de uma banda punk seria capaz de fazer.

– Ele não vai descer – disse o outro garoto junto à lata de lixo. Ele tinha cabelos compridos. –

Meu Deus, Glenna, ele é mais cagão que você.

– Vai se foder – respondeu ela. Para o bando em volta da lata de lixo a mágoa em seus olhos

foi a coisa mais engraçada de todas. Expresso para o Inferno ria tanto que sacudiu o espeto e seu

churrasquinho de cocô caiu nas chamas.

Terry deu um tapinha no braço de Ig e eles foram embora. Ig não estava chateado por partir,

tinha descoberto algo quase insuportavelmente triste naquele grupo. Não tinham nada para

fazer. Era terrível que esse fosse o resultado de uma tarde de verão, merda queimada e mágoa.

Eles se aproximaram do louro magrelo – Lee Tourneau, aparentemente – andando mais

devagar à medida que chegavam ao topo da trilha Evel Knievel. Desse lado, o morro descia

íngreme na direção do rio, do qual se tinham lampejos de um azul-escuro por entre os troncos

negros dos pinheiros. A trilha já havia sido uma estrada de terra, embora fosse difícil imaginar

alguém andando de carro por aquela ladeira vertiginosa, tão íngreme e erodida, ideal para uma

capotagem. Dois canos enferrujados e enterrados pela metade desciam por ali; entre eles havia

um sulco de terra batida desgastado e plano, como uma espécie de depressão polida até brilhar

pela passagem de mil bicicletas e 10 mil pés descalços. A avó de Ig, Vera, tinha lhe contado que

nas décadas de 1930 e 1940, quando as pessoas ainda não se preocupavam com o que se jogava

no rio, a fundição usava aqueles canos para despejar detritos na água. Eles pareciam trilhos, só

faltava um carrinho de mineração ou de montanha-russa para percorrê-los. Dos lados de fora

dos canos, a trilha era um monte de terra seca pelo sol, pedras soltas e lixo. O caminho de terra

batida entre os canos era a maneira mais fácil de descer, e Ig e Terry diminuíram o passo,

esperando que Lee Tourneau tomasse coragem.

Mas ele não desceu. Não ia descer nunca. Botou o skate no chão – ele tinha uma cobra

pintada na prancha e pneus enormes e grossos – e o empurrou com um dos pés, para a frente e

para trás, como se verificasse o rolamento. Depois se agachou e pegou a prancha fingindo estar

testando o giro de uma das rodas.

Os desocupados não eram os únicos que pegavam no pé dele. Eric e outros garotos estavam

no pé do morro, olhando torto para ele e, de vez em quando, gritando alguma provocação.

Alguém berrou para ele enfiar um tampão no cu e descer. De junto da lata de lixo Glenna gritou

novamente:

– Vai lá, caubói! – Mas, por baixo de sua torcida barulhenta, ela parecia desesperada.

– Bem – disse Terry para Lee –, é assim mesmo. Você pode levar a vida como um aleijado ou

como um babaca.

– O que isso quer dizer? – perguntou Lee.

Terry deu um suspiro.

– Você vai ou não?

Ig, que já tinha descido a trilha várias vezes de bicicleta, disse:

– Tudo bem, não precisa ter medo. A trilha entre os canos é mesmo muito lisa e…

– Não estou com medo – cortou Lee, como se Ig tivesse feito uma acusação.

– Então desce – disse Terry.

– Uma das rodas está prendendo.

Terry riu, e sua risada também queria dizer “Vamos, Ig”.

Ig passou com o carrinho de supermercado por Lee e o posicionou no sulco entre os canos.

Lee olhou para o peru e franziu a testa, fazendo uma pergunta sem precisar dizer nada.

– Nós vamos explodir ele – disse Ig. – Quer ver?

– Tem uma cadeira para bebê no carrinho – disse Terry. – No caso de você querer uma carona

até lá embaixo.

Era uma coisa desagradável de se dizer, e Ig deu um sorriso solidário para Lee, mas o rosto do

garoto tinha a mesma expressão vazia do “Dr. Spock na porta da *Enterprise”* . Ele deu um passo

atrás, segurando sua prancha contra o peito enquanto assistia aos dois descerem.

Os garotos lá embaixo esperavam por eles. Havia duas garotas também, mais velhas, talvez

com idade para estarem na universidade. Elas não estavam na beira do rio com os garotos, mas

tomando sol na rocha Coffin, usando a parte de cima de biquínis e calças jeans cortadas em

shorts curtos.

A rocha Coffin ficava uns 10 metros rio adentro, uma grande pedra branca que resplandecia

ao sol. Elas tinham deixado seus caiaques num banco de areia estreito que se estendia rio acima.

A visão daquelas garotas sobre a rocha fez Ig amar o mundo. Duas morenas – talvez fossem

irmãs – de corpos benfeitos e bronzeados e pernas compridas, sentadas conversando entre si em

voz baixa e encarando os garotos. Mesmo de costas para a rocha Coffin, Ig podia sentir a

presença delas, como se as garotas, e não o sol, fossem a principal fonte de luz daquele lugar.

Cerca de uma dúzia de meninos tinha se reunido para assistir ao show. Sentavam-se

indiferentes nos galhos das árvores, balançando sobre as águas, montavam suas bicicletas ou se

deixavam ficar largados sobre as pedras redondas, todos tentando parecer afetadamente infelizes.

Esse era outro efeito colateral da presença das meninas. Todos os garotos que estavam lá queriam

parecer mais velhos que os outros; na verdade, queriam parecer velhos demais para estarem lá.

Se conseguissem, por meio de um olhar melancólico e uma atitude distante, fazer parecer que

estavam por ali porque tinham que tomar conta de um irmão mais novo, tanto melhor.

Talvez porque *estivesse* de fato tomando conta do irmão mais novo, Terry se permitia estar

feliz. Pegando o peru congelado de dentro do carrinho, caminhou na direção de Eric, que se

levantou de uma pedra, batendo nas calças para tirar a terra.

– Vamos assar esta galinha…

Eric tinha a idade de Terry, era arrogante e grosseiro, tinha a boca suja e mãos que sabiam

agarrar uma bola de futebol americano, lançar uma vara de pesca, consertar um motor pequeno

e surrar uma bunda. Eric era um super-herói. Como bônus, seu pai era um ex-policial que tinha

sido baleado – embora não em um tiroteio, mas num acidente no quartel: outro policial, em seu

terceiro dia, tinha deixado cair uma .30-06 carregada e a bala atingira Bret Hannity no

abdômen. O pai de Eric agora tinha um negócio de distribuição de cartões de beisebol, mas Ig já

entendia o bastante sobre vagabundagem para ter uma ideia de que o verdadeiro negócio dele

envolvia uma briga com a companhia de seguros por uma indenização de cerca de 100 mil

dólares que supostamente seriam pagos a qualquer momento, mas que nunca se materializavam.

Eric e Terry colocaram o peru em cima de um cepo de árvore cujo miolo estava apodrecido,

formando um buraco úmido. Eric botou o pé sobre a ave e empurrou para baixo. Ela estava bem

presa, a gordura e a pele saltavam sobre as bordas do buraco. As duas pernas, ossos rosados

envoltos pela carne crua, estavam espremidas uma contra a outra, de modo que a cavidade

usada para rechear o peru tinha se transformado numa dobra branca.

Eric tirou suas duas últimas bombas-cereja do bolso e deixou uma de lado. Ignorou o garoto

que pegou a bombinha extra, assim como os outros que se juntaram em volta dele, olhando e

fazendo sons de admiração. Ig percebeu que aquela era exatamente a reação que Eric esperava ao

deixar a cereja de lado. Terry pegou a outra bomba-cereja e a enfiou dentro do peru. O pavio, de

quase 15 centímetros de comprimento, saía obscenamente daquele buraco enrugado no traseiro

do peru.

– É melhor vocês todos se protegerem – disse Eric – ou vão ficar cobertos de peru. E pode me

devolver isso. Se alguém tentar fugir com minha última cereja, esse peru não vai ser o único com

uma bombinha enfiada no rabo.

Os garotos se dispersaram, agachados no fundo do dique ou escondidos atrás dos troncos das

árvores. Apesar de todos os seus esforços para parecerem desinteressados, uma expectativa

nervosa pairava sobre eles. As meninas sentadas na rocha podiam sentir que alguma coisa estava

para acontecer e também se mostravam interessadas. Uma delas ficou de joelhos e, protegendo

os olhos da luz com a mão, olhou para Terry e Eric. Ig quis, com uma dor melancólica, que

houvesse alguma razão para que ela olhasse para ele.

Eric botou o pé na quina do cepo e exibiu um isqueiro, que acendeu com um estalo. O pavio

começou a cuspir fagulhas brancas. Eric e Terry ainda ficaram por ali um momento, avaliando

cuidadosamente seu trabalho, como se restasse alguma dúvida se o fogo tinha pegado. Então

começaram a se afastar, sem a menor pressa. Tudo muito benfeito, uma cena de

frieza

cuidadosamente ensaiada. Eric havia mandado os outros se protegerem e eles, respeitosamente,

obedeceram. Isso tornava os dois ainda mais durões e imperturbáveis, pela forma como ficaram

para trás para acender a bomba e depois saíram devagar, retirando-se tranquilamente da área da

explosão. Deram uns 20 passos, mas não se esquivaram nem se esconderam atrás de nada,

mantendo os olhos firmes na carcaça. O pavio chiou por uns três segundos e então parou. E

nada aconteceu.

– Merda – disse Terry – Pode ter molhado.

E deu um passo em direção ao cepo.

Eric segurou seu braço.

– Espera. Às vezes…

Mas Ig não ouviu o resto da frase. Ninguém ouviu. O peru de 12 quilos de Lydia Perrish

explodiu com um estrondo. Um barulho tão alto, repentino e forte que as meninas da rocha

gritaram. Assim como muitos garotos. Ig teria gritado também, mas a explosão parecia ter

forçado todo o ar para fora dos seus pulmões fracos e tudo o que ele conseguiu foi chiar.

O peru havia sido detonado, estraçalhado num jorro de chamas. Metade do toco também

tinha sido destruída. Pedaços de madeira fumegante foram lançados no ar. Os céus se abriram e

choveu carne. Chuviscavam ossos, ainda com pedaços tiritantes de carne crua, tamborilando

sobre as folhas e despencando no chão. Partes do peru caíam dentro do rio – *ploft-ploft-ploc*.

Nas histórias que contaram depois, muitos garotos afirmavam que as meninas na rocha Coffin

tinham ficado cobertas de pedaços e sangue de peru cru, que nem aquela doida de *Carrie*, mas

isso era exagero. O mais longe que os pedaços da ave chegaram foi a uns seis metros da rocha.

Os ouvidos de Ig pareciam tapados com bolas de algodão. Alguém gritou de excitação, muito

longe dele – pelo menos Ig pensou que tinha sido muito longe. Mas, quando olhou por sobre os

ombros, viu uma garota gritando quase imediatamente atrás dele. Era Glenna, com sua

espetacularmente espetacular jaqueta de couro e seu corpete “aperta-peitos”. Estava ao lado de

Lee, a mão agarrando dois dedos dele. A outra mão estava levantada no ar, com o punho

cerrado, uma demonstração de triunfo meio jeca. Quando Lee viu o que ela estava fazendo, sem

dizer nada, arrancou os dedos daquele aperto.

Outros sons romperam o silêncio: gritos, assovios e gargalhadas. Assim que o último pedaço

de peru caiu do céu, os garotos saíram dos esconderijos e começaram a pular por todos os lados.

Uns pegavam ossos despedaçados e jogavam para cima, então fingiam se esconder, reencenando

o momento da explosão. Outros se atiravam nos galhos mais baixos das árvores, fingindo que

tinham acabado de pisar numa mina terrestre e sido jogados para o alto. Balançavam-se para a

frente e para trás, gritando. Um deles estava dançando e, por alguma razão, tocando *air guitar*,

totalmente alheio ao fato de ter um pedaço de pele de peru no cabelo. Parecia uma sequência de

um documentário sobre a natureza. Naquele momento, impressionar as meninas parecia

irrelevante – pelo menos para a maioria. Na mesma hora em que o peru explodiu, Ig olhou para

o rio para ver se elas estavam bem. E ainda estava olhando, vendo-as se levantar, rindo e

batendo papo alegremente. Uma delas apontou para o rio abaixo delas e depois saiu andando

pelo banco de areia para alcançar os caiaques. Estavam indo embora.

Ig tentou pensar em algum artificio para fazê-las ficar. Subiu alguns metros pela trilha com o

carrinho de supermercado e depois desceu, montado em sua parte traseira. Era só uma coisa

para fazer, pois pensava melhor em movimento. Fez isso uma vez e depois de novo, tão absorto

em seus pensamentos que nem se deu conta do que fazia.

Eric, Terry e outros garotos tinham se juntado em volta dos despojos da explosão para

inspecionar os danos. Eric girava a última bombinha em uma das mãos.

– O que você vai explodir agora? – alguém perguntou.

Eric franziu a testa pensativamente e não respondeu. Os garotos em volta dele começaram a

dar sugestões e logo todos estavam gritando para serem ouvidos. Alguém disse que poderia

conseguir um presunto, mas Eric balançou a cabeça.

– Já experimentamos com carne – respondeu.

Outro sugeriu que botassem a bomba nas fraldas sujas da irmã dele. Um terceiro disse que só

se ela as estivesse usando e foi uma gargalhada geral.

Então, repetiram a pergunta, *o que você vai explodir agora?* , e dessa vez houve uma pausa

enquanto Eric decidia.

– Nada – disse, guardando a cereja no bolso.

Os garotos reunidos começaram a fazer sons desesperados, mas Terry, que sabia sua fala nessa

cena, balançou a cabeça em sinal de aprovação.

Então surgiram ofertas e barganhas. Um garoto falou que trocaria os filmes pornôs do pai

pela bomba. Outro ofereceu os filmes pornôs *caseiros* do pai.

– Sério, minha mãe é mesmo uma puta maluca na cama – disse, e os garotos caíam uns por

cima dos outros, morrendo de rir.

– As chances de eu abrir mão da minha última bomba são as mesmas de um de vocês, seus

veadinhos, descer o morro montado naquele carrinho de supermercado, nu – disse Eric

sacudindo o polegar sobre seu ombro na direção de Ig e do carrinho.

– Eu desço do alto do morro montado nele – disse Ig. – Pelado.

Cabeças giraram. Ig estava a vários metros de distância dos garotos amontoados em torno de

Eric e a princípio ninguém soube quem tinha falado aquilo. Então houve risos e algumas vaias

de descrédito. Alguém jogou uma perna de peru em Ig. Ele desviou e ela passou voando por

cima de sua cabeça. Quando Ig se levantou, viu Eric olhando para ele com firmeza enquanto

passava sua última bomba-cereja de uma mão para outra. Terry estava bem atrás de Eric, com a

expressão dura, e balançou a cabeça quase imperceptivelmente: *Não vai não*.

– Você está falando sério? – perguntou Eric.

– Você vai me deixar ficar com ela se eu descer o morro montado no carrinho, pelado?

Eric espremeu os olhos e o avaliou.

– Até embaixo. Pelado. E, se o carrinho não chegar até o fim, você não ganha nada. Não me

importa se você vai se foder e quebrar a coluna.

– Cara, eu não vou deixar você fazer isso – interveio Terry. – Que merda que eu vou dizer pra

mamãe quando você chegar em casa com essa bunda magra e branca toda esfolada?

Ig esperou que a explosão de risos se acalmasse antes de responder simplesmente:

– Não vou me machucar.

Então Eric disse:

– Combinado. Quero ver essa merda.

– Peraí, peraí, peraí – disse Terry, rindo, sacudindo as mãos no ar. Correu pela terra seca até

onde estava Ig, deu a volta no carrinho e segurou o braço do irmão. Estava sorrindo quando se

inclinou para falar no ouvido de Ig, mas sua voz tinha um tom baixo e ríspido. – Cai fora! Você

não vai descer essa ribanceira com o pinto balançando, fazendo nós dois de idiotas.

– Por quê? A gente sempre nadou pelado no rio. Metade desses garotos já me viu sem roupa.

A outra metade – disse Ig, olhando na direção do grupo – não sabe o que está perdendo.

– Não tem a menor chance de você descer esse morro nessa coisa. É uma merda de um

carrinho de supermercado, Ig. Tem rodinhas *desse* tamanho – e juntou o polegar e o indicador,

como num sinal de o.k.

– Eu vou descer – disse Ig.

Os lábios de Terry se abriram num sorriso de desdém furioso e frustrado, mas seus olhos…

seus olhos demonstravam medo. Na cabeça de Terry, Ig já havia deixado a maior parte do rosto

na encosta do morro e estava estatelado no meio do caminho, berrando, uma massa disforme. Ig

sentiu uma piedade carinhosa por Terry. Ele era legal, muito mais legal do que Ig jamais seria,

mas tinha medo. E seu medo estreitava sua visão de modo que ele só conseguia ver o que tinha a

perder. Ig não era assim.

Agora Eric se aproximava.

– Deixa ele ir se quiser. Não é você que vai se foder. Ele, muito provavelmente. Mas você, não.

Terry continuou discutindo com Ig por mais um instante, não com palavras, apenas com o

olhar. O que fez Terry finalmente desviar os olhos foi um ruído, um som abafado como um

murmúrio. Lee tinha se virado para cochichar com Glenna, levantando a mão para cobrir a

boca. Mas por alguma razão naquele momento o lugar estava inexplicavelmente silencioso e a

voz de Lee ecoou, de modo que todos que estavam a até três metros dele puderam ouvi-lo dizer:

– A gente não vai querer estar por aqui quando a ambulância aparecer para apanhar o que

tiver sobrado desse merdinha…

Terry virou-se para ele, o rosto crispado de ódio.

– Ah, você não vai a lugar nenhum. Vai ficar exatamente onde está, com essa porra desse skate

que você é cagão demais pra usar, e assistir ao show. Talvez você queira ver o que é um par de

colhões. Pode prestar atenção.

Os garotos caíram na gargalhada. As faces de Lee pegaram fogo, assumindo um tom de

vermelho escuro que Ig nunca tinha visto num rosto humano, da cor de um diabo de desenho

animado da Disney. Glenna olhou para seu paquera de uma forma ao mesmo tempo doída e

enojada, depois deu um passo para longe dele, como se aquele surto de escrotice pudesse ser

contagioso.

No tumulto de divertimento que se seguiu, Ig livrou o braço do aperto do irmão e virou o

carrinho para o topo do morro. Foi empurrando pelo mato do lado da trilha, porque não queria

que os outros meninos subissem atrás dele pela ladeira e descobrissem o que ele já sabia, vissem o

que ele já tinha visto. Não queria que Eric tivesse uma chance de desistir. A plateia corria atrás

dele, empurrando e gritando.

Ig ainda não tinha ido muito longe quando as rodas do carrinho ficaram presas num arbusto

e ele começou a tombar violentamente para um lado. Ele se esforçou para endireitá-lo. Atrás dele

houve uma explosão de risos. Terry andava rapidamente ao seu lado e agarrou a parte da frente

do carrinho, colocando-a na direção certa. Balançando a cabeça, deu um suspiro e murmurou:

– Meu Deus.

Ig continuou empurrando o carrinho à sua frente.

Mais alguns passos o levaram ao topo do morro. Ele já estava decidido a fazer aquilo,

portanto não havia motivo para hesitar ou ficar envergonhado. Largou o carrinho, desabotoou a

bermuda e a arriou, junto com a cueca, mostrando aos meninos lá embaixo sua bunda branca e

magra. Houve gritos de horror e manifestações exageradas de nojo. Quando voltou a ficar de pé,

Ig sorria. Seu coração estava disparado, mas só um pouco, a mesma aceleração de quando se

passa de uma caminhada rápida para uma corrida, tentando pegar um táxi antes que alguém

chegue primeiro. Chutou a bermuda para longe sem tirar os tênis, depois tirou a camisa.

– Bem, agora vê se não vai brochar – disse Eric.

Terry riu – de um jeito meio estridente – e olhou para outro lado. Ig voltou-se para encarar a

multidão: 15 anos e pelado, pinto e ovos, ombros quentes sob a tarde ensolarada. O ar carregava

o cheiro da fumaça que vinha da lata de lixo. Expresso para o Inferno ainda estava de pé ao lado

dela, junto com seu colega cabeludo.

Expresso para o Inferno levantou a mão bem alto, o indicador e o dedo mínimo esticados

fazendo o símbolo universal para os chifres do diabo.

– Olha o strip! É isso aí!!! – gritou.

Por alguma razão, essa frase mexeu com os garotos mais do que tudo o que tinha sido dito até

então, e muitos começaram a se dobrar de rir, ofegantes, como se reagissem a alguma toxina

transportada pelo ar. Ig estava surpreso por se sentir tão relaxado, nu, a não ser por seus tênis

frouxos. Não se incomodava por estar pelado na frente dos outros garotos, e as meninas da

rocha Coffin só o veriam de relance, antes de ele cair na água – uma ideia que não o preocupava

nem um pouco. Na verdade, até lhe dava um frio na barriga, de contentamento e excitação. É

claro que já havia *uma* garota olhando para ele: Glenna. Ela estava na ponta dos pés, atrás da

multidão, de boca aberta, com uma expressão que misturava espanto e graça.

Seu namorado,

Lee, não estava com ela. Também não tinha seguido Ig morro acima, aparentemente *não* queria

saber o que era um par de colhões.

Ig levou o carrinho até mais adiante para colocá-lo na posição correta, aproveitando o

momento de caos para se preparar para a descida. Ninguém prestou a menor atenção ao

cuidado com que alinhou o carrinho de supermercado aos canos enterrados pela metade.

O que Ig havia descoberto enquanto guiava o carrinho por curtas distâncias na base do morro

era que os dois canos enferrujados que saíam da terra ficavam a uma distância de mais ou menos

30 centímetros um do outro e que as pequenas rodas do carrinho se encaixavam perfeitamente

entre eles. Havia um espaço de alguns milímetros para cada lado e, quando uma das rodas da

frente tremia e tentava tirar o carro da trilha, batia em um dos canos e voltava. Era bem possível

que durante a descida por aquela pista íngreme o carrinho batesse numa pedra e perdesse o

rumo. Não daria, entretanto, uma guinada para fora do percurso. Não tinha *como* sair do

percurso. Continuaria dentro da trilha formada pelos canos, como um trem em seus trilhos.

Ele ainda estava com as roupas debaixo do braço e se virou para entregá-las a Terry.

– Não vai sumir com elas. Isso vai acabar rápido.

– Se você diz… – zombou Eric, produzindo uma nova onda de risadas, mas sem obter todo o

efeito que o comentário talvez merecesse.

Agora que era chegado o momento e Ig já segurava a barra do carrinho, preparando-se para

se jogar no espaço, alguns garotos mais velhos, aparentemente mais ajuizados, sorriam de um

jeito estranho: em seus olhos havia uma noção de perigo, como se tomassem consciência de que

alguém talvez devesse botar um ponto final naquilo antes que Ig se machucasse gravemente. Ig

pensou que, se ele não descesse – *agora* –, um deles poderia levantar uma objeção sensata.

– Até mais – disse Ig e, antes que alguém tentasse impedi-lo, empurrou o carrinho para a

frente, pulando rapidamente em sua traseira.

Era um estudo de perspectiva, os dois canos descendo pelo morro, estreitando-se

continuamente para o ponto de fuga, a bala e o cano da espingarda. Quase imediatamente após

ter subido no carrinho, ele se viu mergulhando numa euforia quase silenciosa, os únicos sons

eram os guinchos das rodas e o matraquear dos solavancos da estrutura de aço. Lá embaixo,

correndo em sua direção, viu o rio Knowles e sua superfície escura, cintilando à luz do sol. As

rodas faziam barulho à direita e depois à esquerda, batendo contra os canos e voltando a seu

curso, exatamente como Ig previra.

Em apenas um instante o carrinho estava indo tão rápido que ele não podia fazer mais nada,

só se segurar. Não havia nenhuma possibilidade de parar ou descer. Ele não tinha imaginado

quão rápido iria acelerar. O vento cortava sua pele nua, tão penetrante que queimava enquanto

ele descia, um Ícaro em chamas. O carro atingiu alguma coisa, uma pedra quadrada, e o lado

esquerdo saiu do chão, e era isso: iria capotar, não importava a que velocidade espetacular e fatal

estivesse correndo, e seu corpo nu seria lançado por cima das barras e a terra esfolaria sua pele, o

deixando em carne viva, e seus ossos seriam despedaçados, como os do peru, numa explosão

repentina. Até que a roda esquerda da frente arranhou a curva superior do cano e voltou para os

trilhos. O som das rodas, girando cada vez mais rápido, alcançou o tom de um assovio louco e

desafinado, um silvo lunático.

Quando ele olhou para a frente, viu o fim da trilha, os canos se estreitando rumo ao ponto de

fuga, só um pouquinho antes da rampa de terra que o lançaria para dentro d’água. As garotas

estavam na beira do rio, perto de seus caiaques. Uma apontava para ele. Ig se imaginou voando

por cima delas.

O carrinho desceu assoviando entre os canos e se projetou para a frente, como um foguete

deixando a plataforma de lançamento. Bateu de lado na encosta imunda, e Ig foi lançado no ar,

os céus se abrindo para ele. A luz do sol pegou Ig como se fosse uma bola lançada suavemente

para a luva, acolhendo-o gentilmente por um momento – então o carro virou de cabeça para

baixo e a estrutura de aço acertou seu rosto e os céus o deixaram cair, afundando na escuridão.

CAPÍTULO 13

I**g tinha uma memória fragmentária** do tempo que esteve debaixo d’água, porém mais tarde

passou a considerá-la falsa, pois como poderia se lembrar do que quer que fosse se estava

inconsciente?

Lembrava-se de tudo escuro, um barulho muito forte e da sensação de estar girando. Ele fora

arremessado numa tempestuosa torrente de emoções, ejetado da terra, arrancado de qualquer

noção de ordem e lançado no caos. Ficara horrorizado, apavorado com a

possibilidade de ser

isso o que nos esperava após a morte. Sentiu como se tivesse sido varrido para fora, não apenas

da própria vida, mas também de Deus, da ideia de Deus, da esperança, da razão, da própria

noção de que tudo fazia sentido, do conceito de causa e efeito – e achou que não podia ser

assim, a morte não podia ser assim, nem mesmo para os pecadores.

Lutou naquela furiosa corrente de barulho e de vazio. A escuridão parecia se despedaçar e se

descascar, revelando um pedaço lamacento de céu, e depois se fechava novamente sobre Ig.

Quando sentiu que estava fraquejando e afundando, teve a sensação de ser agarrado e puxado

das profundezas. De repente, havia algo mais firme embaixo dele. Parecia lama. No instante

seguinte ouviu um grito longínquo e foi golpeado nas costas.

A força do impacto o surpreendeu, arrancando a escuridão de dentro dele. Seus olhos se

abriram de súbito e ele encarou um brilho lancinante. Teve ânsias de vômito. O rio saiu de

dentro de sua boca, de suas narinas. Estava deitado de lado na lama, a orelha colada ao chão, de

modo que conseguia ouvir o que poderiam ser passos se aproximando ou as batidas de seu

coração. Ele estava abaixo da trilha Evel Knievel, mas naquele primeiro

momento de consciência

não soube dizer a que distância. Um pedaço de mangueira de incêndio, preto e podre,

escorregava pelo solo instável, a alguns centímetros do seu nariz. Só depois que ela já havia ido

embora Ig percebeu que era uma cobra, passando por ele na direção do rio.

As folhas acima dele começaram a entrar em foco, esvoaçando suavemente contra o fundo

azul do céu claro. Alguém estava ajoelhado ao seu lado, com a mão em seu ombro. Garotos

apareciam de todos os lados, tropeçando pelo mato e parando bruscamente ao vê-lo.

Ig não conseguia ver quem estava ajoelhado ao seu lado, mas tinha certeza de que era Terry. O

irmão o tirara da água e fizera com que voltasse a respirar. Ig rolou, deitando-se de costas para

ver o rosto de Terry. Um garoto pálido, magro, com um capacete de cabelo louro o encarava,

sem expressão. Distraidamente, Lee alisava a gravata contra o peito. Sua bermuda cáqui estava

totalmente encharcada. Ig não precisou perguntar por quê. Naquele momento, olhando para o

rosto de Lee, decidiu que também ia começar a usar gravata.

Terry apareceu no meio dos arbustos, viu Iggy e estacou. Eric, que vinha logo atrás, trombou

nele com tanta força que quase o jogou no chão. A essa altura, uns 20 garotos já

tinham se

juntado ali em volta.

Ig se sentou, encolhendo os joelhos contra o peito. Olhou novamente para Lee e abriu a boca

para falar, mas quando tentou sentiu uma chicotada de dor no nariz, como se o tivesse quebrado

outra vez. Ele se inclinou e cuspiu, deixando uma mancha vermelha na lama.

– Desculpe – disse. – Sinto muito pelo sangue.

– Pensei que você tinha morrido. Parecia meio morto. Não estava respirando. – Lee estava

tremendo.

– Bem, agora estou respirando. Obrigado.

– O que ele fez? – perguntou Terry.

– Ele me tirou da água – respondeu Ig, apontando para a bermuda encharcada de Lee. – E me

fez voltar a respirar.

– Você mergulhou pra salvar ele? – insistiu Terry.

– Não – disse Lee, piscando, o que o fazia parecer extremamente confuso, como se Terry

tivesse perguntado algo muito mais difícil, como qual era a capital da Islândia, ou a flor que

representava aquele país. – Quando vi, ele já estava no raso. Não mergulhei pra ajudar nem

nada. Ele já estava…

– Ele me salvou – interrompeu Ig, mais alto que o outro. Não ia aceitar aquela humildade

balbuciante de Lee. Lembrava-se muito bem de ter sentido alguém na água com ele, movendo-se

junto dele. – Eu não conseguia respirar.

– E você fez respiração boca a boca? – perguntou Eric, claramente incrédulo. Lee balançou a

cabeça, ainda confuso.

– Não. Não foi nada disso. Tudo o que fiz foi bater nas costas dele quando ele estava…

quando ele estava… – E deixou a frase no ar, sem saber como terminá-la.

– Foi isso que me fez tossir – continuou Ig. – Engoli metade do rio. Meu peito estava cheio de

água, e ele tirou a água de dentro de mim.

Enquanto falava, seus dentes rangiam. A dor em seu nariz produzia uma série de pontadas,

como se fossem choques. Pareciam até ter cor: quando fechava os olhos, via clarões amarelo-

néon.

Os garotos amontoados em volta de Ig e de Lee olhavam para eles em silêncio, todos com cara

de idiota. Aquilo que tinham acabado de testemunhar era algo que só acontecia em suas

fantasias ou nos programas de TV. Alguém estivera prestes a morrer e outra pessoa o tinha

salvado e, de agora em diante, vítima e salvador eram especiais, estrelas de seu

próprio filme,

tornando todos os outros meros figurantes ou, na melhor das hipóteses, coadjuvantes. Ter

salvado uma vida fazia com que você *se tornasse* alguém. Você não seria mais um zé-ninguém,

seria o zé-ninguém que tirou Ig Perrish nu de dentro do rio Knowles no dia em que ele quase se

afogou. Seria essa pessoa para o resto da vida.

Ig, por sua vez, ao olhar para o rosto de Lee, sentiu o primeiro botão da flor da obsessão se

abrindo dentro de si. Havia sido salvo. Estivera à beira da morte e esse menino de cabelo claro e

olhos azuis questionadores o trouxera de volta. Nas igrejas evangélicas as pessoas são levadas ao

rio, submersas e trazidas à tona, para uma nova vida. Ig sentia que Lee também o tinha salvado

nesse sentido. Queria comprar alguma coisa para ele, lhe dar um presente, descobrir qual era sua

banda de rock favorita e fazer dela sua própria banda de rock favorita também. Queria fazer o

dever de casa de Lee.

Começou uma movimentação barulhenta no mato, como se alguém estivesse dirigindo um

carrinho de golfe até onde os meninos estavam. Então aquela garota, Glenna, apareceu do meio

deles, sem fôlego, o rosto todo manchado. Inclinando o tronco, apoiou as mãos

nas coxas

redondas e arfou:

– Meu Deus, olha a cara dele. – Desviando o olhar para Lee, perguntou com a testa franzida:

– Lee? O que você está fazendo?

– Ele tirou Ig de dentro d’água – respondeu Terry.

– Ele me fez respirar – disse Ig.

– *Lee?* – exclamou ela, com uma careta de absoluta incredulidade.

– Não fiz nada – disse Lee balançando a cabeça e Ig não teve como não adorá-lo.

A dor no nariz de Ig, que antes se concentrava entre seus olhos, havia aumentado,

espalhando-se por toda a testa e penetrando mais profundamente no cérebro. Estava começando

a ver os clarões amarelo-néon até de olhos abertos. Terry agachou-se ao lado dele, botando uma

das mãos em seu braço.

– É melhor você se vestir e a gente voltar pra casa – disse Terry, parecendo um tanto

constrangido, como se ele e não Ig fosse culpado por aquela irresponsabilidade estúpida. – Acho

que seu nariz está quebrado. – Então olhou para Lee e acenou com a cabeça, agradecido. –

Parece que só falei um monte de merda lá no alto do morro. Desculpe o que eu disse há dois

minutos. E obrigado por ter salvado meu irmão.

– Deixa pra lá. Não vale a pena ficar exagerando isso.

Ig quase tremeu por causa da frieza que ele demonstrava, sua falta de vontade de se vangloriar

diante da admiração dos outros.

– Você vem com a gente? – convidou Ig, rangendo os dentes de tanta dor. Ele olhou para

Glenna. – Vocês dois? Quero contar pros meus pais o que Lee fez.

– Ei, Ig – interveio Terry. – Não vamos falar nada sobre isso. A gente não quer que a mamãe e

o papai fiquem sabendo que isso aconteceu. Você caiu da árvore, o.k.? Tinha um galho

escorregadio e você caiu de cara. Assim é mais fácil.

– Terry, nós *temos* que contar. Eu teria morrido afogado se ele não tivesse me puxado.

Terry já abria a boca para discutir, mas Lee nem deixou que ele começasse.

– Não – disse num tom quase áspero e fitando Glenna com os olhos arregalados. Ela o

encarou da mesma forma e agarrou sua jaqueta de couro preta de um jeito estranho. Então ele se

levantou. – Eu nem deveria estar aqui. E, de qualquer forma, não fiz nada mesmo…

Ele cruzou a pequena clareira, agarrando a mão rechonchuda de Glenna e a rebocando

através das árvores. Na outra mão, carregava sua prancha de *mountainboard* novinha em folha.

– Espera aí – chamou Ig, levantando-se. Quando ficou de pé, uma luz néon

explodiu atrás

dos seus olhos, trazendo a sensação de que seu nariz estava entupido com cacos de vidro.

– Tenho que ir. Nós dois temos que ir.

– Tudo bem. Então outra hora você aparece lá em casa?

– É, outra hora.

– Você sabe onde é? Na estrada, perto do…

– Todo mundo sabe onde é – disse Lee e depois foi embora, saltitando por entre as árvores

como um bode, puxando Glenna atrás dele. Ela lançou um último olhar aflito para os garotos

antes de se deixar arrastar.

A dor no nariz de Ig agora era mais intensa e vinha em ondas regulares. Levou as mãos em

concha até o rosto por um instante e, quando as retirou, estavam pintadas de púrpura.

– Vamos, Ig – disse Terry. – É melhor a gente ir. Você tem que ir ao médico pra ver esse nariz.

– Você e eu, juntos – pediu Ig.

Terry riu e puxou a camisa de Ig do bolo de roupa que segurava. Ig levou um susto. Até

aquele momento não tinha se lembrado de que estava nu. Terry enfiou a camisa pela cabeça do

irmão, vestindo-o como se ele tivesse 5, e não 15 anos.

– Provavelmente também vou precisar de um cirurgião pra tirar o chinelo da

mamãe da

minha bunda. Ela vai me matar depois que te vir assim – disse Terry. Quando a cabeça de Ig

saiu pela gola da camisa, encontrou o irmão olhando para ele com uma ansiedade óbvia. – Você

não vai contar, vai? Fala sério, Ig. Ela vai me matar se souber que deixei você descer o morro

naquela merda de carrinho. Às vezes é melhor não contar nada.

– Ah, eu minto muito mal. A mamãe sempre descobre. Ela vai saber no instante em que eu

abrir a boca.

Terence parecia aliviado.

– Quem disse que você vai abrir a boca? Você está morrendo de dor. Vai só ficar chorando.

Deixa a enrolação por minha conta. É o que eu sei fazer melhor.

CAPÍTULO 14

L**ee Tourneau estava novamente** encharcado e tremendo na segunda vez que Ig o viu, dois

dias depois. Usava a mesma gravata, a mesma bermuda e tinha a prancha de *mountainboard*

debaixo do braço. Era como se ele ainda não tivesse se secado, como se tivesse acabado de sair do

rio Knowles.

Havia começado a chover e Lee fora pego desprevenido. Seu cabelo quase branco estava

ensopado, e ele fungava, o nariz entupido. Tinha uma mochila de lona nos ombros, o que lhe

dava um ar de vendedor de jornais numa velha tirinha do *Dick Tracy*.

Ig estava sozinho em casa, o que era raro. Seus pais estavam em Boston para um coquetel na

casa de John Williams. Era o último ano de Williams como maestro da orquestra Boston Pops, e

Derrick iria tocar com eles no concerto de despedida. Tinham deixado Terry encarregado da

casa. Terry tinha passado a maior parte da manhã de pijama, assistindo à MTV e conversando

ao telefone com amigos igualmente entediados. A princípio seu tom era preguiçosamente

amistoso, depois alerta e curioso e, finalmente, curto e grosso, o tom monótono que usava para

expressar o mais absoluto desprezo. Ao passar pela sala de estar, Ig o viu andando de um lado

para outro, sinal indiscutível de que estava agitado. Terry finalmente bateu o telefone no gancho

e disparou escada acima. Quando desceu, havia trocado de roupa e balançava as chaves do

Jaguar do pai na mão. Torcendo o lábio superior, disse que ia à casa de Eric. Sua cara era a de

alguém que tinha um trabalho sujo a fazer, alguém que tivesse chegado em casa e encontrado as

latas de lixo reviradas, a sujeira espalhada pelo jardim.

– Você não precisa de alguém com carteira para ir com você? – perguntou Ig. Terry tinha

apenas a permissão para aprender a dirigir.

– Só se alguém me mandar parar – disse Terry.

Quando o irmão saiu, Ig fechou a porta atrás dele. Cinco minutos depois, a abria novamente,

pois alguém estava batendo. Achou que fosse Terry voltando para buscar algo que tinha

esquecido, mas era Lee.

– Como vai o nariz? – perguntou.

Ig tocou o esparadrapo que cobria seu nariz e, baixando a mão, respondeu:

– Eu já não era muito bonito mesmo. Quer entrar?

Lee deu um passo para dentro da casa e depois ficou parado, uma poça se formando debaixo

de seus pés.

– Parece que foi *você* que se afogou – disse Ig.

Lee não riu. Era como se não soubesse fazê-lo. Como se tivesse colocado aquele rosto pela

primeira vez naquela manhã e ainda não soubesse como funcionava.

– Bela gravata – disse Lee.

Ig olhou para baixo, tinha esquecido que a estava usando. Na manhã de terça-feira, Terry

revirara os olhos ao ver Ig descendo as escadas com uma gravata azul amarrada no pescoço.

– O que é isso? – perguntou Terry, de gozação.

O pai deles estava na cozinha, olhou para Ig e disse:

– Classe. Você deveria usar um pouco de vez em quando, Terry…

Depois disso, Ig passou a usar gravata todos os dias, mas ninguém nunca mais tocou no

assunto.

– O que você está vendendo? – perguntou Ig a Lee, inclinando a cabeça para a mochila.

– Custa seis paus – respondeu o outro, abrindo a tampa da mochila e pegando três revistas

diferentes. – Pode escolher.

A capa da primeira, *A Verdade!* , mostrava um casal de noivos ajoelhados diante do altar de

uma igreja grande. Suas mãos estavam unidas numa prece, os rostos voltados para a luz que

entrava, oblíqua, pelos vitrais. Sua expressão sugeria que tinham acabado de inalar gás hilariante

– ambos tinham o mesmo olhar de felicidade maníaca. Um alienígena de pele cinza estava de pé

atrás dos noivos, alto e nu, com uma de suas mãos de três dedos na cabeça de cada um deles –

parecia a ponto de esmagar seus crânios para matá-los, para grande felicidade deles. A manchete

dizia “Casados por alienígenas!”. As outras revistas eram *Reformas nos Impostos, Já* e *Milícia*

Americana Moderna.

– As três por 15 – disse Lee. – São para angariar fundos para o Banco de Alimentos dos

Cristãos Patriotas. *A Verdade!* é muito boa. Sobre ficção científica e grandes celebridades. Há

uma história da visita de Steven Spielberg à verdadeira Área 51. E tem uma outra sobre os caras

do Kiss. Eles estavam num avião que foi atingido por um raio e os motores entraram em pane.

Estavam todos rezando para que Deus os salvasse, então Paul Stanley viu Jesus na asa do avião e

um minuto depois os motores voltaram a funcionar e o piloto pôde arremeter.

– Os caras do Kiss são judeus – disse Ig.

Lee não se mostrou abalado com aquela informação.

– É. Acho que a maioria das coisas que eles publicam é besteira. Mas ainda assim era uma boa

história.

Ig teve a impressão de que aquela era uma observação muito sofisticada.

– Você disse que as três custam 15?

Lee fez que sim com a cabeça.

– Se você vende bastante, pode ganhar prêmios. Foi assim que consegui aquela *mountainboard*

que não tive coragem de usar.

Ig estava impressionado com o jeito tranquilo com que Lee admitiu ser um covarde. Ouvir

aquilo dele mesmo foi pior do que ouvir da boca de Terry, no alto do morro.

– Seu irmão me sacou direitinho – disse Lee, imperturbável. – Achei que fosse impressionar

Glenna e os colegas dela mostrando a prancha de *mountainboard*, mas, quando estava lá no alto

do morro, não consegui me arriscar. Só espero que, se eu cruzar com seu irmão de novo, ele não

use isso contra mim.

Ig sentiu um rápido porém intenso clarão de ódio pelo irmão mais velho.

– Até parece que ele pode falar alguma coisa. Estava se cagando de medo de que eu contasse

pra mamãe o que aconteceu comigo de verdade. Uma coisa sobre meu irmão é que, qualquer

que seja a situação, ele primeiro vai pensar em como tirar o dele da reta e só depois vai pensar

nos outros. Entra. Meu dinheiro está lá em cima.

– Você vai ficar com uma?

– Com as três.

Lee espremeu os olhos para ele.

– *Milícia Americana Moderna* eu até posso entender, porque é um monte de coisas sobre

armas e como diferenciar um satélite espião de um satélite normal. Mas tem certeza de que quer

Reformas nos Impostos, Já?

– Por que não? Um dia também vou ter que pagar impostos.

– A maioria das pessoas que leem essa revista tenta não pagar.

Lee seguiu Ig até o quarto, mas parou no corredor, olhando cuidadosamente lá para dentro.

Ig nunca tinha imaginado aquele quarto como sendo particularmente interessante – era o menor

do andar de cima –, mas agora se perguntava se para Lee pareceria o quarto de um garoto rico e

se isso pesaria contra ele. Ig correu ele mesmo os olhos pelo cômodo, tentando imaginar como

Lee o via. A primeira coisa que notou foi a vista para a piscina, a chuva ondulando sua

superfície azul cintilante. Depois havia o pôster autografado de Mark Knopfler na parede. Seu

pai tocara trompete no último álbum do Dire Straits.

O trompete de Ig estava na cama, dentro do estojo aberto, junto com outros tesouros: um

maço de notas, entradas para um show de George Harrison, uma foto de sua mãe em Capri e o

crucifixo da menina de cabelos vermelhos pendurado em sua correntinha arrebentada. Ig se

esforçara para consertá-la com um canivete suíço, mas não tinha conseguido. Por fim, o deixou

de lado e se dedicou a uma tarefa totalmente diferente, mas também relacionada a ela. Ig pegou

emprestado com seu irmão o volume da *Encyclopaedia Britannica* relativo à letra M e procurou o

verbete do código Morse. Lembrava-se com exatidão da sequência de flashes curtos e longos que

a garota de cabelos vermelhos havia piscado para ele, mas, ao fazer a decodificação, seu primeiro

pensamento foi de que tinha se enganado. Era uma mensagem bem simples, uma única

palavrinha, mas tão chocante que fez um formigamento sensual correr pela espinha de Ig até o

topo da cabeça. Ele começara a elaborar uma resposta adequada, rabiscando bem de leve com o

lápis algumas séries de pontos e traços na contracapa de sua Bíblia Neil Diamond, tentando

respostas diferentes. Porque, é claro, não queria simplesmente falar com ela. Ela tinha feito

contato por meio de flashes, e ele se sentia obrigado a responder do mesmo jeito.

Lee observou tudo aquilo, seu olhar movendo-se rapidamente de um lado para outro até

finalmente pousar em quatro porta-CDs em forma de torres cromadas na parede.

– É um bocado de música.

– Entra aí.

Lee arrastou-se para dentro, curvado para a frente por causa do peso da mochila encharcada.

– Pode sentar – disse Ig.

Lee sentou-se na beirada da cama de Ig, molhando a colcha. Virou a cabeça para olhar as

torres de CDs.

– Nunca vi tanta música junta. A não ser numa loja de discos.

– O que você gosta de ouvir? – perguntou Ig.

Lee deu de ombros.

Era uma resposta inexplicável. Todo mundo gosta de ouvir alguma coisa.

– Que discos você tem? – perguntou Ig.

– Não tenho.

– Nada?

– Acho que nunca me interessei, só isso – disse Lee calmamente. – CDs custam caro, não

custam?

Aquilo deixou Ig perplexo, a ideia de que alguém pudesse não se interessar por música. Era

como não se interessar pela felicidade. Então percebeu o que Lee tinha dito em seguida – *CDs*

custam caro, não custam? – e pela primeira vez lhe ocorreu que ele talvez não tivesse dinheiro

para gastar com música nem com qualquer outra coisa. Então se lembrou da prancha de

mountainboard novinha em folha – mas aquilo tinha sido um prêmio por seu trabalho de

caridade, ele tinha acabado de dizer. Havia as gravatas e suas camisas de botão – mas

provavelmente a mãe o obrigava a usá-las quando saía para vender revistas, esperando que

parecesse limpo e responsável. Garotos pobres costumam se vestir bem. Os riquinhos é que

andam todos desarrumados, com um visual cuidadosamente montado: jeans de marca que

custam 80 dólares, industrialmente desbotados e esfarrapados, e camisetas surradas tiradas

diretamente das araras de uma loja de artigos esportivos para a elite americana. E havia a

associação de Lee com Glenna e os amigos dela, uma turma que parecia morar em trailers.

Adolescentes que frequentam o Country Club não ficam de bobeira na fundição, cozinhando

cocô numa tarde de verão.

Lee levantou a sobrancelha – definitivamente tinha um ar de Dr. Spock – parecendo perceber

a surpresa de Ig.

– O que você costuma ouvir? – perguntou.

– Um monte de coisas. Ultimamente tenho ouvido muito Beatles. – Por "ultimamente" Ig

queria dizer os últimos sete anos. – Você gosta deles?

– Na verdade não conheço. Como é a música deles?

A ideia de que alguém no mundo pudesse não conhecer os Beatles deixou Ig meio tonto.

– Você sabe… são *os Beatles*, John Lennon e Paul McCartney.

– Ah, eles – disse Lee, mas de um jeito que Ig pôde perceber que ele estava sem graça e apenas

fingindo conhecer. Mas sem fazer muita questão de ser convincente.

Ig não falou nada. Foi direto até os porta-CDs e estudou sua coleção dos Beatles, tentando

decidir por onde Lee devia começar. Primeiro pensou em *Sgt. Pepper's* e o pegou. Mas depois

ficou se perguntando se Lee iria gostar ou se acharia todos aqueles metais, acordeões e cítaras

muito confusos e talvez perdesse o interesse diante daquela mistura maluca de estilos,

improvisações de rock que se transformavam em cantoria de pubs ingleses e acabavam em jazz

melódicos. Ele provavelmente iria preferir algo mais fácil de digerir, uma coleção de músicas

claras, daquelas que pegam, alguma coisa que pudesse reconhecer como rock'n'roll. O Á *lbum*

branco, então. Só que começar com o Á *lbum branco* seria como entrar no cinema para assistir aos

últimos 20 minutos do filme: você tem muita ação, mas não sabe quem são os personagens, nem

entende por que deveria se importar com isso. Na verdade, os Beatles eram uma história. Ouvi-

los era como ler um livro. É preciso começar com *Please Please Me*. Ig pegou toda a coleção e

botou em cima da cama.

– É muita coisa para ouvir. Quando você quer que eu devolva?

Ig não sabia que estava dando seus CDs até Lee fazer aquela pergunta. Lee o tirara daquela

escuridão profunda e trouxera o ar de volta para seu peito sem receber nada em troca. Cem

dólares em CDs não eram nada. Nada.

– Pode ficar com eles – disse Ig.

Lee olhou para ele meio confuso.

– Pelas revistas? Você tem que pagar por elas em dinheiro.

– Não. Não é pelas revistas.

– Então o quê?

– Por não ter deixado eu me afogar.

Lee deu uma olhada na pilha de CDs e botou a mão em cima dela, testando.

– Obrigado – disse. – Não sei o que dizer. A não ser que você é doido. E que não precisa.

Ig abriu a boca, depois fechou, subitamente tomado pela emoção, gostando tanto de Lee que

não era capaz de pensar numa resposta. Lee voltou a olhar para ele de forma curiosa e confusa,

mas rapidamente desviou os olhos.

– Você toca como o seu pai?

– Meu irmão toca. Eu sei também, mas não toco.

– Por que não?

– Não consigo respirar.

Lee franziu o cenho.

– Quer dizer, tenho asma. Fico sem ar quando tento tocar.

– Então acho que você nunca vai ser famoso. – Seu tom não era de crueldade, foi só uma

observação.

– Meu pai não é famoso. Ele toca jazz. Ninguém fica famoso tocando jazz. – *Não mais*,

acrescentou em silêncio.

– Nunca ouvi nenhum disco do seu pai. Não sei quase nada sobre jazz. É tipo aquela música

de fundo que fica tocando nos filmes sobre os gângsteres de antigamente?

– Mais ou menos isso.

– Aposto que eu ia gostar. Música para cenas de gângsteres com aquelas moças de vestidos

curtos. Melindrosas.

– Exatamente.

– Então os matadores entram com suas metralhadoras – continuou Lee. Era a primeira vez,

desde que Ig o conhecera, que parecia animado. – Todos eles com chapéus fedora. E detonam o

lugar. Estouram um punhado de taças de champanhe, ricaços e velhos mafiosos. – Enquanto

falava, simulava estar segurando uma metralhadora. – Acho que eu ia gostar desse tipo de

música. Música para matar.

– Também tenho umas coisas desse tipo. Espera aí. – Ig pegou um disco de Glenn Miller e

outro de Louis Armstrong. Botou-os junto com os dos Beatles. O Armstrong ficava logo abaixo

do AC/DC nos porta-CDS, então Ig perguntou: – Você gosta de *Back in Black*?

– Isso é um disco?

Ig pegou *Back in Black* e botou na pilha de Lee, que ia crescendo.

– Tem uma música chamada “Shoot to Thrill”. É perfeita para tiroteios e quebra-quebras.

Mas Lee estava debruçado sobre o estojo do trompete, olhando para outros tesouros de Ig –

pegando o crucifixo da menina de cabelos ruivos preso à sua delicada corrente de ouro. Aquilo

deixou Ig chateado e ele teve o impulso de bater a tampa do estojo do trompete… nos dedos de

Lee, se ele demorasse muito para tirar a mão. Ig afastou aquela ideia tão rapidamente quanto se

fosse uma aranha nas costas da sua mão. Ficou desapontado consigo mesmo por sentir aquilo,

mesmo que só por um instante. Lee parecia uma criança desabrigada pela enchente – a água fria

ainda escorrendo pela ponta do nariz – e Ig pensou que devia ter ido à cozinha para fazer um

chocolate quente. Queria oferecer a Lee um prato de sopa e torradas com manteiga. Havia

muitas coisas que desejava que Lee tivesse. Menos o crucifixo.

Pacientemente, foi até o lado da cama e pegou o maço de notas dentro do estojo, girando o

ombro de modo que obrigou Lee a se levantar e tirar a mão do crucifixo. Ig separou uma nota de

5 dólares, e 10 de 1.

– Pelas revistas – disse.

Lee dobrou o dinheiro e o enfiou no bolso.

– Você gosta de fotos de xoxota?

– Xoxota?

– Boceta. – Lee não demonstrava nenhum embaraço ao falar, como se o assunto ainda fosse

música.

Parecia que Ig tinha perdido o fio da meada.

– Claro. Quem não gosta?

– Meu distribuidor tem todos os tipos de revistas. Já vi coisas bem estranhas no depósito.

Coisas que deixariam você louco. Tem uma revista só de mulheres grávidas.

– *Argh!* – gritou Ig, forçando uma cara de nojo, de brincadeira.

– Vivemos em tempos muito estranhos – disse Lee, sem qualquer vestígio de reprovação. –

Também tem uma de mulheres velhas. *Coroas infernais* é bem famosa. Umas peruas de mais de

60 anos se masturbando. Você tem alguma coisa de pornografia?

A resposta estava na cara.

– Vamos ver – disse Lee.

Ig pegou a caixa do Jogo da Vida, um dos muitos que tinha enfiados no fundo do armário.

– Da Vida, hein? – disse Lee. – Legal.

Ig não entendeu de primeira. Nunca tinha pensado nisso, só tinha guardado suas revistas de

mulher pelada ali porque ninguém mais brincava com o Jogo da Vida, e não porque o nome

fosse sugestivo.

Botou a caixa em cima da cama, abriu a tampa e retirou o tabuleiro e a bandeja de papelão

que organizava as peças e notas do jogo. Embaixo havia um catálogo da Victoria's Secret e a

Rolling Stone com a Demi Moore nua na capa.

– Isso aí é muito bem-comportado – disse Lee sem maldade. – Acho que nem tem necessidade

de esconder, Ig.

Tirando a *Rolling Stone* da caixa, Lee encontrou uma edição de *Os fabulosos X-men* embaixo

dela, com Jean Grey com um corselete de couro preto na capa. Ele sorriu em silêncio.

– Essa é boa. Porque a Fênix é tão boazinha, doce e preocupada com os outros, então, de

repente, *bum!* , aparece o couro preto. É essa a sua tara? Garotas adoráveis com o diabo por

dentro?

– Não tenho uma tara. Nem sei como isso foi parar aí.

– Todo mundo tem uma tara – disse Lee e é claro que tinha razão. Ig tinha pensado a mesma

coisa quando Lee disse que não sabia de que tipo de música gostava. – Mesmo assim, tocar

punheta olhando quadrinhos… é doentio. – Disse isso bem calmamente, com um certo respeito.

– Alguém já tocou pra você?

Por um momento o quarto pareceu se expandir em volta de Ig, como se fosse o interior de um

balão se enchendo de ar. Ocorreu-lhe que Lee estava prestes a se oferecer para tocar uma bronha

para ele e, se isso acontecesse – uma coisa nojenta e pervertida –, teria que dizer que não tinha

nada contra os gays, só que essa não era a sua praia.

– Você se lembra daquela garota que estava comigo na segunda-feira? – prosseguiu Lee. – Ela

já tocou pra mim. Deu um gritinho quando terminei. A coisa mais engraçada que já ouvi.

Queria ter gravado.

– Sério? – perguntou Ig, ao mesmo tempo aliviado e chocado. – Ela é sua namorada há muito

tempo?

– Nós não temos um relacionamento desse tipo. Não somos namorados. Ela só aparece lá em

casa de vez em quando para falar sobre os garotos, as pessoas que são cruéis com ela no colégio e

coisas assim. Ela sabe que a minha porta está sempre aberta. – Ig quase riu dessa última

afirmação, pois presumiu que fosse ironia, mas se controlou. Lee parecia estar sendo sincero. –

Todas as vezes que ela tocou punheta pra mim foram uma espécie de favor. Uma coisa boa,

também. Se não fosse por isso, provavelmente eu a teria matado a pauladas, do jeito que ela fala

sem parar.

Lee colocou *Os fabulosos X-men* na caixa, com cuidado, e Ig guardou todo o Jogo da Vida e o

enfiou novamente no armário. Quando voltou para a cama, Lee tinha tirado o crucifixo do

estojo do trompete e o segurava. Ao ver aquilo, o coração de Ig pareceu que ia saltar pela boca.

– É bonito – disse Lee. – É seu?

– Não.

– Não achei mesmo que fosse. Parece o tipo de coisa que uma menina usaria. Onde você

conseguiu?

A coisa mais fácil a fazer seria mentir, dizer que era da sua mãe. Mas mentir fazia a língua de

Ig ficar mole e, de qualquer forma, Lee tinha salvado sua vida.

– Na igreja – disse, sabendo que Lee entenderia todo o resto. Só não sabia por que lhe parecia

tão catastroficamente errado simplesmente dizer a verdade sobre uma coisa tão trivial. Nunca era

errado falar a verdade.

Lee tinha enrolado as duas extremidades do cordão no indicador, e o crucifixo estava

pendurado sobre sua mão.

– Está quebrado – comentou.

– Já encontrei assim.

– Era uma menina ruiva que estava usando? Mais ou menos da nossa idade?

– Ela o deixou lá. Eu ia consertá-lo pra ela.

– Com isso? – perguntou Lee, apontando para o canivete suíço que Ig estava usando para

dobrar e torcer os elos da correntinha de ouro. – Não dá pra consertar com isso. Pra uma coisa

assim você provavelmente vai precisar de alicates de ponta fina. Meu pai tem algumas

ferramentas de precisão. Aposto que eu conseguiria dar um jeito nisso em cinco minutos. Sou

bom em consertar coisas.

Lee finalmente olhou para Ig. Não precisava dizer diretamente o que queria para que Ig

entendesse. Sentiu-se enjoado só de pensar em dar o crucifixo para Lee e, inexplicavelmente,

sentiu sua garganta se apertar, do mesmo jeito que às vezes acontecia no início de um ataque de

asma. Mas a verdade é que só havia uma resposta que lhe permitiria continuar se considerando

uma pessoa decente e desapegada.

– Claro – disse Ig. – Por que você não fica com ele e vê se consegue dar um jeito?

– O.k. – disse Lee. – Vou consertar e devolver pra ela no próximo domingo.

– Você faria isso? – perguntou Ig, sentindo como se uma flecha de madeira estivesse enfiada

na boca de seu estômago e alguém começasse a girá-la, metodicamente enrolando suas

entranhas.

Lee acenou que sim com a cabeça e voltou os olhos para o crucifixo.

– Obrigado. Eu estava perguntando qual era a sua tara. Você sabe, de que tipo de

garota você

gosta. Ela é o *meu* tipo. Tem alguma coisa nela, você pode apostar de cara que ela nunca ficou

nua na frente de um cara, a não ser do pai. Sabia que eu vi quando quebrou? O cordão. Eu

estava sentado no banco bem atrás dela. Tentei ajudar. Ela é bonitinha, mas um pouco esnobe.

Acho que é justo dizer que a maioria das garotas bonitas é um pouco esnobe até perder a

virgindade. Porque, você sabe, é a coisa mais valiosa que elas têm na vida. É o que faz os rapazes

ficarem pensando nelas e correndo atrás delas que nem cachorrinhos, a ideia de ser o escolhido.

Mas, depois que alguém abre o caminho, elas podem relaxar e agir como garotas normais.

Enfim. Gostei muito de você me deixar ficar com o cordão. Isso vai me dar um ótimo pretexto

pra me aproximar dela.

– Tudo bem – disse Ig, sentindo que estava abrindo mão de algo muito mais importante que

um crucifixo num colar. Era justo. Lee merecia alguma coisa boa depois de ter salvado sua vida

sem levar nenhum crédito. Mas Ig se perguntava por que não *parecia* justo.

Então disse para Lee aparecer qualquer hora que não estivesse chovendo para nadar e ele disse

que sim. Ig se sentiu um pouco desconectado de sua própria voz, como se ela

estivesse saindo de

algum outro lugar – do rádio, talvez.

Lee estava a meio caminho da porta com a mochila nos ombros quando Ig viu que ele tinha

deixado os CDs.

– Leva as músicas – disse, satisfeito por Lee estar indo embora. Queria se deitar por alguns

instantes e descansar. Seu estômago doía.

Lee olhou para os CDs e disse:

– Não tenho nada onde ouvi-los.

Mais uma vez Ig ficou se perguntando quão pobre Lee seria – se ele morava num apartamento

ou num trailer, se acordava de madrugada ouvindo gritos e portas batendo, os guardas vindo

prender o vizinho bêbado que espancou a namorada de novo. Mais um motivo para não ficar

ressentido por ele levar o crucifixo. Ig detestava não conseguir ficar feliz por Lee, não sentir

prazer por estar dando aquelas coisas, mas não estava feliz, estava com ciúmes.

A vergonha o obrigou a se virar e esquadrinhar sua escrivaninha. Acabou pegando o discman

que tinha ganhado de Natal e um par de fones de ouvido.

– Valeu – disse Lee quando Ig lhe entregou o aparelho. – Você não tem que me dar todas

essas coisas. Não fiz nada. Eu só estava lá e… você sabe.

Ig ficou surpreso com a intensidade de sua própria reação, o coração mais leve, uma afeição

repentina por aquele garoto magrelo e pálido que parecia não saber sorrir. Lembrou-se do

momento em que foi salvo. E de que todos os minutos de vida que tivesse dali em diante eram

um presente dado por Lee. A tensão em seu estômago aliviou e ele voltou a respirar

normalmente.

Lee enfiou o discman, os fones e os CDs dentro da mochila. De uma janela no segundo andar,

Ig observou Lee descer o morro em sua *mountainboard* sob a chuva fina, os pneus largos

levantando rastros d’água do asfalto reluzente.

Vinte minutos depois, Ig ouviu o Jaguar entrando com aquele som de que gostava tanto, de

aceleração silenciosa, saído diretamente de um filme de ação. Voltou para a janela no segundo

andar e olhou para o carro preto lá embaixo, esperando que as portas se abrissem e que Terry,

Eric e algumas garotas saíssem, num arroubo de risos e fumaça de cigarros. Mas Terry saiu

sozinho e ficou parado ao lado do Jaguar por um tempo, então foi até a porta andando devagar,

como se tivesse dado um jeito nas costas, como se fosse um homem muito mais velho que tivesse

dirigido por várias horas e não apenas vindo da casa de Eric.

Ig estava no meio da escada quando Terry entrou, a cabeleira preta despenteada e pingando.

Viu Ig olhando para ele e deu um sorriso cansado.

– E aí? – disse Terry. – Trouxe uma coisa pra você. – E arremessou a tal coisa, uma massa

escura e arredondada, do tamanho de uma pequena maçã.

Ig a agarrou com as duas mãos, então olhou para a silhueta branca de uma mulher nua

usando uma folha de bordo sobre a genitália. A bomba era mais pesada do que ele imaginara,

áspera e fria.

– Seu prêmio.

– Ah. Obrigado. Com tudo o que aconteceu, imaginei que Eric tinha se esquecido de pagar. –

Na verdade, Ig já havia aceitado que quebrara o nariz por nada, que Eric jamais pagaria a

aposta.

– É. Bem… Fiz com que ele se lembrasse.

– Está tudo bem?

– Agora que ele pagou, sim. – Terry fez uma pausa, com uma das mãos no corrimão da

escada e então disse: – Ele não queria cumprir o trato porque disse que você estava de tênis

quando desceu o morro, ou uma merda assim.

– Que babaquice. É a maior babaquice que já ouvi – disse Ig. Terry não respondeu, só ficou ali

esfregando o polegar no corrimão. – De qualquer maneira, vocês brigaram? É só uma bombinha.

– Não é, não. Você não viu o que essa coisa fez com o peru?

Para Ig aquela foi uma coisa engraçada de se dizer, meio sem sentido. Terry deu um sorriso

meio culpado e disse:

– Você não sabe o que Eric ia fazer com ela. Tem um garoto na escola de quem ele não gosta.

Eu o conheço da banda e ele é legal. Ben Townsend. Mas a mãe dele trabalha com seguros. É

telefonista ou algo assim. E por isso Eric tem ódio dele.

– Só porque a mãe dele trabalha com seguros?

– Você sabe que o pai do Eric não está muito bem, né? Tipo, não consegue levantar as coisas,

não pode trabalhar e tem problemas… bem, pra cagar. É muito triste mesmo. Eles deviam

receber aquela grana do seguro, mas ainda não receberam. Acho que nunca vão receber. Então

Eric quer acertar as contas com alguém e meio que cismou com o Ben.

– Só porque a mãe dele trabalha na tal companhia de seguros?

– Não! – gritou Terry. – Essa é a parte mais doida. Ela trabalha para uma companhia

completamente diferente.

– Mas isso não faz o menor sentido.

– Pois é, *não faz*. E nem perca seu tempo tentando entender, porque não vai conseguir. Eric ia

usar a bomba pra estourar uma coisa de Ben Townsend e me ligou pra saber se eu queria ir.

– O que ele ia explodir?

– O gato dele.

Ig sentiu como se ele mesmo estivesse explodindo, devastado por uma espécie de horror que

beirava a incredulidade.

– Não! Talvez tenha dito isso *da boca pra fora*, só pra sacanear você. Quer dizer, porra… um

gato?

– Ele até *tentou* fingir que estava só me sacaneando quando viu que fiquei puto. E ele só me

deu a bomba-cereja depois que ameacei contar pro pai dele toda essa merda que a gente andou

fazendo. Ele jogou a bomba na minha cabeça e disse pra cair fora. Sei que o pai do Eric já

perpetrou inúmeros atos de brutalidade policial na bunda dele.

– Mesmo sem conseguir cagar?

– Pode não conseguir cagar, mas sabe muito bem usar o cinto. Espero que Deus não permita

que Eric se torne policial. Ele e o pai são iguaizinhos. Você tem o direito de permanecer em

silêncio, com a bota deles na sua garganta.

– Você ia mesmo contar pro pai dele que…

– O quê? Não. Claro que não. Como é que eu poderia dedurar tudo o que Eric explodiu se

também estava envolvido? Essa é tipo a regra número um da chantagem. – Terry ficou calado

por um momento e depois prosseguiu: – Você acha que conhece uma pessoa. Mas na maioria

das vezes só conhece o que quer conhecer. – Fitou Ig com um olhar franco e disse: – Ele é um

merda. Eric. E eu sempre me senti um merda quando estava com ele. Você não toca na banda,

por isso não sabe como é, Ig. É difícil ser desejado pelas mulheres e temido pelos homens

quando seu maior talento é tocar “America the Beautiful” no trompete. Eu gostava do jeito

como as pessoas olhavam pra nós. Era isso que me interessava. Mas eu não saberia te dizer o que

interessava a ele. A não ser que ele gostava de que eu pagasse as coisas e que nós conhecemos

pessoas famosas.

Ig ficou girando a bomba na mão, sentindo que devia dizer alguma coisa, mas não sabia o

quê. Finalmente falou algo que lhe pareceu completamente inadequado:

– O que você acha que devo estourar?

– Não tenho a menor ideia. Só não me deixe de fora, o.k.? Espere algumas

semanas. Depois

que eu tirar a carteira, levo você de carro até Cape Cod com a turma toda. Podemos fazer uma

fogueira na praia e encontrar alguma coisa por lá mesmo.

– A última grande explosão do verão – disse Ig.

– Isso. O ideal seria que a gente deixasse um rastro de destruição que pudesse ser visto da

estratosfera. Mas pelo menos vamos tentar destruir alguma coisa bonita e preciosa, que nunca

possa ser substituída.

CAPÍTULO 15

D**urante todo o caminho até a igreja,** as palmas das mãos de Ig suavam e ele se sentia nojento

e estranho. Seu estômago também estava revirado. Sabia exatamente por que e era ridículo –

não sabia sequer o nome dela e nunca tinham trocado uma palavra que fosse.

A não ser a que ela tinha sinalizado para ele. Numa igreja cheia de gente, muitos da mesma

idade que eles, ela tinha olhado justo para ele e mandado uma mensagem com seu crucifixo de

ouro brilhante. Até agora ele não entendia como pôde deixá-la escapar, a entregando de bandeja

como se fosse um cartão de beisebol ou um CD. Dizia a si mesmo que Lee era um garoto pobre e

solitário, que precisava de alguém, que as coisas aconteciam como tinham de acontecer. Tentava

se sentir bem com o que tinha feito, mas, em vez disso, um muro negro de horror crescia dentro

dele. Não conseguia imaginar o que o tinha impelido a deixar Lee tirar dele o crucifixo. Lee o

levaria para a igreja hoje. Iria entregá-lo, ela agradeceria e eles iriam conversar depois da missa.

Em sua mente, eles já estavam saindo juntos; quando cruzasse com ele, a menina de cabelos

vermelhos olharia em sua direção, mas seu olhar passaria direto, sem nenhum sinal de

reconhecimento – o crucifixo consertado estaria brilhando em sua garganta.

Lee estava lá, no mesmo banco, usando o crucifixo dela no *próprio* pescoço. Foi a primeira

coisa que Ig percebeu e sua reação foi simples e bioquímica: como se tivesse tomado uma xícara

de café bem quente toda de uma vez. Seu estômago deu um nó e queimou. Seu sangue se agitou

furiosamente, como se reagisse à cafeína.

O banco na frente de Lee continuou vazio até os últimos momentos antes de a missa começar.

Então três senhoras robustas escorregaram para o lugar onde a menina havia se sentado na

semana anterior. Lee e Ig passaram a maior parte dos primeiros 20 minutos espichando as

cabeças, procurando, mas ela não estava lá. Seria impossível não ver seu cabelo, uma corda

trançada de arame de cobre. Finalmente Lee olhou para Ig, do outro lado do corredor, e deu de

ombros de um jeito cômico. Ig respondeu dando de ombros de um jeito exagerado, como se

fosse cúmplice na tentativa de Lee fazer contato com a Garota do Código Morse.

Acontece que Ig não era. Abaixou a cabeça na hora de rezar o pai-nosso, mas a oração que fez

não constava entre as oficiais. Ele queria o crucifixo de volta. Não se importava se isso era certo

ou não. Ele o queria como nunca quisera qualquer outra coisa, mais do que quisera respirar

quando estivera perdido na corrente fatal de águas escuras e emoções vibrantes. Não sabia o

nome dela, mas sabia que eram bons em se divertir juntos, em estar juntos. Os 10 minutos em

que ela ficou piscando a luz em seu rosto foram os melhores que já passara na igreja. Há coisas

das quais não se pode abrir mão, não importa quanto devesse a alguém.

Quando a missa acabou, Ig fi cou parado, a mão do pai sobre seu ombro, olhando as pessoas

saírem em fila. Sua família estava sempre entre os últimos a deixar qualquer lugar muito cheio:

igreja, cinema, estádio de beisebol. Lee passou e inclinou a cabeça para Ig, num tipo de aceno de

desdém que parecia dizer “à *s vezes você ganha, outras perde”* .

Assim que o corredor se esvaziou, Ig foi até o banco onde a garota havia se

sentado na semana

anterior e se abaixou para amarrar o sapato. Seu pai olhou para ele, mas Ig acenou com a cabeça

para avisar que podiam ir saindo que ele logo se juntaria a eles. Esperou até que sua família

saísse da nave para largar o sapato.

As três senhoras que haviam se sentado no banco da Garota do Código Morse ainda estavam

lá, apanhando suas bolsas e arrumando seus xales sobre os ombros. Agora, olhando diretamente

para elas, achou que já as tinha visto antes. Tinham saído com a mãe da menina no domingo

passado, batendo papo, e ele pensara que poderiam ser tias da garota. Uma delas não tinha até

ido embora no mesmo carro que a menina depois da missa? Não tinha certeza. Quis acreditar

que sim, mas achou que estava permitindo que pensamentos otimistas colorissem suas

lembranças.

– Com licença – disse Ig.

– Sim? – perguntou a senhora que estava mais perto dele, uma mulher grande, com o cabelo

pintado num tom castanho metalizado.

Ig apontou o dedo para o banco e balançou a cabeça.

– Havia uma menina aqui, no domingo passado. Ela deixou uma coisa sem querer e eu

gostaria de devolver para ela. Uma de cabelos ruivos…

A mulher não respondeu, mas continuou parada no mesmo lugar, apesar de o corredor estar

vazio o bastante para que ela saísse. Finalmente Ig percebeu que a senhora estava esperando que

ele fizesse contato visual. Quando o fez, ela o encarava com os olhos apertados, uma expressão

de que sabia, e ele sentiu seu pulso disparar.

– Merrin Williams – disse a mulher. – Seus pais só estavam na cidade no fim de semana

passado para tomar posse de sua nova casa. Eu é que fiz a venda e os trouxe à igreja. Eles agora

estão em Rhode Island, empacotando as coisas. Ela estará aqui no domingo que vem. Tenho

certeza de que em breve voltarei a vê-los. Se você quiser, posso entregar a Merrin o que ela

deixou aqui.

– Não – disse Ig. – Tudo bem.

– Ahã – disse a mulher. – Achei mesmo que você iria preferir entregar pessoalmente. Você está

com aquela cara.

– Que… que cara? – perguntou Ig.

– Eu até poderia dizer, mas estamos na igreja.

CAPÍTULO 16

N**a segunda vez que Lee foi à casa** de Ig, eles tomaram banho de piscina e

jogaram basquete

na parte rasa até que sua mãe apareceu com uma bandeja de sanduíches grelhados de

presunto e *brie*. Lydia não podia simplesmente fazer sanduíches de presunto com queijo

amarelo, como todas as outras mães – eles tinham que ter pedigree, tinham que expressar de

algum modo seu paladar apurado, sofisticado e cosmopolita. Ig e Lee se sentaram para comer

em espreguiçadeiras de jardim, com a água pingando debaixo dos assentos. Por alguma razão,

sempre que estavam juntos, pelo menos um dos dois estava pingando.

Lee foi educado com a mãe de Ig, mas, depois que ela saiu, levantou o pão torrado e olhou

para o queijo derretido, leitoso, que estava sobre o presunto.

– Alguém esporrou no meu sanduíche – disse.

Ig tinha mordido um pedaço e, ao rir, se engasgou, o que se transformou num acesso de tosse

seca, que fez seu peito doer. Lee automaticamente bateu nas suas costas, fazendo Ig se recuperar.

Aquilo estava se transformando num hábito, algo que fazia parte do relacionamento deles.

– Para a maioria das pessoas é só um lanche. Mas pra você é uma nova oportunidade de se

matar – disse Lee, os olhos espremidos por causa do sol. – Você é a pessoa com mais tendência

pra morrer que conheço.

– Sou mais duro de matar do que pareço. Igual a uma barata.

– Gostei do AC/DC – disse Lee. – Se fosse atirar em alguém, sem dúvida ia querer estar

ouvindo aquela música.

– E o que achou dos Beatles? Ficou com vontade de atirar em alguém enquanto ouvia?

Lee pensou seriamente por um momento e depois disse:

– Em mim mesmo.

Ig riu de novo. O segredo de Lee é que ele não fazia o menor esforço para ser engraçado, nem

mesmo parecia perceber que as coisas que dizia eram engraçadas. Tinha um comedimento, uma

aura de frieza imperturbável, que fez Ig pensar num agente secreto de cinema desarmando uma

bomba – ou programando uma. Outras vezes ficava totalmente apático – nunca ria, nem de suas

próprias piadas nem das de Ig –, era como um cientista alienígena enviado à Terra para estudar

as emoções humanas.

Ao mesmo tempo que ria, Ig estava aflito. Não gostar dos Beatles era quase tão ruim quanto

não saber quem eles eram.

Lee viu decepção em seu rosto e disse:

– Vou devolver os CDs. Você deveria ficar com eles.

– Não – disse Ig. – Fique com eles por mais um tempo. Talvez encontre alguma coisa de que

goste.

– Eu gostei de uma coisa – disse Lee, mas Ig sabia que ele estava mentindo. – Tinha aquela…

– e sua voz foi desaparecendo, deixando que Ig adivinhasse de que música, entre as mais de 60,

ele estava falando.

– “Happiness Is a Warm Gun”?

Lee apontou o indicador para ele, o dedão levantado, e atirou.

– E quanto ao jazz? Você gostou de alguma coisa? – perguntou Ig.

– Mais ou menos. Não sei. Não consegui ouvir o jazz direito.

– Como assim?

– Eu esquecia que estava tocando. É como a música que toca no supermercado.

Ig sentiu um calafrio.

– Então você vai ser um matador quando crescer? – perguntou.

– Por quê?

– Porque você só gosta de música para matar pessoas.

– Não. Só que tem que criar um clima. Não é esse o objetivo da música? É como um fundo

para o que você está fazendo.

Ele não ia discutir com Lee, mas tamanha ignorância o afligia. Tinha esperança de que, com o

passar dos anos em que seriam melhores amigos, Lee aprendesse a verdade sobre a música: que

era a terceira estrada da vida. Você se agarra a ela para fugir do tédio do arrastar das horas, para

sentir alguma coisa, para se inflamar com todas as emoções que não experimenta na correria

cotidiana de ir à escola, assistir à TV e colocar os pratos na lava-louça depois do jantar. Ig

supunha que, por ter crescido num trailer, Lee não conhecia um monte de coisas boas. Ia levar

alguns anos até ele se atualizar.

– Então o *que* você vai ser quando crescer? – perguntou Ig.

Lee enfiou o resto do sanduíche na boca e, de boca cheia, disse:

– Gostaria de ir pro Congresso.

– Sério? Pra fazer o quê?

– Queria criar uma lei que obrigasse todas as putas irresponsáveis que usam drogas a ser

esterilizadas, para que não pudessem ter filhos dos quais não vão cuidar – respondeu Lee, sem se

alterar.

Ig já tinha se perguntado por que ele nunca falava sobre a mãe.

A mão de Lee buscou o crucifixo que estava em seu pescoço, pousado imediatamente acima de

suas clavículas. Depois de um instante disse:

– Estive pensando nela. Nossa garota da igreja.

– Aposto que sim. – Ig tentou parecer engraçado, mas soou um pouco irritado e ríspido,

mesmo para seus próprios ouvidos.

Lee pareceu não notar. Seus olhos estavam distantes, desfocados.

– Aposto que ela não é daqui. Nunca tinha aparecido na igreja antes. Devia estar visitando a

família ou algo assim. Aposto que nunca mais vamos vê-la. – Fez uma pausa e depois continuou:

– Aquela que escapou – seu tom não era melodramático, mas com um senso de humor refinado.

A verdade ficou engasgada na garganta de Ig, como um pedaço de sanduíche que não descia.

Estava lá, esperando para ser dita – *ela vai estar de volta no próximo domingo* –, mas Ig não pôde

pronunciá-la. Também não podia mentir, não tinha coragem. Era o pior mentiroso que

conhecia.

O que ele conseguiu dizer foi:

– Você consertou a corrente.

Lee não olhou para baixo, mas pegou o crucifixo distraidamente com uma das mãos enquanto

olhava para a luz que dançava sobre a superfície da piscina.

– É. Fiquei usando, pro caso de esbarrar com ela por aí, enquanto vendia minhas revistas. –

Após uma pausa, continuou: – Sabe aquelas revistas de sacanagem que eu tinha falado? As que

meu distribuidor guarda no depósito? Tem uma que se chama *Cherries*, com todas essas garotas

que supostamente são virgens de 18 anos. São as minhas favoritas, garotas que se parecem com

nossas vizinhas. Garotas com quem se pode imaginar como seria ser o primeiro. É claro que as

garotas na *Cherries* não são virgens *de verdade*. Dá pra notar só de olhar pra elas. Costumam ter

uma tatuagem no quadril ou usam sombra de mais e têm nomes de strippers. Só se vestem como

meninas inocentes para as fotos. Na sessão seguinte vão se vestir como policiais sexies ou chefes

de torcida e tudo vai ser igualmente falso. Agora, a garota da igreja, aquela é de verdade. – Ele

pegou o crucifixo e o esfregou entre o dedão e o indicador. – O que me deixa obcecado é a ideia

de ver alguma coisa que seja real. Acho que as pessoas não sentem metade das coisas que fingem

sentir. Principalmente as garotas que têm um relacionamento, acho que elas tendem a vestir

certas atitudes, como roupas, só pra manter o cara interessado. Como a Glenna, que mantém

meu interesse por ela com uma punheta de vez em quando. Não é que ela adore tocar punheta.

É porque ela *não* adora ficar sozinha. Quando uma garota perde a virgindade, pode doer, mas é

real. Talvez seja a coisa mais real, mais íntima que se pode ver em outra pessoa.

Você imagina

como ela vai ser naquele momento, quando você finalmente ultrapassar todo o fingimento. É

nisso que penso quando imagino a garota da igreja.

Ig lamentou pela metade de sanduíche que tinha comido. O crucifixo em torno do pescoço de

Lee refletia a luz do sol e, quando Ig fechava os olhos, ainda podia vê-lo, numa série de

brilhantes imagens persistentes, sinalizando um aviso terrível. Sentiu uma dor de cabeça

chegando.

Quando abriu os olhos, disse:

– Então, se não der certo na política, você vai ganhar a vida matando as pessoas?

– Acho que sim.

– E como você vai fazer? Qual vai ser o seu modus operandi? – perguntou Ig, imaginando

como mataria o próprio Lee para conseguir o crucifixo de volta.

– De quem estamos falando? De uma vagabunda viciada em heroína que está devendo grana

ao traficante? Ou do presidente?

Ig deixou escapar um suspiro longo e profundo.

– Alguém que saiba toda a verdade sobre você. Uma testemunha-chave. Se ela sobrevive, você

vai pra cadeia.

– Eu tocaria fogo em seu carro e a deixaria queimar até morrer. Usaria uma bomba. Estou na

calçada do outro lado da rua, olhando enquanto a testemunha entra no carro. Quando ela dá a

partida, aperto o botão do meu controle remoto, assim o carro continua andando depois da

explosão, uma enorme ruína em chamas.

– Ei. Espera um minuto. Tenho uma coisa pra te mostrar.

Ignorou o olhar espantado de Lee, levantou e correu para dentro de casa. Voltou três minutos

depois, com a mão direita fechada. Lee observou, com a testa franzida, enquanto Ig voltava para

a espreguiçadeira.

– Olha só – disse Ig, abrindo a mão direita e mostrando a bomba-cereja.

Lee olhou para ela, seu rosto impassível como uma máscara de plástico, mas sua indiferença

não enganou Ig, que estava aprendendo a interpretá-lo. Apesar de sua reação, Lee se sentou ao

ver o que Ig estava segurando.

– Eric pagou a aposta – disse Ig. – Foi isso que ganhei por ter descido o morro no carrinho.

Você viu o peru, não viu?

– Choveu Ação de Graças durante uma hora.

– Não ia ser legal usar isto num carro? Vamos supor que você encontrasse a carcaça de um

carro em algum lugar. Aposto que daria pra mandar o capô pelos ares com uma destas. Terry

me disse que elas foram fabricadas antes dessa nova legislação de segurança infantil.

– Antes do quê?

– Das leis de proteção à criança. Os fogos de artifício fabricados hoje em dia são como peidos

na banheira. Essas não.

– E como são vendidas se são contra a lei?

– Só é proibido fabricar novas. Essas são de uma leva antiga.

– É isso que você vai fazer? Procurar um carro velho pra explodir?

– Não. Meu irmão quer que eu espere até o feriado do Dia do Trabalho. Ele vai me levar a

Cape Cod depois que tirar a carteira de habilitação.

– Não tenho nada a ver com isso, mas não entendo por que ele tenha direito a dar palpite.

– Não. Eu tenho que esperar. Eric não ia nem pagar a aposta, porque eu estava de tênis

quando desci o morro. Falou que eu não estava totalmente pelado. Mas Terry foi lá e disse que

isso era babaquice e Eric teve que engolir. Então devo essa a ele. E Terry quer esperar pra

podermos ir até Cape Cod.

Pela primeira vez em sua curta amizade, Lee pareceu irritado com alguma coisa. Fez uma

careta e ficou inquieto na espreguiçadeira, como se de repente sentisse alguma coisa incomodar

suas costas. Então disse:

– É meio estúpido elas serem chamadas de Cerejas de Eva. Deviam se chamar Maçãs de Eva.

– Por quê?

– Por causa da Bíblia.

– A Bíblia só fala do fruto da Árvore do Conhecimento. Nunca disse que era uma maçã. Podia

ser uma cereja.

– Não acredito nessa história.

– Nem eu – admitiu Ig. – Dinossauros.

– Você acredita em Jesus?

– Por que não? A quantidade de gente que escreveu sobre ele é igual à quantidade de gente

que escreveu sobre César. – Ele olhou de lado para Lee, que se parecia tanto com César que seu

perfil poderia estar estampado em um denário de prata, só faltava a coroa de louros.

– Você acredita que ele podia fazer milagres? – perguntou Lee.

– Talvez. Não sei. Se o resto for verdade, será que essa parte faz diferença?

– Uma vez eu fiz um milagre.

Ig achou que essa não era uma coisa tão terrivelmente fora do comum de se admitir. O pai de

Ig dizia que uma vez tinha visto um óvni no deserto de Nevada, quando estava bebendo com o

baterista do Cheap Trick. Em vez de perguntar que milagre Lee tinha realizado, Ig disse:

– Foi legal?

Lee concordou com a cabeça, seus olhos muito azuis estavam distantes, ligeiramente

desfocados.

– Consertei a Lua. Quando era pequeno. E desde então sou bom em consertar outras coisas. É

o que faço melhor.

– Como você consertou a Lua?

Lee apertou um dos olhos, levantou uma das mãos para o céu, segurou uma lua imaginária

entre o dedão e o indicador e a fez dar meia-volta, dando um pequeno estalo com a língua:

– Muito melhor.

Ig não queria falar sobre religião; queria falar sobre demolição.

– Vai ser bem milagroso quando eu acender o pavio desta coisa – disse, enquanto o olhar de

Lee voltava para a bomba em sua mão. – Vou mandar alguma coisa de volta pra Deus. Alguma

sugestão?

O jeito que Lee olhou para a bomba fez Ig pensar em um homem sentado num bar bebendo

alguma coisa forte e assistindo à moça no palco tirar a calcinha. Não fazia muito tempo que

eram amigos, mas um padrão já fora estabelecido – nesse momento Ig lhe ofereceria a bomba, da

mesma forma que tinha feito com seu dinheiro, seus CDs e o crucifixo de Merrin Williams. Mas

dessa vez ele não ofereceu e Lee não podia pedir. Ig disse a si mesmo que não tinha oferecido

porque da última vez deixara Lee sem graça, ao lhe dar os CDs. Mas a verdade era bem

diferente: Ig sentiu um impulso mesquinho de guardar algo para si, de ter seu próprio crucifixo.

Mais tarde, depois que Lee foi embora, Ig teve vergonha daquele impulso – um garoto rico com

uma piscina, exibindo seus tesouros para o filho de um lar desfeito que morava num trailer.

– Você poderia enfiar numa abóbora – sugeriu Lee.

– Muito parecido com o peru.

E então eles começaram: Lee dava sugestões e Ig as descartava uma a uma.

Discutiram se valia a pena jogar a bomba no rio para ver se matavam alguns peixes, ou dentro

de uma privada para ver se conseguiam fazer um gêiser de merda, ou ainda atirá-la com um

estilingue no sino da igreja, imaginando que tipo de som faria ao explodir. Também havia aquele

outdoor na entrada da cidade, no qual estava escrito TOCA DOS BAIACUS –

BARCOS &

PESCA; Lee disse que seria hilário botar a bomba no nome do peixe e transformar o anúncio em

TOCA DOS CUS. Lee tinha muitas ideias.

– Você continua tentando descobrir de que tipo de música eu gosto – disse Lee. – Vou dizer

do que eu gosto. Gosto mesmo é do barulho de coisas explodindo e vidro estilhaçado. Isso é

música pros meus ouvidos.

CAPÍTULO 17

I**g estava esperando sua vez na** cadeira do barbeiro quando ouviu umas batidinhas no vidro

ao lado dele, olhou por cima do ombro e viu Glenna de pé na calçada, o encarando a cinco

centímetros de distância, com o nariz grudado na porta envidraçada. Ela estava tão perto que, se

não fosse o vidro entre eles, estaria fungando no seu pescoço. Em vez disso, bafejou no vidro,

criando uma mancha branca de condensação. Com o dedo, escreveu na mancha: EU VI O SEU

PIU-PIU. Embaixo fez o desenho característico de um pênis e duas bolas.

O coração de Ig disparou e ele olhou rapidamente em volta para checar se a mãe estava por

perto, se tinha visto. Mas Lydia estava do outro lado da sala, de pé atrás da cadeira alta, dando

instruções à cabeleireira. Terry estava sentado na cadeira, usando uma capa,

esperando

pacientemente para ficar ainda mais bonito. Cortar o ninho de rato de Ig era como podar uma

cerca viva deformada. Não tinha como ficar bonito, só aceitável.

Ig olhou de volta para Glenna, balançando furiosamente a cabeça: *Vá embora*. Ela apagou a

mensagem do vidro com a manga da sua terrivelmente terrível jaqueta de couro.

Ela não estava sozinha. Expresso para o Inferno estava lá também, com o outro garoto que

fazia parte do grupo de desocupados que estava na fundição, um cara de cabelo comprido já no

final da adolescência. Os dois caras estavam do outro lado do estacionamento, fuçando uma lata

de lixo. Que fixação era aquela com latas de lixo?

Glenna tamborilou com as unhas na janela. Elas estavam pintadas da cor de gelo, longas e

pontudas, unhas de bruxa. Ele olhou de novo para a mãe, mas logo percebeu que ela não

sentiria sua falta. Lydia estava totalmente envolvida com o que estava dizendo, moldando

alguma coisa no ar, a forma perfeita de um penteado, ou uma esfera imaginária, uma bola de

cristal que refletia um futuro no qual a cabeleireira de 19 anos recebia uma bela gorjeta, desde

que conseguisse ficar de pé ali, balançando a cabeça e mascando seu chiclete enquanto Lydia lhe

dizia como fazer seu trabalho.

Quando Ig saiu, Glenna tinha virado as costas para a janela, plantando sua bunda firme e

redonda contra o vidro. Estava olhando para Expresso para o Inferno e seu colega cabeludo, a

lata entre eles e um saco de lixo aberto. O tempo todo o cabeludo tocava, quase carinhosamente,

o rosto de Expresso para o Inferno, que dava uma gargalhada abobalhada cada vez que o outro

o acariciava.

– Por que você deu aquele crucifixo pro Lee? – perguntou Glenna.

Ig foi pego de surpresa. Entre todas as coisas que ela poderia ter dito… Ele vinha se fazendo a

mesma pergunta havia mais ou menos uma semana.

– Ele disse que ia consertar – respondeu.

– Já consertou. Então por que não devolveu?

– Não é meu. É… uma garota deixou cair na igreja. Eu ia consertar e devolver pra ela, mas

não consegui e Lee disse que podia consertar com as ferramentas do pai. Agora está usando pro

caso de encontrar com ela enquanto bate de porta em porta para vender as revistas pra caridade.

– Pra caridade! – debochou ela. – Você tem que pedir o crucifixo de volta. E também deve

pegar seus CDs.

– Mas ele não tem nenhum disco.

– Ele *não quer* nenhum disco – disse Glenna. – Se quisesse, compraria.

– Não sei não. CDs são bem caros e…

– E daí? Ele não é *pobre*, sabia? Mora em Harmon Gates. Meu pai é jardineiro deles. Foi assim

que conheci o Lee. Um dia meu pai me mandou lá sozinha pra plantar peônias. Os pais dele têm

muita grana. Ele disse que não tinha dinheiro pra comprar CDs?

Ig ficou desorientado com a ideia de que Lee morava em Harmon Gates, tinha um jardineiro e

uma mãe. Especialmente uma mãe.

– Os pais dele moram juntos?

– Às vezes parece que não, porque a mãe dele trabalha no hospital de Exeter e tem que fazer

uma longa viagem pra ir e voltar do trabalho, por isso nem sempre está por perto. Talvez seja

melhor assim. Lee e a mãe não se dão muito bem.

Ig balançou a cabeça. Era como se Glenna estivesse falando de uma pessoa completamente

diferente, alguém que Ig não conhecia. Ele havia formado uma imagem muito clara da vida de

Lee Tourneau, o trailer que dividia com o pai, que trabalhava fazendo fretes, a mãe que tinha

ido embora quando ele ainda era pequeno para fumar crack e se prostituir em Boston. Lee

nunca tinha dito a Ig que vivia num trailer, nem que a mãe era uma puta viciada, mas Ig sentia

que essas coisas estavam implícitas na visão que Lee tinha do mundo, nos assuntos que ele

nunca discutia.

– Ele disse que não tinha grana pra comprar nada? – insistiu Glenna.

Ig balançou a cabeça.

– Foi o que pensei. – Com o dedão, remexeu uma pedra no chão e então levantou os olhos. –

Ela é mais bonita do que eu?

– Quem?

– A garota da igreja. A que usava o crucifixo.

Ig procurou alguma coisa para dizer, tentando inventar uma mentira gentil e agradável – mas

nunca foi bom em mentir, e seu silêncio já era uma resposta.

– É – disse Glenna, com um sorriso triste –, foi o que pensei.

Ig desviou os olhos dela, incomodado demais com aquele sorriso triste para conseguir manter

contato visual. Ela parecia ser legal, direta e sem frescuras.

Expresso para o Inferno e seu amigo cabeludo estavam rindo da lata de lixo – a gargalhada

deles era alta e aguda, como a de duas gralhas. Ig não fazia ideia do que riam.

– Você sabe de algum carro em que se possa tocar fogo e se safar? – perguntou Ig. – Que não

seja o carro de alguém, só uma carcaça?

– Por quê?

– Lee quer incendiar um carro.

Ela franziu a testa, tentando entender por que Ig tinha mudado para *aquele* assunto. Então

olhou para Expresso para o Inferno.

– Meu tio, o pai do Gary, tem um monte de sucata no terreno atrás da casa dele, em Derry.

Ele tem um negócio de autopeças. Ou pelo menos *diz* que tem, porque nunca vi nenhum cliente.

– Você devia mencionar isso pro Lee uma hora dessas – sugeriu Ig.

Houve uma batidinha no vidro atrás deles e ambos se viraram e viram a mãe de Ig. Lydia

sorriu para Glenna e levantou a mão para dar um adeusinho formal, depois se virou para Ig e

arregalou os olhos num gesto impaciente. Ele fez que sim com a cabeça, mas, quando a mãe

virou as costas, não entrou imediatamente no salão.

Glenna inclinou a cabeça e perguntou:

– Então, se a gente provocar um incêndio, você vai querer participar?

– Não. Na verdade, não. Divirtam-se.

– Ai, os garotos… – disse ela, com um sorriso aberto. – O que você vai fazer no cabelo?

– Não sei. O de sempre, provavelmente.

– Você devia raspar. Ficar careca. Ficaria bem legal.

– Hein? Não. Não… minha mãe.

– Bom, você podia pelo menos cortar bem curtinho e levantar no meio. Tipo punk. Descolorir

as pontas, algo assim. Seu cabelo é parte do que você é. Você não quer ser interessante? – Ela

esticou a mão e bagunçou o cabelo dele. – Com um pouquinho de esforço, você podia ser

interessante.

– Acho que minha opinião não conta. Minha mãe vai querer que eu continue com o que

funciona.

– Ah, é uma pena. Gosto de cortes de cabelo bem doidos.

– É? – disse Gary, também conhecido como Expresso para o Inferno. – Então você vai adorar

a minha bunda.

Os dois viraram a cabeça para olhar para Expresso para o Inferno e para o cabeludo, que

tinham acabado de se aproximar deles, vindo da lata de lixo. Eles tinham pegado restos de

cabelo e colado na cara de Gary, fazendo uma barba de tufos castanho-avermelhados, como a de

Van Gogh em seus autorretratos. Não combinava nada com o tom azulado dos cabelos de Gary

despontando em sua cabeça raspada.

Glenna fez uma careta de nojo.

– Ah, meu Deus. Isso não vai enganar ninguém, seu babaca.

– Me dá sua jaqueta – pediu Gary. – Se eu vestir sua jaqueta, aposto que passo por pelo

menos 20 anos.

– Passa por retardado, isso sim. E você não vai ser preso com a minha jaqueta.

– É uma jaqueta muito legal – disse Ig.

Glenna lhe lançou um olhar misterioso e miserável.

– Foi Lee que me deu. Ele é muito generoso.

CAPÍTULO 18

L**ee abriu a boca para** dizer qualquer coisa, mas mudou de ideia.

– O que foi? – perguntou Ig.

Lee abriu a boca de novo, voltou a fechá-la e depois disse:

– Gostei daquela música do Glenn Miller que faz rat-a-tat-tat. Você pode usá-la como fundo

musical pra defunto.

Ig balançou a cabeça, mas não respondeu.

Eles estavam na piscina porque era novamente agosto. Nada de chuva, nada de frio fora de

hora. Estava fazendo quase 37°C, nenhum nuvem no céu, e Lee tinha uma faixa de protetor

solar sobre o nariz, para não se queimar. Ig tinha uma boia na cintura e Lee estava deitado num

colchão inflável, ambos flutuando sobre as águas tépidas, tão cheias de cloro que faziam seus

olhos doerem. Estava quente demais para ficar andando por aí.

O crucifixo ainda pendia do pescoço de Lee. Estava caído sobre o colchão, esticando-se na

direção de Ig – como se seu olhar tivesse poderes magnéticos e o atraísse. O sol refletiu nele,

lançando um raio dourado nos olhos de Ig, produzindo um ponto preto persistente quando ele

piscava. Ig não precisava conhecer código Morse para saber o que estava sendo sinalizado para

ele. Era sábado e Merrin Williams estaria na igreja no dia seguinte. Ú *ltima chance,* dizia o

crucifixo. Ú *ltima chance, última chance*.

Os lábios de Lee se entreabriram. Ele parecia querer dizer alguma coisa, mas não sabia como.

Finalmente falou:

– Gary, o primo da Glenna, vai fazer uma fogueira na casa dele daqui a umas duas semanas.

Uma espécie de festa pra comemorar o final do verão. Ele tem uns foguetes feitos com garrafas

pet e coisas assim. Talvez tenha cerveja também. Você quer ir?

– Quando?

– No último sábado deste mês.

– Não posso. Meu pai vai tocar num show com John Williams e os Boston Pops. É a noite de

estreia. Nós sempre vamos na estreia.

– É. Eu entendo.

Lee botou o crucifixo na boca e ficou chupando, pensativo. Então o deixou cair e finalmente

disse o que queria:

– Será que você não quer me vender?

– O quê?

– A Cereja de Eva. A bomba. Tem uma carcaça de carro na casa do Gary. Ele disse que

ninguém vai se importar se explodirmos a coisa. – Percebeu que tinha se denunciado e

acrescentou: – Não foi por isso que eu convidei você. É que, se você fosse, seria mais divertido.

– Tudo bem, eu sei – disse Ig. – Só que não ia ser legal pra mim vender.

– O.k. Mas você também não pode continuar me dando as coisas. Se fosse vender, quanto ia

querer por ela? Tenho um dinheirinho que guardei das gorjetas das revistas.

Ou então você podia pedir uns 20 dólares para a mamãe, pensou Ig, de um jeito suave e

dissimulado, que quase não reconheceu.

– Não quero seu dinheiro. Mas topo trocar com você.

– Pelo quê?

– Por isso aí – respondeu, espichando o queixo em direção ao cordão.

Pronto. Ele tinha dito. O ar que inspirou em seguida ficou retido em seus

pulmões, uma

cápsula de oxigênio, quente, com sabor de cloro, uma coisa química e esquisita. Lee tinha

salvado a vida dele, o tirado inconsciente de dentro do rio e enfiado o ar de volta para dentro

dele, e Ig estava disposto a retribuir, sentia que devia tudo a Lee, qualquer coisa – menos isso.

Ela tinha sinalizado na direção *dele*, não de Lee. Ig sabia que não era certo barganhar com Lee

desse jeito, era moralmente indefensável, impossível se convencer que aquilo era coisa de gente

decente. Assim que pediu o crucifixo de volta, sentiu algo murchar dentro dele. Sempre tinha

pensado em si mesmo como o mocinho da história, o herói. Mas o mocinho não agiria dessa

forma. Então talvez algumas coisas fossem mais importantes do que ser o mocinho.

Lee encarou Ig, um meio sorriso nos cantos dos lábios. Ig sentiu um calor no rosto, mas não

lamentava, estava contente por se sentir constrangido por ela.

– Sei que isso parece sem sentido – disse –, mas acho que fiquei meio a fim dela. Poderia ter

dito antes, mas não queria ficar no seu caminho.

Sem hesitar, Lee levou às mãos ao pescoço e abriu o fecho do cordão.

– Era só pedir. É seu. Sempre foi seu. Foi você que o encontrou, não eu. Tudo o que fiz foi

consertar. Se servir pra você se aproximar dela, vou ficar contente por ter ajudado.

– Pensei que ela era seu tipo. Você não está…

Lee agitou a mão no ar.

– Competir com um amigo por uma garota de quem eu nem sei o nome? Depois de todas as

coisas que você me deu, todos os CDs? Mesmo a maioria sendo uma droga, dei o maior valor.

Não sou um mal-agradecido, Ig. Se um dia você voltar a vê-la, é toda sua. Dou o maior apoio.

Mas acho que ela não vai voltar.

– Vai sim – disse Ig calmamente.

Lee olhou para ele.

A verdade escapuliu antes que Ig pudesse impedir. Mas ele tinha que ter certeza de que Lee

não se importava, porque agora eles eram amigos. Seriam amigos para o resto da vida.

Lee não disse nada, apenas continuou boiando, com aquele meio sorriso em seu rosto

comprido e fino.

– Encontrei uma pessoa que a conhece – continuou Ig. – Ela não estava lá no domingo

passado porque a família está se mudando de Rhode Island para cá e tinham ido buscar o resto

das coisas.

Lee gentilmente jogou o cordão para Ig, que o pegou no exato momento em que ele tocou a

água.

– Vai em frente, garanhão – disse Lee. – Foi você que encontrou esse negócio e por alguma

razão ela não se interessou por mim. Além disso, por ora, já tenho tudo de que preciso do

departamento feminino. Glenna veio me ver ontem pra falar do carro na casa do Gary e

aproveitou pra botar a coisa toda na boca. Foi só por um minuto. Mas botou. – Lee estava

radiante, sorrindo como uma criança com seu balão novo. – Que safada, hein?

– Impressionante – disse Ig, e deu um sorriso débil.

CAPÍTULO 19

I**g viu Merrin Williams, mas fingiu** que não tinha visto: não era uma tarefa fácil, seu coração

pulava dentro dele, se atirando contra a caixa torácica como um prisioneiro bêbado e furioso

investindo contra as grades de sua cela. Ele tinha pensado nesse momento não todos os dias,

mas praticamente em todas as horas de cada dia desde que a vira pela última vez, e isso era mais

do que seus nervos podiam suportar. Ela estava usando uma calça de linho creme e uma blusa

branca com as mangas dobradas, os cabelos soltos. Encarou-o enquanto ele passava pelo

corredor com a família, mas Ig fingiu não vê-la.

Lee e o pai chegaram poucos minutos antes de a missa começar e se sentaram no mesmo lado

do corredor onde Ig estava, num banco lá na frente. Lee se virou e olhou para ela de alto a baixo,

demoradamente. Ela pareceu não perceber, pois estava concentrada olhando para Ig. Depois que

terminou de inspecioná-la, Lee olhou para Ig por sobre o ombro, com as pálpebras semicerradas.

Zombando dele, balançou a cabeça fingindo um ar de reprovação e voltou a se virar para a

frente.

Merrin ficou olhando para Ig durante todos os primeiros cinco minutos da missa e por todo

esse tempo ele não olhou diretamente para ela nem uma vez sequer. Apertando as mãos uma

contra a outra, com as palmas molhadas de suor, manteve os olhos fixos no padre Mould.

Merrin não desistiu de olhar para ele até o padre Mould dizer:

– Oremos.

Ela escorregou do banco, postando-se de joelhos, as mãos unidas. Foi então que Ig puxou o

crucifixo de dentro do bolso. Segurou-o com a mão em concha, encontrou um feixe de luz e

apontou o crucifixo para ela. O espectro de uma cruz dourada pairava sobre sua face e atingiu o

canto do olho. Da primeira vez que ele piscou a luz para ela, Merrin piscou; da segunda,

estremeceu; da terceira, olhou para ele. Ele manteve a mão firme, de modo que uma cruz

dourada de pura luz queimava em sua palma e seu reflexo cintilava diretamente no rosto de

Merrin. Ela o encarava com uma solenidade inesperada, como o rádio-operador de um filme de

guerra recebendo uma mensagem de vida ou morte de um companheiro.

Lenta e deliberadamente, ele mexeu o crucifixo para um lado e para o outro, piscando a

mensagem em código Morse que havia decorado na última semana. Parecia importante que a

transmissão fosse absolutamente correta e ele manuseava o crucifixo como se fosse um tubinho

cheio de nitroglicerina. Quando terminou a mensagem, a encarou um instante e depois fechou a

mão em torno do crucifixo, voltando a olhar para o outro lado. Seu coração batia tão alto que

ele tinha quase certeza de que o pai, ajoelhado ao seu lado, podia ouvi-lo. Mas seu pai estava

rezando de olhos fechados.

Ig Perrish e Merrin Williams tomaram o cuidado de não voltar a olhar um para o outro

durante o resto da missa. Ou melhor, não olharam diretamente para o rosto um do outro,

apesar de ele estar consciente de que ela o espiava pelo canto do olho, assim como ele a espiava,

admirando a maneira como ela cantava, os ombros empertigados. Seus cabelos ardiam à luz do

dia.

Padre Mould abençoou todos e mandou que amassem uns aos outros, o que era exatamente o

objetivo de Ig. Quando as pessoas começaram a sair, em fila, Ig permaneceu no mesmo lugar, a

mão do pai em seu ombro, como sempre. Merrin Williams passou para o corredor, o pai atrás

dela, e Ig esperou que ela parasse e agradecesse por ele ter recuperado seu cordão, mas ela nem

olhou para ele. Em vez disso, olhou para trás, levantando a cabeça na direção do pai,

conversando com ele enquanto saíam. Ig abriu a boca para falar com ela – e então seu olhar foi

atraído para a mão esquerda de Merrin, o indicador apontando para trás, para o banco onde

estivera sentada. Era um gesto tão casual que ela podia simplesmente estar balançando os braços,

mas Ig tinha certeza de que ela estava dizendo onde ele devia esperá-la.

Quando o corredor se esvaziou, Ig saiu do banco e deu um passo para o lado, para deixar que

o pai, a mãe e o irmão fossem na frente. Mas, em vez de segui-los, deu meia-volta e foi na

direção do altar. Quando a mãe olhou para ele, Ig apontou para os fundos da igreja, onde

ficavam os banheiros. Não podia sempre fingir que ia amarrar os sapatos. Ela continuou, a mão

no braço de Terry. O irmão fitava Ig com os olhos apertados, desconfiado, mas se deixou levar e

caminhou para o lado de fora.

Ig ficou no corredor escuro que levava ao escritório do padre Mould, esperando que ela

voltasse. Não demorou muito e, àquela altura, a igreja já estava praticamente vazia. Merrin

correu os olhos pela nave, mas não o viu; ele continuou no escuro, espiando. Ela foi até o altar,

acendeu uma vela, fez o sinal da cruz, ajoelhou e rezou. Seu cabelo caiu sobre o rosto, então Ig

achou que ela não podia vê-lo se aproximando. Não sentia que estava andando em direção a ela.

Suas pernas não lhe pertenciam. Era mais como se estivesse sendo carregado, como se estivesse

de volta ao carrinho de supermercado. Sentia o mesmo frio na barriga, ao mesmo tempo

excitante e nauseante, como se estivesse a ponto de despencar da borda do mundo – a doce

sensação do risco.

Não a interrompeu. Até que ela levantou a cabeça e olhou para ele.

– Oi – disse Ig enquanto ela se levantava. – Encontrei seu crucifixo. Você o

deixou aqui.

Domingo passado não vi você e fiquei preocupado, achando que não conseguiria devolvê-lo.

Já estendia a mão para ela.

Merrin pegou a cruz e a correntinha de ouro.

– Você consertou.

– Não. Foi meu amigo Lee Tourneau que consertou. Ele é bom nisso.

– Hum. Agradeça a ele por mim.

– Você mesma pode agradecer se ele ainda estiver por perto. Ele também frequenta esta igreja.

– Você fecha pra mim? – pediu ela, se virando de costas para ele e levantando o cabelo, a

cabeça inclinada para a frente deixando à mostra sua nuca branca.

Ig passou as mãos no peito para secá-las. Depois abriu o fecho do cordão e gentilmente

passou-o em volta do pescoço dela. Torceu para que ela não tivesse notado que estava tremendo.

– Você conheceu Lee – falou Ig, só para ter o que dizer. – Ele estava sentado atrás de você no

dia em que o colar arrebentou.

– Aquele garoto? Ele tentou botar o cordão no meu pescoço. Achei que ele ia me estrangular.

– Estou te estrangulando? – perguntou Ig.

– Não.

Ele estava tendo um pouco de dificuldade para prender a corrente por causa de suas mãos

nervosas. Ela esperou pacientemente.

– Para quem era a vela que você acendeu? – perguntou Ig.

– Minha irmã.

– Você tem uma irmã?

– Não tenho mais – respondeu ela num tom cortante, sem emoção.

Ig sentiu uma pontada, como se não devesse ter tocado no assunto.

– Você entendeu a mensagem? – perguntou sem pensar, sentindo uma necessidade urgente de

mudar de assunto.

– Que mensagem?

– A mensagem que mandei pra você. Em código Morse. Você sabe código Morse, não sabe?

Ela riu – uma gargalhada tão alta que Ig quase deixou o cordão cair. Imediatamente depois

seus dedos descobriram o que fazer e ele conseguiu prender a corrente. Ela se virou. Foi um

choque descobrir quão perto estavam um do outro. Se levantasse as mãos, tocaria em seus

quadris.

– Não. Eu fui a umas duas reuniões no grupo escoteiro, mas desisti antes de fazermos

qualquer coisa interessante. Além do mais, já sei tudo o que preciso saber sobre acampamentos.

Meu pai trabalhava na Guarda Florestal. Você estava mandando uma mensagem?

Ele estava confuso. Tinha planejado minuciosamente aquela conversa, imaginando o que ela

iria perguntar e todas as respostas tranquilas que ele daria, mas agora tudo estava perdido.

– Mas *você* não mandou uma mensagem pra *mim*? – perguntou Ig. – Naquele dia?

Ela riu de novo.

– Eu só queria ver quanto tempo conseguia refletir a luz no seu olho antes de você descobrir

de onde estava vindo. O que você *achou* que eu estava dizendo?

Mas Ig não podia responder. Sua traqueia começou a se fechar de novo e um terrível calor lhe

subiu pelo rosto. Pela primeira vez percebeu como tinha sido ridículo ao imaginar que ela havia

sinalizado *qualquer coisa* para ele, ainda mais aquilo que achou que fosse a mensagem – a

palavra “nós”. Nenhuma menina no mundo sinalizaria algo assim para um garoto com quem

nunca tinha falado. Isso estava óbvio agora que olhava objetivamente para a coisa toda.

– Eu estava dizendo “Isso é seu” – disse finalmente, decidindo que a única coisa segura a fazer

era ignorar a pergunta dela. Só que era mentira, apesar de parecer verdade. O que ele havia

sinalizado também era uma uma única palavra curta. “Sim”.

– Obrigada, Ig.

– Como você sabe meu nome? – perguntou ele, surpreso ao ver o rosto dela corar de repente.

– Perguntei pra uma pessoa – disse ela. – Não sei por que eu…

– E você é Merrin.

Ela o encarou com olhos curiosos e surpresos.

– Perguntei pra uma pessoa.

– Meus pais devem estar me esperando – disse ela, olhando para a porta.

– Tudo bem.

Quando chegaram ao átrio, ele já tinha descoberto que estavam na mesma turma de inglês,

que a casa dela ficava na rua Clapham e que a mãe a inscrevera como voluntária na campanha

de doação de sangue que a igreja ia promover no fim do mês. Ig também ia trabalhar na

campanha.

– Não vi seu nome na lista – disse ela.

Deram mais três passos até Ig perceber que ela havia procurado o nome dele. Olhou para ela e

a viu sorrindo enigmaticamente para si mesma.

Quando cruzaram as portas, o sol brilhava tanto que por um momento Ig não conseguiu ver

nada naquela claridade. Avistou uma mancha escura vindo em sua direção, levantou as mãos e

agarrou uma bola de futebol americano. Quando os olhos se acostumaram com a luz, viu seu

irmão, Lee e outros garotos – inclusive Eric – atravessarem o gramado correndo, junto com

padre Mould, que gritava:

– Aqui, Ig.

Seus pais estavam perto dos pais de Merrin – os homens conversavam animadamente, como

se as famílias fossem amigas há muitos anos. A mãe de Merrin, uma mulher magra, de lábios

finos e sem cor, cobria os olhos com uma das mãos e sorria de um jeito doído para a filha. O dia

tinha cheiro de piche quente, carros assando ao sol e grama recém-aparada. Ig, que não tinha

absolutamente nenhuma inclinação para os esportes, jogou o braço para trás e arremessou a bola

com um giro perfeito. Ela cortou o ar e caiu exatamente nas mãos grandes e calejadas do padre

Mould, que a levantou sobre a cabeça e correu pelo gramado com sua camisa preta de mangas

curtas e colarinho branco.

O jogo de futebol durou mais de meia hora, pais, filhos e o padre correndo uns atrás dos

outros pela grama. Lee foi escalado como zagueiro. Ele também não era lá muito atlético, mas

fazia o tipo e aceitou o posto para manter a fachada, gelada, de calma absoluta, a

gravata jogada

por cima do ombro. Merrin tirou os sapatos e foi jogar também, a única garota entre eles.

– Merrin Williams, sua calça vai ficar toda suja de grama e nunca mais vou conseguir tirar

essas manchas – disse a mãe.

Mas o pai agitou a mão no ar e respondeu:

– Deixe a menina se divertir.

Supostamente, era para ser um jogo leve, mas Merrin derrubava Ig no chão a cada lance,

mergulhando nos pés dele, até aquilo se tornar uma piada que fazia todo mundo morrer de rir –

Ig abatido por aquela garota de 16 anos com a compleição de uma folha de papel. Mas ninguém

achava tanta graça nem se divertiu tanto quanto o próprio Ig, que mudava de direção só para

lhe dar mais oportunidades de atacá-lo.

– Você devia cair de bunda no chão logo que eles jogam a bola – disse ela quando o derrubou

pela quinta ou sexta vez. – Porque eu posso ficar fazendo isso o dia todo, sabia? O que é tão

engraçado? – perguntou, pois ele estava rindo.

Merrin estava ajoelhada em cima de Ig, os cabelos vermelhos fazendo cócegas no nariz dele.

Ela cheirava a limão e menta. O cordão de ouro pendia de seu pescoço, novamente refletindo a

luz nele, transmitindo uma mensagem de prazer quase insuportável.

– Nada – respondeu ele. – Acho que estou entendendo tudo perfeitamente.

CAPÍTULO 20

D**urante o resto do verão, eles se** habituaram a perambular juntos. Quando Ig ia com a mãe

ao supermercado, Merrin estava lá com a mãe *dela* e eles acabavam andando juntos, como

se à deriva, alguns passos atrás das mães. Merrin pegou um saquinho de cerejas, que eles

dividiram enquanto caminhavam.

– Isso não é roubo? – perguntou Ig.

– Não teremos problemas se comermos as provas – respondeu ela, cuspindo o caroço na mão

e entregando a ele.

Deu a ele todos os seus caroços, esperando calmamente que Ig se livrasse deles, o que ele fez

colocando-os no bolso. Quando chegou em casa, havia, dentro de seu jeans, uma protuberância

úmida, de cheiro doce, do tamanho do punho de um bebê.

E quando o Jaguar teve que ir fazer a revisão na concessionária, Ig foi junto com o pai, porque

já sabia que o pai de Merrin trabalhava lá. Ele não tinha nenhuma razão para acreditar que

Merrin estaria na loja numa tarde de quarta-feira ensolarada, mas ela estava, sentada na mesa do

pai, balançando os pés, como se o esperasse impacientemente. Compraram refrigerantes na

máquina e ficaram conversando na porta dos fundos, debaixo de lâmpadas fluorescentes que

zumbiam. Ela contou que iria fazer uma caminhada pela trilha Queen’s Face com o pai no dia

seguinte. Ig disse que a trilha passava bem nos fundos da sua casa e ela perguntou se ele gostaria

de ir também. Os lábios de Merrin estavam manchados de laranja por causa do refrigerante. Não

era preciso fazer qualquer esforço para estarem juntos. Era a coisa mais natural do mundo.

Também era natural incluir Lee. A presença dele evitava que as coisas ficassem sérias demais.

Ele se autoconvidou para a caminhada, dizendo que queria aproveitar para procurar boas trilhas

para *mountainboarding*. No entanto, se esqueceu de levar a prancha.

Durante a subida, Merrin puxava a gola da camiseta, a agitando para a frente e para trás,

reclamando do calor.

– Vocês já mergulharam no rio? – perguntou, apontando por entre as árvores para o Knowles,

que corria sinuoso através da mata densa no vale abaixo, uma serpente negra de escamas

resplandecentes e brilhantes.

– Ig faz isso o tempo todo – disse Lee e Ig riu.

Merrin olhou para os dois com os olhos apertados e confusos, mas Ig apenas balançou a

cabeça.

– Mas vou dizer uma coisa – continuou Lee. – A piscina dele é muito melhor. Quando você

vai convidar Merrin pra nadar?

O rosto de Ig ardeu com aquela sugestão. Já tinha fantasiado isso muitas vezes – Merrin de

biquíni –, mas sempre que pensava em convidá-la ficava sem ar.

Naquelas primeiras semanas, só falaram da irmã dela, Regan, uma vez. Ig perguntara por que

tinham se mudado de Rhode Island e Merrin disse, dando de ombros:

– Meus pais ficaram muito deprimidos depois que Regan morreu, e minha mãe cresceu aqui,

toda a família dela mora aqui. Nossa casa não parecia mais a mesma. Sem a Regan.

Regan morrera aos 20 anos de um câncer no seio raro e particularmente agressivo. Tudo

aconteceu em apenas quatro meses.

– Deve ter sido horrível – murmurou Ig. Sem dúvida era um clichê, mas foi só o que lhe

pareceu seguro dizer. – Nem imagino como me sentiria se Terry morresse. Ele é meu melhor

amigo.

– Era isso que eu pensava sobre mim e Regan. – Eles estavam no quarto de Merrin e ela estava

de costas para Ig, a cabeça jogada para a frente, escovando o cabelo. Sem olhar para ele, ela

continuou: – Mas ela disse umas coisas realmente más quando estava doente. Coisas que nunca

imaginei que ela pensasse de mim. Quando ela morreu, era como se eu mal a conhecesse. Ela até

pegou leve comigo, comparado com as coisas que disse para nossos pais. Acho que nunca vou

perdoá-la pelo que disse ao papai. – Pronunciou essas últimas palavras de forma leve, como se

tratassem de um assunto sem importância, e depois ficou calada.

Só voltaram a falar sobre Regan anos mais tarde. Porém quando Merrin contou a ele, alguns

dias depois, que queria ser médica, Ig não precisou perguntar qual seria sua especialidade.

No último dia de agosto, Ig e Merrin estavam trabalhando na campanha de doação de

sangue, no Centro Comunitário do Sagrado Coração, em frente à igreja, distribuindo refresco em

copos de papel e biscoitos recheados. Alguns ventiladores de teto faziam circular uma corrente

de ar quente pela sala, e Ig e Merrin tomavam a mesma quantidade de refresco que distribuíam.

Ele estava fazendo força para se acalmar e finalmente criar coragem para convidá-la para tomar

banho de piscina, quando Terry entrou.

Ele ficou de pé do outro lado da sala, procurando por Ig, que levantou a mão para chamar

sua atenção. Terry inclinou a cabeça: *vem cá*. Havia algo estranho, tenso e inquietante naquele

gesto. De certo modo já era suficientemente preocupante que estivesse ali. Terry não era o tipo de

pessoa que estaria perto da igreja numa tarde de verão ensolarada se pudesse evitar. Ig quase

nem percebeu que Merrin o seguia enquanto cruzava a sala cuidadosamente por entre as macas

sobre as quais repousavam os doadores, com tubos enfiados nos braços. O ambiente tinha cheiro

de desinfetante e de sangue.

Quando Ig chegou perto do irmão, Terry agarrou seu braço e o apertou até doer. Empurrou

Ig até o hall, onde podiam ficar sozinhos. As portas estavam abertas para o dia claro, quente e

morto.

– Você deu pra ele? – perguntou Terry. – Você deu a cereja pra ele?

Ig não precisou perguntar de quem ele estava falando. O tom de Terry, agudo e ríspido, o

assustou. Pontadas de pânico atingiam seu peito.

– Está tudo bem com Lee? – perguntou.

Era domingo de tarde. Lee tinha ido para a casa de Gary no dia anterior. De repente Ig se deu

conta de que não o tinha visto na igreja pela manhã.

– Ele e mais um bando de palhaços prenderam a bomba-cereja no para-brisa de uma carcaça

e fugiram. Mas ela não explodiu logo e Lee achou que o pavio tinha apagado. Isso acontece. Ele

estava voltando pra checar quando o para-brisa explodiu e espalhou vidro pra todo lado. *Ig*,

tiraram uma merda de um estilhaço de dentro do olho esquerdo dele. Dizem que foi sorte não

ter atingido o cérebro.

Ig queria gritar, mas alguma coisa acontecia em seu peito. Seus pulmões estavam anestesiados,

como se tivessem lhe aplicado uma dose de novocaína. Não conseguia falar, na verdade não

conseguia tirar som algum de sua garganta.

– Ig – disse Merrin. – Onde está a sua bombinha? – Sua voz era calma e firme. Ela já sabia

tudo a respeito de sua asma.

Ele se esforçou para tirá-la do bolso, mas a deixou cair. Merrin a pegou e entregou a Ig, que a

colocou na boca e sugou.

– Olha, Ig – prosseguiu Terry. – Não é só o problema no olho. Ele está na maior enrascada.

Ouvi dizer que a polícia chegou com a ambulância. Sabe aquela prancha de *mountainboard*? É

roubada. Também pegaram uma jaqueta de 200 dólares da namorada dele. Hoje de manhã a

polícia pediu permissão ao pai para revistar o quarto dele, e estava *cheio* de merda roubada. Lee

trabalhou no shopping por umas duas semanas, na pet shop, e tinha a cópia da chave de um

corredor que ficava atrás das lojas. Ele surrupiou um monte de coisas. Tinha um monte de

revistas que roubou de uma banca. Montou um esquema pra vender as revistas, fingindo estar

angariando fundos pra uma instituição de caridade fictícia. A coisa está feia. Ele vai acabar num

reformatório se alguma dessas lojas der queixa. Talvez ficar cego de um olho seja a melhor coisa

pra ele. Quem sabe não desperte um pouco de compaixão e ele nem vá…

– Ah, meu Deus – disse Ig, ouvindo apenas “tiraram uma merda de um estilhaço” e “ficar

cego de um olho”. Todo o resto era apenas barulho, como se Terry tocasse um solo de

vanguarda no trompete.

Ig chorava e apertava a mão de Merrin. Quando ela tinha pegado sua mão? Ele não sabia.

– Você vai ter que falar com ele – disse Terry. – É melhor convencê-lo a ficar de boca fechada.

Vamos ter que limpar nossa barra. Se alguém descobrir que foi você que deu aquela bomba-

cereja pra ele… ou que *eu* dei a bomba pra *você*… Meu Deus, Ig. Podem me expulsar da banda!

Ig não conseguia falar, precisava de mais uma longa sugada na bombinha. Estava tremendo.

– Dá um tempo pra ele! – interveio Merrin. – Pelo menos deixe ele tomar fôlego!

Terry olhou para ela surpreso, espantado. Seu queixo caiu. E então fechou a boca e ficou

calado.

– Vem, Ig – disse ela. – Vamos lá fora.

Ig a seguiu, desceu os degraus em direção à luz do sol, as pernas tremendo. Terry ficou para

trás.

O ar estava pesado, úmido e com a sensação de uma pressão crescente. O céu tinha estado

limpo de manhã, mas agora havia nuvens carregadas, tão escuras e enormes quanto uma frota

de porta-aviões. Uma rajada de vento quente surgiu do nada e os atingiu. O ar tinha cheiro de

ferro quente, como trilhos de ferrovia sob o sol, como velhos canos, e quando Ig fechou os olhos

viu a trilha Evel Knievel, os dois canos enterrados pela metade descendo a ladeira como os

trilhos de uma montanha-russa.

– A culpa não é sua – disse ela. – Ele não vai culpar você. Vamos embora. A campanha já está

quase acabando. Vamos pegar nossas coisas e vamos lá vê-lo. Agora mesmo. Você e eu.

Ig se encolheu só de pensar em ir com ela. Eles tinham trocado – a bomba-cereja

por ela. Seria

horrível levá-la com ele. Seria jogar na cara de Lee. O amigo tinha salvado sua vida e, em troca,

Ig tirara Merrin dele. Foi isso que aconteceu. Lee estava cego de um olho e foi Ig que fez isso com

ele. Ig ficou com a garota e com a vida. Lee ficou com um estilhaço de vidro e com a tragédia. Ig

deu outra sugada profunda na bombinha, estava com dificuldade de respirar.

Quando já tinha fôlego suficiente para falar, disse:

– Você não pode ir comigo.

Uma parte dele já estava convencida de que a única maneira de se redimir era terminar tudo

com ela. Mas a outra parte, a mesma que tinha feito a troca, sabia que não faria isso. Ele já havia

se decidido semanas antes, tinha acordado, não apenas com Lee, mas consigo mesmo, que faria

tudo o que fosse necessário para ser o cara que ia andar ao lado de Merrin Williams. Abrir mão

dela não faria dele o mocinho da história. Era tarde demais para ser o mocinho.

– Por que não? Ele também é meu amigo – disse ela e primeiro Ig ficou surpreso com ela,

depois consigo mesmo, por não ter percebido que era verdade.

– Não sei o que ele vai dizer. Talvez esteja com raiva de mim. Ele pode falar alguma coisa

sobre… sobre uma troca.

Assim que disse essas palavras, percebeu que deveria ter ficado calado.

– Que troca? – Ele balançou a cabeça, mas ela insistiu: – O que vocês trocaram?

– Você não vai ficar com raiva?

– Não sei. Me conta que depois eu respondo.

– Depois que encontrei seu crucifixo, dei pro Lee consertar. Mas então ele resolveu ficar com o

cordão, e tive que fazer uma troca pra tê-lo de volta. Troquei pela bomba-cereja.

Ela franziu a testa.

– E daí?

Ig lançou um olhar desesperado, esperando que ela compreendesse. Mas Merrin não

compreendia, então ele disse:

– Ele ia ficar com o cordão como desculpa para se aproximar de você.

Os olhos de Merrin pareceram confusos por mais um instante. Então clarearam. Ela não

sorriu.

– Você acha que você trocou… – começou, então parou. Um momento depois, prosseguiu.

Olhava para ele com uma frieza calma e assustadora. – Você acha que a trocou por *mim*, Ig? É

assim que pensa que as coisas funcionam? E você acha que se *ele* tivesse me devolvido o crucifixo

em vez de *você,* então Lee e eu estaríamos… – Mas novamente não continuou, ir adiante seria

admitir que ela e Ig estavam juntos agora, e, embora os dois soubessem disso, não ousavam tocar

no assunto. Ela recomeçou pela terceira vez: – Ig, eu deixei o crucifixo no banco pra *você*.

– Você deixou… o quê?

– Eu estava entediada. De saco cheio. Fiquei lá sentada imaginando as centenas de manhãs

que passaria naquela igreja, torrando no sol, morrendo um pouco a cada domingo, enquanto o

padre Mould repetia aquela ladainha sobre pecados. Precisava de alguma coisa que me

interessasse. Um motivo pra estar lá. Não queria ficar só ouvindo aquele papo sobre pecados.

Queria cometê-los. Então vi você sentado lá todo mauricinho, prestando atenção a cada palavra

como se tudo aquilo fosse muito interessante e então eu soube, Ig, simplesmente soube… que

perturbar você me daria horas de diversão.

No final das contas, Ig acabou indo visitar Lee sozinho. Quando ele e Merrin estavam voltando

ao centro comunitário para limpar as caixas de pizza e as garrafas de refresco, começou uma

espécie de trovoada que durou pelo menos 10 segundos, um rugido baixo que, mais do que

ouvido, era sentido. Aquilo fez os ossos de Ig tremerem como um diapasão. Cinco minutos

depois a chuva retinia no telhado, tão alto que ele precisava gritar para que Merrin o ouvisse,

mesmo quando ela estava de pé ao lado dele. Estava tão escuro, a água descendo com tanta força

que era difícil ver a calçada, mesmo com as portas abertas. Eles tinham pensado em ir de

bicicleta até a casa de Lee, mas o pai de Merrin foi buscá-la de carro e eles não tiveram mais

chance de saírem juntos.

Terry havia tirado a carteira de motorista dois dias antes – passou na prova de primeira – e no

dia seguinte levou Ig de carro à casa de Lee. A tempestade tinha quebrado árvores e arrancado

postes telefônicos do chão e Terry teve que desviar o Jaguar de galhos e caixas de correio caídos.

Era como se uma imensa explosão subterrânea, uma poderosa detonação final, tivesse atingido

toda a cidade, arruinando Gideão.

Harmon Gates era um emaranhado de ruas de subúrbio, casas pintadas de cores cítricas com

garagens para dois carros e, vez por outra, uma piscina no quintal. A mãe de Lee, a enfermeira,

uma mulher de cerca de 50 anos, estava do lado de fora de sua casa, tirando os galhos que

tinham caído em cima do seu Cadillac, comprimindo os lábios, irritada. Quando Ig saltou, Terry

lhe disse para telefonar quando quisesse voltar para casa.

Lee tinha um quarto grande no porão. A mãe dele acompanhou Ig até lá embaixo e abriu a

porta que dava para uma escuridão cavernosa, na qual a única luz era o brilho azulado da

televisão.

– Visita pra você – disse, num tom especialmente indiferente.

Permitiu que Ig passasse e fechou a porta atrás dele, deixando os garotos sozinhos.

Lee estava sem camisa, sentado na beira da cama e agarrado à cabeceira. Um episódio de um

seriado de comédia estava sendo reprisado, mas Lee tinha tirado todo o som da TV, então ela era

só uma fonte de luz com imagem em movimento. Sobre seu olho esquerdo havia um curativo

que dava várias voltas no crânio, cobrindo a maior parte de sua cabeça. As cortinas estavam

fechadas. Ele não olhava diretamente para Ig nem para a TV, mas para baixo.

– Está escuro aqui – disse Ig.

– A luz do sol faz minha cabeça doer – respondeu Lee.

– Como está o olho?

– Eles ainda não sabem.

– Há alguma chance…

– Eles acham que não vou perder totalmente a visão.

– Que bom.

Lee ficou sentado em silêncio. Ig esperou.

– Você já sabe de tudo?

– Não me importo – disse Ig. – Você me tirou do rio. É tudo que preciso saber.

Ig não tinha reparado que Lee estava chorando até que ele gemeu de dor. Ele chorava como

alguém que estivesse enfrentando um ato de sadismo – a ponta de um cigarro aceso nas costas

da mão. Ig chegou mais perto e tropeçou numa pilha de CDs – aqueles que tinha dado a Lee.

– Você quer isso de volta?

– Não.

– Então o quê? Quer seu dinheiro? Não tenho mais.

– Que dinheiro?

– O dinheiro das revistas que vendi pra você. As que eu *roubei*. – As últimas palavras saíram

com uma amargura quase luxuriante.

– Não.

– Então por que você veio?

– Porque somos amigos. – Ig deu mais um passo para perto de Lee e sufocou um grito. Lee

chorava sangue, que manchava as bandagens e escorria pela face esquerda. Lee levou dois dedos

ao rosto distraidamente. Quando os retirou, estavam vermelhos.

– Você está bem? – perguntou Ig.

– Dói quando choro. Vou ter que aprender a não me sentir mal com as coisas. – Ele respirava

ruidosamente, os ombros subindo e descendo. – Eu devia ter contado. Sobre tudo. Fui um

merda vendendo aquelas revistas pra você. Mentindo, dizendo que eram pra caridade. Depois

que te conheci melhor, quis voltar atrás, mas era tarde. Não é assim que se deve tratar os amigos.

– Para com isso. A coisa que eu mais queria era não ter dado a bomba pra você.

– Deixa pra lá – disse Lee. – Fui eu que quis. Eu decidi. Você não tem que se preocupar com

isso. Só espero que você não passe a me odiar. Realmente preciso de alguém que goste de mim.

Ele não precisava pedir. A visão daquela mancha de sangue fez os joelhos de Ig tremerem. Ele

precisou de muita força de vontade para não pensar em como tinha provocado Lee com a

bomba, falando sobre todas as coisas que poderiam explodir com ela; em como planejara tirar

Merrin de Lee. Logo dele, que tinha entrado na água para salvá-lo quando estava se afogando.

Uma traição imperdoável.

Ig se sentou ao lado de Lee.

– Ela vai pedir pra você não andar mais comigo – disse Lee.

– Minha mãe? Não. Ela ficou contente por eu ter vindo.

– Não, não é a sua mãe. *Merrin*.

– Do que você está falando? Ela queria vir comigo. Está muito preocupada com você.

– É? – Lee estremeceu de um jeito esquisito, como se tivesse um calafrio. – Eu sei por que isso

aconteceu.

– Foi uma merda de um acidente. Só isso.

Lee balançou a cabeça.

– Foi pra eu me lembrar.

Ig ficou quieto, esperando, porém Lee não disse mais nada.

– Lembrar de quê?

Lee estava lutando contra as lágrimas. Enxugou o sangue que escorria em seu rosto com as

costas da mão, o que deixou uma listra longa e escura.

– Lembrar você de quê? – insistiu Ig, mas Lee estava tremendo com o esforço que fazia para

não soluçar.

Eles nunca mais tocaram naquele assunto.

O SERMÃO DE FOGO

CAPÍTULO 21

I**g dirigiu para longe da casa dos pais** – do corpo esmagado da avó e sua cadeira de rodas

destruída, de Terry e sua terrível confissão – sem uma ideia imediata de para onde estava indo.

Mas sabia perfeitamente para onde *não estava* indo: para o apartamento de Glenna, para a

cidade. Não suportaria ver mais o rosto nem ouvir a voz de outro ser humano.

Estava segurando uma porta fechada dentro de sua cabeça, jogando todo o peso mental

contra ela, enquanto dois homens empurravam do outro lado, tentando entrar à força em seus

pensamentos: seu irmão e Lee. Precisou de toda a sua força de vontade para impedir que os

invasores entrassem em seu último refúgio, para mantê-los fora de sua cabeça. Não sabia o que

aconteceria quando eles finalmente arrombassem a porta, não tinha ideia do que faria.

Ig seguiu pela estreita estrada estadual, através das pastagens ensolaradas e sob árvores que se

projetavam sobre o caminho, formando um corredor de escuridão vacilante. Viu um carrinho de

supermercado derrubado numa vala ao lado da estrada e se perguntou como aqueles carrinhos

de vez em quando iam parar no meio do nada. Isso provava que, ao abandonar uma coisa,

ninguém sabia que tipo de uso inadequado as pessoas poderiam dar àquilo. Ig abandonara

Merrin Williams por uma noite – num acesso de imaturidade, de raiva e intolerância, se afastara

da melhor amiga que tinha no mundo – e vejam o que aconteceu.

Lembrou-se de descer em alta velocidade a trilha Evel Knievel no carrinho de supermercado,

10 anos antes, e, inconscientemente, levou a mão esquerda ao nariz, um pouco torto no lugar

onde tinha se quebrado. Sua mente vomitou uma imagem intrometida, a avó descendo o morro

na frente de casa em sua cadeira de rodas, as grandes rodas de borracha aos solavancos no

gramado em declive, repleto de sulcos. Ficou imaginando o que ela teria quebrado quando

finalmente se chocou contra a cerca. Tomara que tenha sido o pescoço. Vera dissera que, sempre

que o via, tinha vontade de morrer, e Ig vivia para servir. Gostava de pensar que sempre fora um

neto extremamente cuidadoso. Se a tivesse matado, encararia isso como um bom começo. Mas

ainda havia muito trabalho pela frente.

Sentia espasmos no estômago, o que tinha menosprezado, achando que era um sintoma de

sua infelicidade, até que começou a regurgitar também, então teve que admitir que estava com

fome. Tentou pensar num lugar onde pudesse comer com o mínimo de interação humana. Foi

quando viu o Pit se aproximando à sua esquerda.

Foi ali que comeram juntos pela última vez, onde passou sua última noite com Merrin. Nunca

mais tinha voltado. Duvidava que seria bem-vindo. Só essa ideia já era convidativa. Ig virou o

carro para o estacionamento.

Era o início da tarde, aquele horário indolente, atemporal, depois do almoço e antes do happy

hour, quando as pessoas iam beber alguma coisa depois do trabalho. Havia apenas alguns carros

ali e Ig imaginou que pertenciam aos alcoólatras mais graves. A placa do lado de fora dizia:

Cerveja 2,00

Quinta-feira: Noite das Mulheres – Venham Nos Ver, Garotas

Santos de Gideão

Ele saltou do carro. O sol atrás dele projetava no chão sua sombra, com quase três metros de

comprimento, uma figura negra, magra e com chifres, os ossos pontudos em sua cabeça voltados

na direção da porta vermelha do Pit.

Quando entrou, Merrin já estava lá. Apesar de o lugar estar lotado de estudantes assistindo ao

jogo, ele a viu imediatamente. Estava sentada no lugar de sempre e se virou para encará-lo. A

visão dela, como sempre – e especialmente depois de um tempo sem se encontrarem – teve o

efeito curioso de fazê-lo se lembrar do próprio corpo, da pele nua sob as roupas. Havia três

semanas que não se viam e depois dessa noite só voltariam a se encontrar no

Natal, mas nesse

meio-tempo comeriam camarões e tomariam algumas cervejas, além de se divertirem bastante

debaixo dos lençóis frios e recém-lavados da cama de Merrin. Os pais dela estavam no

acampamento em Winnipesaukee, por isso Ig e Merrin teriam a casa só para eles. Ig ficou com a

boca seca ao pensar no que o aguardava depois do jantar e uma parte dele estava chateada por

perder tempo comendo e bebendo. Outra parte, entretanto, sentia que era necessário não ter

pressa, aproveitar cada momento daquela noite.

Não que não tivessem o que conversar. Ela estava preocupada e não era preciso ser muito

perspicaz para perceber por quê. Às 11h45 da manhã seguinte, ele pegaria o voo da British

Airways para começar num emprego na Anistia Internacional e, por seis meses, haveria um

oceano entre eles. Nunca tinham ficado tanto tempo separados.

Ele sempre sabia quando ela estava preocupada com alguma coisa, conhecia todos os sinais.

Ela se retraía. Começava a alisar as coisas – guardanapos, sua saia, as gravatas dele – como se ao

esticar coisas tão insignificantes conseguisse aplainar o caminho para um porto seguro para eles

dois. Ela se esquecia de rir e se tornava quase comicamente séria e ponderada

com relação a

tudo. Ele achava engraçado vê-la daquele jeito. Pensava numa menininha vestida com as roupas

da mãe. Não conseguia levar a sério a seriedade dela.

Não tinha lógica ela estar preocupada, embora Ig soubesse que preocupação e lógica

raramente andavam juntas. Mas, convenhamos: ele nem teria aceitado o emprego em Londres se

ela não o tivesse incentivado, o *obrigado*, na verdade. Merrin não deixaria que ele perdesse aquela

chance. Perguntava o tempo todo sobre as reservas. Disse que não faria mal ele tentar por seis

meses. Se detestasse, poderia voltar para casa. Mas ele não ia detestar. Era exatamente o tipo de

coisa que ele sempre quis fazer, o emprego dos seus sonhos, e ambos sabiam disso. E, se ele

gostasse do emprego – e ia gostar – e quisesse ficar na Inglaterra, ela iria com ele. Harvard tinha

um programa de intercâmbio com o Imperial College London, e era o orientador dela em

Harvard, Shelby Clarke, que selecionava os participantes. Sem dúvida ela conseguiria. Poderiam

ter um apartamento em Londres. Ela lhe serviria chá com bolinhos, só de calcinha. Depois eles

transariam. Ig se rendeu. Aceitou o emprego e foi mandado para Nova York por três semanas,

para o treinamento de verão. Agora ele estava de volta e ela estava alisando as coisas. Ig não

ficou surpreso.

Abriu caminho até ela, dando cotoveladas e empurrões. Antes de se sentar à sua frente, se

debruçou sobre a mesa para beijá-la. Merrin não levantou os lábios para ele, que teve que se

contentar com um beijinho na testa.

Havia um copo de martíni vazio diante dela e, quando a garçonete se aproximou, pediu mais

um e uma cerveja para Ig. Ele estava curtindo a aparência dela, a linha suave do seu pescoço, o

brilho escuro do seu cabelo na luz fraca, e a princípio só deixou ela falar, murmurando na hora

certa, meio ouvindo. Ele só começou a realmente prestar atenção quando Merrin disse que ele

devia pensar nessa temporada em Londres como umas férias do relacionamento deles, e mesmo

nessa hora achou que ela estava tentando fazer graça. Não percebeu que aquilo era sério até ela

dizer que achava que seria bom para os dois passar um tempo com outras pessoas.

– Sem roupa – disse Ig.

– Não teria problema nenhum – disse ela, tomando metade do martíni de um só gole.

Foi o jeito como ela virou a bebida, mais do que aquilo que tinha dito, que

provocou em Ig

um choque gelado de apreensão. O drinque era para criar coragem e ela já tinha tomado pelo

menos um – talvez dois – antes de ele chegar.

– Você acha que não consigo esperar alguns meses? – perguntou ele. Tentou fazer uma piada

sobre masturbação, mas, antes que terminasse, uma coisa estranha aconteceu. Sua respiração

ficou presa na garganta e ele não conseguiu dizer mais nada.

– Bem, não quero me preocupar com o que vai acontecer daqui a alguns meses. Não sabemos

o que você vai sentir até lá. Ou o que eu vou sentir. Não quero que você se sinta obrigado a

voltar pra casa só porque temos que ficar juntos. Nem que imagine que eu vá me mudar pra lá.

Vamos nos concentrar somente no que está acontecendo agora. Tente ver as coisas assim: com

quantas garotas você já esteve? Em toda a vida?

Ele a encarou. Já tinha visto aquele olhar concentrado, de reprovação, no rosto dela muitas

vezes, mas nunca antes sentira medo dele.

– Você sabe – disse ele.

– Só eu. Ninguém faz isso. Ninguém passa a vida toda com a primeira pessoa com quem

transou. Não nos dias de hoje. Não existe só um homem no mundo. É preciso ter outros casos.

Dois ou três, pelo menos.

– É assim que você chama isso? “Caso”? Muito apropriado.

– Tudo bem – disse ela. – A gente tem que trepar com outras pessoas.

A multidão em volta deles urrou de contentamento. Alguém tinha feito uma grande jogada.

Ele ia dizer alguma coisa, mas estava com a boca seca e teve que tomar um gole de cerveja. Só

havia um restinho no copo. Ele não se lembrava de a cerveja ter chegado nem de tê-la bebido.

Estava morna e meio salgada, como se tivesse tomado um gole de mar. Ela tinha esperado até

hoje, 12 horas antes de ele cruzar o oceano, para lhe dizer isso, para dizer que…

– Você está terminando comigo? Quer cair fora… e esperou até *agora* pra me dizer?

A garçonete ficou parada ao lado da mesa com uma cesta de batatas chips e um sorriso

forçado.

– Já querem fazer o pedido? – perguntou. – Mais alguma bebida?

– Outro martíni e uma cerveja, por favor – respondeu Merrin.

– Não quero outra cerveja – disse Ig, sem reconhecer seu tom de voz, grosseiro, mal-

humorado, quase infantil.

– Então dois martínis de limão – disse Merrin.

A garçonete se retirou.

– Que porra é essa? Tenho uma passagem de avião, um apartamento alugado e um emprego.

Eles esperam que eu esteja lá na segunda-feira, pronto pra trabalhar, e você me vem com essa

merda. O que você quer que eu faça agora? Que ligue pra lá amanhã e diga "Muito obrigado por

me darem o emprego que outros 700 candidatos queriam, mas não vou poder aceitar"? É algum

tipo de teste pra saber o que acho mais importante, você ou o emprego? Porque, se for isso, você

tem que saber que é imaturo e absurdo.

– Não, Ig. Quero que você vá e quero que você…

– Trepe com outra garota.

Os ombros dela estremeceram. Ele ficou um pouco surpreso consigo mesmo, não imaginava

que sua voz pudesse soar tão horrível.

Mas ela concordou e engoliu.

– Seja agora ou depois. Você vai acabar fazendo isso, não tem jeito.

Ig teve uma ideia sem sentido, um pensamento que tinha a voz de seu irmão: *Bem, é assim*

mesmo. Você pode levar a vida como um aleijado ou como um babaca. Ig não tinha certeza se

Terry realmente tinha dito aquilo algum dia ou se era fruto da sua imaginação. Mas a frase

surgiu em sua mente com a mesma clareza com que se lembraria de uma estrofe de sua música

favorita.

A garçonete colocou o martíni na frente de Ig, que o levou à boca, engolindo um terço da

bebida de uma só vez. Nunca tinha tomado um daqueles antes e aquela queimação ao mesmo

tempo doce e ácida o pegou de surpresa. A bebida desceu lentamente pela garganta, para depois

se expandir nos pulmões. O peito de Ig era uma fornalha e uma gota de suor escorreu por seu

rosto. Levou a mão à garganta, segurando o nó da gravata. Lutou com ele e o afrouxou. Por que

estava usando uma camisa de botões? Estava torrando ali dentro. Aquilo era um inferno.

– Isso sempre vai te incomodar. Você sempre vai ficar imaginando o que perdeu – disse

Merrin. – Os homens são assim. Estou apenas sendo prática. Não quero me casar com você e

depois ter que aturar seu caso de meia-idade com a babá dos nossos filhos. Não quero ser a

causa dos seus arrependimentos.

Ele tentou encontrar paciência, recobrar um tom calmo, bem-humorado. A calma ele

conseguiu. O bom humor não.

– Não venha me dizer como os outros homens pensam. Eu sei o que quero. Quero a vida com

a qual sonhamos nos últimos sei lá quantos anos. Quantas vezes conversamos

sobre os nomes

dos nossos filhos? Você acha que foi tudo besteira?

– Acho que isso faz parte do problema. Você vive como se nós *já* tivéssemos filhos, como se *já*

fôssemos casados. Mas não somos. Pra você as crianças já existem, porque você vive dentro da

sua cabeça, não no mundo. Eu nem sei se vou querer ter filhos.

Ig arrancou a gravata e a jogou na mesa. Naquele momento não conseguia suportar nada em

volta do pescoço.

– Você me enganou direitinho. Parecia gostar da ideia todas as oito mil vezes em que falamos

sobre isso.

– Não sei de que ideia eu gosto. Não tive chance de ficar longe de você e pensar na minha

própria vida desde que conheci você. Não tive nem um único dia…

– Então estou sufocando você? É isso que você está dizendo? Babaquice.

Ela desviou o olhar do rosto dele, olhando inexpressivamente para o outro lado da sala,

esperando que a raiva dele diminuísse. Ele deu um suspiro profundo, disse para si mesmo que

não devia gritar e tentou de novo.

– Você se lembra do dia na casa na árvore? – perguntou. – A casa que nunca mais

conseguimos encontrar, a das cortinas brancas? Você disse que esse tipo de coisa

não acontece

com casais comuns. Disse que éramos diferentes, que nosso amor era especial, que não havia

outras duas pessoas em um milhão que tivessem o que nós tínhamos. Você disse que tínhamos

sido feitos um pro outro e que era impossível ignorar os sinais.

– Não foi um sinal. Foi só uma trepada no meio da tarde na casa na árvore de alguém.

Ig balançava a cabeça lentamente, de um lado para o outro. Falar com ela agora era como

agitar as mãos para espantar uma nuvem de vespas. Não adiantava nada e doía, mesmo assim

ele não conseguia parar.

– Você não se lembra como procuramos por ela? Procuramos o verão inteiro e nunca mais

conseguimos encontrá-la. E você disse que era uma casa na árvore da mente?

– Eu disse isso pra gente poder *parar* de procurar. É exatamente disso que estou falando, Ig.

Você e seu pensamento mágico. Uma trepada nunca é só uma trepada. Sempre tem que ser uma

experiência transcendental, capaz de mudar nossas vidas. É deprimente e esquisito, e eu estou

cansada de fingir que isso é normal. Será que você ouve o que você está dizendo? Por que

estamos *falando* de uma merda de casa na árvore?

– Seu palavreado está me dando enjoo.

– Você não gosta? Não gosta de me ouvir falar sobre trepar? Por quê, Ig? Isso interfere na

imagem que você tem de mim? Você não quer uma pessoa de verdade. Quer uma visão angelical

que sirva pra você tocar uma punheta.

De pé ao lado da mesa, a garçonete disse:

– Acho que vocês ainda não escolheram.

– Mais dois – disse Ig, e ela foi embora.

Eles se encararam. Ig estava agarrado à mesa, quase a ponto de virá-la.

– Nós éramos crianças quando nos conhecemos – disse ela. – Deixamos que isso ficasse muito

mais sério do que qualquer relacionamento de escola deveria ser. Se ficássemos com outras

pessoas, isso daria uma nova perspectiva ao nosso relacionamento. Talvez possamos reatar mais

tarde e ver se conseguimos nos amar como adultos do mesmo jeito que nos amamos quando

éramos crianças. Não sei. Quem sabe depois de um tempo a gente não possa reavaliar o que tem

pra oferecer um ao outro?

– Reavaliar o que temos pra oferecer um ao outro? Você parece um gerente de banco falando

de um empréstimo.

Ela esfregava a garganta com uma das mãos, seus olhos pareciam infelizes, e então Ig reparou

que ela não estava com o crucifixo. Imaginou se isso queria dizer alguma coisa. O crucifixo tinha

sido como um anel de compromisso, muito antes de qualquer um deles sequer pensar em

ficarem juntos o resto da vida. Ele não conseguia se lembrar de vê-la sem o cordão – um

pensamento que encheu seu peito com uma sensação gelada e nauseante.

– Você já escolheu alguém? – perguntou Ig. – Alguém com quem queira trepar pra dar uma

nova perspectiva à nossa relação?

– Não estou pensando nisso desse jeito. Só estou…

– Está sim. É disso que estamos falando. Foi você mesma quem disse. Temos que trepar com

outras pessoas.

Ela abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Então abriu de novo:

– É, acho que é isso, Ig. Acho que isso faz parte. Quero dizer, eu também tenho que dormir

com outros caras. Ou então você provavelmente vai acabar vivendo como um monge lá. Vai ser

mais fácil pra você ir à luta se souber que tenho outra pessoa.

– Então já existe alguém.

– Tem um cara que… Com quem eu saí uma ou duas vezes.

– Enquanto eu estava em Nova York. – Não era uma pergunta. – Quem?

– Ninguém que você conheça. Não vem ao caso.

– Mas eu quero saber mesmo assim.

– Isso não tem a menor importância. Não vou ficar perguntando o que você está fazendo em

Londres.

– *Quem* vou estar comendo – corrigiu ele.

– Certo. Tanto faz. Não vou querer saber.

– Mas eu *quero*. Quando isso começou?

– O quê?

– Quando você começou a sair com esse cara? Semana passada? O que você disse pra ele? Que

teriam que esperar até que eu fosse pra Londres? Ou *essa conversa* teve que esperar?

Ela abriu ligeiramente os lábios para responder e ele viu uma coisa nos olhos dela, uma coisa

pequena e assustadora, e no calor da discussão soube de uma coisa que não queria saber.

Percebeu que ela tinha planejado aquele momento durante todo o verão, desde quando começou

a insistir para que ele aceitasse o emprego.

– Até onde vocês foram? Você já trepou com ele?

Ela balançou a cabeça, mas ele não conseguia saber se estava dizendo que não ou apenas se

recusando a responder. Ela piscava, tentando não chorar. Ele não sabia quando aquilo tinha

começado. Foi uma surpresa não sentir o impulso de confortá-la. Estava tomado

por uma coisa

que não entendia, uma mistura perversa de raiva e excitação. Parte dele estava surpresa por

descobrir que era bom se sentir traído, ter um motivo para feri-la. Ver quanta punição ele seria

capaz de infligir. Ele queria esfolá-la com perguntas. E, ao mesmo tempo, começaram a lhe

ocorrer imagens: Merrin de quatro sobre lençóis desarrumados, faixas de luz passando pelas

venezianas semicerradas e iluminando seu corpo, outro cara segurando seus quadris nus. A ideia

o excitava tanto quanto o horrorizava.

– Por favor, Ig – disse ela suavemente.

– Pode parar com isso. Você não está me contando tudo. Preciso saber. Preciso saber se você já

trepou com ele. Me diz se você já trepou com ele.

– Não.

– Bom. E ele estava lá? No seu apartamento, quando eu ligava de Nova York? Sentado com a

mão debaixo da sua saia?

– Não. Só saímos pra almoçar, Ig. Só isso. Nos falamos de vez em quando, basicamente sobre

a faculdade.

– Você alguma vez pensou nele enquanto transava comigo?

– Meu Deus, Ig, não! Por que isso?

– Porque quero saber de *tudo*. Quero saber todas as *merdinhas* que você não me contou, todos

os seus segredinhos sujos.

– Por quê?

– Porque assim vai ser mais fácil odiar você.

A garçonete estava de pé ao lado da mesa deles, estática, congelada no gesto de servir os

drinques.

– Tá olhando o quê? – perguntou Ig, e ela deu um passo hesitante para trás.

A garçonete não era a única pessoa que estava olhando. Nas mesas em volta deles, cabeças se

viravam. Alguns olhavam com ar sério, enquanto outros, casais jovens na maioria, os

observavam com olhos brilhantes, se esforçando para não rir. Nada era tão divertido quanto um

rompimento em público.

Quando Ig olhou de volta para Merrin, ela já estava de pé atrás da cadeira, com a gravata dele

nas mãos. Ela a tinha pegado de cima da mesa assim que ele a jogara ali, e desde então não tinha

parado de dobrá-la e esticá-la.

– Aonde você vai? – perguntou, a segurando pelo ombro enquanto ela tentava se desvencilhar.

Ela se desequilibrou sobre a mesa. Estava bêbada. Os dois estavam.

– Ig… meu braço!

Só então ele percebeu a força com que apertava seu ombro, enterrando tanto os dedos que

conseguia sentir o osso. Foi necessário um esforço deliberado para abrir a mão.

– Não estou fugindo – disse ela. – Só preciso de um minuto pra me lavar. – E apontou para o

rosto.

– Essa conversa ainda não acabou. Você ainda tem muita coisa pra me contar.

– Se não quero falar algumas coisas pra você não é por maldade. Só não quero que você sofra.

– Tarde demais.

– Porque eu te amo.

– Não acredito em você.

Ele disse isso para machucá-la – a verdade é que não sabia se acreditava nela ou não – e sentiu

uma excitação selvagem ao ver que tinha conseguido. Os olhos dela se encheram de lágrimas,

então ela perdeu o equilíbrio e se apoiou na mesa.

– Se escondi alguma coisa de você, foi para protegê-lo. Sei que você é bom. Você merecia

muito mais do que recebeu quando se entregou a mim.

– Até que enfim concordamos em alguma coisa. Eu merecia mais.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa, só que ele não conseguiu. Estava sem ar de

novo. Merrin se virou e caminhou por entre a multidão, na direção do banheiro feminino. Ele

bebeu o resto do martíni, vendo Merrin se afastar. Estava bonita, de blusa branca e saia cinza

perolado. Uma dupla de universitários virou a cabeça para olhá-la, então um disse alguma coisa

e o outro riu.

O sangue de Ig parecia mais grosso e lento e ele estava consciente de suas têmporas pulsando.

Não notou o homem de pé ao lado da mesa nem ouviu quando ele disse "Senhor" – não o viu

até que se curvasse para encará-lo. Tinha porte de halterofilista, a camiseta branca de tenista

repuxada nos ombros. Pequenos olhos azuis espiavam por debaixo da testa ossuda.

– Senhor – repetiu ele –, vamos ter que pedir para que o senhor e sua esposa saiam. Não

podemos aceitar que desrespeitem os funcionários.

– Ela não é minha esposa. É só alguém que eu comia.

O homem – barman? segurança? – disse:

– Não gosto desse linguajar. É melhor procurar outro lugar.

Ig se levantou, pegou a carteira e deixou duas notas de vinte na mesa antes de seguir para a

porta. Enquanto ia embora, um senso de justiça se apoderou dele. *Largá-la ali*, pensou. Sentado

diante dela, teve vontade de arrancar todos os seus segredos, aproveitando para lhe causar o

máximo de sofrimento possível. Mas, agora que ela estava fora de vista e ele

conseguia respirar,

sentiu que seria um erro dar a ela mais tempo para justificar aquela decisão. Ele não queria ficar

perto dela e lhe dar alguma chance de diminuir seu ódio com lágrimas, com aquele papo de

como o amava. Ele não queria entender nem se comover.

Ao voltar, ela encontraria a mesa vazia. Sua ausência diria mais do que ele seria capaz de dizer

se ficasse ali. Não importava que ela dependesse dele para ir embora. Ela era adulta, podia

chamar um táxi. Não era exatamente esse o objetivo de transar com outras pessoas enquanto ele

estivesse na Inglaterra? Garantir que era adulta de verdade?

Nunca na vida tivera tanta convicção de estar fazendo a coisa certa e, à medida que se

aproximava da porta, ouvia o som de aplausos o saudando, um barulho abafado de pés batendo

no chão e palmas que aumentava e aumentava, até que finalmente abriu a porta e deparou com

uma tempestade estrondosa.

Quando chegou ao carro, suas roupas já estavam completamente encharcadas. Começou a

dar ré antes mesmo de acender os faróis. Ligou os limpadores de para-brisa na velocidade

máxima, e eles começaram a fustigar a água da chuva, que, mesmo assim, descia pelo para-brisa

numa torrente, distorcendo a visão de Ig. Ele ouviu um barulho, olhou para trás e viu que tinha

batido no poste telefônico.

Não saiu do carro para ver o estrago. Isso nem lhe passou pela cabeça. Mas, antes de pegar a

estrada, olhou pela janela do motorista e, através do aguaceiro que descia pelo vidro, a viu a

alguns metros de distância, de pé, na chuva, abraçando a si mesma, o cabelo caindo como

cordas molhadas. Ela olhou para ele com um ar sofrido, mas não fez nenhum gesto para que ele

parasse, esperasse, voltasse. Ig pisou no acelerador e foi embora.

O mundo passava como um borrão pela janela, uma confusão impressionista de verdes e

pretos. No final da tarde, a temperatura tinha subido até quase 40°C. O ar-condicionado do

carro estava ligado no máximo, como Ig o tinha deixado durante todo o dia. Estava sentado bem

na frente do jato de ar gelado, quase sem perceber que tremia por causa das roupas molhadas.

Suas emoções vinham em ondas. Ao expirar, ele a odiava e queria dizer na cara dela, só para

ver sua reação. Ao inspirar, sentia uma dor terrível só de pensar que tinha ido embora,

deixando-a na chuva, e sentia vontade de voltar e, com voz calma, mandar que ela entrasse no

carro. Em sua mente, ela continuava lá, na chuva, esperando por ele. Levantou os olhos para o

retrovisor, como se pudesse vê-la lá atrás, mas é claro que o Pit já estava a mais de um

quilômetro. Em vez disso viu um carro de polícia colado em seu para-choque, um veículo preto

com uma barra atravessada no teto.

Olhou para o velocímetro e descobriu que estava acima da velocidade máxima permitida. Suas

coxas agora tremiam tanto que chegavam a doer. Ele tirou o pé do acelerador, com a pulsação

acelerada e, quando viu o Dunkin' Donuts fechado e cercado por tapumes do lado direito da

estrada, parou.

O Gremlin ainda estava muito rápido e os pneus derraparam na terra, levantando algumas

pedras soltas. Pelo espelho lateral, viu o carro de polícia passar. Mas não era um carro de polícia,

apenas um GTO preto com um bagageiro de teto.

Ele ficou sentado atrás do volante, tremendo e esperando que seu coração desacelerasse.

Depois de um tempo decidiu que seria um erro continuar dirigindo naquela chuva, bêbado

daquele jeito. Esperaria a chuva passar; já estava diminuindo. Em seguida pensou que Merrin

poderia tentar ligar para a casa dele, para ter certeza de que ele chegara bem, e

sua mãe teria

prazer em dizer: “Não, Merrin, ele ainda não chegou. Está tudo bem?”

Então se lembrou do celular. Provavelmente seria a primeira coisa que Merrin tentaria. Tirou-

o do bolso, o desligou e jogou no chão na frente do banco do carona. Não tinha dúvidas de que

ela ligaria, e a ideia de que ela poderia imaginar que alguma coisa tivesse acontecido com ele –

que ele tivesse sofrido um acidente ou, por causa do sofrimento, tivesse jogado o carro contra

uma árvore de propósito – era muito boa.

A próxima coisa a fazer era parar de tremer. Empurrou o assento para trás e desligou o carro,

pegou uma capa de chuva que estava no banco de trás e cobriu as pernas. Ficou ouvindo a

chuva no teto do Gremlin, cada vez mais fraca, a energia da tempestade já consumida. Fechou os

olhos, relaxando ao som profundo e ressoante da chuva e só voltou a abri-los às sete horas da

manhã seguinte, quando o sol apareceu por entre as árvores.

Foi para casa correndo, entrou no chuveiro, se vestiu e pegou as malas. Não era assim que

planejara sair da cidade. Seus pais e Vera estavam tomando o café da manhã juntos na cozinha e

pareciam se divertir ao vê-lo correndo de um lado para outro, aturdido e atrapalhado. Não

perguntaram onde ele passara a noite. Achavam que sabiam. Ig não teve coragem nem tempo de

lhes contar o que acontecera. A mãe tinha um sorrizinho malicioso nos lábios e ele preferiu

deixá-la sorrindo a fazer com que se sentisse mal por ele.

Terry estava em casa – eram as férias de verão do *Hothouse* – e prometera levá-lo ao aeroporto

Logan, mas ainda não tinha se levantado. Vera disse que ele tinha passado a noite com os

amigos e só chegara depois do amanhecer. Tinha ouvido o carro entrar e olhou para fora a

tempo de ver Terry vomitando no jardim.

– Uma pena ele estar aqui e não em Los Angeles – disse a avó. – Os paparazzi perderam uma

bela foto. “Artista de TV deixa o jantar sobre as roseiras.” Sairia na capa da *People*. Ele nem

estava usando as mesmas roupas com que saiu.

Lydia Perrish agora parecia um pouco menos satisfeita e mexia nervosamente o café.

O pai de Ig estava recostado na cadeira, olhando para o rosto do filho.

– Você está bem, Ig? Parece que aconteceu alguma coisa.

– Parece que não foi só o Terence que fez seu dinheiro valer a pena ontem à noite – disse Vera.

– Você está bem pra dirigir? Posso me arrumar em 10 minutos – disse Derrick. – Levo você.

– Pode ficar e tomar seu café. É melhor eu ir antes que me atrase. Diga ao Terry

que espero

que ninguém tenha morrido e que ligo pra ele da Inglaterra.

Ig beijou todos eles, disse que os amava e saiu, encarando o frio da manhã. O orvalho brilhava

sobre a grama. Dirigiu os 100 quilômetros até o aeroporto Logan em 45 minutos. Não pegou

nenhuma retenção até os últimos quilômetros, depois de passar pela pista de corrida de Suffolk

Downs e parar ao lado de um morro alto com uma cruz de 10 metros no topo. Ig ficou um

tempo parado atrás de uma fila de caminhões, sob a sombra da cruz. Era verão em todos os

outros lugares, mas ali, debaixo da sombra escura que a gigantesca cruz lançava sobre a estrada,

era final de outono e ele sentiu um calafrio. Ele tinha uma vaga ideia de que ela se chamava cruz

de Don Orsillo, mas isso não era possível. Don Orsillo era um locutor esportivo.

As estradas estavam livres, mas o terminal da British Airways estava lotado, e a passagem de Ig

era na classe econômica. Ficou muito tempo na fila. A área de embarque estava repleta de vozes

que ecoavam, do barulhinho dos saltos altos batendo no chão de mármore e de anúncios

incompreensíveis nos alto-falantes. Ele já havia despachado a bagagem e esperava em outra fila,

para passar pela segurança, quando sentiu, mais do que ouviu, um tumulto

qualquer atrás dele.

Olhou em volta e viu as pessoas saindo da frente, abrindo espaço para um grupo de policiais

com coletes à prova de balas e capacetes, carregando fuzis, que vinha em sua direção. Um deles

fazia gestos com as mãos, apontando para a fila.

Quando Ig virou de costas para eles, viu outros policiais vindo da direção contrária. Eles

estavam se aproximando dos dois lados. Ig imaginou se eles iam pegar alguém da fila. Alguém

que estivesse esperando para ser liberado pela segurança devia ser um foragido da justiça. Ig

virou a cabeça por sobre o ombro para olhar para os policiais que se aproximavam por trás. Eles

andavam com os canos dos fuzis apontados para o chão, as viseiras dos capacetes abaixadas.

Olhando para algum lugar da fila perto de Ig com seu olhos protegidos. Aquelas armas eram

assustadoras, mas não tanto quando o olhar entorpecido e morto em seus rostos.

Então Ig notou outra coisa, a mais engraçada de todas. O policial que estava no comando,

aquele que fazia gestos com as mãos mandando seus homens se espalharem, cobrirem as

saídas… Ig tinha a estranha impressão de que o cara estava apontando para ele.

CAPÍTULO 22

I**g ficou parado do lado de dentro** do Pit, junto à porta, esperando que seus

olhos se ajustassem

à escuridão cavernosa, um espaço sombrio iluminado apenas pelas TVs de tela *widescreen* e

máquinas caça-níqueis. Um casal estava sentado no bar, figuras que pareciam formadas pela

escuridão. Um halterofilista se movia atrás do balcão, pendurando tulipas de cabeça para baixo

na prateleira dos fundos. Ig o reconheceu como o homem que o expulsara na noite em que

Merrin foi assassinada.

Fora isso, o lugar estava vazio. Ig ficou contente. Não queria ser visto. O que queria mesmo era

almoçar sem nem ter que fazer o pedido, sem ter que falar com absolutamente ninguém. Estava

tentando encontrar um jeito de conseguir isso quando seu celular tocou, zumbindo baixinho.

Era seu irmão. A escuridão se apertou em volta de Ig como um músculo. A ideia de atender,

de falar com ele, deixou Ig tonto de ódio e desespero. Não sabia o que iria dizer, o que *poderia*

dizer. Ficou olhando o telefone zumbir na palma de sua mão até ele parar de tocar.

Assim que o zumbido cessou, Ig começou a se perguntar se Terry sabia o que tinha confessado

alguns minutos antes. Além de outras coisas que poderia ter descoberto se tivesse atendido o

telefone. Se os chifres precisavam ser *vistos* para corromper as mentes das pessoas, por exemplo.

Tinha a impressão de que talvez ainda fosse possível ter uma conversa normal com alguém ao

telefone. Também queria saber se Vera tinha morrido e se agora ele de fato era o assassino que

todos acreditavam que fosse.

Não. Ele não estava preparado para descobrir isso, ainda não. Precisava de um tempo sozinho

no escuro, de uma pausa, no isolamento e na ignorância.

Claro, disse uma voz em sua mente, sua própria voz, mas dissimulada e insolente. *Foi assim*

que você passou os últimos 12 meses. Que diferença faria mais uma tarde?

Quando seus olhos se acostumaram às sombras fastidiosas do Pit, encontrou um lugar vazio

num boxe onde alguém havia comido pizza, provavelmente acompanhado por crianças. Havia

copos de plástico com canudos dobráveis. Tinham sobrado alguns pedaços de pizza. E, o mais

importante: o adulto que promoveu aquela farra tinha deixado meio copo de cerveja clara. Ig

escorregou para o canto do boxe com o acolchoado rangendo e se serviu. A cerveja estava morna.

E, até onde sabia, a última pessoa que bebera naquele copo podia ter herpes ou uma hepatite

gravíssima. Depois que você cria chifres, parece meio estúpido ficar com essa

frescura de pegar

germes.

A porta de vaivém que dava para a cozinha se abriu e uma garçonete saiu de um espaço de

ladrilhos brancos, iluminado por lâmpadas fluorescentes, para entrar na escuridão. Trazia uma

garrafa com líquido de limpeza numa das mãos e um trapo na outra e rapidamente cruzou o

salão, direto para onde Ig estava.

Ig a conhecia, é claro. Era a mesma mulher que tinha servido os drinques a ele e a Merrin em

sua última noite juntos. Seu rosto era emoldurado por um par de asas de cabelos pretos lisos que

se curvavam na altura do queixo pontudo, fazendo com que parecesse a versão feminina do

professor que estava sempre pegando no pé do Harry Potter nos filmes. Professor Snail ou

qualquer coisa assim. Ig tinha esperado ler os livros da série com os filhos que ele e Merrin

teriam juntos.

Ela não estava olhando para o boxe e ele se encolheu contra o encosto de vinil vermelho. Era

tarde demais para tentar escapulir sem ser visto. Até pensou em se esconder debaixo da mesa,

mas desistiu, pois deveria ser incômodo. No momento seguinte ela já estava debruçada sobre a

mesa, recolhendo os pratos. Havia uma lâmpada pendurada bem acima da mesa, que, mesmo

que ele se espremesse o máximo que podia contra o encosto, ainda projetava sobre a mesa a

sombra de sua cabeça – e dos chifres. Primeiro a garçonete viu a sombra, depois olhou para ele.

Suas pupilas se contraíram. Seu rosto empalideceu. Deixou os pratos caírem na mesa com um

estrondo assustador, mas talvez mais assustador ainda tenha sido o fato de nenhum deles ter se

quebrado. Ela respirou fundo, preparando-se para gritar, então seu olhar encontrou os chifres.

O grito pareceu morrer em sua garganta. Ela ficou parada ali.

– O aviso diz para permanecerem sentados, por favor – disse Ig.

– Sim. Tudo bem. Vou só limpar sua mesa e… e trazer um cardápio.

– Na verdade, eu já comi – disse Ig, apontando para os pratos vazios.

Os olhos dela se moveram dos chifres para o rosto dele e de volta para os chifres, várias vezes.

– Você é aquele cara – disse ela. – Ig Perrish.

Ig concordou com a cabeça.

– Foi você que nos serviu, minha namorada e eu, há um ano, na nossa última noite juntos.

Quero dizer que lamento as coisas que disse naquela noite e a maneira como me comportei.

Gostaria de dizer que você me viu no meu pior momento, mas aquilo não era nada comparado

ao que sou hoje.

– Não me sinto nem um pouco mal por causa disso.

– Ah. Ainda bem. Achei que tinha deixado uma péssima impressão.

– Não – disse ela. – Quero dizer que não me sinto mal por ter mentido pra polícia. Pena que

eles não acreditaram em mim.

Ig sentiu suas entranhas se revirarem. Estava começando de novo. Ela parecia falar consigo

mesma, ou melhor, com seu demônio particular, um demônio que por acaso tinha a cara de Ig

Perrish. Se ele não encontrasse um jeito de controlar aquilo – de neutralizar os efeitos dos chifres

–, logo ficaria maluco, isso se já não estivesse.

– Que mentira você contou?

– Disse à polícia que você tinha ameaçado estrangulá-la. Disse que vi você tentando jogá-la no

chão.

– E por que você diria uma coisa dessas?

– Pra que você não escapasse, não ficasse livre. E olhe pra você. Ela está morta e você está aqui.

Você se livrou de qualquer jeito, exatamente como meu pai se livrou depois do que fez com

minha mãe e comigo. Queria que você fosse pra cadeia. – Inconscientemente, ela jogou a cabeça

para trás, para tirar o cabelo do rosto. – Também queria aparecer no jornal.

Queria ser uma

testemunha importante. Se você tivesse sido julgado, eu teria aparecido na TV.

Ig ficou olhando para ela.

– Fiz o melhor que pude – continuou ela. – Naquela noite, depois que você saiu, sua

namorada foi correndo atrás de você e esqueceu o casaco. Fui lá fora pra devolvê-lo e vi quando

você foi embora sem ela. Mas não foi isso que contei à polícia. Eu disse que, quando cheguei lá,

vi você a empurrando pra dentro do carro e saindo daqui a toda. Foi aí que eu me ferrei. Parece

que você bateu num poste quando estava dando ré e um dos clientes ouviu o barulho e olhou

pela janela pra ver o que tinha acontecido. Ele contou à polícia que viu você sair sem ela. O

detetive pediu que eu repetisse minha história, mas com o detector de mentiras, e tive que retirar

aquela parte. Então eles também não acreditaram em mais nada do que eu tinha dito. Mas sei o

que aconteceu. Sei que você voltou pra pegá-la alguns minutos depois.

– Você se enganou. Foi outra pessoa que a levou.

Quando pensou em quem tinha sido, teve náuseas.

Mas a ideia de que ela pudesse ter se enganado a respeito dele parecia não interessar nem um

pouco à garçonete. Quando ela voltou a falar, foi como se Ig não tivesse dito nada.

– Eu sabia que algum dia ia ver você de novo. Você vai me obrigar a ir até o estacionamento

com você? Vai me levar pra algum lugar e comer minha bunda? – Seu tom era inegavelmente

esperançoso.

– O quê? Não. Que porra é essa?

Parte da excitação desapareceu dos olhos dela.

– Você pelo menos vai me ameaçar?

– Não.

– Eu podia dizer que você me ameaçou. Posso falar pro Reggie que você mandou eu tomar

cuidado. Seria uma boa história. – Seu sorriso se desfez mais um pouco e ela lançou um olhar

melancólico para o halterofilista no bar. – Mas provavelmente ele não ia acreditar em mim.

Reggie acha que sou uma mentirosa compulsiva. Eu também acho. Gosto de contar minhas

historinhas. Mesmo assim. Nunca devia ter dito para o Reggie que o Gordon, meu namorado,

tinha morrido no ataque às torres gêmeas, depois de contar à Sarah, uma outra garçonete daqui,

que ele tinha morrido no Iraque. Eu devia ter imaginado que eles também trocavam umas ideias.

Tanto faz. Gordon *podia* ter morrido em algum lugar. Pra mim, pelo menos, ele está morto. Ele

terminou comigo por e-mail, então que se foda. Por que estou contando tudo isso

pra você?

– Porque você não pode evitar.

– É isso aí. Não posso – disse ela, estremecendo, uma reação que sem dúvida tinha uma

conotação sexual.

– O que seu pai fez com você e com sua mãe? Ele… ele machucou vocês? – perguntou Ig, mas

não tinha certeza se realmente queria saber.

– Ele dizia que amava a gente, mas era mentira. Fugiu pra Washington com a minha

professora da quinta série. Eles formaram uma família e agora ele tem outra filha, de quem ele

gosta mais do que já gostou de mim algum dia. Se realmente me amasse, teria me levado com ele

em vez de me deixar com minha mãe, que é uma puta velha, depressiva e mal-humorada. Ele

disse que sempre ia fazer parte da minha vida, mas não faz parte de porra nenhuma. Odeio

gente mentirosa. Os outros mentirosos, quero dizer. Minhas historinhas não fazem mal a

ninguém. Quer saber o que eu conto sobre você e sua namorada?

A pizza que Ig tinha comido estava entalada no seu estômago, um bolo pesado e farinhento.

– Provavelmente não.

O rosto dela corou de excitação e seu sorriso voltou.

– Às vezes, as pessoas vêm e perguntam o que você fez com ela. Só de olhar eu consigo sacar

quanto elas querem saber, só o básico ou os detalhes sórdidos. Os universitários normalmente

querem alguns detalhes sórdidos. Eu digo que, depois de ter esmagado os miolos dela, você a

virou de costas e enrabou o cadáver.

Ig tentou se levantar, bateu com os joelhos na parte de baixo da mesa e ao mesmo tempo

esbarrou com os chifres na luminária de vitral. A luminária começou a balançar, fazendo sua

sombra chifruda avançar na direção da garçonete e depois recuar, avançando e recuando. Ig teve

que se sentar de novo, as patelas latejando de dor.

– Ela não estava… – começou Ig. – Isso não… Sua filha da puta doente.

– Sou mesmo – confessou a garçonete, com um toque de orgulho. – Sou *tão má*. Mas você

devia ver a cara deles quando conto essa história. As garotas principalmente. Elas adoram essa

parte. É sempre excitante ouvir falar de alguém sendo *violentado*. Todo mundo gosta de um bom

crime. E, na minha opinião, não existe uma só história que não possa ser melhorada com uma

pitada de sodomia.

– Será que você não entende que está falando de uma pessoa que eu amava? – perguntou Ig.

Seus pulmões pareciam arranhados, como se estivessem em carne viva, e ele mal conseguia

respirar.

– Claro – disse ela. – Foi por isso que você a matou. Normalmente é por isso que as pessoas

matam. Não é por ódio. É por amor. Às vezes queria que meu pai tivesse amado a mim e a

minha mãe o bastante para *nos* matar e depois se suicidar. Então teria sido uma grande tragédia

e não mais um fim de relacionamento chato e deprimente. Se ele tivesse estômago para um

duplo homicídio, todos poderíamos ter aparecido na TV.

– Eu não matei minha namorada – disse Ig.

A essa altura a garçonete finalmente demonstrou uma reação, franzindo a testa e os lábios,

uma cara de perplexidade e decepção.

– Bem. *Isso* não tem a menor graça. Acho que você seria muito mais interessante se tivesse

matado alguém. Claro, você tem chifres. Isso é legal! É uma nova moda?

– Moda?

– É. Essa coisa de modificações no corpo. Foi você mesmo que fez?

Apesar de ainda não conseguir se lembrar do que acontecera na noite anterior – se lembrava

de tudo até a hora de sua explosão na mata perto da fundição, mas depois daquilo havia apenas

um branco terrível –, sabia a resposta para essa pergunta. Ela saiu instantaneamente e sem

dificuldade.

– Sim – disse ele. – Fui eu que fiz.

CAPÍTULO 23

A**garçonete tinha dito que ele** seria mais interessante se tivesse matado alguém, então Ig

tomou uma decisão: por que não matar Lee Tourneau?

Era uma alegria saber para onde estava indo, voltar para o carro com um destino certo.

Quando Ig arrancou, os pneus saíram levantando terra. Lee trabalhava no escritório de um

deputado em Portsmouth, New Hampshire, a 40 minutos dali e Ig estava disposto a dar um

passeio. Poderia usar o tempo na estrada para elaborar seu plano.

A primeira ideia foi usar as mãos. Estrangulá-lo como ele tinha feito com Merrin – Merrin que

o amava, que foi a primeira a chegar na casa dele para consolá-lo no dia em que sua mãe

morreu. Ig agarrou o volante como se já estivesse esganando Lee, o chacoalhando para a frente e

para trás com tanta força que a barra da direção até rangeu. O ódio por Lee era a melhor coisa

que Ig sentia em anos.

Depois pensou que devia haver uma chave de roda no porta-malas. Ele podia vestir sua capa

de chuva, que ainda estava jogada no banco de trás, e esconder a chave de roda na manga.

Quando Lee estivesse bem na frente dele, era só deixar a chave escorregar até a mão e acertar a

cabeça dele. Ig imaginou o baque seco do ferro entrando em contato com o crânio de Lee e se

arrepiou de excitação.

Sua preocupação era que a chave de roda fosse muito rápida, que Lee nunca soubesse o que

tinha acontecido. Num mundo perfeito, Ig obrigaria Lee a entrar no carro e o levaria a algum

lugar onde pudesse afogá-lo – segurar a cabeça dele embaixo d'água e vê-lo lutar. Ig sorriu com a

ideia, sem perceber que suas narinas soltavam fumaça. Dentro do carro iluminado, parecia

apenas uma pálida névoa de verão.

Depois de perder praticamente toda a visão do olho esquerdo, Lee se tornara pacato e quase

sempre mantinha a cabeça baixa. Cumpriu 20 horas de trabalho para cada loja que tinha

roubado, independentemente do valor das coisas que furtara – um par de tênis de 30 dólares ou

uma jaqueta de couro de 200. Escreveu uma carta para o jornal na qual explicava

detalhadamente cada um dos seus crimes e pedia desculpas aos donos das lojas, seus amigos, sua

mãe, seu pai e à igreja. Tornou-se religioso e era voluntário em todos os

programas que o

Sagrado Coração oferecia. E durante todos os verões trabalhava com Ig e Merrin no

Acampamento Galileia.

E, uma vez a cada verão, Lee era o orador convidado para a missa de domingo do

Acampamento Galileia. Ele sempre começava dizendo às crianças que era um pecador, que tinha

roubado e mentido, usado seus amigos e manipulado seus pais. Falava que tinha sido cego, mas

agora enxergava. Dizia isso apontando para o olho esquerdo, parcialmente cego. Todo verão ele

proferia a mesma lição de moral. Ig e Merrin ouviam do fundo da capela e, quando Lee

apontava para o olho e dizia “Graça Suprema”, inevitavelmente as costas e os braços de Ig se

arrepiavam. Ig achava que tinha muita sorte por conhecê-lo, ficava orgulhoso de ser seu amigo,

de fazer parte da história de Lee.

Era uma história incrível. As garotas, então, adoravam. Gostavam tanto de Lee já ter sido mau

quanto de ele ter se regenerado. Gostavam porque ele podia falar de sua própria alma e porque

as outras crianças o adoravam. Havia algo insuportavelmente nobre na forma como ele admitia,

com toda a tranquilidade, as coisas que tinha feito, sem demonstrar vergonha

nem

constrangimento. As garotas que ele namorava adoravam ser a única tentação que ele ainda se

permitia.

Lee havia sido aceito no seminário de Bangor, no Maine, mas, quando sua mãe ficou doente,

desistiu da teologia e voltou para casa para tomar conta dela. A essa altura seus pais já estavam

divorciados. O pai tinha se mudado com a segunda mulher para a Carolina do Sul. Lee dava os

remédios da mãe, mantinha seus lençóis limpos, trocava as fraldas e assistia a programas

educativos na TV com ela. Quando não estava à cabeceira da mãe, estava na Universidade de

New Hampshire, onde conseguiu se formar em comunicação. Aos sábados ia de carro até

Portsmouth para trabalhar no escritório do mais novo deputado de New Hampshire.

Começou como voluntário, mas, quando a mãe morreu, já era funcionário e trabalhava em

horário integral, à frente do programa de expansão religiosa do deputado. Muita gente

acreditava que Lee era o principal motivo de o tal deputado ter sido reeleito nas últimas eleições.

Seu oponente, um juiz aposentado, tinha assinado uma petição, permitindo que uma detenta

grávida fizesse um aborto no primeiro trimestre da gestação. Lee chamou isso de “pena de morte

para o feto” e foi à metade das igrejas do estado para falar sobre o assunto. Ele ficava muito bem

no púlpito, com sua gravata e sua camisa branca impecáveis, e nunca perdia uma oportunidade

para se dizer um pecador. Todo mundo adorava isso.

O trabalho de Lee na campanha teve como consequência a única briga entre ele e Merrin,

embora Ig não tivesse certeza se ainda se podia chamar de briga quando uma das partes não se

defendia. Merrin lhe deu uma baita esculhambação por causa da história do aborto, mas Lee,

com a maior calma, disse:

– Merrin, se você quiser que eu largue meu emprego, entrego minha carta de demissão

amanhã mesmo. Não vou nem discutir. Mas, se vou continuar, tenho que fazer aquilo para que

fui contratado, e vou fazer direito.

Ela disse que Lee não tinha vergonha. Ele respondeu que às vezes achava que não tinha outra

coisa além disso, então Merrin disse:

– Pelo amor de Deus, não vem com esse papo pra cima de mim.

Depois disso, ela o deixou em paz.

Lee, é claro, gostava de olhar para ela. Ig o flagrara algumas vezes, quando Merrin se

levantava de uma mesa, a saia roçando em suas pernas. Lee sempre tinha gostado de olhar para

ela. Ig não se importava. Merrin era dele. E, de qualquer jeito, depois do que Ig fizera ao olho de

Lee – com o tempo passou a se sentir pessoalmente responsável por sua cegueira parcial –, não

seria capaz de negar ao amigo uma espiada numa mulher bonita. Lee sempre dizia que podia ter

ficado completamente cego no acidente e por isso tentava aproveitar todas as coisas boas que

podia ver como se fossem a última fatia do bolo. Lee tinha talento para criar máximas desse tipo,

confessando francamente seus prazeres e seus erros, sem medo de que zombassem dele. Não que

alguém fosse fazer isso. Muito pelo contrário: todo mundo torcia por Lee. A transformação dele

tinha sido uma tremenda inspiração. Talvez ele mesmo entrasse para a política em breve. Já

havia algumas especulações nesse sentido, embora Lee sempre risse da sugestão de que estivesse

almejando uma posição mais alta e repetisse a velha máxima de Groucho Marx sobre não entrar

para clubes que o aceitassem como sócio. César também recusara o trono três vezes, lembrava-se

Ig.

Alguma coisa pulsava nas têmporas de Ig. Era como um martelo malhando o ferro quente,

um ribombar constante. Saiu da interestadual e seguiu pela rodovia até o prédio onde o

deputado mantinha seus escritórios, um edifício com um átrio na forma de uma grande cunha

de vidro na frente, como a proa de um enorme navio. Ig se dirigiu à entrada dos fundos.

O estacionamento asfaltado que ficava atrás do prédio tinha dois terços das vagas livres, todas

sob o escaldante sol da tarde. Ig estacionou, pegou a capa de náilon azul no banco de trás e

saltou. Estava muito quente para se usar casaco, mas o vestiu assim mesmo. Gostava da sensação

do sol batendo sobre seu rosto e sua cabeça e do calor que subia do asfalto. Na verdade,

exultava.

Abriu o porta-malas e esvaziou todo o seu conteúdo no chão. A chave de roda estava presa

embaixo de um painel de metal, mas os parafusos estavam enferrujados e, quando tentou

afrouxá-los, Ig machucou as mãos. Desistiu e foi olhar na caixa de ferramentas. Havia um

sinalizador – um tubo enrolado num papel vermelho, liso e oleoso. Ele sorriu. Um sinalizador

era muito melhor que uma chave de roda. Poderia queimar aquela carinha bonita do Lee. Cegar

o outro olho – isso lhe parecia tão bom quanto matá-lo. Além do mais, o sinalizador tinha mais

a ver com Ig do que a chave de roda. Não dizem que o fogo é o único amigo do diabo?

Ig atravessou o estacionamento pelo asfalto fumegante. Era verão, época em que os gafanhotos

adultos finalmente saem da terra para acasalar, e as árvores atrás do estacionamento estavam

tomadas por aquele zumbido reverberante e profundo, como um enorme pulmão de aço em

funcionamento. O som dos insetos enchia a cabeça de Ig, era exatamente o som de sua dor de

cabeça, de sua loucura, de seu ódio esclarecedor. Um trecho do Apocalipse veio à sua mente: *Da*

fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra. Os gafanhotos vinham de tempos em tempos

para foder e morrer. Lee Tourneau era um inseto, em nada melhor que um gafanhoto – pior, na

verdade. A parte de foder ele já tinha feito, agora podia morrer. Ig iria ajudá-lo. Enquanto

cruzava o estacionamento, enfiou o sinalizador na manga da capa e o segurou lá com a mão

direita.

Aproximou-se de um par de portas de acrílico com o nome do honorável deputado de New

Hampshire impresso. Tinham uma cobertura espelhada e viu seu reflexo: um homem

magérrimo, suado, com uma capa de chuva fechada até o pescoço, que parecia disposto a

cometer um crime. Sem falar dos chifres. As pontas tinham rompido a pele das têmporas e o

osso estava rosado por causa do sangue. Ainda pior que os chifres era a forma como sorria. Se

ele mesmo estivesse do outro lado daquelas portas e se visse chegar, teria acionado as travas de

segurança e ligado para a polícia.

Empurrou as portas e entrou na quietude acarpetada e refrigerada. Um homem gordo com

corte de cabelo militar estava sentado atrás de uma escrivaninha, conversando animadamente

pelo fone de ouvido. À direita da mesa havia um posto de segurança onde os visitantes deviam

passar por um detector de metais. Um guarda estadual de cerca de 50 anos estava sentado atrás

do monitor de raio X mascando chiclete. Uma janela de acrílico que ficava atrás da mesa do

recepcionista dava para uma sala vazia com o mapa de New Hampshire preso à parede e um

monitor de segurança em cima da mesa. Outro enorme guarda estadual de ombros largos estava

sentado a uma mesa de armar, debruçado sobre uma papelada. Ig não conseguia ver seu rosto,

mas ele tinha o pescoço grosso e uma careca que chegava a ser obscena.

Tudo aquilo – os guardas, o detector de metais – deixou Ig nervoso. Despertava memórias

desagradáveis do que acontecera no aeroporto Logan. Ele estremeceu e começou a suar frio.

Havia mais de um ano que não ia àquele lugar para ver Lee e não se lembrava de ter passado

pela segurança.

– Até logo, querida – disse o recepcionista ao fone de ouvido. Ele apertou um botão em sua

mesa e olhou para Ig. Tinha um rosto grande e redondo, como uma lua. Por trás dos óculos de

armação quadrada havia um olhar brilhante que misturava assombro e confusão.

– Em que posso ajudar? – perguntou a Ig.

– Você poderia…

Mas então outra coisa chamou a atenção de Ig: o monitor de segurança que ficava na sala do

outro lado da janela de acrílico. Ele mostrava a imagem de uma lente olho de peixe que abrangia

toda a recepção – os vasos de plantas, as inofensivas poltronas de plush e o próprio Ig. Só que

havia alguma coisa errada com o monitor. A imagem de Ig ficava se dividindo em duas figuras

sobrepostas e depois voltava a se juntar. Aquela parte da imagem era instável e piscava. A

imagem primária de Ig o mostrava tal como era: um homem magro, pálido, com entradas

profundas nos cabelos, um cavanhaque e chifres curvos. Mas então havia uma sombra

secundária, escura e sem traços definidos, que aparecia e desaparecia. Essa segunda versão dele

não tinha chifres – a imagem de quem ele havia sido e não de quem era agora. Era como olhar

para sua alma tentando escapar do demônio ao qual estava ancorada.

O guarda que estava sentado naquela sala vazia e muito iluminada também tinha notado e se

ajeitara na cadeira para examinar a tela. Ig ainda não conseguia ver o rosto dele, que tinha se

virado o suficiente para que Ig só pudesse ver uma orelha naquele domo branco e polido, uma

bala de canhão feita de pele e osso, depositada sobre um apoio grosso e brutal que era seu

pescoço. Depois de um instante o guarda se levantou e deu uma pancada com o punho no

monitor, tentando corrigir a imagem. Bateu com tanta força que por alguns instantes toda a tela

escureceu.

– Senhor – disse o recepcionista.

Ig tirou os olhos do monitor.

– Será que eu… poderia falar com Lee Tourneau? Diga que é Ig Perrish.

– Tenho que ver sua carteira de motorista e imprimir sua etiqueta de identificação antes de

deixá-lo entrar – disse o guarda de forma automática e inexpressiva, olhando fascinado para os

chifres.

Ig olhou de relance para o posto de segurança. Sabia que não conseguiria passar por ali com o

sinalizador na manga.

– Diga a ele que vou esperar aqui. Diga que ele vai querer me ver.

– Acho que ele não vai querer, não – respondeu o recepcionista. – Não posso imaginar que

alguém queira. Você é horrível. Tem chifres e é horrível. Preferia nem ter vindo trabalhar hoje, só

pra não ter que olhar pra você. Quase não vim. Uma vez por mês, me permito um dia de saúde

mental e fico em casa. Visto uma calcinha da minha mãe e fico excitado. Para uma coroa até que

ela tem umas coisas bem sacanas. Ela tem um corpete muito bonito, de cetim preto, com

barbatanas nas costas e cheio de fitas. – Seus olhos estavam extasiados e havia uma gota branca

de saliva no canto de sua boca.

– O mais legal é você chamar isso de dia de saúde mental – disse Ig. – Agora, pode chamar

Lee Tourneau, por favor?

O recepcionista deu um giro de 90 graus, virando o ombro para Ig. Apertou um botão e

depois murmurou no fone de ouvido. Ouviu por alguns instantes e disse:

– O.k. – Em seguida se virou de novo para Ig. Seu rosto redondo brilhava de suor. – Ele vai

estar em reunião durante toda a manhã.

– Diga a ele que sei o que ele fez. Use exatamente essas palavras. Diga a Lee que, se quiser falar

sobre isso, vou esperar no estacionamento por cinco minutos.

O recepcionista lançou um olhar vazio para ele, então fez que sim com a cabeça e virou-se

ligeiramente para o lado, dizendo no fone:

– Sr. Tourneau? Ele disse… ele disse que sabe o que o senhor fez? – repetiu, transformando a

frase numa pergunta no último momento.

Ig não captou mais nada do que o recepcionista falou, porque, no instante seguinte, ouviu

uma voz em seus ouvidos, uma voz que ele conhecia bem, mas que não escutava havia muitos

anos.

– Puta que pariu! Iggy Perrish – disse Eric Hannity.

Ig se virou e viu o guarda careca que estava sentado diante do monitor na sala do outro lado

da janela. Aos 18 anos Eric tinha parecido um adolescente tirado de um catálogo de artigos

esportivos, grande e vigoroso, com cabelos castanhos encaracolados cortados bem rente. Gostava

de andar descalço, sem camisa, os jeans escorregando pelos quadris. Mas agora, quase aos 30,

seu rosto tinha perdido as feições, se tornando um bloco carnudo indefinido e, quando os

cabelos começaram a rarear, decidiu raspá-los em vez de dar início a uma

batalha que não tinha

como vencer. Agora, totalmente careca, estava impressionante. Como talvez fosse inevitável,

tinha seguido o ramo de trabalho do pai, uma profissão que oferecia ao mesmo tempo

autoridade e cobertura legal para machucar as pessoas de vez em quando. No tempo em que Ig e

Lee ainda eram amigos (se é que algum dia foram amigos de verdade), Lee tinha comentado que

Eric era responsável pela segurança do deputado e que tinha se tornado muito mais dócil. Lee

até fora pescar com ele uma ou duas vezes.

– É claro que ele usa o fígado dos subversivos como isca – dissera Lee. – Entenda isso como

quiser.

– Eric – disse Ig então, afastando-se da escrivaninha – Como vai?

– Feliz – respondeu Eric. – Feliz em vê-lo. E você, Ig? Como vai? Matou alguém essa semana?

– Estou bem.

– Não parece. Parece que se esqueceu de tomar seus remédios.

– Que remédios?

– Bem, você deve estar com *alguma* doença. Está um calor de matar lá fora, mas você está

usando uma capa de chuva e suando feito um porco. Sem falar que há chifres crescendo em sua

cabeça e sei que *isso* não é normal. Mas é claro que, se você fosse uma pessoa saudável, jamais

teria amassado a cara da sua namorada e a deixado na mata. Aquela putinha de cabelos

vermelhos – disse Eric. Ele olhava para Ig com prazer. – Sabia que depois disso virei seu fã? Sem

sacanagem. Há muitos anos eu achava que sua família riquinha ia acabar se dando mal.

Principalmente seu irmão, com aquele monte de dinheiro, aparecendo todas as noites na TV,

com garotas de biquíni sentadas no colo dele, como se tivesse trabalhado algum dia na vida.

Então você apronta aquilo. Você jogou o nome da sua família na lama e eles nunca mais vão

conseguir limpar. Adorei. Nem imagino o que você pode fazer para repetir a façanha. O que vai

ser, Ig?

Ig precisou se esforçar para fazer as pernas pararem de tremer. Eric se agigantava sobre ele: era

15 centímetros mais alto e tinha, pelo menos, 40 quilos a mais.

– Só estou aqui para dar uma palavrinha com Lee.

– Já sei como você pretende repetir a façanha – disse Eric, como se Ig não tivesse falado nada.

– Você aparece no escritório de um deputado com a cabeça cheia de merda e uma arma

escondida na capa. Você tem uma arma, não é? É por isso que está de casaco,

para escondê-la.

Você está armado e vou atirar em você e aparecer na primeira página do *Boston Herald* por ter

matado o irmão maluco de Terry Perrish. Não vai ser o máximo? Da última vez que vi seu

irmão, ele me ofereceu ingressos para o programa dele, caso eu fosse a Los Angeles. Esfregando o

sucesso dele na minha cara. Eu queria era ser o cara que, heroicamente, estourou seus miolos

antes que você pudesse matar mais alguém. Então, no enterro, ia perguntar ao Terry se ele ainda

podia me arranjar aqueles ingressos. Só pra ver a cara dele. Vamos lá, Ig. Passe pelo detector de

metais pra eu ter uma desculpa pra arrebentar essa sua cabeça maluca.

– Não vou entrar. Vou esperar lá fora – disse Ig, já se afastando na direção da porta,

consciente do suor gelado que escorria debaixo de seus braços. As palmas das mãos já estavam

escorregadias. Enquanto empurrava a porta com o cotovelo, o sinalizador escapuliu e, por um

momento de terror absoluto, Ig achou que ele ia cair no chão, na frente de Eric, mas conseguiu

segurá-lo com o polegar e mantê-lo no lugar.

Eric ficou observando com um olhar de animal faminto enquanto Ig voltava para a luz do sol.

A transição do frio do escritório para o calor escaldante da tarde deixou Ig um

pouco tonto. O

céu ficava claro, escurecia e depois clareava de novo.

Ele sabia exatamente o que estava fazendo quando foi até o escritório do deputado. Tudo

havia lhe parecido simples e claro. No entanto, agora via que tinha se enganado. Não ia matar

Lee com um sinalizador (a ideia por si só já era hilária e absurda). Lee nem sequer ia sair para

falar com ele.

Enquanto atravessava o estacionamento, Ig apertou o passo, no ritmo das batidas de seu

coração. O negócio era ir embora, pegar a estrada de volta para Gideão. Encontrar um lugar

onde pudesse ficar sozinho, quieto, e pensar um pouco. Botar a cabeça no lugar. Depois do dia

que tivera, precisava desesperadamente botar a cabeça no lugar. Ir até ali tinha sido tão

absolutamente precipitado e impulsivo que ele ficou assustado por ter se permitido fazer isso.

Uma parte dele achava que havia uma boa chance de Eric estar no seu encalço e, se não fosse

embora logo, talvez não conseguisse ir nunca mais. (A outra parte, no entanto, sussurrava: *Em*

10 minutos Eric não vai nem se lembrar que você esteve aqui. Ele não estava nem falando com você.

Estava falando com seu próprio demônio.)

Ig jogou o sinalizador no porta-malas do Gremlin e bateu a porta. Ainda estava dando a volta

no carro para ir até a porta do motorista quando ouviu a voz de Lee chamando:

– Ig?

A temperatura interna de Ig mudou ao som daquela voz, caindo vários graus, como se tivesse

tomado um drinque absurdamente gelado de um gole só. Ig se virou e o encarou. Viu Lee

através do vapor quente que subia do asfalto, uma figura tremulante e distorcida, sumindo e

reaparecendo – uma alma, não um homem. Seu cabelo, curto e dourado, estava branco e

incandescente, como se estivesse em chamas. Eric estava de pé ao lado dele, a careca brilhando e

os braços cruzados sobre o peito de barril, as mãos escondidas embaixo das axilas.

Eric ficou junto à porta do edifício, mas Lee veio andando em direção a Ig, parecendo

caminhar no ar, e não sobre o chão, escorrendo como líquido através do calor sufocante. Porém,

quando se aproximou, suas formas se tornaram mais sólidas e ele deixou de ser um espírito

líquido e sem substância, um espectro talhado no calor e no brilho distorcido da luz do sol.

Finalmente era apenas um homem com os pés no chão. Usava jeans e uma camisa branca, seu

uniforme de trabalho, que o deixava mais parecido com um carpinteiro do que com um

aspirante a político. Quando chegou perto de Ig, tirou os óculos de lentes espelhadas. Uma fina

corrente de ouro brilhava em sua garganta.

O azul do olho direito de Lee tinha exatamente o mesmo tom do causticante céu de agosto. O

ferimento no olho esquerdo não tinha resultado no tipo comum de catarata que se parece com

uma camada branca leitosa sobre a retina. Lee tinha desenvolvido uma catarata cortical, que se

manifestava como um raio de sol azul-claro – uma terrível estrela branca aberta na pupila

escura. O olho direito, claro e atento, estava fixo em Ig, mas o outro era ligeiramente estrábico e

parecia contemplar o nada. Lee dizia que podia enxergar com ele, mesmo que com pouca

clareza. Dizia que era como olhar através de uma janela coberta de espuma de sabão. Lee parecia

absorver Ig com o olho direito. E só Deus sabe para onde o esquerdo olhava.

– Recebi sua mensagem – disse. – Então, você sabe.

Ig foi pego de surpresa, não podia imaginar que, mesmo sob a influência dos chifres, Lee fosse

admitir tão abertamente. Outra coisa que o desarmou foi aquele meio sorriso tímido estampado

no rosto de Lee, uma expressão quase constrangida, como se estuprar e matar

Merrin tivesse sido

uma gafe social inaceitável, como deixar pegadas de lama num tapete novo.

– Sei de *tudo*, seu filho da puta – disse Ig, com a voz trêmula.

Lee ficou pálido, manchas vermelhas desabrochavam em suas faces. Levantou a mão

esquerda, com a palma voltada para fora, num gesto que pedia que Ig esperasse.

– Ig, não vou ficar dando desculpas. Eu sabia que aquilo era errado. Eu tinha bebido um

pouco além da conta e ela parecia estar precisando de um amigo, depois as coisas saíram de

controle.

– Isso é tudo o que você tem a dizer? As coisas fugiram da porra do controle? Você sabe que

estou aqui pra te matar.

Lee o encarou por um instante, então olhou sobre o ombro para Eric e de volta para Ig.

– Ig, levando em conta seu histórico, você não devia fazer esse tipo de brincadeira. Depois do

que você passou por causa da Merrin, devia tomar mais cuidado com o que diz na frente de um

agente da lei. Especialmente Eric. Ele não entende muito bem ironias.

– Mas não estou sendo irônico.

Lee pegou a correntinha de ouro que usava em volta do pescoço e disse:

– Acredite ou não, eu me sinto horrível com tudo o que aconteceu. Ao mesmo tempo, uma

pequena parte de mim está feliz por você ter descoberto. Você não precisa dela na sua vida, Ig.

Vai ficar melhor sem ela.

Ig não conseguiu se controlar. Um som baixo, de agonia e de ódio, surgiu de sua garganta e

ele partiu para cima de Lee. Esperava que ele se esquivasse, mas Lee fincou os pés no chão e

apenas lançou outro olhar na direção de Eric, que meneou a cabeça em resposta. Ig olhou para

Eric – e parou. Pela primeira vez reparou que o coldre de Eric estava vazio. Ele segurava o

revólver em uma das mãos que estavam escondidas debaixo das axilas. Ig não podia ver a arma,

mas sabia que ela estava lá, podia sentir seu peso como se ele mesmo a carregasse. E não havia

dúvidas de que Eric a usaria. Ele queria atirar no irmão de Terry Perrish e aparecer no jornal –

POLICIAL MATA SUSPEITO DE ASSASSINATO –, e Ig tocar em Lee seria a desculpa de que

precisava. Os chifres cuidariam do resto, impelindo Eric a dar vazão a seus piores impulsos. Era

assim que eles funcionavam.

– Não sabia que você se importava tanto – disse Lee, respirando lenta e compassadamente. –

Pelo amor de Deus, Ig, ela é um lixo. Quero dizer, até que tem um bom coração, mas Glenna

sempre foi um lixo. Eu achava que o único motivo para você ter ido morar com ela era sair da

casa dos seus pais.

Ig não fazia a menor ideia do que ele estava falando. Por um instante, o dia parecia ter

voltado ao normal. Até o zumbido terrível dos gafanhotos tinha dado um tempo. Então Ig

entendeu. Lembrou-se do que Glenna lhe contara pela manhã, a primeira confissão que os

chifres tinham provocado. Parecia impossível que aquilo tivesse acontecido naquela mesma

manhã.

– Não estou falando *dela* – disse Ig. Como você pôde pensar que eu estava falando da *Glenna*?

– Então de quem você está falando?

Ig não entendeu. Todos contavam. Assim que viam Ig, os chifres, os segredos escapavam. Não

podiam evitar. O recepcionista usava as calcinhas da mãe e Eric queria uma desculpa para atirar

em Ig e aparecer no jornal. Agora era a vez de Lee e a única coisa que tinha para confessar é que

uma bêbada havia pagado um boquete para ele.

– Merrin – respondeu Ig com a voz rouca. – Estou falando do que você fez com Merrin.

Lee inclinou a cabeça só um pouco, de forma que seu ouvido direito ficou apontando para o

céu – como um cachorro prestando atenção a um ruído distante. E deixou escapar um suspiro

leve. Depois balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

– Não entendi. O que eu fiz com…

– Você a matou, seu merda. *Sei* que foi você. Você a matou e obrigou o Terry a ficar calado.

Lee olhou Ig firme e demoradamente. Depois deu outra olhada para Eric – checando se ele

estava perto o bastante para ouvir a conversa, deduziu Ig. Não estava. Então Lee se virou para Ig

de novo e, ao fazer isso, seu rosto estava morto e inexpressivo. A mudança foi tão chocante que

Ig quase gritou de medo – uma reação cômica, um diabo ter medo de um homem, quando devia

acontecer o contrário.

– Terry disse isso pra você? – perguntou Lee. – Se disse, é um mentiroso filho da puta.

Lee era imune aos chifres, mas Ig não entendia por quê. Era como se houvesse uma parede

que os chifres não conseguiam penetrar. Ig tentou *forçá-los* a agir e por um momento eles se

encheram de calor, sangue e pressão, mas não durou muito. Era como tentar tocar trompete com

um monte de trapos dentro. Pode soprar à vontade que não vai sair nenhum som.

– Espero que ele não tenha contado isso a mais ninguém – continuou Lee. – E você também

não.

– Ainda não. Mas em breve todo mundo vai saber o que você fez.

Será que Lee ao menos podia *ver* os chifres? Nem os mencionara. Não parecia ter visto.

– É melhor não – disse Lee. Então os cantos de suas mandíbulas se contraíram, como se uma

ideia tivesse lhe ocorrido e ele perguntou: – Você está gravando essa conversa?

– Claro – disse Ig, mas demorou muito e, de qualquer jeito, era a resposta errada. Ninguém

que estivesse preparando uma armadilha admitiria estar gravando a conversa.

– Não está, não. Você nunca soube mentir, Ig – disse Lee e depois sorriu.

Sua mão esquerda brincava com o cordãozinho de ouro em volta do pescoço.

A outra mão estava no bolso.

– Pior pra você, então – continuou. – Se *estivesse* gravando essa conversa, podia até fazer

alguma coisa. Mas assim, acho que você não vai conseguir provar nada. Talvez seu irmão tenha

dito alguma coisa enquanto estava bêbado, não sei. Mas o que quer que ele tenha dito, eu, no

seu lugar, esqueceria. Definitivamente não sairia espalhando por aí. Dar com a língua nos dentes

nunca fez bem pra ninguém. Pense bem. Você pode imaginar Terry indo à polícia com essa

história maluca de que matei Merrin, sem nenhum fundamento, só que é a palavra dele contra a

minha, depois de ter ficado um ano inteiro em silêncio? Sem nenhuma prova pra apoiá-lo?

Porque não há nada, Ig, não sobrou nada. Se ele mexer nessa história, na melhor das hipóteses

vai ser o fim da carreira dele. Na pior, vamos os dois pra cadeia. Juro que não tem a menor

possibilidade de eu ir sozinho.

Lee tirou a mão do bolso e esfregou o olho bom com o nó de um dos dedos, como se tirasse

um cisco. Por um instante, o olho direito ficou fechado e ele encarou Ig com o olho ferido,

aquele que tinha raios brancos. E, pela primeira vez, Ig compreendeu o que aquele olho tinha de

tão terrível. Não é que ele estivesse *morto*. Era simplesmente que… estava ocupado com outras

questões. Como se houvesse dois Lee Tourneau. O primeiro tinha sido amigo de Ig por mais de

uma década, um homem que doava sangue para a Cruz Vermelha três vezes por ano e que

admitia na frente de um monte de crianças que tinha sido um pecador. O segundo Lee era uma

pessoa que olhava para o mundo ao seu redor com a mesma empatia de um peixe.

Lee limpou o que estava incomodando seu olho direito e deixou o braço cair ao lado do

corpo. Casualmente colocou a mão de volta no bolso. Estava se aproximando de novo. Ig se

afastou, ficando fora do alcance do outro. Não tinha certeza de por que estava se retraindo, não

sabia por que, de repente, parecia uma questão de vida ou morte deixar pelo menos um metro

de espaço entre ele e Lee. Os gafanhotos zuniam nas árvores, um zumbido insuportável,

enlouquecedor que enchia a cabeça de Ig.

– Ela era sua amiga, Lee – disse Ig enquanto retrocedia até a frente do carro. – Ela confiava em

você. E você a estuprou, matou e largou na mata. Como pôde fazer isso?

– Você está errado em relação a uma coisa, Ig – disse Lee com a voz baixa, calma e firme. –

Não foi estupro. Sei que você prefere acreditar que foi, mas, honestamente, ela *quis* trepar

comigo. Estava dando em cima de mim havia meses. Ficava me mandando mensagens. Fazendo

joguinhos de palavras. Ficava com esse joguinho de sedução pelas suas costas. Estava só

esperando você ir pra Londres pra irmos em frente.

– Não – disse Ig, sentindo o calor subir às suas faces e por trás dos chifres. – Ela podia até

estar transando com outro cara, mas nunca transaria com você, Lee.

– Ela disse que queria trepar com outros caras. De quem você acha que ela estava falando?

Convenhamos, Ig, parece que isso é uma tendência das suas garotas. Merrin, Glenna… mais

cedo ou mais tarde elas acabam sentando no meu pau – provocou Lee, abrindo a boca num

sorriso forçado e cheio de dentes, mas sem qualquer traço de humor.

– Mas ela lutou com você.

– Sei que provavelmente você também não vai acreditar nisso, Ig, mas ela queria que fosse

assim. Queria que eu assumisse o controle, que vencesse suas objeções. Talvez ela *precisasse* disso.

Talvez fosse o único jeito de ela superar as próprias inibições. Todo mundo tem seu lado escuro.

Esse era o dela. Você sabe que ela gozou quando trepei com ela, não sabe? Lá no mato comigo?

Ela gozou pra valer. Acho que era uma fantasia dela. Ser possuída no meio da mata escura.

Alguns arranhões e uma boa briga.

– E depois uma pedra na cabeça? – perguntou Ig. A essa altura já tinha dado a volta na frente

do Gremlin até a porta do carona e Lee o seguira passo a passo. – Isso também era parte da

fantasia?

Lee parou de andar.

– Isso você vai ter que perguntar ao Terry. Foi ele que fez essa parte.

– Mentira – sussurrou Ig.

– Mas não existe verdade. Pelo menos nenhuma que tenha importância – disse Lee.

Ele tirou a mão esquerda de dentro da camisa. Segurava um crucifixo de ouro que refletia a

luz do sol. Colocou-o na boca e o chupou por um instante, depois o deixou cair e disse:

– Ninguém sabe o que aconteceu naquela noite. Se esmaguei a cabeça dela com a pedra, ou se

foi o Terry, ou se foi *você*… ninguém nunca vai saber o que *realmente* aconteceu. Você não tem

do que me acusar e não vou fazer acordo com nenhum de vocês, então o que você quer?

– Quero ver você morrer, indefeso e apavorado, no mato – disse Ig. – Exatamente como ela

morreu.

Lee sorriu, como se tivesse recebido um elogio.

– Então me mate – disse. – Vá em frente e me mate. – Deu um passo rápido para a frente,

para cima de Ig, que abriu a porta do carona entre eles, a empurrando contra Lee.

Ela bateu nas pernas de Lee com um barulho e alguma coisa caiu no asfalto. De relance, Ig viu

um canivete suíço vermelho com uma lâmina de 8 centímetros rodando pelo chão. Lee vacilou e,

ao expirar, deu um assovio gutural cruel. Ig aproveitou a oportunidade e se jogou para dentro

do carro, passando por cima do banco do carona para se sentar atrás do volante. Nem se

preocupou em fechar a porta.

– Eric – gritou Lee –, ele está com uma faca!

Mas o Gremlin criou vida com uma explosão e o pé de Ig alcançou o acelerador antes mesmo

de ele se ajeitar no banco. O carro deu um tranco para a frente e a porta do lado do passageiro

bateu. Ig olhou pelo retrovisor e viu Eric correndo pelo estacionamento com a arma na mão, o

cano apontando para baixo.

Pedaços de asfalto voaram dos pneus de trás e brilharam sob a luz do sol. Enquanto fugia, Ig

ainda deu outra olhada pelo retrovisor e viu Lee e Eric de pé no meio de uma nuvem de poeira.

O olho direito de Lee estava fechado de novo e ele agitava a mão, tentando se livrar das

partículas de asfalto. O olho meio cego, por sua vez, estava aberto e encarava Ig com uma espécie

de fascínio alienígena.

CAPÍTULO 24

I**g evitou a interestadual no caminho** de volta – de volta para onde? Não sabia. Dirigia

automaticamente, sem qualquer noção consciente de direção. Não sabia direito o que acabara

de acontecer. Ou melhor, sabia o que tinha acontecido, mas não o que aquilo significava. Não

era nada do que Lee tinha dito ou feito. Mas o que não disse e não fez. Os chifres não o

afetaram. De todas as pessoas com quem Ig tivera contato durante o dia, Lee foi a única que lhe

disse apenas o que queria. Sua confissão tinha sido uma decisão consciente, não um impulso que

não podia controlar.

Ig queria sair da estrada o mais rápido possível. Será que Lee telefonaria para a polícia para

dizer que Ig tinha aparecido em estado alterado e o atacado com uma faca? Na verdade achava

que não. Lee não meteria a lei nessa história se pudesse evitar. Ainda assim, Ig se manteve dentro

do limite de velocidade e de vez em quando olhava pelo retrovisor procurando algum carro de

polícia.

Ig queria ser capaz de manter o controle friamente, planejar sua fuga, ser um filho da puta

com coração de pedra, mas ele estava com falta de ar e com os nervos em frangalhos. Finalmente

tinha chegado ao limite da exaustão emocional. Sistemas cruciais estavam em pane. Não podia

continuar desse jeito. Precisava entender o que estava acontecendo com ele. Precisava de um

maldito *serrote* de dentes afiados para cortar aquelas coisas malditas de sua cabeça.

O sol batia em raios na janela, numa sequência calmante e hipnótica. Imagens vinham à

mente de Ig no mesmo ritmo. O canivete suíço aberto no chão; Vera descendo morro abaixo na

cadeira de rodas; Merrin na igreja 10 anos antes, fazendo o crucifixo refletir nos olhos dele; sua

própria imagem chifruda no monitor de segurança; o crucifixo de ouro no pescoço de Lee

brilhando sob o sol de verão – Ig estremeceu de surpresa, os joelhos batendo contra o volante.

Uma ideia peculiar e desagradável lhe ocorreu, a ideia impossível de que Lee estivesse usando o

crucifixo *dela*, que o tivesse arrancado de seu corpo sem vida, um troféu. Só que não, ela não

estava com ele naquela noite. Mesmo assim: era o dela. Era um crucifixo de ouro como outro

qualquer, sem qualquer marca que o identificasse, mas ele tinha certeza de que era o mesmo

crucifixo que ela estava usando quando eles se viram pela primeira vez.

Ig torcia o cavanhaque impacientemente, imaginando se podia ser assim tão simples, se o

crucifixo de Merrin de algum modo desativava os chifres. Cruzes afastam vampiros, não é? Não,

isso era besteira, não fazia sentido. Tinha entrado na casa de Deus pela manhã e tanto o padre

Mould quanto a irmã Bennett tinham se dedicado intensamente a lhe contar seus segredos e lhe

pedir permissão para pecar.

Mas eles não estavam na igreja. Estavam *embaixo* dela. Aquilo não era um local sagrado. Era

um ginásio. Será que estavam usando crucifixos ou qualquer outra coisa que demonstrasse sua

fé? Ig lembrou que o crucifixo do padre Mould estava pendurado em uma das pontas da barra

de pesos de 5 quilos sobre o banco supino e que a irmã Bennett tinha o pescoço nu. E o que você

acha *disso*, Ig Perrish? Ig não achava nada. Continuou dirigindo.

Um Dunkin' Donuts cercado por tapumes passou voando à sua esquerda e ele percebeu que

estava perto da mata, não muito longe da estrada que levava à velha fundição. Estava a menos

de um quilômetro do lugar onde Merrin fora assassinada, exatamente no mesmo lugar aonde

tinha ido na noite passada para praguejar, botar a raiva para fora, mijar e desmaiar. Era como se

todo aquele dia tivesse simplesmente descrito um grande círculo que inevitavelmente o levaria de

volta ao lugar onde tudo havia começado.

Ele diminuiu a velocidade e virou. O Gremlin desceu a trilha de cascalho fazendo barulho. O

caminho era estreito, de uma mão só, ladeado por árvores que ficavam cada vez mais próximas.

Já a 15 metros da estrada, a trilha estava bloqueada por uma corrente, com um aviso

pendurado: “Interditado.” Saindo da estrada, contornou o aviso e depois voltou à trilha.

Logo pôde ver a fundição por trás das árvores. Ficava numa clareira no alto do morro e,

embora devesse estar sob a luz do sol, estava escura, como se coberta por uma sombra. Talvez

uma nuvem estivesse encobrindo o sol. Mas, quando Ig espiou pelo para-brisa, viu um céu claro

de fim de tarde.

Dirigiu até o limite da campina que cercava a fundição e então parou o carro. Deixou o motor

ligado e saltou.

Quando era criança, Ig achava que a fundição parecia as ruínas de um castelo, saída direto

dos contos dos irmãos Grimm – um lugar no meio da floresta escura para onde um príncipe

mau atraía um inocente para o abate – exatamente o que tinha acontecido ali. Foi uma surpresa

descobrir, já adulto, que não ficava tão embrenhada na mata, no máximo a uns 30 metros da

estrada. Ig avançou até o lugar onde o corpo dela fora encontrado e onde seus amigos e parentes

mantinham um memorial. Ele conhecia o caminho. Tinha estado lá várias vezes desde que ela

morrera. Serpentes o seguiam, mas ele fingiu não notar.

A cerejeira estava no mesmo lugar onde ele a havia deixado na noite anterior.

Ele havia

arrancado os retratos de Merrin dos galhos. Estavam espalhados no meio dos arbustos e das

ervas daninhas. O tronco estava descascando, soltando uma crosta pálida, e mostrava a madeira

vermelha que apodrecia por baixo. Ig tinha colocado o pau para fora e mijado nas ervas

daninhas, nos próprios pés e na cara da imagem de plástico da Virgem Maria que havia sido

colocada num nicho formado por duas das grossas raízes da árvore. Ele desprezara aquela santa

de sorriso idiota, símbolo de uma história que não significava nada, serva de um Deus que não

era bom para ninguém. Tinha certeza de que aqui, neste mesmo lugar, enquanto era estuprada e

assassinada, Merrin tinha clamado a Deus, se não em voz alta, pelo menos em seu coração. A

resposta de Deus tinha sido que, devido ao baixo volume dos chamados, ela podia esperar para

ser atendida – até que estivesse morta.

Olhou casualmente para a imagem de Maria e já estava desviando a atenção para outra coisa

quando teve uma reação retardada. A Virgem Maria parecia ter pegado fogo. O lado direito de

seu rosto, sorridente e bem-aventurado, tinha uma cicatriz negra, como um marshmallow que

ficou tempo de mais assando na fogueira. A outra parte do rosto havia derretido como cera,

estava franzida e deformada. Olhar para aquilo provocou em Ig um momento de delírio. Ele se

desequilibrou e botou o pé numa coisa roliça e lisa que escorregou para debaixo do seu calcanhar

e…

… por um momento se fez noite, as estrelas giravam sobre sua cabeça e ele olhava para o alto,

através dos galhos e das folhas que caíam suavemente, então disse: "Eu o vejo aí em cima." Falando

com quem? Com Deus? Girando sobre os calcanhares naquela noite morna, antes de…

… cair para trás, de bunda no chão. Olhou para os pés e viu que tinha pisado numa garrafa

de vinho, a mesma garrafa que trouxera na noite anterior. Abaixou-se para pegá-la e a sacudiu.

O vinho se agitou lá dentro.

Ele se levantou e inclinou a cabeça, olhando meio constrangido para os galhos da cerejeira.

Acima, as folhas se balançavam suavemente. Passou a língua pelos lábios. Tinha a boca seca e

amarga. Então se virou e voltou para o carro.

No caminho, pisou em uma ou duas cobras, ainda tentando ignorá-las. Tirou a rolha da

garrafa de vinho e tomou um gole. Depois de um dia inteiro debaixo do sol, a

bebida estava

quente, mas ele não se importou. Tinha o mesmo gosto da boceta de Merrin: oleoso e metálico.

Também tinha gosto de ervas, como se tivesse absorvido a fragrância do verão depois de ter

passado uma noite embaixo da árvore.

Ig levou o carro até a fundição, passando devagar e aos solavancos pela grama alta. Enquanto

seguia para lá, procurou sinais de vida. Durante sua infância, num dia de verão como esse,

numa tarde quente de agosto, metade dos garotos de Gideão estaria lá, tentando ganhar alguma

coisa: um cigarro, uma cerveja, um beijo, um amasso, ou apenas o doce sabor de sua própria

mortalidade na trilha Evel Knievel. Mas agora, aos últimos lampejos da luz do dia, o lugar estava

vazio e solitário. É possível que, depois do assassinato de Merrin, os garotos não gostassem mais

de passar tanto tempo ali. Talvez pensassem que fosse mal-assombrado. Talvez fosse mesmo.

Ele dirigiu até os fundos do prédio e botou o carro numa vaga em um dos lados da trilha Evel

Knievel, posicionando o Gremlin sob a sombra de um carvalho. Uma blusa azul de babado, uma

meia preta comprida e um sobretudo estavam pendurados nos galhos, como se a árvore agora

desse roupa mofada. Em frente ao para-lama estavam os velhos canos enferrujados que desciam

até o rio. Ele desligou o carro e saiu para dar uma olhada.

Havia anos que Ig não entrava no prédio, mas tudo estava exatamente como ele se lembrava.

A fundição estava lá aberta para o céu, arcos e pilares de tijolos se elevavam até a luz

avermelhada do entardecer. Trinta anos de pichações umas sobre as outras cobriam as paredes.

A maioria das mensagens era incoerente, mas talvez elas não tivessem a menor importância

isoladamente. Ig tinha a impressão de que todas tinham o mesmo sentido: *Eu sou; eu fui; eu*

quero ser.

Parte de uma das paredes havia ruído e Ig contornou um monte de tijolos, passando por um

carrinho de mão cheio de ferramentas enferrujadas. No extremo oposto da sala maior ficava a

chaminé. A portinhola de ferro que dava para a fornalha estava caída, deixando uma abertura

larga o bastante para que se rastejasse por ela.

Ig se aproximou e viu um colchão e algumas velas vermelhas, derretidas até que só sobrassem

tocos grossos. Um cobertor manchado e nojento, que já tinha sido azul, estava jogado ao lado do

colchão. Mais ao fundo estavam os restos de uma fogueira, um círculo de luz

acobreada,

posicionado bem embaixo da chaminé. Ig pegou o cobertor e cheirou. Fedia a urina e fumaça.

Deixou-o cair.

Enquanto andava de volta para o carro, para buscar a garrafa e o celular, finalmente teve que

admitir que as cobras o seguiam. Podia *ouvi-las*, o sibilo de seus corpos se movendo na grama

seca: havia quase uma dezena delas. Pegou um pedaço de concreto solto no meio do mato, se

virou e o atirou nelas. Uma das cobras se esquivou facilmente. Ele não acertou nenhuma. Elas

continuaram imóveis, olhando para ele naquele resto de luz do dia.

Ig tentou olhar para o carro, e não para elas. Uma cobra-amarela, de aproximadamente 50

centímetros, caiu do alto carvalho sobre o teto do Gremlin, fazendo barulho. Ele deu um grito e

recuou, depois deu um bote e agarrou a cobra para jogá-la longe.

Achou que a tivesse pegado pela cabeça, mas tinha sido bem mais abaixo, no meio do corpo.

O animal se enrolou todo e cravou os dentes na mão de Ig. Foi como grampear o polegar. Ele

gemeu e jogou a cobra nos arbustos. Enfiou o dedo na boca e sentiu gosto de sangue. Não estava

preocupado com veneno. Não havia cobras venenosas em New Hampshire. Ou havia, ele não

tinha certeza. Dale Williams gostava de levar Ig e Merrin para fazer trilhas nas White Mountains

e os havia alertado para ficarem atentos às cascavéis. Mas sempre falava isso num tom alegre,

com as bochechas coradas, e Ig nunca tinha ouvido mais ninguém dizer que havia cascavéis em

New Hampshire.

Ele se virou para seu cortejo de répteis, que agora contava com quase 20 animais.

– Saiam da minha frente, porra! – gritou para as cobras.

Elas ficaram imóveis, o observando por entre a grama alta com seus olhos dourados, fendidos

e ávidos. Então começaram a se espalhar, se escondendo no matagal. Ig imaginou ter visto

alguns olhares desapontados enquanto elas partiam.

Ele correu na direção da fundição e se enfiou por uma abertura muito acima do chão. Foi

para lá a fim de dar uma última olhada no entardecer. Uma única serpente não tinha acatado a

ordem e o seguiu até as ruínas. Contorcia-se impacientemente na frente dele, uma pequena tira

elástica, delicadamente rajada, olhando para cima com o mesmo olhar carente e excitado de uma

fã debaixo da sacada de um astro do rock, esperando ser vista e reconhecida.

– Vai hibernar em outro lugar! – gritou ele.

Talvez estivesse imaginando coisas, mas ela parecia se contorcer ainda mais

freneticamente,

quase em êxtase. Aquilo o fez pensar em esperma subindo pelo canal vaginal, a energia erótica

liberada – uma linha de raciocínio desconcertante. Deu meia-volta e saiu dali o mais rápido que

pôde, sem correr.

Ig se sentou na fornalha com a garrafa de vinho e a cada gole a escuridão a sua volta se abria, se

expandindo e se tornando mais luxuriante. Quando tomou a última gota do merlot, não havia

por que continuar tentando sugar o gargalo da garrafa, então começou a chupar seu polegar

dolorido, mordido pela cobra.

Nem considerou dormir no Gremlin – tinha péssimas lembranças da última vez que fizera

isso. Além do mais, não queria acordar com um cobertor de cobras sobre o para-brisa.

Ig queria acender as velas, mas achou que não valia a pena voltar até o carro para pegar o

isqueiro. Não queria andar no escuro no meio de um monte de cobras. Tinha certeza de que elas

ainda estavam lá.

Pensou que pudesse haver um isqueiro ou uma caixa de fósforos em algum lugar ali na

fornalha. Pegou o celular no bolso, pensando em usar a luz da tela para dar uma olhada. Mas,

quando botou a mão no bolso, encontrou algo junto do celular, uma caixinha fininha de

papelão que parecia, mas não podia ser…

Uma caixa de fósforos. Tirou-a de dentro do bolso e olhou para ela. Sentiu um arrepio descer

por suas costas, e não era só porque não fumava e não sabia como tinha conseguido

especificamente aquela caixa de fósforos.

FÓSFOROS LÚCIFER, dizia o rótulo, que tinha letras pretas ornamentadas e a silhueta de

um diabo preto que parecia estar pulando, com a cabeça jogada para trás, um cavanhaque

encaracolado e chifres que apontavam para o céu.

De repente lá estava de novo, tão perto que era atormentador – os acontecimentos da noite

anterior, aquilo que ele tinha feito. Mas, quando tentou entender, já havia escapulido de novo.

Era tão escorregadio e difícil de pegar quanto uma cobra no meio do mato.

Ele deslizou a parte de dentro da caixa de Fósforos Lúcifer. Havia pouco mais de uma dúzia

de palitos, com demoníacas cabecinhas pretas arroxeadas. Fósforos grandes, grossos, de cozinha.

Tinham um cheiro estranho, um fedor de ovos começando a estragar. Ig chegou à conclusão de

que eram velhos, tão velhos que seria um milagre se conseguisse acender um deles. Riscou um na

tira áspera na lateral da caixa e ele chiou, ganhando vida, na primeira tentativa.

Ig começou a acender as velas. Havia seis ao todo, arrumadas num semicírculo meio irregular.

Num instante todas lançavam sua luz avermelhada contra os tijolos e Ig viu sua própria sombra

bruxuleando contra o teto curvo. Os chifres eram inquestionáveis, a parte mais destacada de sua

silhueta. Quando voltou a olhar para baixo, o fósforo tinha se queimado inteiro, até seus dedos.

Ig não percebera, não sentira nenhuma dor enquanto o palito se consumia até o fogo tocar sua

pele. Esfregou o indicador no polegar e viu os restos escuros do palito de fósforo se desfazerem.

Seu dedo já não doía no lugar onde a cobra tinha cravado os dentes. Não conseguia nem ver o

ferimento sob aquela luz fraca.

Imaginou que horas seriam. Estava sem relógio, mas tinha o celular. Voltou a acendê-lo para

ver que já eram quase nove da noite. A bateria estava fraca e havia cinco mensagens de voz.

Levou o aparelho ao ouvido para escutá-las.

A primeira: “Ig, aqui é o Terry. Vera está no hospital. O freio da cadeira de rodas se soltou e

ela rolou morro abaixo até a cerca. É uma sorte que esteja viva. Arrebentou a cara toda e quebrou

duas costelas. Ela está no CTI e ainda é muito cedo pra tomar um porre. Me

liga.” Um clique e

Terry havia desligado. Nenhuma menção ao encontro que tiveram pela manhã, na cozinha, mas

Ig não ficou surpreso. Para Terry, aquilo não tinha acontecido.

A segunda: “Ig. É a sua mãe. Sei que Terry já contou o que aconteceu com Vera. Eles a estão

mantendo inconsciente à base de morfina, mas pelo menos o quadro é estável. Falei com Glenna.

Ela não sabia onde você estava. Me dá uma ligada. Sei que nos falamos mais cedo, mas minha

cabeça está um caos e não sei quando foi nem sobre o que conversamos. Te amo.”

Ig riu ao ouvir isso. As coisas que as pessoas falam. A facilidade com que mentem, para os

outros, para si mesmas.

A terceira: “Oi, filho. É o papai. Você já deve saber que sua avó bateu na cerca como um

caminhão desgovernado. Tirei uma soneca depois do almoço e quando acordei tinha uma

ambulância na porta de casa. Você tem que ligar pra sua mãe. Ela está muito chateada.” Houve

uma pausa e então seu pai disse: “Tive um sonho muito engraçado com você.”

A seguinte era de Glenna. “Sua avó está no pronto-socorro. A cadeira de rodas dela perdeu o

controle e ela rolou até a cerca da sua casa. Não sei onde você está nem o que está fazendo. Seu

irmão passou por aqui te procurando. Se ouvir essa mensagem, sua família está precisando de

você. Você devia ir até o hospital.” Glenna deu um arroto baixo. “*Argh*. Desculpa. Comi um

daqueles donuts do supermercado hoje de manhã e acho que já estava estragando. Se é que um

donut de supermercado *estraga*. Meu estômago ficou doendo o dia todo.” Ela fez uma pausa e

depois disse: “Eu até iria ao hospital com você, mas nunca vi a sua avó e mal conheço seus pais.

Hoje fiquei pensando como é estranho eu não conhecê-los. Ou não. É, talvez não seja estranho.

Você é o cara mais legal do mundo, Ig. Sempre achei isso. Mas acho que, no fundo, você sempre

se sentiu um pouco envergonhado de estar comigo, depois de todos aqueles anos com *ela*.

Porque ela era tão limpinha e boazinha e também nunca fez nada errado e eu sou toda errada e

cheia de hábitos ruins. Sabe, não culpo você. Por ter vergonha. E, se quer saber, também não me

acho lá grande coisa. Estou preocupada com você, cara. Cuide da sua avó. E de você também.”

Essa mensagem o pegou de surpresa, ou talvez ele tenha se surpreendido com a maneira como

reagira a ela. Estava preparado para desprezar Glenna, para odiá-la, mas não para se lembrar de

por que gostava dela. Glenna tinha sido muito liberal com seu apartamento e

com seu corpo,

nunca se ressentiu da autopiedade de Ig nem de sua obsessão pela namorada morta. E era

verdade: Ig tinha ficado com ela porque, de certo modo, ajudava estar com alguém tão fodido

quanto ele, alguém para quem podia olhar com certo ar de superioridade. Glenna, um doce

desmazelo em pessoa. Tinha uma tatuagem do coelhinho da *Playboy*, mas nem se lembrava de

tê-la feito – estava bêbada demais – e contava histórias sobre ter sido atacada pela polícia com

spray de pimenta, depois de ter se metido em brigas durante shows de rock. Tivera uma meia

dúzia de relacionamentos de merda: um cara casado, um traficante que batia nela e um sujeito

que tirava fotos dela para mostrar aos amigos. E, claro, Lee.

Ig pensou no que ela havia lhe confessado pela manhã sobre Lee Tourneau, sua primeira

paixão, o garoto que tinha roubado uma jaqueta para ela. Ig nunca tinha achado que era

possessivo com relação a Glenna – nunca acreditara que a relação deles teria futuro ou que fosse,

de alguma forma, exclusiva. Eles dividiam um apartamento e trepavam, mas não eram um casal

com planos. Mas a ideia de Glenna ajoelhada na frente de Lee enquanto ele enfiava o pau em

sua boca fez Ig se sentir fraco, com um nojo que beirava o horror moral. A possibilidade de Lee

se aproximar de Glenna o deixava enjoado e com medo por ela, mas ele não tinha tempo para

ficar remoendo esse assunto. O telefone anunciou a última mensagem e logo depois Terry estava

falando de novo.

“Ainda estou no hospital, mas, honestamente, estou mais preocupado com você do que com

Vera. Ninguém sabe onde você está e você não atende a porra do telefone. Fui no seu

apartamento, mas Glenna disse que não vê você desde ontem. Vocês brigaram? Ela não parecia

muito bem.” Terry fez uma pausa e, quando voltou a falar, suas palavras pareciam

cuidadosamente calculadas, escolhidas a dedo: “Sei que falei com você em algum momento

depois que cheguei, mas não me lembro se marcamos alguma coisa. Não sei. Minha cabeça está

meio estranha. Me liga quando ouvir essa mensagem. Quero saber onde você está.” Ig pensou

que tinha acabado, que Terry ia desligar. Mas, num instante, ouviu uma respiração instável,

Terry tomou fôlego e disse, com a voz rouca e assustada: “Por que não me lembro do que

falamos?”

Cada vela lançava sua própria sombra contra o teto de tijolos arqueado, de modo que seis

demônios de forma indefinida se amontoavam sobre Ig, carpideiras de preto, agrupadas em

volta do caixão, oscilando de um lado para o outro num lamento que só elas podiam ouvir.

Ig mordia o lábio inferior até o cavanhaque, preocupado com Glenna e imaginando se Lee

faria uma visita a ela esta noite, procurando por ele. Mas, quando ligou para ela, foi

encaminhado para o correio de voz antes mesmo de o telefone tocar. Não deixou recado. Não

sabia o que dizer. *Oi, gata, não vou pra casa hoje… Quero ficar afastado até descobrir o que fazer*

com os chifres que estão crescendo na minha cabeça. E, a propósito, não chupe o pau do Lee esta

noite. Ele não é um cara legal. Para não atender o telefone, é porque já estava dormindo. Glenna

tinha dito que não estava se sentindo bem. Então pronto. Esquece. Lee não ia bater na porta dela

à meia-noite com um machado. Tentaria se livrar da ameaça que Ig representava de um jeito que

corresse o menor risco possível.

Ig levou a garrafa aos lábios, mas não saiu nada lá de dentro. Já a tinha secado havia um bom

tempo e, claro, ela continuava vazia. Mas isso o deixou puto. Como se já não fosse ruim o

bastante ter sido exilado da humanidade, ainda tinha que ficar sóbrio. Virou-se para jogar a

garrafa longe, mas se deteve, olhando pela porta aberta da fornalha.

As serpentes tinham encontrado o caminho para dentro da fundição; eram tantas que Ig

perdeu o fôlego. Quantas? Umas 100? Ig achava que sim. Eram um emaranhado ondulante na

frente da porta da fornalha, seus olhos negros brilhando, ávidos, à luz das velas. Depois de um

instante de hesitação, finalmente arremessou a garrafa, que se espatifou no chão à frente das

cobras, lançando cacos de vidro para todo lado. A maioria das serpentes deslizou para longe, se

escondendo atrás de montes de tijolos ou desaparecendo por uma das muitas portas. Outras,

entretanto, apenas recuaram um pouco e depois pararam, olhando para ele de forma quase

acusatória.

Ele bateu a porta na cara delas e se jogou sobre a cama imunda, puxando o cobertor sobre si.

Os pensamentos de Ig eram um caos de ruídos furiosos, pessoas gritando com ele, confessando

seus pecados e pedindo permissão para cometer outros tantos. Não achou que conseguiria pegar

no sono, mas o sono o pegou, cobrindo sua cabeça com um saco preto e lhe roubando a

consciência. Por seis horas foi como se estivesse morto.

CAPÍTULO 25

I**g acordou dentro da fornalha,** enrolado num cobertor velho e sujo, com cheiro de mijo. No

fundo da chaminé fazia um frio revigorante e ele se sentia forte e sadio. Depois que sua mente

clareou, lhe ocorreu um pensamento, o mais feliz de sua vida. Tinha sido um sonho – tudo

aquilo. Tudo o que acontecera no dia anterior.

Havia bebido até cair, mijado na cruz e na Virgem Maria, amaldiçoado Deus e sua própria

vida, se consumido numa raiva aniquiladora. Sim, tudo isso tinha acontecido. Mas então,

durante aquele branco que se seguira, tinha cambaleado até a fundição e desmaiado. O resto

fora um pesadelo que apenas parecia muito real: descobrir que tinha criado chifres; ouvir uma

confissão terrível atrás da outra, até que chegasse a pior de todas, o segredo inominável de Terry;

soltar o freio da cadeira de rodas de Vera e empurrá-la morro abaixo; visitar o escritório do

deputado e ter aquele confronto desorientador com Lee Tourneau e Eric Hannity; e depois voltar

para a a fundição e se esconder naquela fornalha moribunda para fugir daquela multidão de

serpentes apaixonadas.

Suspirando de alívio, Ig levou as mãos às têmporas. Os chifres estavam lá, ossos duros

tomados de um calor febril. Abriu a boca para gritar, mas alguém fez isso antes dele.

A portinhola de ferro e o teto em curva abafavam o som, mas Ig ouviu, como se viesse de

muito longe, um grito angustiado e agudo, seguido por uma risada. Era uma garota. “*Por*

favor!” , gritava. “*Não! Parem!”* Ig abriu a portinhola da fornalha, o coração batendo forte dentro

dele.

Ele engatinhou através da portinhola até a claridade daquela límpida manhã de agosto. Ouviu

outro grito vacilante de medo – ou de dor – vindo do seu lado esquerdo, através de uma

passagem sem porta que dava para o lado de fora. Meio inconscientemente, Ig percebeu pela

primeira vez o tom gutural e rouco dos gritos e entendeu que definitivamente não era uma

garota, mas um menino cuja voz ficara estridente de pânico. Ig não perdeu tempo, correu

descalço através da abertura no concreto, passando pelo carrinho de mão cheio de ferramentas

enferrujadas. Agarrou a primeira coisa que pôde alcançar, sem parar nem para olhar o que era –

só queria algo com que pudesse atacar.

Eles estavam do lado de fora, no asfalto: três estavam vestidos e um usava apenas faixas de

lama e uma cueca boxer branca muito pequena. O menino de cueca era magro, tinha o tronco

comprido e devia ter no máximo 13 anos. Os outros eram mais velhos, deviam estar no ensino

médio.

Um deles, um garoto cuja cabeça raspada tinha o formato de uma lâmpada, estava sentado

em cima do menino seminu, fumando um cigarro. Alguns passos atrás dele estava um garoto

gordo de camiseta sem mangas. Seu rosto estava suado e alegre, ele saltava de um pé para o

outro, suas tetas gordas balançando. À esquerda estava o mais velho dos três, segurando uma

pequena cobra-amarela pelo rabo. Ig a reconheceu – parece impossível, mas é verdade – como a

mesma que olhara apaixonadamente para ele na noite anterior. Ela se contorcia, tentando chegar

a uma altura em que pudesse morder o garoto, mas não conseguia. Na outra mão ele segurava

uma tesoura de jardineiro. Ig estava de pé atrás de todos eles, na abertura na parede da

fundição, olhando-os de cima, a dois metros do chão.

– *Chega!* – gritou o garoto de cueca. Seu rosto estava imundo, mas linhas finas de pele rosada

podiam ser vistas por onde as lágrimas tinham escorrido, abrindo sulcos na terra.
– *Para, Jesse!*

Já chega!

Jesse, o garoto sentado em cima dele com o cigarro, deixava cair cinza quente no rosto do

menino.

– Cala essa boca, seu veadinho. Eu é que digo quando chega.

O “veadinho” já tinha sido queimado com o cigarro várias vezes. Ig podia ver três marcas

vermelhas brilhantes, em carne viva, no peito dele. Jesse passava a ponta do cigarro de uma

queimadura para outra, mantendo-a apenas um pouquinho afastada da pele do veadinho,

esboçando um triângulo.

– Sabe por que eu fiz um triângulo? – perguntou Jesse. – Porque era assim que os nazistas

marcavam as bichas. É a *sua* marca. Eu podia não ter sido tão mau, mas você ficou gritando

como se eu estivesse comendo seu cu. Além disso, você está com bafo de piroca recém-chupada.

– Hah! – gritou o gordo. – Essa foi boa, Jesse!

– Tenho a coisa certa pra acabar com esse cheiro de pau – disse o garoto com a cobra. – Uma

coisa pra lavar a boca dele.

Enquanto falava, o terceiro garoto levantou a tesoura de jardineiro aberta, colocou as láminas

em volta da cabeça da cobra e, manuseando os cabos com uma só mão, a cortou com um golpe

certeiro. A cabeça em forma de diamante quicou no chão. Pelo som, parecia dura como uma

bola de borracha. O corpo da cobra deu um solavanco, se enrolando e desenrolando numa série

de espasmos.

– *Credo!* – gritou o gordo, saltitando. – Você decapitou ela, Rory!

Rory se agachou ao lado do veadinho. O sangue jorrava do pescoço da cobra em esguichos.

– Chupa – disse Rory, esfregando a cobra na cara dele. – É só você chupar que o Jesse para.

Jesse riu e deu uma tragada profunda no cigarro, fazendo a brasa brilhar com um vermelho

intenso e venenoso.

– *Chega* – disse Ig.

Ele não reconheceu a própria voz – um tom profundo e ressonante que parecia vir do fundo

da chaminé – e, enquanto falava, o cigarro que estava na boca de Jesse explodiu como se fosse

algum tipo de fogo de artifício, subindo com um clarão.

Jesse gritou e pulou para longe do veadinho, caindo na grama alta. Ig pulou da abertura na

parede, pousando no meio do mato e metendo o cabo da ferramenta que tinha pegado na

barriga do garoto gordo. Foi como furar um pneu, uma sensação de resistência

elástica tremendo

através do cabo. O gordo tossiu e se inclinou para trás, se apoiando nos calcanhares.

Ig girou e apontou a outra extremidade da ferramenta para o garoto que se chamava Rory,

que soltou a cobra. Ela bateu no asfalto e se contorceu desesperadamente, como se ainda

estivesse viva e tentasse rastejar para longe dali.

Rory se levantou e deu um passo atrás na direção de um monte de tábuas de madeira, latas

velhas e arame enferrujado. O lixo escorregou sob seus pés e ele perdeu o equilíbrio e teve que se

sentar de novo. Olhava fixamente para o que Ig apontava para ele: um tridente antigo, com três

pontas enferrujadas.

Ig sentia uma pontada nos pulmões, uma queimação, a mesma coisa que costumava sentir

quando começava um de seus ataques de asma. Então respirou fundo, tentando expulsar aquele

aperto no peito com a expiração. Suas narinas soltavam fumaça. Pelo canto do olho, viu o

garoto de cueca se apoiar em um dos joelhos e limpar o rosto com as duas mãos, tremendo

dentro da cueca branca.

– Quero sair correndo – disse Jesse.

– Eu também – concordou o gordo.

– Vamos deixar Rory aí para morrer sozinho – disse Jesse. – Ele nunca fez nada pela gente

mesmo.

– Por causa dele peguei duas semanas de detenção por ter inundado o banheiro da escola, e

eu nem tinha entupido as privadas – disse o gordo. – Eu só estava lá. Ele que se foda. Quero

ficar vivo!

– Então é melhor vocês correrem – disse Ig, e então Jesse e o gordo se viraram e fugiram para o

mato.

Ig abaixou o tridente e fincou as pontas no chão, se apoiando no cabo e olhando sobre ele

para o adolescente sentado no monte de lixo. Rory nem tentou se levantar, só ficou olhando

para Ig com os olhos esbugalhados de fascínio.

– Qual foi a pior coisa que você já fez, Rory? Quero saber se hoje você chegou ao fundo do

poço ou se já fez algo pior.

Automaticamente, Rory respondeu:

– Roubei 40 dólares da minha mãe pra comprar cerveja e John, meu irmão mais velho, bateu

nela quando ela disse que não sabia o que tinha acontecido com o dinheiro. Johnnie achou que

ela estava mentindo, que tinha gastado tudo em raspadinhas, e eu não falei nada porque tive

medo de ele me bater também. O barulho das pancadas que ele deu nela era igual ao de alguém

chutando uma melancia. O rosto dela ainda não voltou ao normal e eu fico mal quando dou um

beijo de boa-noite nela. – Enquanto falava, uma mancha escura começou a se espalhar na

bermuda jeans de Rory, perto da virilha. – Você vai me matar?

– Hoje não. Pode ir. Está liberado.

O cheiro da urina de Rory o deixou impressionado, mas ele não deixou transparecer.

Rory ficou em pé. Suas pernas estavam visivelmente trêmulas. Ele escorregou para o lado e

começou a recuar até as árvores, andando de costas, mantendo os olhos em Ig e no seu tridente.

Como não estava olhando para onde ia, quase tropeçou no veadinho, que ainda estava sentado

no chão, de cueca e com um par de tênis desamarrados. O veadinho segurava uma trouxa de

roupa contra o peito e olhava para Ig como se estivesse olhando para uma coisa morta e podre,

uma carcaça.

– Quer uma mãozinha? – perguntou Ig, dando um passo em sua direção. O veadinho

levantou num pulo e deu alguns passos para trás.

– Fica longe de mim.

– Não deixa ele encostar em você – disse Rory.

Ig olhou nos olhos do veadinho e disse, no tom mais paciente que conseguiu:

– Só queria ajudar.

O garoto contorceu os lábios numa careta de nojo, mas tinha o olhar estupefato e distante ao

qual Ig estava começando a se acostumar – um olhar que dizia que os chifres estavam

começando a fazer efeito, lançando sua influência.

– Você não ajudou – disse o veadinho. – Você ferrou com tudo.

– Mas eles estavam queimando você – disse Ig.

– E daí? Todos os calouros que entram para a equipe de natação ganham uma marca. Tudo

que eu tinha que fazer era chupar uma cobrinha pra mostrar que gosto de sangue e então eu

seria um deles. E você estragou tudo.

– Fora daqui. Vão para o inferno, vocês dois.

Rory e o veadinho correram. Os outros dois estavam esperando por eles junto às árvores e,

quando todos se juntaram, pararam um instante sob a sombra cheirosa dos pinheiros.

– O que ele é? – perguntou Jesse.

– Aterrorizante – disse Rory. – Ele é aterrorizante.

– Eu só quero ir embora – disse o gordo. – E esquecer isso tudo.

Então Ig teve uma ideia. Deu um passo adiante e gritou para eles:

– Não. Não esqueçam. Lembrem-se de que há uma coisa pavorosa aqui em cima.

Contem pra

todo mundo. Digam pra ninguém chegar perto da velha fundição. Este lugar agora é meu.

Ficou se perguntando se seus poderes conseguiriam persuadir as pessoas a *não* se esquecerem,

quando todo mundo parecia de fato esquecê-lo. Podia ser bastante persuasivo em outras

questões, portanto talvez conseguisse isso também.

Os meninos ficaram olhando para ele extasiados por mais um momento e então o gordo saiu

correndo e os outros foram atrás dele. Ig ficou olhando até que sumissem de vista. Então pegou

a cobra decapitada com a ponta do tridente – o sangue ainda escorria de seu pescoço – e a

carregou para dentro da fundição, onde a enterrou sob uma pilha de tijolos.

CAPÍTULO 26

N**o meio da manhã, foi até o mato cagar**, pendurou sua lata no galho de um toco e arriou a

bermuda até os tornozelos. Quando ia puxá-la para cima, havia uma cobra-amarela de

meio metro dentro de sua cueca. Ele gritou, a agarrou e jogou no meio das folhas.

Usou uns jornais velhos para se limpar, mas continuou se sentindo sujo e desceu pela trilha

Evel Knievel para mergulhar pelado no rio. A sensação da água fria contra sua pele nua era

deliciosa. Ig fechou os olhos e deu impulso na margem, se deixando levar pela correnteza. Os

gafanhotos chirriavam, produzindo uma melodia harmoniosa que crescia e sumia, crescia e

sumia, como uma respiração. Ele respirava com facilidade, mas, quando abriu os olhos, viu

cobras-d’água zunindo como torpedos embaixo dele, então gritou de novo e voltou para a

margem. Pisou com cuidado sobre o que pensou ser um tronco comprido, amaciado pela ação

da água, então deu um pulo e estremeceu quando o tronco escorregou pela grama molhada,

uma cobra do tamanho dele.

Correu para a fundição a fim de fugir delas, mas não havia escapatória. Ele ficou só olhando,

agachado na fornalha, enquanto elas se agrupavam no chão diante da portinhola, deslizando

pelos buracos entre os tijolos, entrando pelas janelas abertas. Era como se a sala atrás da fornalha

fosse uma banheira e alguém tivesse aberto as torneiras, tanto a fria quanto a quente despejando

cobras em vez de água. Elas se derramavam, escorrendo pelo chão, uma massa ondulante de

serpentes.

Ig olhava para elas com tristeza; em sua própria cabeça havia um zunido nervoso de

pensamentos que tinha o mesmo volume e urgência do canto dos gafanhotos. A mata estava

tomada por aquele canto, os machos chamando as fêmeas com aquela comunicação única e

enlouquecedora que prosseguia, sempre e sempre, sem cessar.

Os chifres. Os chifres também transmitiam um sinal, exatamente como o canto de

acasalamento dos gafanhotos. Emitiam um chamado contínuo pela Rádio Serpente: *A próxima*

música vai para todas as amantes de pele escamada. Com vocês, "Tube Snake Boogie" . Os chifres

conclamavam serpentes e pecados a saírem das sombras, os incitando a sair de seus esconderijos

e se mostrarem.

Considerou, não pela primeira vez, serrar os chifres. Havia um serrote comprido e enferrujado

no carrinho de mão. Mas eles eram parte do seu corpo, fundidos ao seu crânio, presos ao resto

do seu esqueleto. Apertou o polegar contra a ponta do chifre esquerdo até sentir uma espetada,

tirou a mão e viu uma gota de sangue vermelho-rubi. Os chifres eram agora a coisa mais real e

sólida de seu mundo e Ig tentou imaginar como seria arrastar um serrote, para a frente e para

trás, em um deles. Ele tremeu diante desse pensamento, antevendo os esguichos de sangue e a

dor lancinante. Seria como serrar o próprio tornozelo. A remoção dos chifres ia requerer drogas

pesadas e um cirurgião.

Só que, ao vê-los, qualquer cirurgião usaria as drogas pesadas na enfermeira e treparia com ela

na mesa de cirurgia depois que ela perdesse os sentidos. Ig precisava encontrar uma maneira de

desligar a emissão daqueles sinais sem ter que mutilar partes de seu corpo, tinha que dar um

jeito de tirar a Rádio Serpente do ar, de botá-la para dormir.

Fora isso, seu plano B era ir para onde não houvesse cobras. Havia 12 horas que não comia

nada. Glenna trabalhava no salão aos sábados de manhã, arrumando cabelos e depilando

sobrancelhas. Ela não estaria em casa e Ig teria o apartamento e a geladeira só para ele. Além

disso, tinha deixado dinheiro lá e a maioria de suas roupas. Talvez pudesse deixar um bilhete

para ela, a alertando sobre Lee. "*Querida Glenna, passei para comer um sanduíche, peguei umas*

coisas, vou sumir por uns tempos. Evite Lee Tourneau, foi ele que matou minha última namorada.

Um beijo, Ig."

Entrou no Gremlin e saltou 15 minutos depois, numa esquina em frente ao prédio de Glenna. O

calor borbulhava dentro dele. Era como escancarar a porta de um forno ligado.

Mas Ig nem se

incomodava.

Imaginou se não devia ter dado algumas voltas no quarteirão para ter certeza de que não

havia policiais de tocaia, esperando para o prenderem por ele ter ameaçado Lee com uma faca

no dia anterior. Então resolveu que seria melhor simplesmente entrar e tentar a sorte. Se Sturtz e

Posada estivessem esperando por ele, Ig usaria os chifres contra eles, para incentivá-los a fazer

um sessenta e nove. Essa ideia o fez rir sozinho.

Mas Ig não tinha companhia no ecoante vão da escada, a não ser sua própria sombra,

chifruda e com 3,5 metros de altura, que subiu à sua frente até o último andar. Glenna tinha

deixado a porta destrancada, o que não era comum. Ele se perguntou se ela estaria pensando em

outras coisas ao sair de casa, se estava preocupada com ele, imaginando onde poderia estar. Ou

talvez simplesmente tivesse dormido demais e saído com pressa. Isso era o mais provável. Ig era

seu despertador, era ele que a sacudia até ela acordar e preparava o café. Glenna não era uma

pessoa de hábitos matutinos.

Ig abriu a porta. Tinha saído daquele mesmo lugar na manhã do dia anterior e, no entanto,

ao olhar para ele agora, sentia como se nunca tivesse morado ali e estivesse vendo pela primeira

vez a casa de Glenna. A mobília era barata, comprada de segunda mão: um sofá estofado de

veludo manchado, um pufe com furos no couro que deixavam sair o enchimento, alguns CDs e

um remo envernizado com vários nomes escritos. O remo era do seu último verão no

Acampamento Galileia – onde tinha ensinado arremesso de dardos –, quando tinha sido eleito

Orientador do Ano. Todos os outros orientadores tinham assinado, assim como os meninos de

sua cabana. Ig não se lembrava de como o remo tinha ido parar ali nem sabia o que fazer com

ele.

Ao passar pela cozinha americana, olhou pela abertura na parede. Uma caixa de pizza vazia

estava sobre a bancada coberta de restos de comida. A pia estava cheia de pratos lascados. E

moscas voavam acima de tudo aquilo.

De vez em quando Glenna mencionava que eles precisavam de pratos novos, mas Ig nunca

entendeu a indireta. Tentou se lembrar se alguma vez tinha comprado algo legal para Glenna. A

única coisa que lhe veio à mente foi cerveja. Quando ela estava no ensino médio, Lee tinha sido

gentil o suficiente para ao menos roubar uma jaqueta de couro para ela. Essa ideia lhe deu

náuseas: que Lee pudesse, de alguma forma, ser um homem melhor do que ele.

Não era hora de deixar Lee invadir seus pensamentos, fazendo com que se sentisse sujo. A

intenção de Ig era preparar um café da manhã leve, juntar suas coisas, limpar a cozinha, escrever

um bilhete e partir – nessa ordem. Não queria estar ali se alguém aparecesse procurando por ele:

seus pais, seu irmão, a polícia, Lee Tourneau. Era mais seguro lá na fundição, onde havia poucas

chances de encontrar alguém. E, de todo modo, a atmosfera escura e parada do apartamento, o

ar úmido e pesado não combinavam com ele. Nunca tinha percebido como aquele lugar era

abafado. Mas as cortinas estavam todas fechadas, Ig não sabia por quê. Havia meses que não

eram fechadas.

Encontrou uma panela, a encheu de água e a colocou sobre o fogão, ligando o fogo no

máximo. Só havia dois ovos. Ele os colocou na água para cozinhar. Ig seguiu pelo pequeno

corredor até o quarto, passando por uma saia e uma calcinha que Glenna tinha tirado e deixado

no hall. As cortinas do quarto também estavam fechadas, mas isso era normal. Nem se

preocupou em acender as luzes, não precisava ver. Sabia onde estavam suas coisas.

Virou-se para a cômoda e parou, franzindo a testa. As gavetas estavam todas puxadas para

fora, tanto as dele quanto as dela. Não entendeu nada. Nunca tinha deixado suas gavetas assim.

Imaginou se alguém tinha mexido nas suas coisas – Terry, talvez, tentando descobrir o que tinha

acontecido com ele. Mas não, seu irmão não iria bancar o detetive desse jeito. Ig começou a

juntar os pequenos detalhes para formar o quadro completo: a porta destrancada, as cortinas

fechadas de modo que ninguém pudesse ver o que acontecia dentro do apartamento, a cômoda

revirada. Tudo isso junto parecia indicar alguma coisa, mas, antes que pudesse descobrir o quê,

ouviu a tampa do vaso bater e alguém puxar a descarga no banheiro.

Ficou assustado. Não tinha visto o carro de Glenna no estacionamento ao lado do prédio, não

podia imaginar por que ela estaria em casa. Já ia abrindo a boca para chamá-la, para avisar que

estava lá, quando a porta se abriu e Eric saiu do banheiro.

Estava segurando as calças com uma das mãos e uma revista na outra, uma *Rolling Stone*. Ele

levantou os olhos e encarou Ig, que retribuiu o olhar. Eric deixou a *Rolling Stone* escapar da sua

mão e cair no chão. Fechou as calças e afivelou o cinto. Por algum motivo usava luvas de látex

azuis.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Ig.

Eric puxou um cassetete de cerejeira que estava pendurado numa alça do seu cinto.

– Bem – disse Eric. – Lee queria falar com você. Você disse tudo o que quis no outro dia, mas

ele não. E você conhece Lee Tourneau. Ele gosta de dar a última palavra.

– Ele mandou você aqui?

– Só pra dar uma olhada no apartamento. Ver se você aparecia – Eric franziu a testa. – Sua

aparição lá no escritório foi a coisa mais esquisita. Acho que esses seus chifres foderam com a

minha cabeça. Até este exato momento, eu tinha me esquecido deles completamente. Lee disse

que você e eu conversamos ontem, mas não tenho a menor ideia sobre o quê. – Ele ficou

balançando o cassetete lentamente de um lado para o outro. – Mas isso não tem a menor

importância. A maior parte das conversas é só besteira. Lee gosta de conversar. Eu gosto mais de

executar.

– O que você vai executar? – perguntou Ig.

– Você.

Os rins de Ig pareciam estar boiando na água gelada.

– Eu vou gritar.

– Ah é? – disse Eric. – Estou quase ansioso por isso.

Ig correu para a porta. Mas a saída ficava na mesma parede que a porta do banheiro e Eric se

jogou para a direita para detê-lo. Ig correu o mais rápido que pôde, desviando de Eric e

tentando sair pela porta à sua frente ao mesmo tempo que um pensamento arrepiante atravessou

sua mente: *não vou conseguir*. Eric segurava seu cassetete de cerejeira para trás por cima de um

braço, como se Ig fosse a bola e ele estivesse pronto para acertar.

Os pés de Ig se enrolaram em alguma coisa e, quando tentou dar um passo à frente, não

conseguiu. Os tornozelos ficaram presos e ele perdeu o equilíbrio. Eric veio com o cassetete para

cima dele, o fazendo zunir atrás da cabeça de Ig e provocando um barulho alto ao acertar o

batente da porta com tanta força que chegou a arrancar um pedaço de madeira do tamanho do

punho de um bebê.

Ig jogou os braços para a frente antes de se esborrachar no chão, o que provavelmente o

impediu de quebrar o nariz pela segunda vez na vida. Olhou para baixo, por entre os cotovelos,

e viu que seus pés tinham ficado presos na calcinha que Glenna tinha deixado

jogada no chão,

era de seda preta estampada com diabinhos vermelhos. Tentou se livrar dela aos chutes. Sentiu

que Eric estava se aproximando por trás dele e sabia que, se tentasse se levantar, seria golpeado

com aquele cassetete duro como ferro na parte de trás da cabeça. Não tentou. Grudou-se ao

chão e se lançou para a frente, numa espécie de escalada maluca. O agente da lei pôs sua bota

tamanho 44 na bunda de Ig e empurrou, o fazendo cair de queixo. Escorregou de cara no chão

de pinho encerado. Seu ombro esbarrou no remo encostado na parede, que caiu bem em cima

de Ig.

Ele rolou, agarrando o remo de qualquer jeito, tentando tirá-lo de cima do seu corpo para

poder ficar de pé. Eric veio de novo para cima dele, com o cassetete em riste. Seus olhos estavam

cegos e seu rosto sem expressão, como sempre ficavam sob a influência dos chifres. Eles eram

bons nesse negócio de fazer com que as pessoas agissem da pior forma possível e Ig já tinha

entendido que agora eles convidavam Eric a fazer o pior.

Ele se moveu sem pensar, erguendo o remo com as duas mãos, quase como uma oferenda.

Seus olhos se focaram numa frase escrita no cabo: “*Para Ig, do seu melhor*

amigo, Lee Tourneau –

uma coisa para você usar da próxima vez que for ao rio.”

Eric abaixou o cassetete, partindo o remo em dois na parte mais fina do cabo. A pá saiu

voando e acertou a cara dele. Ele grunhiu e deu um passo desequilibrado para trás. Ig jogou o

cabo do remo na cabeça dele. O cabo o acertou acima do olho direito e caiu, dando a Ig tempo

suficiente para se apoiar nos cotovelos e ficar de pé.

Ig não esperava que Eric fosse se recuperar em tão pouco tempo, mas, assim que conseguiu

ficar de pé, o outro já estava indo para cima dele com o cassetete. Ig pulou para trás. O cassetete

passou tão perto que chegou a rasgar sua camiseta. Ele continuou girando e acertou a tela da

TV. O vidro rachou, formando uma espécie de teia de aranha, houve uma explosão alta e um

clarão irrompeu de algum lugar dentro do aparelho.

Ig tinha recuado diretamente para a mesinha de centro e por um instante esteve

perigosamente perto de cair em cima dela. Mas recuperou o equilíbrio enquanto Eric arrancava o

cassetete da tela de TV, onde tinha ficado preso. Ig se virou, subiu na mesa, pulou por cima do

sofá e ficou atrás dele, usando-o como um escudo entre ele e Eric. Com mais dois passos Ig

chegou à pequena cozinha.

Ele se virou. Eric o encarava do outro lado do balcão que separava a sala e a cozinha. Ig se

agachou, respirando com dificuldade, sentindo uma pontada no pulmão. A cozinha tinha duas

saídas, uma à direita e outra à esquerda, mas as duas o levariam de volta à sala onde estava Eric,

e Ig teria que passar por ele para chegar à escada.

– Não vim aqui para matá-lo, Ig – disse Eric. – Na verdade, só queria enfiar um pouco de

juízo na sua cabeça. Dar um susto, ensiná-lo a ficar longe de Lee Tourneau. Mas é uma merda.

Não consigo parar de pensar que deveria esmagar sua cabeça lunática, como você fez com

Merrin Williams. Não acho que uma pessoa que tem chifres deva continuar viva. Acho que

matar você seria um puta favor ao estado de New Hampshire.

Os chifres. Eram os chifres agindo sobre ele.

– Eu proíbo que você me machuque – disse Ig, tentando fazer com que Eric se dobrasse à sua

vontade, botando toda a força e concentração que podia nos chifres. Eles pulsavam, mas doíam,

sem nenhum traço da sensação habitual. Eles não funcionavam desse jeito. Não obedeceriam ao

seu comando, não desencorajariam o pecado, independentemente de a vida de Ig depender

disso.

– Proíbe porra nenhuma – disse Eric.

Ig o encarou do outro lado da cozinha americana, o sangue correndo dentro dele, provocando

um zumbido em seus ouvidos como água entrando em ebulição. Ig olhou por cima do ombro

para a panela que estava no fogo. Os ovos boiavam, enquanto bolhas subiam em volta deles.

– Quero matar você e arrancar essas merdas da sua cabeça – disse Eric. – Ou talvez arrancar os

chifres e *depois matar você*. Aposto que você tem uma faca de cozinha grande o bastante.

Ninguém vai saber que fui eu. Depois do que você fez com Merrin Williams, é provável que

centenas de pessoas desta cidade queiram ver você morto. Serei um herói, mesmo que ninguém

além de mim saiba. Serei alguém de quem meu pai teria orgulho.

– Isso – disse Ig, novamente forçando sua vontade por trás dos chifres. – Venha me pegar. É

isso o que você quer. Então não espere, faça isso. *Agora*.

Isso soou como música para os ouvidos de Eric e ele atacou, sem dar a volta pela porta, mas

passando direto pelo balcão da cozinha americana, com o lábio superior levantado, mostrando

os dentes no que parecia ao mesmo tempo uma careta de fúria e um sorriso terrível. Apoiou a

mão no balcão e passou por cima dele, a cabeça primeiro, então Ig agarrou o

cabo da panela e a

virou em cima dele.

Eric era rápido, usou a mão livre para proteger o rosto da água escaldante, que atingiu seu

braço e se espalhou em gotas por sua grande careca. Ele gritou e se esborrachou no chão da

cozinha. Ig já estava em movimento, correndo em direção à porta. Eric ainda teve tempo de se

levantar e atirar o cassetete, mas acertou o abajur que estava numa mesinha de canto,

explodindo a lâmpada. A essa altura Ig já estava no vão da escada, voando pelos degraus,

descendo de cinco em cinco, como se tivesse criado asas, e não chifres.

CAPÍTULO 27

E**m algum lugar ao sul da cidade,** ele saiu da estrada para o acostamento, saltou do carro e foi

até a beira do rio, tentando se acalmar e esperando que os tremores passassem.

Os tremores vinham em ondas violentas e fustigavam seus membros, porém, quanto mais

ficava parado ali, maiores eram os intervalos entre os espasmos. Depois de um tempo, pararam

completamente, deixando-o fraco e zonzo. Ig se sentia tão leve quanto uma folha de bordo – e

igualmente propenso a sair voando com o próximo vento um pouco mais forte. Os gafanhotos

zumbiam, produzindo um som de filme de ficção científica: raio mortífero

alienígena.

Então ele estava certo, tinha interpretado a situação corretamente. De alguma forma, Lee

estava imune ao poder dos chifres. Não tinha se esquecido de ter encontrado Ig na véspera,

como os outros esqueceram. Sabia que Ig era uma ameaça. Devia estar pensando num jeito de

pegar Ig antes de ser pego. Ig precisava de um plano, o que não era nada bom. Afinal, até agora

não tinha conseguido traçar um plano nem para conseguir tomar café da manhã, estava tonto

de fome.

Voltou para o carro e se sentou com as mãos ao volante, tentando decidir para onde ir. Por

acaso se lembrou de que hoje era o aniversário de 80 anos de sua avó e que era sorte ela ainda

estar viva. Em seguida pensou que já era quase meio-dia e que toda sua família devia estar no

hospital cantando “Parabéns pra você” e comendo bolo à cabeceira de seu leito – e a geladeira da

mamãe estava indefesa. Quando estamos com fome e não temos mais a quem recorrer, não há

lugar como nosso lar – não é mais ou menos isso que se diz por aí?

Mas o horário de visitas podia ser mais tarde, pensou, já voltando para a estrada. Não era

certo que a casa estivesse vazia. Mas, se sua família estivesse lá, isso teria

alguma importância?

Poderia passar na frente deles que, no instante em que saísse da sala, já teriam esquecido de tê-lo

visto. O que levantava uma boa questão: será que Eric iria esquecer o que acabara de acontecer

no apartamento de Glenna? Depois de Ig ter queimado a cara dele? Ig não sabia.

Também não sabia se de fato poderia passar na frente de sua família. *Sabia* que não podia

passar na frente de Terry. Sim, precisava tomar cuidado com Lee, mas também tinha que ficar

atento a Terry. Seria um erro deixá-lo de fora, permitir que escapasse de volta para sua vida em

Los Angeles. A ideia de ver Terry voltando a Los Angeles para tocar suas musiquinhas ridículas

no *Hothouse* e flertar com estrelas de cinema horrorizava Ig e o enchia de um ódio inspirador.

Aquele filho da puta do Terry ia ter que lhe dar algumas explicações. Não seria ótimo encontrá-

lo sozinho em casa? Mas isso já era pedir muito. Seria uma sorte dos diabos.

Ig considerou estacionar na trilha que ficava a meio quilômetro e caminhar até os fundos da

casa, pular o muro e se esgueirar para dentro, mas depois pensou “foda-se” e levou o Gremlin

até a entrada da garagem. Fazia muito calor para movimentos furtivos e, além disso, ele estava

morrendo de fome.

O Mercedes alugado de Terry era o único carro na entrada da garagem.

Ig estacionou ao lado dele e ficou sentado com o motor desligado, escutando. Uma nuvem de

poeira brilhante o tinha seguido morro acima e agora rondava o Gremlin. Ficou pensando na

casa e no calor, no silêncio sonolento do início da tarde. Talvez Terry tivesse deixado o carro e

ido para o hospital com os pais. Era o mais provável, só que Ig não acreditava nisso, sabia que o

irmão estava lá.

Não fez nenhum esforço para ser silencioso. Na verdade, ao sair do carro, bateu a porta com

força, depois hesitou, espiando a casa. Pensou que veria movimento no segundo andar, Terry

afastando as cortinas para ver quem estava lá fora. Mas não houve nenhum sinal de que

houvesse vivalma lá dentro.

Entrou. Na sala de TV, o aparelho estava desligado, assim como o computador no escritório

da mãe. Na cozinha, eletrodomésticos de aço inoxidável funcionavam com eficiência. Ig pegou

um banco, abriu a porta da geladeira e começou a comer na frente dela. Tomou metade de uma

caixa de leite em oito goladas e depois esperou a inevitável dor de cabeça que os laticínios lhe

davam, uma pontada por trás dos chifres e um momentâneo escurecimento da

visão. Quando a

dor de cabeça diminuiu e ele voltou a enxergar claramente, encontrou uma travessa de ovos

recheados coberta com filme de PVC. Sua mãe devia tê-los preparado para o aniversário de Vera,

mas não ia mais precisar deles. Ig presumiu que essa tarde Vera tomaria algo bem nutritivo

através de um tubo. Comeu todos os ovos, os enfiando na boca com os dedos, um depois do

outro. Tinha certeza de que eram 666 vezes melhores do que os ovos cozidos que estava

preparando na casa de Glenna.

Ele girava a travessa como se fosse um volante, a lambendo, quando pensou ter ouvido uma

voz masculina murmurando em algum lugar lá em cima. Parou a fim de ouvir melhor. Depois

de um tempo ouviu a voz novamente. Botou a travessa na pia e pegou uma faca de cozinha da

fita imantada na parede, a maior que encontrou. Ela se soltou do ímã com um som metálico

suave e musical de ferro contra ferro. Não tinha certeza do que pretendia fazer com ela, só

achava melhor tê-la à mão. Depois do que tinha acontecido no apartamento de Glenna, achou

que seria um erro ir a qualquer lugar desarmado. Subiu as escadas. O antigo quarto de Terry

ficava no fundo do corredor do segundo andar.

Ig aguardou com a faca na mão atrás da porta entreaberta. Alguns anos antes, o cômodo

tinha sido transformado num quarto de hóspedes, tão frio e impessoal quanto um quarto no

Ramada. Seu irmão dormia de costas, a mão sobre os olhos. Emitiu um ruído de aversão e

estalou os lábios. O olhar de Ig correu pela mesa de cabeceira e ele viu uma caixa de Benadryl. Ig

tinha asma, enquanto o irmão era alérgico a tudo: abelhas, amendoim, pólen, pelo de gato, New

Hampshire, anonimato. Os murmúrios e resmungos eram por causa do antialérgico, que sempre

punha Terry num estado de sono profundo, porém sobressaltado. Ele fazia barulhos que

indicavam pensamentos profundos, como se estivesse chegando a conclusões importantes e

sérias.

Ig rastejou até o lado da cama e se sentou na mesa de cabeceira, segurando a faca. Sem

absolutamente nenhuma excitação ou raiva, considerou a possibilidade de enfiá-la no peito de

Terry. Podia conceber o ato com bastante clareza: primeiro colocaria um joelho sobre ele para

prendê-lo à cama, depois procuraria um vão entre duas costelas e enfiaria a faca com as duas

mãos enquanto Terry tentava recobrar a consciência.

Ele não ia matar o irmão. Não poderia. Duvidava até mesmo de que fosse capaz de esfaquear

Lee enquanto ele dormia.

– Keith Richards – disse Terry com bastante clareza e Ig ficou tão surpreso que ficou de pé

num pulo. – Show do caralho, amei!

Ig o observou, esperando que tirasse o braço de cima dos olhos e se sentasse, piscando, mas

Terry não tinha acordado, só estava falando dormindo. Sobre Hollywood, sobre a merda do seu

trabalho, esbarrando com astros do rock, conseguindo audiência, pegando modelos. Vera estava

no hospital, Ig tinha desaparecido e Terry sonhava com seus bons tempos na terra do *Hothouse*.

Por um momento Ig ficou sem ar de tanta raiva, os pulmões lutando para conseguir oxigênio.

Sem dúvida, Terry tinha um voo de volta para a Costa Oeste no dia seguinte. Ele odiava aquela

cidadezinha de merda, nunca ficava um minuto além do necessário, mesmo antes da morte de

Merrin. Ig não via motivo para deixá-lo voltar com todos os dedos. Terry estava tão chapado

que Ig poderia pegar sua mão direita, a mão do trompete, colocá-la na mesa de cabeceira e cortar

seus dedos antes mesmo de Terry acordar. Se Ig tinha perdido seu grande amor,

Terry também

podia ficar sem o dele. Quem sabe ele não aprendia a tocar *kazoo*?

– Odeio você, seu egoísta filho da puta – sussurrou Ig, pegando o pulso do irmão para tirá-lo

da sua frente, e naquele momento…

Terry estremece e acorda, olha em volta *com olhos embaçados, sem saber onde está. Um carro*

estranho, numa estrada que ele não reconhece, a chuva caindo com tanta força que os limpadores de

para-brisa não dão conta, o mundo noturno além das árvores embaçadas fustigadas pela tempestade

e o borbulhante céu negro. Ele esfrega o rosto com uma das mãos, tentando clarear as ideias, e olha

para cima, esperando, por alguma razão, encontrar seu irmão mais novo sentado ao seu lado. Em

vez disso vê Lee Tourneau, que os guia pela escuridão.

Os eventos da noite começam a voltar à sua mente, os fatos se encaixando, sem uma ordem

específica. Há uma coisa na sua mão esquerda – um baseado, e não era fininho, mas um cigarro

robusto da mais pura erva do Tennessee Valley, da espessura de seu polegar. Esta noite ele tinha ido

com Lee a dois bares e a um luau na faixa de areia embaixo da ponte da estrada Old Fair. Tinha

fumado e bebido demais e sabe que amanhã de manhã vai se arrepender disso. Tem que levar Ig de

carro até o aeroporto pela manhã, porque o irmãozinho tem um voo para a velha Inglaterra, Deus

salve a rainha. Faltam apenas poucas horas para amanhecer. Terry não tem condições de levar

ninguém a lugar nenhum e, quando fecha os olhos, tem a sensação de que o Cadillac de Lee está

deslizando para a esquerda, como um pouco de manteiga numa frigideira quente. É essa sensação de

enjoo que o desperta.

Ele se senta, tentando se concentrar nas coisas à sua volta. Parece que estão na sinuosa estrada de

terra que descreve um círculo quase completo em torno de Gideão, mas isso não faz o menor sentido

– não há nada por aqui a não ser a velha fundição e o Pit, e não tem por que eles irem a qualquer

um desses lugares. Depois que saíram do luau, Terry deduziu que Lee o levaria para casa e ficou

feliz por isso. Quase tremeu de prazer ao pensar em sua própria cama, em seus lençóis brancos e

bem passados e no edredom macio. A melhor coisa de estar em casa era acordar em seu antigo

quarto, em sua velha cama, com o aroma do café vindo do andar de baixo e o sol surgindo através

das cortinas, um dia alegre e brilhante esperando por ele. Quanto ao resto de Gideão, Terry estava

feliz por ter deixado tudo para trás.

Esta noite era um bom exemplo, a imagem perfeita de tudo o que ele não estava *perdendo.*

Passou uma hora no luau sem ter se sentido parte daquilo por um momento sequer, como se

assistisse a tudo através de um vidro – as caminhonetes estacionadas na areia, os amigos bêbados

brigando na parte rasa do rio enquanto suas namoradas torciam por eles, o maldito Judas Coyne

tocando no rádio, um cara cuja ideia de complexidade musical é uma canção com quatro power

chords *em vez de três. A vida entre os caipiras. Quando começou a trovejar e as primeiras gotas*

quentes de chuva começaram a cair, Terry considerou aquilo um golpe de sorte. Não entendia como

seu pai vivia ali havia 20 anos. Terry mal conseguia suportar 72 horas naquele lugar.

Neste momento, sua principal válvula de escape para suportar aquilo está na sua mão esquerda e,

mesmo sabendo que já passou dos limites, uma parte dele está louca para acender o baseado e dar

mais um tapa. Ele até faria isso, se não fosse Lee quem estivesse sentado ao seu lado. Não que Lee

fosse reclamar ou lhe lançar um olhar de reprovação, mas ele era assistente de um deputado da

guerra contra as drogas, um homem a favor dos valores cristãos e ele estaria fodido se fosse pego num

carro com cheiro de maconha.

Lee tinha passado na casa deles de tarde, por volta das seis e meia, para se despedir de Ig. Acabou

ficando para jogar pôquer com Terry, Ig e Derrick Perrish. Ig ganhou todas as mãos, arrancando 300

dólares deles.

– Toma – disse Terry, atirando um punhado de notas de 20 no irmão. – Quando você e Merrin

forem tomar sua garrafa de champanhe pós-coito, pense em nós com carinho. Afinal, somos nós que

estamos pagando.

Ig riu. Parecia ao mesmo tempo satisfeito consigo mesmo, constrangido e pego no flagra. Deu um

beijo no pai e depois em Terry, do lado da cabeça, um gesto inesperado que fez Terry estremecer de

surpresa.

– Tira a língua da minha orelha – disse, e Ig riu de novo e saiu.

– E o que você vai fazer com o resto da noite? – perguntou Lee enquanto Ig partia.

– Não sei – respondeu Terry – estava pensando em assistir a Uma família da pesada. *E você?*

Tem alguma coisa acontecendo nesta cidade?

Duas horas depois estavam na margem do rio e um colega de escola cujo nome Terry não

conseguia lembrar estava lhe passando um baseado.

Supostamente tinham saído para tomar uns drinques e dar um alô para os velhos amigos, mas lá

no luau, junto à fogueira, Lee disse a Terry que o deputado adorava seu programa e gostaria de

conhecê-lo. Terry levou na esportiva, levantou a garrafa para Lee, num brinde, e disse que com

certeza, que combinariam qualquer coisa um dia desses. Terry pensou que possivelmente Lee estava

tentando conseguir alguma coisa com aquilo e não o condenou por isso. Ele tem um trabalho a fazer,

assim como todo mundo, assim como Terry. E o trabalho de Lee envolve fazer o bem. Terry conhece

seu trabalho no "Moradia para a Humanidade", sabe que, todos os verões, junto com Ig, Lee dedica

seu tempo a crianças pobres e desamparadas das grandes cidades no Acampamento Galileia.

Durante anos, ficar perto de Lee e Ig fez Terry se sentir meio culpado. Ele nunca quis salvar o

mundo. A única coisa que Terry sempre quis foi que alguém lhe pagasse para não fazer nada com

seu trompete. Bem, também queria uma garota que gostasse de se divertir – não uma modelo de Los

Angeles, não uma garota que ficasse pendurada no celular ou fosse apegada a seu próprio carro.

Apenas uma garota de verdade, engraçada e um pouco safada. Alguém da Costa Leste, de calças

jeans sem grife e alguns CDs da banda Foreigner. Ele era bom de papo, então estava a meio caminho

do paraíso.

– O que a gente está fazendo aqui? – pergunta Terry, olhando para a chuva. – Achei que a gente

já tinha dado a noite por encerrada.

– Achei que você tivesse terminado a noite há cinco minutos – diz Lee. – Tenho certeza de que

ouvi você roncando. Mal posso esperar a hora de contar pra todo mundo que Terry Perrish *babou*

no assento do meu carro. Isso vai impressionar as garotas. Meu próprio capítulo da história da

televisão.

Terry abre a boca para responder – só este ano, vai ganhar mais de dois milhões de dólares

líquidos, boa parte graças ao magnífico dom de derrotar verbalmente outros espertinhos –, mas

descobre que não tem nada a dizer, sua cabeça está completamente vazia. Então, em vez disso,

mostra o dedo médio para Lee.

– Você acha que Ig e Merrin ainda estão no Pit? – pergunta Terry. O bar logo apareceria do lado

direito da estrada.

– Vamos ver – diz Lee. – Estaremos lá em um minuto.

– Você está de sacanagem? Não queremos encontrar com eles. Eu sei *que eles não querem nos*

encontrar. É a última noite deles.

Pelo canto de seu olho bom, Lee lança a Terry um olhar surpreso e curioso.

– Como você sabe? Ela contou pra você?

– Contou o quê?

– Que ela vai terminar com ele. Esta é a última noite.

Essa afirmação dá um susto tão grande em Terry que ele imediatamente sai de seu estado de

torpor, sem pensamentos, ficando tão assustado quanto se tivesse sentado numa tachinha.

– Que merda é essa?

– Ela acha que eles começaram muito novos. Quer sair com outros caras.

Terry primeiro fica maravilhado com a novidade, depois horrorizado, perplexo. Instintivamente

leva o baseado até a boca, então se lembra de que não está aceso.

– Você não sabia mesmo?

– Só quis dizer que era a última noite antes de Ig ir para a Inglaterra.

– Ah.

Terry encara a chuva com o olhar vazio. A água cai com tanta força que os limpadores não fazem

efeito, é como estar num lava-a-jato. Não consegue imaginar Ig sem Merrin, não consegue imaginar

que pessoa ele seria. Estava confuso com a notícia, por isso levou um tempo interminável até fazer a

pergunta óbvia:

– Como você sabe disso?

– Ela conversou comigo – disse Lee. – Está com medo de magoá-lo. Estive em

Boston várias vezes

nesse verão, fazendo umas coisas para o deputado, e ela também estava lá, então nos encontramos

algumas vezes. É provável que no último mês eu a tenha visto mais do que Ig.

Terry olha para fora, para o mundo sob as águas, vê uma luz avermelhada embaçada se

aproximar à direita. Estão quase lá.

– Então por que você quer passar por aqui, agora?

– Ela disse que ia me ligar se precisasse de uma carona pra casa – explica Lee –, mas não ligou.

– Então é porque não precisa de você.

– Mas, se ela estiver muito chateada, talvez não ligue. Só quero ver se o carro do Ig ainda está lá

ou não. O estacionamento fica bem na frente. Não precisamos nem entrar.

Terry não acompanha o raciocínio de Lee, não entende por que ele iria até lá só para ver se o

carro de Ig ainda está no estacionamento. Também não pode imaginar por que Merrin iria querer

estar perto de qualquer um deles se as coisas não tivessem terminado bem.

Mas Lee já está reduzindo a velocidade, virando a cabeça para olhar para além de Terry, na

direção do estacionamento.

– Eu não… – diz Lee, agora falando consigo mesmo. – Não está… Acho que ela não iria pra casa

com ele… – Parecia quase preocupado.

É Terry quem a vê. Merrin está de pé do lado de fora, na chuva, perto da estrada, debaixo de

uma nogueira com a copa enorme.

– Lee, olhe, bem ali.

Ela parece vê-los no mesmo instante e sai de baixo da árvore, com o braço levantado. Com a água

descendo pela janela do lado do carona, Terry a vê através de um vidro encharcado, uma pintura

impressionista de uma garota com cabelos cor de cobre, levantando o que, à primeira vista, parece

uma vela branca. Enquanto eles param e ela se aproxima do carro, Terry vê que ela está

simplesmente com o dedo levantado para chamar a atenção deles, enquanto deixa o abrigo e corre

descalça pela chuva, os sapatos pretos de salto alto em uma das mãos.

O Cadillac é de duas portas e, antes mesmo de Lee pedir que ele passe para trás, Terry já está

desafivelando o cinto e se virando para passar por cima do banco da frente. Quando está quase

alcançando o banco, Lee dá uma cotovelada na sua bunda, tirando seu equilíbrio e o fazendo cair no

chão. Sabe Deus por quê, há uma caixa de ferramentas de metal ali e Terry bate com a testa e se

retrai com a dor da pancada. Ele se arrasta para cima do banco e aperta com a palma da mão a

cabeça machucada. Foi um erro ter pulado, ele agora se sente muito mais

enjoado, como se o carro

tivesse sido arrancado do chão por um gigante que o agita devagar, como uma vasilha com dados

dentro. Terry fecha os olhos, lutando para se livrar daquela súbita e nauseante sensação de

desequilíbrio.

Quando as coisas se acalmam o bastante para ele ter coragem de olhar em volta, Merrin está no

carro e Lee está de lado, olhando para ela. Terry olha para a palma de sua mão e vê uma gota

brilhante de sangue. Tinha se machucado feio. Embora aquela dor a princípio insuportável agora

esteja bem melhor, a região ainda está dolorida. Ele limpa o sangue na calça e olha para cima.

É fácil notar que Merrin parou de chorar agora mesmo. Está pálida e trêmula, como alguém que

se recupera de uma doença ou começa a sucumbir a ela, e sua primeira tentativa de sorriso é uma

coisa triste de se ver.

– Obrigada por vir me pegar – diz. – Você acabou de salvar a minha vida.

– Cadê o Ig? – pergunta Terry.

Merrin dá uma olhada para trás, mas não consegue encará-lo e Terry imediatamente se

arrepende de ter perguntado.

– Eu… não sei. Foi embora.

– Você falou com ele? – pergunta Lee.

O queixo de Merrin treme e ela se vira para a frente. Olha pela janela para o Pit e não responde.

– Como ele reagiu? – continua Lee.

Terry pode ver o rosto dela refletido no vidro: ela morde os lábios e tenta não chorar.

– Podemos só ir embora? – pede ela.

Lee concorda com a cabeça, liga a seta e faz o retorno na chuva.

Terry quer tocar o ombro dela, confortá-la de algum modo, dizer que, independentemente do que

tenha acontecido no Pit, ele não a odeia nem vai julgá-la. Mas não a toca, não vai tocá-la, nunca fez

isso. Eles se conhecem há 10 anos, mas ele sempre a manteve a uma distância cordial, nunca

permitiu sequer que ela entrasse em suas fantasias sexuais. Não haveria nada de mal nisso, claro,

mas mesmo assim ele sente que estaria botando alguma coisa em risco. Só não sabia dizer o quê.

Para Terry, a palavra "soul" se referia primeiro a um tipo de música, e não a coisas mais abstratas

como alma e coração.

Em vez de tocá-la, ele pergunta:

– Merrin, você quer a minha jaqueta?

Ela treme sem parar debaixo de suas roupas molhadas.

Pela primeira vez, Lee parece notar que ela está tremendo – o que é estranho, já

que ele não para

de olhar para ela, dedicando a Merrin o mesmo tempo que dedica a olhar para a estrada –, então

desliga o ar-condicionado.

– Tudo bem – diz ela, mas Terry já tirou o casaco e o estende para ela, que o aceita e coloca sobre

as pernas. – Obrigada, Terry – fala baixinho. – Você deve estar pensando…

– Não estou pensando nada. Relaxa.

– Ig… – começa ela.

– Tenho certeza de que Ig está bem. Não precisa se preocupar.

Ela lhe dá um sorriso triste e agradecido, depois se inclina para trás na direção dele e pergunta:

– Você está bem?

Ela estende a mão para tocar de leve a testa dele no ponto em que bateu na caixa de ferramentas

de Lee. Ele se afasta quase instintivamente. Ao retirar os dedos, as pontas estão sujas de sangue.

Merrin olha para sua mão e de volta para Terry:

– Você precisa fazer um curativo aí.

– Está tudo bem. Não se preocupe – responde ele.

Ela concorda e se vira para a frente, o sorriso desaparece de imediato e seus olhos perdem o foco,

olhando para alguma coisa que ninguém mais pode ver. Ela dobra várias vezes algo que tem nas

mãos, depois desdobra e em seguida começa tudo de novo. Uma gravata, a gravata de Ig. De certo

modo, isso é pior do que vê-la chorar e Terry é obrigado a desviar o olhar. Estar doidão agora não

parece nada bom. Gostaria de poder ficar alguns minutos deitado em qualquer lugar, imóvel e de

olhos fechados. Tirar uma soneca e acordar pronto para outra. A noite tinha dado errado e ele

queria ter alguém em quem botar a culpa, com quem pudesse se irritar. Escolheu Ig.

Ficava irritado por Ig ter dado o fora, deixando Merrin sozinha na chuva, uma atitude tão

imatura que chegava a ser risível. Risível, mas não surpreendente. Merrin tinha sido amante de Ig,

seu cobertor macio, sua conselheira, seu guia, seu escudo protetor contra o mundo, além de sua

melhor amiga. Às vezes, parecia que eles estavam casados desde que Ig tinha 15 anos. Mas, apesar de

tudo isso, o relacionamento deles tinha começado como um namoro de escola e continuado sempre

assim. Terry tem certeza de que Ig nunca beijou outra garota, transar, então, nem pensar. Já fazia

um tempo que ele achava que o irmão deveria ter outras experiências. Não que ele não quisesse que

Ig ficasse com Merrin, mas porque… bem, porque sim. *Porque amor precisa de um contexto.*

Porque os primeiros relacionamentos são, por definição, imaturos. Merrin

queria que eles tivessem

uma chance de amadurecer. E daí?

Amanhã de manhã, no caminho para o aeroporto, Terry vai ficar sozinho com Ig e poderá ter

uma conversa sincera com ele sobre algumas coisas. Vai dizer a ele que suas ideias sobre Merrin,

sobre o relacionamento deles – que era destino, que ela era a garota mais perfeita do mundo, que o

amor deles era mais perfeito do que todos os outros, que juntos eles faziam pequenos milagres – são

uma armadilha sufocante. Se agora Ig sentia ódio de Merrin, era só porque tinha descoberto que ela

é uma pessoa real, com falhas, necessidades e um desejo de viver no mundo e não nos sonhos dele.

Ela o amava o bastante para deixá-lo ir e ele deveria estar disposto a fazer o mesmo, pois, se você

ama uma pessoa, tem que deixá-la livre e… porra, isso é a letra de "If You Love Someone, Set

Them Free", do Sting.

– Merrin, você está bem? – pergunta Lee, porque ela ainda está tremendo quase convulsivamente.

– Não… estou. Eu… Lee, para o carro, por favor. Para aqui. – Essas últimas palavras foram ditas

com uma urgência clara.

À direita, a estrada para a velha fundição se aproxima rapidamente, rápido demais para se fazer

a curva e pegá-la, mas Lee a pega mesmo assim. Terry planta a mão na parte de trás do banco de

Merrin e sufoca um grito. Os pneus do lado do carona resvalam para o cascalho e jogam algumas

pedrinhas contra as árvores, deixando um sulco profundo de mais de um metro de comprimento.

Alguns galhos arranham o para-choque. O Cadillac segue pela estrada aos solavancos, ainda

muito rápido. A estrada vai desaparecendo atrás deles. Logo adiante há uma corrente interditando a

passagem. Lee freia com toda a força, o volante vibrando em suas mãos, virado completamente para

o lado. O carro para com os faróis encostados na corrente, até a forçando um pouco para a frente.

Merrin abre a porta, põe a cabeça para fora e vomita. Uma vez. De novo. Aquele filho da puta do

Ig. Nesse momento Terry o odeia.

Também não está muito contente com Lee, jogando o carro daquele jeito. Eles definitivamente

tinham parado, mas uma parte de Terry ainda parece se mover, deslizando para o lado. Se estivesse

com o baseado na mão o jogaria pela janela – a simples ideia de colocá-lo na boca lhe dava repulsa,

seria como engolir uma barata viva –, mas não sabe o que fez com ele, só que não o segura mais.

Toca novamente sua testa arranhada e sensível e se encolhe.

A chuva cai lentamente sobre o para-brisa. Só que não é mais chuva. Apenas pingos d'água

caindo dos galhos. Nem cinco minutos atrás, a tempestade era tão pesada que os pingos espirravam

quando batiam na estrada, mas, como é comum acontecer com as chuvas de verão, ela foi levada

pelo vento tão rapidamente quanto tinha sido trazida.

Lee sai do carro, vai até o outro lado e se agacha ao lado de Merrin. Murmura alguma coisa para

ela, com a voz calma, razoável. Mas ele não gosta da resposta dela. Lee repete sua proposta e dessa

vez ela responde alto, num tom nada amigável:

– Não, Lee. Só quero ir pra casa, vestir roupas secas e ficar sozinha.

Lee se levanta, abre o porta-malas e pega uma coisa lá dentro. Uma bolsa de ginástica.

– Tenho roupas de ginástica. Calça e camiseta. Estão secas e quentes. Além disso, não estão cheias

de vômito.

Ela agradece a Lee e sai para o meio da noite úmida, fria e cheia de insetos, a jaqueta de Terry

pendurada nos ombros. Merrin tenta pegar a bolsa, mas por um instante Lee não a entrega.

– Você sabe que tinha que fazer isso. Era loucura achar que você poderia… que vocês dois

poderiam…

– Só quero mudar de roupa, o.k.?

Merrin arranca a bolsa das mãos dele e começa a descer a estrada. Ela passa diante dos faróis, a

saia grudando em suas pernas e a blusa ligeiramente transparente diante da luz intensa. Terry se

pega olhando para ela e se obriga a olhar para outro lado, então vê que Lee também está olhando.

Pela primeira vez imagina que o bom e velho Lee talvez esconda um amor não correspondido por

Merrin Williams – ou pelo menos um grande tesão. Merrin continua descendo a estrada, primeiro

andando pelo túnel de luz formado pelos faróis, depois saindo do cascalho e entrando na escuridão.

Seria a última vez que Terry a veria viva.

Lee está de pé ao lado da porta do carona, olhando para ela, como se não soubesse se devia entrar

de novo no carro ou não. Terry quer mandar ele se sentar, mas não consegue reunir energia nem

disposição. Ele mesmo olha para ela por um tempo, depois não aguenta mais. Não gosta do jeito

como a noite parece estar respirando*, se expandindo e se contraindo. A luz dos faróis ilumina um*

canto da clareira abaixo da fundição e ele não gosta do modo como a grama se agita na escuridão,

um movimento constante e desconfortável. Ele pode ouvir o ruído pela porta aberta. Assoviando,

como as cobras em exposição no jardim zoológico. Além disso, ainda sente uma sensação leve, mas

que lhe embrulha o estômago, de estar oscilando para os lados, deslizando descontroladamente em

direção a um lugar ao qual não quer ir. A dor no lado direito da cabeça também não ajuda. Ele

levanta os pés e deita no banco.

Assim está melhor. O estofamento marrom também está se movendo, como ondas de creme

numa xícara de café que alguém mexe lentamente, mas tudo bem, essa é uma coisa boa de se sentir

quando se está doidão, uma coisa segura. Nada parecido com aquela grama molhada dançando

entusiasmadamente no meio da noite.

Ele precisa de algo em que pensar, algo tranquilizante, precisa sonhar acorda do para distrair sua

mente nauseada. A produção está fazendo a lista dos convidados para a próxima temporada, a

mesma mistura de sempre, o que está rolando e o que já rolou, pretos e brancos, Mos Def e Def

Leppard, The Eels e The Crowes, e todos os animais do bestiário da cultura pop, mas Terry está

realmente animado é com Keith Richards, que esteve com Johnny Depp no Viper Room há alguns

meses e disse que adora o show e que teria um puta prazer de participar, a qualquer hora, tudo

bem, era só fazer a porra do convite, por que tinha demorado tanto, porra? Seria muito foda ter

Keith Richards no programa! Terry lhe daria a última meia hora. Os executivos da Fox detestam

quando ele ignora o formato padrão e transforma o programa num show – ele já havia sido

informado de que isso fazia meio milhão de espectadores mudar para o Letterman –, mas, no que

dependesse de Terry, os executivos podiam chupar o caralho viscoso e superexposto de Keith

Richards.

Em pouco tempo começa a viajar. Perrish, o Foda se apresentando com Keith Richards diante de

uma multidão, umas 80 mil pessoas que, por alguma razão. tinham se reunido na velha fundição.

Eles estão tocando "Sympathy for the Devil" e Terry já havia combinado de fazer os vocais, porque

Mick está em Londres. Ele desliza até o microfone e diz para a multidão que pula freneticamente

que ele é "um homem rico e de bom gosto" – isso é um verso da música, mas também é verdade.

Então Keith Richards levanta sua Telecaster e toca aquele blues dos diabos. Seu solo de guitarra foda

e estridente é uma canção de ninar meio estranha, mas é suficiente para fazer Terry Perrish relaxar e

cair num sono inquieto.

Ele acorda uma vez, só por um *instante, quando já estão de volta à estrada, o Cadillac deslizando*

num momento tranquilo da noite. Lee atrás do volante e o banco do carona vazio. A jaqueta de

Terry está cuidadosamente estendida sobre suas pernas. Merrin deve ter feito isso quando voltou

para o carro, um gesto muito gentil. Ainda assim, o casaco está sujo e molhado e tem alguma coisa

pesada em cima dele. Terry tateia para ver o que é, pega uma pedra molhada do tamanho e do

formato de um ovo de avestruz, suja de lama e com fiapos de grama. Essa pedra significa alguma

coisa, Merrin a colocou ali por algum motivo, mas Terry está muito confuso e chapado para

entender a brincadeira. Põe a pedra no chão. Tem uma coisa pegajosa nela, como rastros de lesma e

Terry limpa os dedos na camisa, estende a jaqueta sobre as coxas e se acomoda de novo.

O lado direito de sua testa ainda lateja no lugar onde bateu quando caiu no chão do carro – está

dolorido e esfolado – e, ao pressionar as costas da mão esquerda sobre a ferida, vê que está sangrando

de novo.

– Merrin foi embora direitinho?

– O quê?– pergunta Lee.

– Merrin. Cuidamos direitinho dela?

Lee dirige por um tempo sem responder. Então diz:

– Sim, cuidamos.

Terry faz que sim com a cabeça, satisfeito, e diz:

– Merrin é uma boa garota. Espero que ela e Ig resolvam tudo.

Lee continua dirigindo.

Terry se sente deslizar de volta para o sonho em que está no palco com Keith Richards diante de

uma multidão extasiada que se exibe para ele tanto quanto ele se exibe para ela. Mas então,

oscilando no limite da consciência, se ouve fazendo uma pergunta que ele nem sabia ter em mente.

– Qual é a da pedra?

– Evidência – responde Lee.

Terry acena com a cabeça para si mesmo – parece uma resposta razoável – e diz:

– Bom. Vamos nos manter fora da cadeia se pudermos.

Lee ri, é uma risada cruel e fraca, parecida com uma tosse – um gato com uma bola de pelo na

garganta – e Terry se dá conta de que nunca o tinha visto rir e não gosta disso. E então Terry se vai,

de volta à inconsciência. Dessa vez, no entanto, não há sonhos à sua espera, ele franze a testa

enquanto dorme, com a expressão de um homem diante de uma intrigante pista de palavras

cruzadas cuja resposta deveria saber.

Algum tempo depois ele abre os olhos e percebe que o carro não está em movimento. O Cadillac,

de fato, está estacionado há algum tempo. Não tem ideia de como pode saber disso, apenas sabe.

A luz está diferente. Ainda não é de manhã, mas a noite já está se retirando, já recolheu a maioria

de suas estrelas e as levou embora. Nuvens pálidas, gordas e enormes, restos da tempestade de

ontem, correm nítidas sobre um fundo escuro. Terry tem uma boa visão do céu, olhando através de

uma das janelas laterais. Pode sentir o cheiro da alvorada, da grama encharcada de chuva e da terra

se aquecendo. Quando se senta, vê que Lee tinha deixado a porta do lado do motorista entreaberta.

A jaqueta já não está mais sobre ele; deve ter escorregado enquanto dormia. Terry a procura no

chão, deve estar por ali. Lá está a caixa de ferramentas, mas nada da jaqueta. O encosto do banco do

motorista está inclinado para a frente e Terry salta do carro.

Sua espinha estala quando ele estica os braços para os lados e alonga as costas. Então ele para, os

braços abertos no meio da noite como um homem pregado a uma cruz invisível.

Lee está sentado nos degraus da entrada da casa da mãe dele, fumando. A casa agora é de Lee,

lembra Terry, pois a mãe dele morreu há seis semanas. Terry não consegue ver o rosto de Lee,

somente a brasa laranja de seu Winston. Por alguma razão que não consegue definir, a visão de Lee

esperando por ele nos degraus o deixa incomodado.

– Que noite – diz Terry.

– E ainda não acabou. – Lee traga o cigarro, fazendo a brasa brilhar, e por um momento Terry

pode ver uma parte de seu rosto, a parte má, com o olho morto. No lusco-fusco da manhã, o olho

está branco e cego, uma esfera de vidro cheia de fumaça. – Como está a cabeça?

Terry levanta a mão e toca o machucado, então a deixa cair.

– Está tudo bem. Não foi nada.

– Eu também tive um acidente.

– Que acidente? Você está bem?

– Estou. Mas Merrin, não.

– O que você quer dizer?

De repente, Terry percebe o suor pegajoso pós-ressaca que cobre seu corpo, uma sensação úmida e

desagradável. Abaixa a cabeça para olhar o prórpio corpo e vê marcas pretas de dedos em sua

camisa, lama ou algo assim, tinha apenas uma vaga ideia de ter limpado as mãos no peito. Quando

volta a olhar para Lee, subitamente tem medo do que ele tem a dizer.

– Foi mesmo um acidente – diz ele. – Eu não tinha ideia de quão sério era até que já fosse tarde

demais para socorrê-la.

Terry o encara, esperando pelo desfecho.

– Você está indo rápido demais, cara. O que aconteceu?

– É isso que vamos ter que resolver. Você e eu. É sobre isso que quero conversar. Temos que

combinar nossa história direitinho antes que a encontrem.

Terry faz a coisa mais razoável: ri. Lee é famoso por seu senso de humor seco e monótono. Se fosse

um pouco mais tarde e Terry não se sentisse tão mal, podia até apreciá-lo. Entretanto, a mão direita

de Terry não acha aquilo engraçado. Tinha começado, por conta própria, a tatear o bolso,

procurando pelo celular.

– Terry, sei que isso tudo é horrível – diz Lee num tom tranquilo. – Mas não estou brincando.

Estamos numa merda danada. Não foi nossa culpa, mas estamos na pior enrascada em que duas

pessoas podem estar. Foi um acidente, mas vão dizer que nós a matamos.

Terry quer rir de novo. Mas, em vez disso, diz:

– Para com isso.

– Não posso. Você tem que me ouvir.

– Ela não está morta.

Lee dá outra tragada no cigarro e a brasa brilha novamente, o olho de fumaça pálida encara

Terry.

– Ela estava bêbada e começou a dar em cima de mim. Acho que foi o jeito que ela encontrou

para dar o troco no Ig. Tirou a roupa e veio me agarrando, então a empurrei… não tive a intenção.

Ela tropeçou numa raiz ou outra coisa qualquer e bateu numa pedra. Saí de perto dela e quando

voltei… foi horrível. Não sei se você vai acreditar nisso, mas preferiria ficar sem meu outro olho a ter

feito algum mal a ela.

Terry respira fundo, mas seus pulmões não se enchem de oxigênio e sim de terror; todo seu peito

se enche de uma espécie de gás tóxico. Sente uma agitação tomar seu estômago e sua cabeça.

Também tem a sensação de que o chão está se inclinando sob seus pés. Precisa ligar para alguém.

Tem que encontrar seu telefone, pedir ajuda; a situação exige autoridades tranquilas, com

experiência em lidar com emergências. Ele se vira para o carro, se inclina para o banco traseiro

procurando a jaqueta. O celular deve estar nela. Mas a jaqueta não está no chão onde ele achou que

estaria. Também não está no banco da frente.

O toque de Lee em sua nuca faz Terry pular para a frente e gritar, um grito que mais parece um

soluço. Em seguida se afasta de Lee.

– Terry, temos que resolver o que vamos dizer.

– Não temos que resolver nada. Preciso do meu celular.

– Pode usar o telefone da minha casa se quiser.

Terry estica os braços na direção de Lee, o empurrando para longe, e marcha para a entrada da

casa. Lee joga fora o cigarro e o segue, sem muita pressa.

– Se você quer chamar a polícia, não vou impedir. Vamos juntos até a fundição para mostrar

onde ela está. Mas é melhor você saber o que vou dizer a eles antes de pegar o telefone.

Terry sobe os degraus com dois saltos, atravessa a varanda, abre a tela de proteção e empurra a

porta. Dá um passo vacilante para dentro da escuridão do hall. Se há um telefone ali, não consegue

vê-lo em meio às sombras. A cozinha fica à esquerda.

– Estávamos todos tão bêbados – prossegue Lee. – E você também estava doidão. Mas era ela

quem estava pior. É isso que vou dizer primeiro. Ela estava dando em cima de nós dois desde que

entrou no carro. Ig a tinha chamado de piranha e ela estava decidida a provar que ele estava certo.

Terry mal ouve. Move-se rapidamente pela sala de jantar, bate o joelho numa cadeira de

espaldar reto, tropeça e vai em frente, até a cozinha. Lee vem atrás dele, a voz insuportavelmente

calma.

– Ela me pediu que parasse o carro porque queria trocar suas roupas molhadas

e então começou

um showzinho na frente dos faróis. Durante todo o tempo você não disse nada, só ficou olhando pra

ela, ouvindo ela dizer que o Ig ia ver o que ia acontecer com ele, depois do jeito como a tratara.

Primeiro ela ficou um pouco comigo, depois foi pra cima de você. Estava tão bêbada que não

percebeu como você estava puto. Enquanto dançava no seu colo, começou a falar da grana que

poderia ganhar se contasse para os jornais sobre aquela orgia particular de Terry Perrish. Que valeria

a pena, só pra sacanear o Ig, só pra ver a cara dele. Foi aí que você bateu nela. Você bateu nela antes

mesmo que eu entendesse o que estava acontecendo.

Terry está diante da bancada da cozinha, com a mão no telefone bege, mas não o tira do gancho.

Vira para trás e, pela primeira vez, olha para um Lee alto e magro, com sua coroa de cabelos

dourados quase brancos e seu terrível e misterioso olho esbranquiçado. Terry põe a mão no meio do

peito de Lee e o empurra com tanta força que ele bate com as costas na parede. As janelas tremem.

Lee não parece preocupado.

– Ninguém vai acreditar nessa merda.

– Quem sabe no que vão acreditar? – diz Lee. – São as suas impressões digitais que estão na

pedra.

Terry agarra Lee pela camisa, o arrancando da parede para depois jogá-lo novamente contra ela,

o prendendo com a mão direita. Uma colher cai da bancada e bate no chão, tinindo. Lee olha para

ele imperturbável.

– Você deixou aquele baseado enorme que estava fumando bem do lado do corpo. E foi ela que

machucou sua cabeça, enquanto lutava com você. Depois que ela morreu, você se limpou com as

roupas íntimas dela. É o seu sangue que está espalhado na calcinha dela.

– Que merda é essa que você está falando? – pergunta Terry. A palavra "calcinha" parece tinir

como a colher.

– O machucado na sua testa. Eu usei a calcinha dela para limpá-lo, enquanto você estava

chapado. Preciso que você entenda a situação, Terry. Você está tão enrolado quanto eu. Na verdade,

mais.

Terry puxa a mão esquerda para trás, fechando o punho, então se controla. Há uma espécie de

entusiasmo no rosto de Lee, um brilho de expectativa em seus olhos, sua respiração é curta e rápida.

Terry não bate nele.

– O que você está esperando? – pergunta Lee. – Vai em frente.

Terry nunca havia batido em outro homem; estava com quase 30 anos e jamais dera um soco em

alguém. Não tinha sequer brigado no colégio. Todo mundo gostava dele.

– Se você me machucar, eu mesmo chamo a polícia. Assim as coisas vão ficar ainda melhores para

o meu lado. Posso dizer que tentei defendê-la.

Terry deu um passo vacilante para longe dele e abaixou a mão.

– Vou embora. É melhor você arrumar um advogado. Sei que vou falar com o meu em 20

minutos. Onde está minha jaqueta?

– Junto com a pedra e a calcinha dela. Num lugar seguro. Não estão aqui. Parei num lugar a

caminho de casa. Você disse pra eu me livar das provas, mas não fiz isso…

– Cala essa merda dessa boca.

– Afinal, achei que você poderia tentar jogar a culpa toda pra cima de mim. Vai em frente, Terry.

Chama a polícia. Mas eu juro *que, se você jogar essa merda em cima de mim, eu vou arrastar você*

comigo. Vou virar o jogo. Você tem o Hothouse. *Vai voltar para Los Angeles daqui a dois dias, pra*

junto das estrelas de cinema e das modelos de lingerie. Mas vai em frente e faz o que é certo. Siga

sua consciência. Só não se esqueça de que ninguém vai acreditar em você, nem seu irmão. Ele vai

odiar você pro resto da vida, por você ter matado a namorada dele, quando estava bêbado e

drogado. Talvez ele não acredite de cara, mas vamos dar um tempo pra ele. Você vai ter 20 anos de

cadeia pra se orgulhar de seus valores morais. Pelo amor de Deus, Terry. Ela já está morta há quatro

horas. Se você quisesse limpar sua barra, tinha que ter chamado a polícia enquanto o corpo ainda

estava quente. Agora vai parecer que, no mínimo, você pensou em esconder o caso.

– Eu vou matar você – sussurrou Terry.

– Claro – disse Lee. – Ótimo. Assim vai ter que explicar os dois corpos. Foda-se.

Terry se vira, olha desesperadamente para o telefone sobre a bancada, sentindo que, se não o

pegar e chamar alguém nos próximos instantes, todas as coisas boas da sua vida serão tiradas dele.

Ainda assim, não consegue mover o braço. Parece um náufrago numa ilha deserta, vendo a luz de

um avião piscar no céu, a 12 mil metros de altitude, sem nenhuma forma de mandar um sinal para

ele, vendo sua última chance de ser resgatado ir embora.

– Ou – continua Lee – o que pode ter acontecido, se não fui eu nem você, é que ela foi assassinada

por um desconhecido qualquer. Acontece o tempo todo. Passa sempre no Dateline. *Ninguém nos viu*

quando a pegamos. Ninguém viu quando pegamos a estrada que leva à fundição. Pelo que todo

mundo sabe, você e eu voltamos para a minha casa depois do luau, jogamos

cartas e depois

apagamos em frente ao SportsCenter*, às duas da manhã. Não há motivo nenhum para termos ido*

ao Pit, já que minha casa fica exatamente do outro lado da cidade.

Terry sente o peito apertado, a respiração acelerada. Sem querer, pensa que deve ser assim que Ig

se sente quando tem um ataque de asma. Engraçado como não consegue levantar o braço e pegar o

telefone.

– Muito bem, já falei o que queria. Basicamente, é isso: você pode levar a vida como um aleijado

ou como um babaca. Daqui pra frente é com você. Mas vai por mim: covardes se divertem mais.

Terry fica imóvel. Não responde nem consegue olhar para Lee. Sua pulsação dispara.

– Sabe do que mais? – diz Lee, falando em tom apaziguador. – Se você se submeter agora a um

exame para ver se há drogas no seu organismo, está ferrado. Você não vai querer ir à polícia desse

jeito. Dormiu no máximo três horas, e não está conseguindo pensar direito. Terry, ela já está morta

desde ontem à noite. Por que você não usa a manhã pra refletir? Podem se passar vários dias até que

a encontrem. Não tome nenhuma decisão precipitada que não possa corrigir depois. Espere só até ter

certeza do que quer fazer.

É uma coisa horrível de se ouvir – "podem se passar vários dias até que a encontrem" –, *uma*

declaração que lhe traz à mente uma imagem vívida de Merrin caída no meio das samambaias e da

grama molhada, com a água da chuva encharcando seus olhos e um besouro passeando em seus

cabelos. Logo em seguida vem a lembrança de Merrin sentada no banco do carona, tremendo em

suas roupas molhadas, olhando para ele com olhos tristes e tímidos. "Obrigada por vir me pegar.

Você acabou de salvar a minha vida."

– Quero ir pra casa – diz Terry. Tinha a intenção de parecer agressivo, duro na queda, íntegro,

mas em vez disso soa como um murmúrio entrecortado.

– Claro – concorda Lee. – Eu te levo. Mas primeiro vou pegar uma camisa pra você. Essa aí está

coberta com o sangue dela. – Ele aponta para a sujeira que Terry tinha esfregado na parte da frente

da camisa, que só agora, sob a luz perolada do amanhecer, identifica como sangue seco.

Ig viu tudo isso num único toque, como se estivesse sentado no carro com eles durante todo o

caminho até a velha fundição – viu tudo isso e mais. Viu a conversa desesperada e suplicante

que Terry tivera com Lee na cozinha de sua casa, 30 horas depois. Era um dia de sol forte, as

crianças gritavam pelas ruas, alguns adolescentes mergulhavam na piscina da casa ao lado. Era

quase chocante demais tentar combinar a alegre normalidade da manhã com a ideia de que Ig

estava preso e Merrin jazia num compartimento frigorífico de algum necrotério. Lee estava

encostado na bancada da cozinha, olhando impassível enquanto Terry saltava de um

pensamento para outro, de emoção para outra, a voz estrangulada, ora de ódio, ora de

desespero. Esperou que Terry gastasse toda sua energia e disse:

– Eles vão soltar o seu irmão. Fica frio. As evidências criminais não vão coincidir e eles terão que

declará-lo inocente.

Enquanto falava, passava uma pera dourada de uma mão para a outra.

– Que evidências?

– Marcas de sapatos, de pneus… – disse Lee. *– Como vou saber? Sangue, talvez. Ela pode ter me*

arranhado. Meu sangue não vai combinar com o do Ig e eles não têm nenhum motivo para me

investigar. Bom, pelo menos é melhor você torcer pra eles nunca me investigarem. É só esperar. Em

oito horas ele vai ser solto e já no final da semana vai estar com a barra limpa. Você só precisa ficar

quieto por mais um tempo e vocês dois estarão fora disso tudo.

– Estão dizendo que ela foi estuprada. Você não me disse que tinha feito isso.

– *Não fiz. Só seria estupro se ela não estivesse a fim* – disse Lee, levando a pera até a boca e

dando uma mordida suculenta.

Pior do que isso foi o vislumbre que Ig teve do que Terry havia tentado fazer cinco meses

depois, na garagem, sentado no banco do motorista de seu Dodge Viper, as janelas abertas, a

porta da garagem fechada e o motor ligado. Terry estava no limite da inconsciência, a fumaça do

cano de descarga em volta dele, quando a porta da garagem se abriu com um estrondo. A

empregada nunca havia aparecido num sábado de manhã, mas lá estava ela, encarando Terry

através da janela do carro, com os olhos arregalados, agarrando contra o peito as roupas dele

que tinha ido buscar na lavanderia. Era uma imigrante mexicana de 50 anos e entendia inglês

razoavelmente bem, mas era improvável que conseguisse ler a parte exposta do bilhete que saía

do bolso da camisa de Terry:

A QUEM INTERESSAR POSSA,

No ano passado, meu irmão, Ignatius Perrish, foi preso sob a acusação de violentar e

matar Merrin Williams, sua namorada e melhor amiga. ELE É INOCENTE DE TODA

E QUALQUER ACUSAÇÃO. Merrin, que também era minha amiga, foi

estuprada e

assassinada por Lee Tourneau. Eu sei porque estava lá e, mesmo não tendo participado do

crime, sou cúmplice por acobertá-lo e não posso viver nem mais um dia…

Mas Ig não conseguiu continuar, largou a mão de Terry, reagindo como se tivesse tomado um

choque. Os olhos de Terry se abriram, suas pupilas estavam enormes na escuridão.

– Mãe? – disse, com a voz dopada e pesada.

Estava escuro no quarto, tão escuro que Ig duvidava de que o irmão fosse capaz de identificar

algo além de sua forma meio vaga parada ali. Ig botou a mão atrás das costas, apertando o cabo

da faca.

Ig abriu a boca para falar alguma coisa. Pretendia mandar Terry voltar a dormir, o que era a

coisa mais absurda a se dizer. Mas, quando falou, sentiu o sangue pulsando em ondas nos

chifres e a voz que saiu de sua boca não era sua, mas de sua mãe. Não era uma imitação

voluntária. Era ela.

– *Volte a dormir, Terry* – disse.

Ig ficou tão impressionado que deu um passo para trás e esbarrou na mesa de cabeceira. Um

copo d’água bateu de leve na luminária. Terry fechou os olhos de novo, mas começou a tremer

de leve, como se fosse se levantar no instante seguinte.

– Mãe, que horas são?

Ig baixou os olhos para o irmão. Não se perguntava como tinha feito aquilo, evocado a voz de

Lydia, só queria saber se poderia fazer de novo. Já sabia como tinha conseguido. O Diabo podia,

é claro, falar com a voz dos entes queridos e dizer às pessoas aquilo que elas queriam ouvir. O

dom das línguas… o truque favorito do Diabo.

– *Shh* – disse Ig com a voz de Lydia Perrish e os chifres se encheram de pressão. Era tão fácil.

Ele não precisava nem pensar. – *Shh. Querido, você não tem que fazer nada. Não precisa se*

levantar. Pode descansar. Cuide-se.

Terry suspirou e rolou para o outro lado, virando as costas para Ig.

Ig estava preparado para qualquer coisa, menos para sentir compaixão por Terry. Não havia

atenuante para o que acontecera com Merrin, mas de certo modo… de certo modo Ig também

tinha perdido seu irmão naquela noite.

Ele se agachou na escuridão, olhando para Terry deitado de lado sob os lençóis, e pensou

num feitiço, considerando a mais recente manifestação de seus poderes. Finalmente abriu a boca

e Lydia disse:

– Você deve ir embora amanhã. Voltar para sua vida, querido. Você tem ensaios. Tem muito o

que fazer. Não se preocupe com Vera. Sua avó vai ficar bem.

– E o Ig? – perguntou Terry, murmurando baixinho, ainda de lado. – Eu não devia ficar até

que soubéssemos para onde ele foi? Estou preocupado.

– Talvez ele esteja precisando ficar um pouco sozinho – disse Ig com a voz da mãe. *– Você sabe*

em que época do ano estamos. Tenho certeza de que ele está bem e gostaria que você fosse cuidar do

seu trabalho. Você tem que pensar em si mesmo… pelo menos uma vez. Volte para Los Angeles

amanhã, Terry. – Ele transformou a frase numa ordem, concentrando toda sua força de vontade

atrás dos chifres, até que latejassem de prazer.

– Voltar para Los Angeles – disse Terry. – Tudo bem.

Ig se retirou, caminhando para a porta, para a luz do dia.

Terry falou de novo, antes que Ig saísse.

– Eu te amo.

Ig esperou na porta, a pulsação estranhamente acelerada em sua garganta, a respiração curta.

– Também te amo, Terry – disse e gentilmente fechou a porta entre eles.

CAPÍTULO 28

À**tarde, Ig botou o carro na estrada** e foi até uma pequena mercearia. Pegou um pedaço de

queijo, pepperoni, mostarda escura, dois sacos de pão de forma, duas garrafas de vinho

tinto de mesa e um saca-rolhas.

O dono da loja era um velho com ar de professor, com óculos de vovô e um casaco de lã

abotoado na frente. Ele estava sentado atrás do balcão, com o queixo apoiado numa das mãos,

folheando o *New York Review of Books*. Olhou para Ig sem nenhum interesse e começou a

registrar as compras.

Enquanto apertava as teclas da caixa registradora, confessou a Ig que a mulher com quem

estava casado havia 40 anos tinha Alzheimer e que ele andou pensando em levá-la até a escada

do porão e empurrá-la. Tinha certeza de que um pescoço quebrado seria considerado um

acidente. Wendy o amara com seu corpo, tinha lhe escrito cartas todas as semanas enquanto ele

esteve no Exército e lhe dera duas ótimas filhas, mas ele estava cansado de ouvi-la delirar e de ter

que dar banho nela. Agora queria ir morar em Boca Raton com Sally, uma velha amiga. Quando

a esposa morresse, receberia um seguro de quase 750 mil dólares, então desfrutaria golfe, tênis e

belas refeições com Sally por tantos anos de vida quantos ainda tivesse pela frente. Queria saber

o que Ig achava disso. Ig disse que ele iria queimar no inferno. O dono da mercearia encolheu os

ombros e disse é claro – era óbvio.

Ele falou com Ig em russo e foi nessa língua que Ig respondeu, mesmo sem nunca tê-la

estudado. Mesmo assim não ficou nem um pouco surpreso com sua fluência súbita e imerecida.

Depois de usar a voz da mãe para falar com Terry, a fluência em russo até parecia insignificante.

Além do mais, a linguagem do pecado era universal, era o esperanto original.

Ig se afastou da caixa registradora pensando em como tinha enganado Terry, como algo

dentro dele tinha sido capaz de evocar exatamente a voz que o irmão queria ouvir. Imaginou

quais seriam os limites daquele poder, até que ponto conseguiria enganar a mente de outra

pessoa. Parou na porta e olhou para trás, fitando com interesse o lojista, que estava novamente

sentado atrás do balcão lendo seu jornal.

– Você não vai atender o telefone? – perguntou Ig.

O homem levantou a cabeça para ele, tão perplexo que suas sobrancelhas estavam juntas.

– Está tocando – disse Ig. Os chifres latejavam com a sensação de pressão e poder,

absolutamente prazerosa.

O dono da mercearia franziu a testa diante do telefone silencioso. Pegou-o e o

colocou no

ouvido. Mesmo do outro lado da loja, Ig podia ouvir o sinal de discar.

– *Robert, é Sally* – disse Ig, mas a voz que saía de seus lábios não era sua. Era rouca, profunda,

mas sem dúvida feminina, com sotaque do Bronx; uma voz totalmente desconhecida e mesmo

assim Ig tinha certeza de que pertencia a Sally.

O homem ficou tão confuso que fez uma careta, depois falou para a linha muda:

– Sally? Acabamos de nos falar há apenas algumas horas. Pensei que você estivesse tentando

economizar nos interurbanos.

Os chifres pulsavam, num estado de excitação sensual.

– *Vou economizar nos interurbanos quando não precisar mais ligar pra você todos os dias* – disse

Ig com a voz de Sally, de Boca Raton. – *Quando você vai vir pra cá? Essa espera está me matando.*

– Não posso. Você sabe que não posso. Sabe quanto custaria pra botar Wendy num asilo? Nós

viveríamos de *quê*? – respondeu o homem para a linha muda.

– *Quem disse que precisamos viver como magnatas? Posso viver sem ostras. Salada de atum já*

serve. Você quer esperar que ela morra, mas e se eu morrer primeiro? Como fica? Não sou mais

uma mocinha e você já não é nenhum garotão. Deixe Wendy num lugar onde as pessoas vão cuidar

dela, depois pegue um avião e venha pra cá, onde tem alguém pra cuidar de você.

– Prometi que nunca a colocaria num asilo.

– Ela não é mais a pessoa pra quem você fez essa promessa e tenho medo do que você possa fazer

se continuar com ela. Escolha um pecado com o qual possamos conviver, é só isso que estou pedindo.

Me ligue quando tiver comprado a passagem e eu vou te buscar no aeroporto.

Ig então desfez a ligação; a sensação dolorosamente doce de pressão se esvaiu dos chifres. O

dono da mercearia tirou o fone do ouvido e ficou olhando para ele, a boca ligeiramente aberta

de espanto. O sinal de discar zumbia. Ig se esgueirou pela porta. O homem nem levantou os

olhos, já tinha se esquecido dele.

Ig fez uma fogueira na fornalha, então abriu a primeira garrafa de vinho e tomou um grande

gole, sem nem deixar a bebida respirar. Os vapores encheram sua cabeça, o deixando tonto, uma

asfixia doce, como mãos amorosas em volta de seu pescoço. Sentia que devia estar traçando um

plano, que a essa altura já devia ter decidido qual seria a forma mais adequada de lidar com Lee,

mas era difícil pensar olhando para o fogo. Os movimentos extáticos das chamas o

hipnotizavam. Ficava maravilhado com os rodopios das faíscas e com o

movimento das brasas

alaranjadas que caíam, com o gosto amargo e rascante do vinho, que afastava seus pensamentos

como um solvente removendo a tinta. Puxava o cavanhaque insistentemente, feliz com ele, como

se o cavanhaque tornasse seu cabelo escasso mais aceitável. Quando Ig era criança, todos os seus

heróis tinham barba: Jesus, Abraham Lincoln, Dan Haggerty.

– Barbas – murmurou. – Sou abençoado com pelos faciais.

Estava na segunda garrafa de vinho quando ouviu o fogo sussurrando para ele, sugerindo

planos e estratagemas, o encorajando com uma voz sibilante e suave, oferecendo argumentos

teológicos. Ig inclinou a cabeça e ouviu atentamente, num estado de fascinação. Às vezes

balançava a cabeça, concordando. A voz do fogo disse as coisas mais sensatas. Durante uma

hora inteira, Ig aprendeu bastante.

Depois que escureceu, ele abriu a portinhola e encontrou a câmara ao lado apinhada de fiéis

reunidos para ouvir A Palavra. Ig saiu da chaminé e o tapete rastejante de serpentes – eram no

mínimo mil, umas sobre as outras, enroscadas num emaranhado louco – abriu caminho para

que ele chegasse à pilha de tijolos que estava no meio delas. Ele subiu no pequeno monte e se

sentou, com seu tridente e sua segunda garrafa de vinho.

– É uma questão de fé que a alma deva ser guardada, para que não seja arruinada e

consumida – disse. – O próprio Cristo preveniu seus apóstolos a temerem aquele que destruiria

suas almas no Inferno. Agora lhes digo que tal destino é uma impossibilidade matemática. A

alma não pode ser destruída. A alma é eterna. Como o número pi, ela não tem fim nem

conclusão. Como o pi, ela é uma constante. Pi é um número irracional, impossível de ser

fracionado. A alma também é uma equação irracional e indivisível que expressa perfeitamente

uma coisa: você. A alma não teria nenhum valor para o Diabo se pudesse ser destruída. E não

está perdida quando sob os cuidados de Satanás, como dizem por aí. Ele sempre sabe como

encontrá-la.

Uma cobra marrom grossa como uma corda ousou subir na pilha de tijolos. Ig a sentiu se

movendo por seu pé esquerdo descalço, mas a princípio não deu atenção, preferindo se dedicar

às necessidades espirituais do seu rebanho.

– Há muito tempo Satanás é conhecido como o Adversário, mas Deus teme a mulher muito

mais do que o Diabo, e Ele está certo. *Ela*, com seu poder de trazer vidas ao

mundo, é quem foi

realmente feita à imagem e semelhança do Criador, e não o homem, e Ela, de todas as formas

possíveis, provou ser muito mais merecedora da adoração dos homens do que Cristo, aquele

fanático com a barba por fazer, desejando o fim do mundo. Deus salva, mas não aqui nem

agora. Sua salvação é um consórcio. Como todo vigarista, Ele pede que você pague agora e

acredite que irá receber depois. Enquanto as mulheres oferecem outra forma de salvação, mais

imediata e satisfatória. Elas não protelam seu amor para uma eternidade distante e vaga, mas o

oferecem aqui e agora, frequentemente para aqueles que menos o merecem. Foi assim no meu

caso. É assim com muitos. Desde o início, o Diabo e as mulheres se uniram contra Deus, desde

quando Satanás, na forma de uma serpente, se aproximou do primeiro homem e sussurrou no

ouvido de Adão que a verdadeira felicidade não estava nas preces, mas sim na boceta de Eva.

As cobras se contorciam, sibilavam e brigavam por um lugar aos seus pés. Mordiam-se umas

às outras, num estado próximo ao êxtase.

A cobra marrom que estava no pé de Ig começou a se enrolar em seu tornozelo. Ele se

abaixou, a pegou e finalmente olhou para ela. Tinha a cor das folhas secas e mortas do outono, a

não ser por uma única listra laranja que corria ao longo de suas costas. Na ponta do rabo havia

um chocalho curto, coberto de terra. Ig nunca tinha visto uma cobra com chocalho, só nos

filmes de Clint Eastwood. Ela se deixou ser levantada, sem fazer nenhum esforço para fugir. A

serpente o encarava com seus olhos dourados, ondulados como uma folha de zinco, de pupilas

longas e fendidas. Sua língua preta estava de fora, chicoteando o ar, sentindo seu gosto. Sua pele

fria parecia tão relaxada sobre o músculo que estava embaixo dela como uma pálpebra cerrada

sobre o olho. Seu rabo (mas talvez seja errado falar em rabo, já que a cobra toda era um rabo,

com uma cabeça no fim) repousava no braço de Ig. Depois de um instante ele a passou sobre os

ombros, como uma echarpe solta ou uma gravata desamarrada. O chocalho pendia sobre seu

peito nu.

Olhou para a plateia; tinha esquecido o que estava dizendo. Jogando a cabeça para trás,

tomou um gole de vinho. A bebida desceu queimando, como se ele engolisse uma chama doce.

Pelo menos Cristo estava certo no seu gosto pela bebida do Demônio, que, como o fruto do

jardim, trazia consigo liberdade, conhecimento e certa perdição. Ig exalou fumaça e se lembrou

de seu discurso.

– Vejam a moça que eu amava e que me amava, como ela terminou. Ela usava o crucifixo de

Jesus no pescoço e tinha fé na Igreja, que nunca fez nada por ela, exceto pegar seu dinheiro no

ofertório e chamá-la de pecadora, na cara dela. Todos os dias ela trazia Jesus em seu coração e

rezava para Ele todas as noites. E vejam o bem que isso lhe fez. Jesus em Sua cruz. Muitas

pessoas choraram por Jesus em Sua cruz. Como se ninguém mais tivesse sofrido o que Ele sofreu.

Como se milhões não tivessem morrido de formas piores, sem serem lembrados. Se eu tivesse

vivido nos tempos de Pilatos, teria tido prazer em perfurar pessoalmente o lado d'Ele com a

lança, tão orgulhoso de Sua própria dor.

Ig fez uma pausa e depois prosseguiu com seu sermão:

– Merrin e eu éramos como marido e mulher. Mas ela queria mais do que só a mim, queria

liberdade, uma vida, a oportunidade de se descobrir. Queria ter outros amantes e queria que eu

tivesse outras mulheres também. Eu a odiei por isso. E Deus também. Só de imaginar que ela

pudesse abrir as pernas para outro homem, Ele virou a cara para ela e, quando

ela chamou por

Ele, enquanto era estuprada e assassinada, Ele fingiu não ouvir. Sem dúvida sentiu que ela estava

recebendo o que merecia. Agora, vejo Deus como um escritor de livros populares sem

imaginação, alguém que constrói histórias de enredos sádicos e sem graça, narrativas que só

existem para expressar Seu horror pelo poder que as mulheres têm de escolher a quem amar e

como, de redefinir o amor como acham melhor, não como Deus acha que deve ser. O autor não

merece Seus próprios personagens. O Diabo é acima de tudo um crítico literário, que atira esse

impostor sem talento à retaliação pública que Ele merece.

A serpente em volta de seu pescoço deixou a cabeça cair, roçando amorosamente a coxa de Ig.

Ele a acariciou gentilmente enquanto chegava ao ponto principal de seu sermão de fogo.

– Só o Diabo ama os homens pelo que eles são e se regozija com os esquemas ardilosos que

armam contra eles mesmos, com sua curiosidade despudorada, sua falta de autocontrole, com o

impulso de quebrar uma regra assim que ouvem falar dela, com sua determinação de renunciar à

alma imortal por uma trepada. O Diabo sabe que só aqueles que têm coragem de arriscar a alma

por amor merecem ter alma, mesmo que Deus não saiba. E para *onde* isso leva Deus? Deus ama

os homens, é o que nos dizem, mas o amor deve ser provado com fatos e não com justificativas.

Se você estivesse num barco e não salvasse um homem que estivesse se afogando, certamente iria

queimar no fogo do Inferno. Mas Deus, em Sua sabedoria, não sente necessidade de usar Seu

poder para salvar quem quer que seja de um único momento de sofrimento e, apesar de Sua

inatividade, Ele é celebrado e reverenciado. Então me mostrem onde está a lógica moral disso.

Não podem. Porque não há. Só o Diabo opera com um mínimo de lógica, prometendo punir os

que fizerem da Terra um inferno para aqueles que ousam amar e sentir.

Ig tomou fôlego e prosseguiu:

– Não proclamo que Deus está morto. Ele está vivo e bem de saúde, mas não tem condições de

oferecer salvação, pois Ele próprio está condenado por Sua criminosa indiferença. Ele se perdeu

no momento em que exigiu lealdade e adoração antes de oferecer Sua proteção. A inconfundível

barganha de um gângster. Enquanto o Diabo é tudo, menos indiferente. O Diabo está sempre lá

para ajudar os que estão dispostos a pecar, que é outra palavra para “viver”. Suas linhas

telefônicas estão sempre livres. As telefonistas a postos.

A serpente enrolada nos ombros de Ig deu uma sacudidela em seu chocalho em sinal de

aprovação, como castanholas. Ele a levantou com uma das mãos e beijou sua cabeça fria, depois

a botou no chão. Voltou à chaminé, com as cobras se agitando aos seus pés para deixá-lo passar.

Deixou o tridente encostado à parede, do lado de fora da portinhola, então pulou para dentro,

mas não conseguiu descansar. Por um tempo, leu sua Bíblia Neil Diamond à luz do fogo. Fez

uma pausa, torcendo seu cavanhaque nervosamente, avaliando a lei no Deuteronômio que

proibia o uso de roupas de lã e de linho misturados no mesmo tecido. Uma parte problemática

das Escrituras. Um assunto que exigia reflexão.

– Só o Diabo quer que o homem tenha uma ampla gama de estilos leves e confortáveis para

escolher – murmurou finalmente, tentando criar um novo provérbio. – Embora não haja perdão

para o poliéster. Quanto a isso, Satanás e o Senhor estão de acordo.

CAPÍTULO 29

I**g foi acordado por um som estridente** e metálico. Esfregando o rosto, se sentou na escuridão

que cheirava a fuligem, o fogo apagado fazia tempo. Apertou os olhos para ver quem havia

aberto a portinhola e foi golpeado na boca com uma chave inglesa, com força suficiente para

virar sua cabeça para o lado. Ele rolou, apoiando os joelhos e os cotovelos no chão, a boca cheia

de sangue. Sentiu pedaços sólidos rolando em sua língua. Cuspiu um fio gosmento de sangue;

junto com ele vieram alguns dentes, três.

Uma luva preta de couro se esticou para dentro da chaminé, pegou Ig pelos cabelos e o puxou

para fora da fornalha, batendo sua cabeça no ferro da portinhola. Isso provocou um som

metálico, como se alguém tivesse tocado um gongo. Ele tentou se levantar, fazendo uma flexão

desajeitada, e tomou um chute de uma bota com biqueira de aço no flanco. Seus braços não

aguentaram e ele se estatelou de queixo no concreto. Seus dentes bateram uns nos outros como

uma claquete: *Cena 666, tomada 1, ação!*

O tridente. Ele o tinha deixado encostado à parede, ao lado da entrada da fornalha. Ele rolou,

se atirando na direção dele. Seus dedos esbarraram no cabo e o tridente caiu com um estrondo.

Quando tentou pegar o cabo, Lee Tourneau pisou com o salto da bota na mão de Ig, que ouviu

seus ossos se quebrarem com um estalido. Parecia que alguém estava quebrando gravetos secos.

Ele levantou os olhos para Lee, enquanto este descia novamente a chave inglesa, acertando Ig

exatamente entre os chifres. Uma bomba de clarão branco explodiu na cabeça de Ig, brilhante

como um fósforo, e o mundo desapareceu.

Ele abriu os olhos e viu o chão da fundição deslizar debaixo dele. Lee o arrastava pela gola da

camisa, seus joelhos correndo pelo concreto. As mãos estavam à frente do corpo, alguma coisa as

amarrarrando uma à outra pelos pulsos. Pareciam voltas e voltas de fita adesiva. Tentou pular

para ficar de pé, mas só conseguiu chutar fracamente os pés. O mundo estava infestado pelo

canto infernal dos gafanhotos e ele levou um momento para entender que o ruído estava apenas

dentro de sua cabeça, pois os gafanhotos não cantam à noite.

Era um erro pensar em termos de dentro e fora com relação à velha fundição. Não havia

telhado, por isso a parte de dentro *era* fora. Mas Ig foi arrastado por uma porta e sentiu que, de

algum modo, eles tinham saído para a noite, embora ainda houvesse concreto poeirento debaixo

de seus joelhos. Não conseguia levantar a cabeça, mas tinha a impressão de espaço aberto, de ter

deixado as paredes para trás. Ouviu o Cadillac de Lee com o motor ligado ali por perto. Estavam

atrás da construção, pensou, não muito longe da trilha Evel Knievel. Sua língua rolava

preguiçosamente pela boca, uma enguia nadando em sangue. A ponta tocou uma espécie de

órbita vazia, onde antes havia um dente.

Se iria tentar usar os chifres contra Lee, tinha de ser *agora*, antes que ele fizesse o que tinha

vindo fazer. Mas, quando abriu a boca para falar, sentiu um choque de dor, negro e opressivo, e

tudo o que conseguiu fazer foi se impedir de gritar. Seu maxilar estava quebrado – talvez

estraçalhado. O sangue borbulhava e escorria de seus lábios, e ele emitiu um indefinido som de

dor.

Eles estavam no alto de um lance de escada de concreto; Lee respirava com esforço. Ele parou.

– Pelo amor de Deus, Ig. Você não parecia tão pesado. Não fui feito para esse tipo de coisa.

Lee jogou Ig pelos degraus. Ele bateu no primeiro com o ombro e no segundo com o rosto,

sentindo que seu maxilar estava novamente sendo quebrado. Dessa vez não conseguiu se conter e

soltou um grito, um som estrangulado e duro. Rolou o resto da escada até embaixo e se estatelou

no chão, com o nariz na terra.

Quando aquilo terminou, ficou completamente imóvel – parecia importante ficar

quieto,

parecia a coisa mais importante do mundo –, esperando que a dor latejante em seu rosto

esmagado se atenuasse, ao menos um pouco. Ao longe, ouviu botas se arrastarem pela escada de

concreto e se afastarem, esmagando a grama. A porta de um carro foi aberta. A porta de um

carro bateu. As botas voltaram, esmagando a grama. Ig ouviu um tinido baixo e um ruído

arrastado e oco, sem conseguir identificar nenhum dos dois.

– Sabia que ia te encontrar aqui – disse Lee. – Não conseguiu ficar longe, não é?

Ig lutou para levantar a cabeça e olhar para cima. Lee estava agachado ao lado dele. Usava

uma calça jeans escura e uma camisa branca de botões, as mangas arregaçadas para mostrar seus

antebraços magros e fortes. Seu rosto estava calmo, quase bem-humorado. Com uma das mãos

mexia distraidamente no crucifixo aninhado nos pelos dourados e encaracolados de seu peito.

– Sabia que você estaria aqui desde que Glenna me telefonou há umas duas horas. – Por um

momento, um sorriso brilhou nos cantos de sua boca. – Ela chegou em casa e encontrou o

apartamento destruído. A televisão quebrada com um chute. Merda espalhada por todo lado.

Ela me chamou na mesma hora. Estava chorando, Ig. Se sentindo muito mal. Ela

acha que, de

algum modo, você soube do nosso… qual é o termo certo para isso?… nossa pulada de cerca no

estacionamento e que agora a odeia. Tem muito medo de que você se machuque. Eu disse que

tinha mais medo de que você fizesse alguma coisa com *ela* e que seria melhor se ela passasse a

noite comigo. Você acredita que ela recusou? Disse que não tinha medo de você e que precisava

conversar com você antes que as coisas entre ela e eu fossem mais longe. A boa e velha Glenna.

Ela é um doce. Um pouco desesperada por agradar. Muito insegura. Uma cachorra. O segundo

ser humano mais descartável, para se usar e jogar fora, que já conheci. Você é o primeiro, claro.

Ig se esqueceu da mandíbula quebrada e tentou dizer a Lee para que ficasse longe dela. Mas,

quando abriu a boca, a única coisa que saiu foi outro grito. A dor se espalhou pela mandíbula

estraçalhada e, com ela, veio uma escuridão que começou em sua visão periférica e se fechou

sobre ele. Ele expirou – soltando sangue pelo nariz – e lutou contra a situação, afastando a

escuridão com muita força de vontade.

– Eric não se lembra do que aconteceu na casa de Glenna hoje de manhã – disse Lee, com a

voz tão suave que Ig quase não ouviu. – Por quê, Ig? Ele não se lembra de nada a não ser de você

jogando uma panela de água quente na cara dele e de quase desmaiar. Mas alguma coisa

aconteceu naquele apartamento. Uma luta? *Alguma coisa.* Talvez eu devesse ter trazido Eric

comigo hoje à noite. Tenho certeza de que ele gostaria de ver você morto. Mas não pude, por

causa do rosto dele. Você fez um estrago e tanto na cara dele, Ig. Se tivesse ficado um pouquinho

pior, ele precisaria ter ido ao hospital e inventar uma mentira qualquer pra explicar como se

queimou. Seja como for, ele não devia ter ido ao apartamento de Glenna. Às vezes acho que ele

não tem o menor respeito pela lei. – Lee riu. – De todo modo, talvez seja melhor que ele não

tenha nada a ver com isso. Essas coisas são bem mais fáceis quando não há testemunhas.

Os punhos de Lee continuavam em seus joelhos e a chave inglesa pendia de sua mão direita,

mais de cinco quilos de ferro enferrujado.

– Quase posso entender por que Eric não se lembra do que aconteceu na casa da Glenna.

Uma panela de ferro na cabeça confunde a memória de qualquer um. Mas não sei o que

aconteceu quando você apareceu no escritório. Três pessoas o viram entrar: Chet, nosso

recepcionista, Cameron, que opera o aparelho de raio X, e Eric. Cinco minutos depois de você

sair nenhum deles se se lembrava de que você tinha estado lá. Só eu. Nem Eric queria acreditar

que você tinha estado lá até eu mostrar o vídeo. Temos a gravação de vocês dois conversando,

mas ele não sabe dizer sobre o que falaram. E tem mais. O vídeo. Não parece estar direito. É

como se houvesse algo errado com a fita… – A voz de Lee foi desaparecendo e, por um

momento, ele ficou em silêncio, refletindo. – Distorção. Mas só na sua imagem. O que você fez

com o vídeo? O que você fez com *eles*? E por que isso parece não me afetar? É o que eu gostaria

de saber. – Ig não respondeu, então Lee cutucou seu ombro com a chave inglesa. – Ig, você está

ouvindo?

Ig havia escutado cada palavra. Tinha se preparado enquanto Lee tagarelava, reunindo as

forças que lhe restavam para se levantar num pulo. Ele havia encolhido os joelhos debaixo do

corpo, recuperado o fôlego e estava só esperando o momento certo. Finalmente o momento

havia chegado. Ele se levantou, empurrou a chave inglesa para o lado e se atirou para cima de

Lee, acertando seu peito com o ombro e o fazendo cair para trás, de bunda no chão. Levantou as

mãos e as colocou em volta do pescoço de Lee…

… e, no instante em que suas peles se tocaram, quase gritou de novo. Por um momento, ele

esteve dentro da cabeça de Lee e foi como estar de volta ao rio Knowles – se afogando em uma

rápida corrente negra, puxado para baixo, para um lugar frio e barulhento, de escuridão e de

movimentos desesperados. Naquele único momento de contato, Ig soube de *tudo* e quis não

saber, quis fazer aquilo tudo ir embora, *dessaber*.

Lee ainda segurava a chave inglesa e a usou para se defender, acertando o estômago de Ig, que

teve um ataque de tosse. Ele foi jogado para longe, mas, ao cair para o lado, seus dedos ficaram

presos na corrente de ouro no pescoço de Lee e ela arrebentou quase sem barulho. O crucifixo

flutuou para a noite.

Lee conseguiu se esquivar de baixo dele e ficar novamente de pé. Ig estava de quatro, tentando

respirar.

– Tenta me estrangular, seu merda – disse Lee, lhe dando um chute do lado do tronco. Uma

costela estalou. Ig gemeu e caiu de cara.

Lee deu ainda um segundo chute e um terceiro. O último acertou a parte mais estreita das

costas de Ig, enviando um paralisante choque de dor pelos rins e intestinos.

Alguma coisa

molhada acertou a parte de trás de sua cabeça. Cuspe. Depois, por algum tempo, Lee ficou

quieto e os dois puderam recuperar o fôlego.

Finalmente, Lee disse:

– O que são essas malditas coisas na sua cabeça? Meu Deus, Ig. São *chifres*? – Ele parecia

realmente surpreso.

Ig estremeceu com as ondas de enjoo e dor nas costas, no corpo, na mão, no rosto. Arranhava

o chão com a mão esquerda, cavando sulcos na terra preta, se agarrando à consciência, lutando

por cada segundo de clareza. O que Lee tinha acabado de dizer? Alguma coisa sobre os chifres.

– Era *isso* que estava no vídeo – disse Lee, um pouco sem fôlego. – Chifres. Puta merda. Achei

que fosse um defeito na fita. Mas não havia nada de errado com a fita. Tem uma coisa errada

com *você*. Sabe, acho que os vi ontem, quando olhei pra você com meu olho ruim. Tudo são

sombras através dele, mas, quando olhei pra você, pensei, *humm…* – A voz dele foi sumindo,

então ele levou dois dedos ao pescoço nu. – E aí?

Quando Ig fechou os olhos viu a Tom Crown, enfiada em um trompete para abafar o som.

Finalmente tinha encontrado uma surdina para seus chifres. O crucifixo de

Merrin havia

sufocado o sinal, criado um círculo de proteção em torno de Lee que os chifres não eram capazes

de penetrar. Sem ele, Lee estava vulnerável aos chifres. Mas, naturalmente, era tarde demais para

que isso fizesse algum bem a Ig.

– Meu crucifixo – disse Lee, ainda tocando o pescoço. – O crucifixo de Merrin. Você o

arrebentou. Você o arrebentou enquanto tentava me estrangular. Isso era desnecessário, Ig. Você

acha que eu *quero* fazer isso com você? Não quero. *Não quero.* A pessoa com quem quero fazer

isso é uma menininha de 14 anos que mora na casa ao lado da minha. Ela gosta de tomar sol no

quintal e às vezes a observo da janela do meu quarto. Parece uma virgem de verdade em seu

biquíni estampado com a bandeira americana. Penso nela como costumava pensar em Merrin.

Não que eu vá *fazer* alguma coisa a ela. O risco é muito grande. Somos vizinhos, eu seria um dos

principais suspeitos. Não se caga onde se come. A menos… a menos que você ache que eu possa

me safar. O que acha, Ig? Devo acabar com ela?

Através do raio negro de dor em sua costela quebrada, do inchaço quente em seu queixo e da

sua mão amassada, Ig notou que a voz de Lee estava diferente agora – ele falava

num tom

distante, como quem fala consigo mesmo. Os chifres iam agir sobre Lee como tinham agido

sobre todos os outros.

Ig balançou a cabeça e emitiu um doloroso som de negação. Lee pareceu desapontado.

– Não é uma boa ideia, né? Mas vou te dizer uma coisa. Eu *quase* vim aqui com Glenna duas

noites atrás. Você nem imagina como eu queria. Quando saímos juntos do bar, ela estava

realmente bêbada, eu ia levá-la em casa e pensei que poderia trazê-la pra cá, foder aquelas tetas

gordas, afundar o crânio dela e largar o corpo aqui. Ia parecer que foi você. Ig Perrish ataca

outra vez e mata outra namorada. Mas aí a Glenna resolveu me chupar no estacionamento, na

frente de três ou quatro caras, e não pude fazer mais nada. Muita gente poderia nos ter visto

juntos. Tudo bem. Fica pra próxima. O que acontece com garotas como Glenna, com suas fichas

criminais e tatuagens, que bebem e fumam demais, é que elas desaparecem o tempo todo e,

depois de seis meses, nem as pessoas que as conheciam conseguem se lembrar de seu nome. E

esta noite, Ig, pelo menos eu tenho você.

Ele se curvou, agarrou Ig pelos chifres e o arrastou pelo mato. Ig não tinha

forças nem para

chutar. O sangue escorria de sua boca e sua mão direita pulsava como um coração.

Lee abriu a porta do Gremlin de Ig, depois o pegou por debaixo dos braços e o jogou lá

dentro. Ig caiu sobre os assentos, com o rosto virado para baixo, as pernas penduradas para fora.

O esforço para atirá-lo dentro do carro quase derrubou Lee – ele também estava cansado, Ig

podia sentir –, que também meio que caiu dentro do Gremlin. Para se equilibrar, apoiou uma

das mãos nas costas e o joelho na bunda de Ig.

– Ei, Ig. Você se lembra do dia em que nos conhecemos? Aqui na trilha Evel Knievel? Pense

bem, se você tivesse se afogado, eu poderia ter tido Merrin quando ela ainda era virgem e talvez

nenhuma dessas coisas horríveis tivesse acontecido. Mas não sei. Ela já era um putinha esnobe

naquela época. Tem uma coisa que você precisa saber, Ig. Há anos me sinto culpado por isso.

Bem, não exatamente culpado. Mas, sabe, *estranho*. É o seguinte: eu realmente. De verdade. Não.

Salvei você. Do afogamento. Não sei quantas vezes já disse isso, nem por que você não acredita.

Você saiu da água sozinho. Eu nem bati nas suas costas pra você voltar a respirar. Te chutei sem

querer, tentando me afastar de você. Tinha uma porra de uma cobra enorme do seu lado. Eu

odeio cobras. Tenho aversão. Ei, talvez a cobra tenha arrastado você. Com certeza era grande o

suficiente pra isso. Parecia uma mangueira de incêndio. – Ele bateu com a mão enluvada na

parte de trás da cabeça de Ig. – Pronto. Estou feliz por ter tirado isso de dentro de mim. Já me

sinto melhor. É verdade o que dizem. A confissão *faz* bem à alma.

Lee se levantou, agarrou os tornozelos de Ig e empurrou as pernas para dentro do carro. Uma

parte exausta de Ig estava contente por morrer ali. A maioria dos bons momentos de sua vida

tinha acontecido no Gremlin. Foi ali que fez amor com Merrin e que tiveram as conversas mais

felizes, tinha segurado a mão dela enquanto dirigia por longos passeios noturnos, os dois em

silêncio, apenas desfrutando a tranquilidade de estarem juntos. Sentiu que naquele momento

Merrin estava perto dele, que, se olhasse para cima, a veria no banco do carona, esticando a mão

para tocar carinhosamente a cabeça dele.

Ele ouviu uma agitação atrás de si, depois um som metálico que ecoava e finalmente

conseguiu identificá-lo. Era o ruído de um líquido sendo derramado de uma lata. Tinha

acabado de conseguir se apoiar nos cotovelos quando sentiu algo frio sendo despejado sobre suas

costas, encharcando sua camisa. O cheiro forte de gasolina empestou o carro.

Ig se virou e fez um esforço para se sentar. Lee acabou de encharcá-lo, deu uma última

chacoalhada na lata e a jogou fora. Ig piscou por causa do vapor que faziam seus olhos arderem,

o ar fedendo a gasolina. Lee meteu a mão no bolso e pegou uma caixinha. Tinha pegado os

Fósforos Lúcifer de Ig ao sair da fundição.

– Eu sempre quis fazer isso – disse Lee, riscando o fósforo e o atirando pela janela aberta.

O fósforo aceso bateu na testa de Ig, escorregou e caiu. As mãos de Ig estavam presas com fita

adesiva, mas à frente de seu corpo e ele agarrou o fósforo no ar, sem nem pensar, apenas como

por reflexo. Por um momento – apenas um – suas mãos foram uma taça cheia de fogo,

transbordando de luz dourada.

Em seguida ele usava um terno de chamas vermelhas, uma tocha viva. Gritou, mas não ouviu

a própria voz, porque foi quando o interior do carro se incendiou, com um baque profundo que

pareceu sugar todo o oxigênio do ar. Teve um vislumbre de Lee cambaleando para longe do

Gremlin, a luz bruxuleante das chamas dançando diante de seu rosto assustado. Apesar de ter se

preparado, não estava pronto para aquilo. O Gremlin se transformou numa vibrante torre de

fogo.

Ig agarrou a porta e tentou abri-la para sair, mas Lee deu alguns passos à frente e a chutou. O

plástico do painel escureceu. O para-brisa estava coberto de fuligem. Através dela Ig podia ver a

noite, a descida da trilha Evel Knievel no morro e o rio em algum lugar lá embaixo. Tateou às

cegas pelas chamas, encontrou o câmbio de marchas e o colocou em ponto morto. Com a outra

mão, soltou o freio de mão. Quando tirou a mão do câmbio, fios pegajosos de plástico vieram

junto, fundidos com sua pele.

Voltou a olhar pela janela aberta do lado do motorista e viu Lee deslizar para longe dele. Seu

rosto estava pálido e atônito à luz daquele inferno sobre rodas. E então Lee

estava atrás dele, e as

árvores começaram a passar correndo, à medida que o Gremlin ia morro abaixo. Ig não

precisava dos faróis para enxergar à frente. O interior do carro produzia uma suave luz dourada,

uma carruagem flamejante que projetava um brilho avermelhado na escuridão à sua frente.

Vindo para me levar para casa, pensou Ig aleatoriamente.

As árvores se fechavam sobre ele e os galhos chicoteavam as laterais do carro. Ig nunca mais

estivera na trilha desde aquele dia com o carrinho de compras, mais de 10 anos antes, nem tinha

passado por ela à noite, ou em um carro, ou enquanto queimava vivo. Mas, apesar de tudo,

conhecia o caminho, reconhecia a trilha pela sensação de queda livre em suas entranhas. À

medida que avançava, o morro ficava mais e mais íngreme, até quase parecer que o carro havia

sido jogado de um penhasco. Os pneus de trás saíam do chão e tornavam a cair, com uma

pancada metálica. O vidro da janela do lado do carona explodiu com o calor. Era possível ouvir

o açoite das sempre-vivas. Ig segurava o volante. Não sabia quando o tinha agarrado. Mas podia

senti-lo amolecer em suas mãos, derretendo como os relógios de Dalí, se dobrando sobre si

mesmo. O pneu da frente do lado do motorista bateu em alguma coisa e ele sentiu a roda

escapar de seu controle, virando o Gremlin em chamas para um lado, mas ele puxou ao

contrário e o manteve na trilha. Não conseguia respirar. Tudo era fogo.

O Gremlin bateu no ligeiro declive de terra no fim da trilha Evel Knievel e foi arremessado,

como se por uma catapulta, para as estrelas, por cima da água, um cometa em chamas. Deixou

um rastro de fumaça, como um foguete. O movimento para a frente abriu as chamas diante do

rosto de Ig, como mãos invisíveis abrindo uma cortina. Ele viu a água correndo em sua direção,

como uma estrada pavimentada com mármore negro e liso. O Gremlin bateu com um estrondo,

espatifando o para-brisa contra Ig. Logo depois veio a água.

CAPÍTULO 30

L**ee Tourneau ficou parado na** margem do rio e observou o Gremlin girar lentamente até que

apontasse para a direção da correnteza. Só a traseira estava para fora d’água. O fogo já havia

se apagado, embora uma fumaça branca ainda emanasse dos contornos da traseira do carro. Ele

ficou de pé, segurando a chave inglesa, enquanto o Gremlin adernava e afundava um pouco

mais, seguindo a correnteza. Ficou olhando até que alguma coisa deslizou perto

de seu pé,

chamando sua atenção. Olhou para baixo e deu um salto para trás soltando um grito revoltado,

chutando uma cobra-d’água que estava na grama. Ela passou por ele e entrou no rio. Lee saiu

correndo, o lábio superior contraído de repugnância, quando uma segunda e depois uma

terceira cobra escorregaram para a água, fazendo o luar refletido no rio se arrepiar e se quebrar

em cacos prateados. Lançou um último olhar na direção do carro que afundava, depois partiu

morro acima.

Ele já tinha ido embora quando Ig emergiu das águas e subiu pela margem do rio para a

grama. Seu corpo fumegava no escuro. Deu seis passos cambaleantes e caiu de joelhos. Quando

se atirou de costas sobre a grama, ouviu a porta de um carro bater no alto da colina e o som de

Lee manobrando seu Cadillac e indo embora. Ig ficou deitado ali, debaixo das árvores na

margem do rio.

Sua pele não estava mais pálida como barriga de peixe, mas havia adquirido um brilho

vermelho escuro, como o de certas madeiras de lei envernizadas. Nunca havia respirado com

tanta facilidade, os pulmões completamente cheios. Os espaços entre suas

costelas se expandiam

sem esforço a cada inspiração. Não fazia nem 20 minutos, tinha ouvido uma das costelas estalar,

mas não sentia dor. Só muito mais tarde notou a pálida descoloração nos lados de seu corpo,

parecendo hematomas adquiridos um mês antes – tudo o que restava para provar que ele havia

sido atacado. Abriu e fechou a boca, mexendo o maxilar, mas não sentiu dor, e, quando sua

língua procurou pelos dentes que haviam caído, os encontrou, lisos e inteiros, no lugar onde

deveriam estar. Mexeu a mão. Estava bem. Dava para perceber os ossos no dorso da mão,

alinhados e sem estrago. Na hora não teve consciência disso, mas agora percebia que em

momento algum, enquanto queimava, havia sentido dor. Na verdade, tinha saído do fogo sem

ferimentos e totalmente curado. O ar quente da noite rescendia a gasolina, plástico derretido e

ferro chamuscado, uma fragrância que agitava algo dentro de Ig, do mesmo modo como o

cheiro de limão, menta e suor de Merrin o havia excitado. Ig Perrish fechou os olhos e respirou

tranquilamente várias vezes. Quando tornou a abrir os olhos, já estava amanhecendo.

Sentiu sua pele muito esticada em torno dos músculos e dos ossos, sentia-se limpo. Nunca se

sentira tão limpo. Essa devia ser a sensação do batismo, pensou. As margens eram apinhadas de

carvalhos, cujas folhas largas se agitavam contra um céu muito azul, suas beiradas brilhando

com uma luz verde dourada.

Merrin tinha visto a casa da árvore por entre as folhas mal iluminadas. Ela e Ig estavam

empurrando suas bicicletas ao longo de uma trilha na mata, voltando da cidade, onde haviam

passado a manhã pintando a igreja com um grupo de voluntários. Usavam camisetas largas e

jeans cortados salpicados de tinta branca. Eles já haviam feito este caminho específico, a pé ou de

bicicleta, diversas vezes, mas nenhum dos dois jamais tinha visto a casa na árvore.

Era fácil não vê-la. Tinha sido construída a quase cinco metros do chão, na larga e generosa

copa de uma árvore que Ig não sabia identificar, escondida atrás de 10 mil folhas finas verdes

muito escuras. A princípio, quando Merrin a apontou, Ig não achou que houvesse alguma coisa

ali. Não estava lá. Depois estava. A luz do sol se metia entre as folhas para brilhar nas tábuas

brancas. Quando se aproximaram, andando embaixo da copa, a casa apareceu mais claramente.

Era uma caixa branca, com largos quadrados cortados que serviam de janelas, das quais

pendiam cortinas de nylon barato. Embora não fosse nada extravagante, parecia ter sido

construída por alguém que sabia o que estava fazendo, não por um carpinteiro qualquer de fim

de semana. Não havia escada para se subir até ela, mas isso não era necessário. Galhos baixos

formavam uma sequência natural de degraus que conduziam a um alçapão fechado. Escrita na

face de baixo da porta, pintada com cal, havia uma única frase supostamente cômica:

ABENÇOADO SERÁS AO ENTRARES.

Ig havia parado a fim de olhar a inscrição – ele deu um riso debochado ao ler aquilo –, mas

Merrin não diminuiu o ritmo. Ela deitou a bicicleta nos suaves tufos de grama ao pé da árvore e

começou a subir imediatamente, pulando de galho em galho com segurança atlética. Ig ficou lá

embaixo a observando subir e, enquanto ela seguia seu caminho pelos galhos, ficou

impressionado com suas coxas nuas, lisas e ágeis após uma longa primavera de futebol. Ao

alcançar o alçapão, ela abaixou a cabeça e olhou para ele. Ele teve que lutar para tirar os olhos de

suas pernas e voltá-los para seu rosto, mas, quando conseguiu, ela sorria, satisfeita consigo

mesma. Merrin não falou nada, apenas empurrou a porta do alçapão com um golpe forte e se

esgueirou para dentro.

Quando ele colocou a cabeça dentro da casa na árvore, ela já estava tirando a roupa. O piso

tinha um pequeno tapete quadrado, cheio de poeira. Uma menorá de bronze, com nove velas

derretidas pela metade, ficava sobre uma mesinha, cercada por pequenas figuras de porcelana.

Uma poltrona com estofamento verde-musgo mofado ficava a um canto. As folhas se agitavam

do lado de fora da janela e suas sombras se moviam incessantemente sobre a pele dela, enquanto

a casa rangia em seu berço de galhos. Ig fechou o alçapão atrás de si e colocou a poltrona em

cima para que ninguém entrasse e os surpreendesse. Ele se despiu e durante um tempo os dois

balançaram juntos.

Ao terminarem, ela disse:

– O que são esse candelabro e os bonequinhos?

Ig ficou de quatro para engatinhar até eles e ela se sentou rapidamente e deu uma palmada no

traseiro dele. Ele riu, pulou e se afastou dela.

Ig se ajoelhou junto à mesinha. A menorá estava sobre um pedaço de pergaminho sujo, com

algo escrito em letras maiúsculas, em hebraico. As velas da menorá já estavam bem derretidas,

formando um bordado de estalactites e estalagmites de cera em volta da base de

cobre. Uma

Maria de porcelana – uma judia muito sexy, de azul – devotamente apoiada sobre um joelho,

diante de um anjo do Senhor, uma figura alta e musculosa que tinha o manto arrumado para

parecer uma toga. Ela estendia a mão, supostamente tentando tocar a mão dele, mas as figuras

tinham sido arrumadas de modo que na verdade ela tocava sua coxa dourada, parecendo prestes

a agarrar seu pau. O mensageiro do Senhor olhava para ela com altiva reprovação. Um segundo

anjo estava um pouco afastado deles, o rosto voltado para o céu, de costas para a cena, tocando,

num lamento, uma trombeta dourada.

Um palhaço qualquer tinha enfiado no meio desse cenário um alienígena cinza com os olhos

pretos e multifacetados de uma mosca. Estava de pé ao lado de Maria, curvado como se fosse

sussurrar algo em seu ouvido. Essa imagem não era de porcelana, mas de borracha: uma réplica

de um personagem de algum filme. Talvez de *Contatos imediatos*, pensou Ig.

– Você sabe que língua é essa? – perguntou Merrin. Ela tinha engatinhado até se ajoelhar ao

lado dele.

– Hebraico – disse Ig. – É do filactério.

– Ainda bem que estou tomando pílula – disse ela. – Você se esqueceu de pôr seu

filactério

quando transamos.

– Filactério não é isso.

– Eu sei que não – disse ela.

Ele esperou. Sorrindo para si mesmo.

– Então o que é filactério? – perguntou Merrin.

– Algo que os judeus usam na cabeça.

– Achei que se chamava solidéu.

– Não. É outra coisa que os judeus usam na cabeça. Ou talvez usem nos braços, não consigo

me lembrar.

– Então, o que está escrito?

– Não sei. São Escrituras.

Ela apontou para o anjo com a trombeta:

– Parece seu irmão.

– Não acho – disse Ig. Mas, na verdade, olhando bem, parecia mesmo Terry tocando seu

trompete, com sua testa larga e suas feições principescas. Mas Terry jamais usaria aquela túnica,

a não ser talvez numa festa a fantasia.

– O que é tudo isso? – perguntou Merrin.

– Um santuário – disse Ig.

– Pra quem? – Ela inclinou a cabeça para o alienígena: – Acha que é o altar sagrado do E.T.?

– Não sei. Talvez essas figuras fossem importantes para alguém. Talvez sejam um forma de se

lembrar dessa pessoa. Imagino que quem fez isso queria ter um local onde rezar.

– Também acho.

– Você quer rezar? – perguntou Ig automaticamente, depois engoliu em seco, sentindo como

se tivesse pedido uma coisa obscena, algo que ela poderia considerar ofensivo.

Merrin olhou para ele sob pálpebras semicerradas e deu um sorriso travesso e pela primeira

vez lhe ocorreu que talvez ela achasse que ele era um pouco louco. Ela olhou em volta, para a

janela que dava para folhas amarelas tremulantes, para o sol que pintava as velhas paredes gastas

pelo tempo, depois olhou de volta para ele e concordou com a cabeça.

– Claro – disse. – É muito melhor do que rezar na igreja.

Ig juntou as mãos, abaixou a cabeça e abriu a boca para falar, mas Merrin o interrompeu.

– Não vai acender as velas? – perguntou. – Você não acha que deveríamos criar um clima

solene? Acabamos de tratar este lugar como um set de filme pornô.

Havia uma caixa manchada e empenada na gaveta rasa e, dentro dela, tinha fósforos de

cabeças pretas estranhas. Ig riscou um, que se acendeu com um assovio e um brilho de faíscas

brancas. Levou o fósforo de um pavio a outro, acendendo todas as velas na menorá. Fez tudo o

mais rápido que pôde e mesmo assim o fósforo já começava a queimar seus dedos quando

acendeu o último pavio. Merrin gritou seu nome exatamente quando ele o sacudiu para apagá-

lo.

– Credo, Ig. Você está bem?

– Estou ótimo – disse ele, agitando as pontas dos dedos. Estava bem mesmo. Não tinha se

queimado nem um pouco.

Merrin deslizou a bandeja para dentro da caixa de fósforos e estava prestes a guardá-los na

gaveta quando hesitou por um instante, olhando para eles.

– Ah! – disse ela.

– O que foi?

– Nada – respondeu ela, fechando a gaveta.

Em seguida ela curvou a cabeça, juntou as mãos e esperou. Ig sentiu sua respiração ficar mais

curta diante da visão dela, a pele lisa, branca e nua, os seios macios, os cabelos ruivos revoltos.

Nunca na vida ele se sentira tão nu, nem mesmo na primeira vez em que se despira na frente

dela. Ao vê-la assim, pacientemente esperando que ele fizesse sua oração, sentiu uma onda de

emoção sufocante atravessá-lo, quase mais amor do que ele era capaz de suportar.

Eles rezaram juntos, nus. Ig pediu que Deus os ajudasse e serem bons para os outros. Pedia a

Deus que os protegesse do mal quando sentiu a mão de Merrin correndo por sua coxa, subindo

delicadamente por entre suas pernas. Foi necessário uma concentração enorme para terminar a

oração, seus olhos estavam bem apertados. Ao terminar, ele disse “amém”, e Merrin, virando-se

para ele, também disse “amém”, colando seus lábios aos dele e o puxando para si. Fizeram amor

mais uma vez e, quando terminaram, cochilaram nos braços um do outro, os lábios dela no

pescoço dele.

Quando Merrin finalmente se sentou – tirando o braço de Ig de cima dela, o que o fez acordar

–, parte do calor do dia havia desaparecido e a casa na árvore já estava escura. Ela se encolheu,

cobrindo os seios nus com um braço, tateando para encontrar suas roupas.

– Merda – disse ela. – Temos que ir. Meus pais estavam nos esperando pra jantar. Devem

estar se perguntando onde estamos.

– Vai se vestir enquanto apago as velas.

Ele se curvou, sonolento, em direção à menorá para apagar as velas – então teve um arrepio

triste, um tremor estranho e doentio.

Não tinha visto uma das imagens de porcelana. Era o Diabo. Estava na base da menorá e,

como a própria casa na árvore com seu manto de folhas, passava despercebido com facilidade,

meio escondido pela fileira de estalactites de cera que pendiam das velas. Lúcifer se contorcia

numa gargalhada, as mãos esqueléticas cerradas em punhos, a cabeça jogada para trás, para o

céu. Parecia estar dançando sobre suas patinhas de bode. Seus olhos amarelos estavam virados

para trás, com uma expressão de prazer delirante, uma espécie de êxtase.

Diante daquela visão, Ig sentiu um arrepio gelado nos braços e nas costas. Devia ser apenas

mais uma parte daquela cena de mau gosto diante dele, mas não era e ele sentiu ódio e desejou

não ter visto aquilo. O bonequinho dançante era horrível, uma coisa ruim de se ver, uma coisa

ruim para alguém ter deixado ali, nada engraçada. De repente desejou que não tivesse rezado ali.

Quase tremeu e lhe pareceu que a temperatura tinha caído uns cinco graus na casa na árvore.

Mas não era imaginação. O sol havia se escondido atrás de uma nuvem, e o lugar estava escuro e

frio. Um vento forte sacudiu os galhos.

– É uma pena a gente ter que ir – disse Merrin atrás dele, vestindo o short. – Não

é uma

delícia esse vento?

– É – disse Ig, embora sua voz tivesse ficado inesperadamente rouca.

– Lá se vai nosso pedacinho de paraíso – disse Merrin, justo quando alguma coisa bateu na

porta do alçapão com um ruído tão alto que fez os dois gritarem.

A porta bateu com tanta força na poltrona em cima dela que toda a casa pareceu sacudir.

– O que foi isso? – gritou Merrin.

– Ei! – gritou Ig. – Tem alguém aí?

O alçapão bateu de novo na poltrona, que pulou alguns centímetros, mas continuou firme

sobre ele. Ig se virou para Merrin com os olhos arregalados e os dois foram agarrando suas

roupas. Ig enfiou sua bermuda enquanto ela fechava o sutiã. A porta bateu novamente contra a

parte de baixo da poltrona, dessa vez ainda mais forte. As imagens em cima da mesa pularam, a

de Maria caiu. O Diabo espiou, faminto, do fundo de sua caverna de cera derretida.

– Para com essa porra! – gritou Ig, o coração pulando no peito.

Garotos, pensou, *devem ser esses garotos de merda.* Mas não acreditava nisso. Se fossem

garotos, eles não estariam rindo? Por que não estavam pulando da árvore e fugindo, histéricos?

Depois de vestido e pronto, Ig agarrou a poltrona para afastá-la – e então se deu conta de que

também estava com medo. Parou, olhando para Merrin, que congelara enquanto calçava os

tênis.

– Anda – sussurrou ela. – Veja quem está aí.

– Não quero.

Não queria mesmo. Seu coração se acovardava diante da ideia de mover a poltrona para o

lado e deixar quem *(ou o que)* estivesse ali entrar.

O pior foi o silêncio repentino. Quem quer que estivesse batendo à porta havia desistido,

esperando que eles a abrissem por vontade própria.

Merrin acabou de calçar os tênis e acenou com a cabeça.

– Olha! Se tem alguém aí embaixo… você já se divertiu bastante. Nós já estamos bem

assustados.

– Não diga isso a ele – sussurrou Merrin.

– Agora nós vamos sair.

– Pelo amor de Deus – sibilou Merrin. – Isso também não.

Eles trocaram um olhar. Ig sentia um terror crescente, não queria abrir a porta, tinha a certeza

irracional de que, se o fizesse, deixaria entrar alguma coisa que faria um mal irreparável a ele e a

Merrin. Ao mesmo tempo, não havia nada a fazer além de abrir a porta. Ele acenou para ela com

a cabeça e, quando empurrou a poltrona, percebeu que havia alguma coisa escrita na *parte de*

dentro do alçapão, letras maiúsculas em tinta branca, mas não parou a fim de ler o que dizia,

apenas abriu a porta com violência. Saltou, sem se dar tempo para pensar, agarrando a beirada

do alçapão e jogando as pernas para baixo, na esperança de derrubar quem quer que estivesse no

galho, foda-se se essa pessoa quebrasse o pescoço. Supôs que Merrin fosse ficar para trás, que era

seu papel de homem protegê-la, mas ela atravessou o alçapão junto com ele e chegou a pisar

antes dele no galho embaixo da casa.

O coração de Ig batia tão depressa que o mundo inteiro parecia pular e tremer em volta dele.

Pisou no galho, ao lado dela, os braços ainda erguidos e as mãos agarrando a beirada do

alçapão. Ofegante, varreu o chão abaixo deles com o olhar. Merrin também estava ofegante. Não

havia ninguém lá embaixo. Se esforçou para ouvir passos se afastando, tropeçando nos ramos

rasteiros, mas só escutou o vento e os galhos batendo contra a casa na árvore.

Ele se arrastou para baixo, descendo pelos galhos, caminhou em volta da árvore, descrevendo

círculos cada vez maiores, procurando entre a vegetação e ao longo do caminho por sinais de

passantes, mas não encontrou nada. Quando voltou para junto do tronco, Merrin ainda estava

lá no alto, sentada em um dos longos galhos embaixo da casa na árvore.

– Não encontrou ninguém – disse ela. Não era uma pergunta.

– Não. Deve ter sido o lobo mau.

Brincar com a situação pareceu a coisa certa a fazer, mas ele ainda se sentia desconfortável,

com os nervos à flor da pele.

Se ela também estava nervosa, não demonstrou. Lançou um último olhar carinhoso para a

casa na árvore e fechou a porta. Pulou pelos galhos e pegou a bicicleta pelo guidom. Começaram

a andar, a cada passo deixando para trás aquele momento ruim, de puro medo. O caminho

estava quieto sob os últimos vestígios do calor do dia e da luz generosa, e Ig novamente sentiu

um formigamento pós-coito, prazeroso e satisfeito. Era uma coisa boa, caminhar perto dela, seus

quadris quase se tocando e o sol batendo em seus ombros.

– Teremos que voltar amanhã – disse ela, quase ao mesmo tempo em que Ig dizia:

– Podemos fazer alguma coisa realmente boa com aquele lugar, sabe?

Eles riram.

– Devíamos arranjar uns pufes – disse Ig.

– Uma rede. Um lugar desses precisa é de uma rede.

Ficaram calados, caminhando.

– Talvez também devêssemos arranjar um ancinho – sugeriu ela.

Ig tropeçou, como se ela não tivesse apenas falado de um ancinho, mas o espetado com ele

pelas costas.

– Por que um ancinho? – perguntou Ig.

– Para assustar o sei lá o quê. Caso ele volte e tente entrar enquanto estamos pelados.

– Tudo bem – disse Ig, com a boca seca só de pensar em fazer amor com ela novamente sobre

aquelas tábuas, na brisa fresca – É um bom plano.

Mas, duas horas depois, Ig estava de volta na mata, sozinho, correndo pela trilha. Durante o

jantar ele se lembrou de que nenhum dos dois havia apagado as velas da menorá e ficou

desesperado imaginando a árvore em chamas, as folhas queimadas voando para as copas dos

carvalhos em volta. Ele correu, com medo de, a qualquer momento, sentir cheiro de fumaça.

Mas só sentiu a fragrância da grama torrada pelo sol do início de verão, o barulho do rio

Knowles, claro e distante, correndo em algum lugar lá embaixo. Achou que saberia exatamente

onde encontrar a casa na árvore e andou mais devagar ao chegar às redondezas. Procurou entre

as árvores o tímido brilho das velas, porém não viu mais do que a escuridão aveludada de junho.

Tentou encontrar a árvore de tronco escamado, de uma espécie que ele não conhecia, porém de

noite era difícil distinguir uma árvore folhada de outra, e o caminho não parecia o mesmo que

percorrera durante o dia. Finalmente se deu conta de que já havia ido longe demais e começou a

voltar para casa, respirando fundo e caminhando devagar. Foi e voltou pela trilha, duas, três

vezes, mas não conseguiu encontrar nenhum sinal da casa na árvore. Por fim, concluiu que o

vento tinha apagado as velas, ou que elas se extinguiram sozinhas. A ideia de que elas pudessem

dar início a um incêndio florestal tinha sido meio paranoica desde o começo. Estavam em uma

menorá de metal pesado e, a menos que caíssem, não havia muitas chances de que ateassem fogo

ao que quer que fosse. Ele poderia encontrar a casa na árvore alguma outra hora.

Só que nunca encontrou, nem com Merrin, nem sozinho. Eles a procuraram por diversas

tardes, andando tanto pela trilha principal quanto por todas as secundárias, para o caso de

terem, de algum modo, pegado uma trilha menor naquele dia. Ele procurou a árvore com

paciência metódica, mas não houve como encontrá-la. Podiam até ter imaginado aquele lugar, o

que, de fato, com o tempo, foi exatamente a conclusão de Merrin, uma ideia absurda, mas que

servia para os dois. A casa estivera ali por apenas um dia, uma hora, quando tinham precisado

dela, quando quiseram um local para se amar, e depois sumiu.

– Precisávamos dela? – perguntou Ig.

– Bem – respondeu Merrin –, *eu* precisava. Estava com um tesão dos diabos.

– Nós precisávamos e ela apareceu. Uma casa na árvore projetada por nossa mente. O templo

de Ig e Merrin – disse Ig.

Por mais fantástica e ridícula que parecesse, a ideia lhe deu um arrepio supersticioso de

prazer.

– É meu melhor palpite – disse ela. – Como na Bíblia. Não se pode ter sempre o que se quer,

mas, se há uma necessidade real, você vai encontrar.

– De que parte da Bíblia é isso? – perguntou Ig. – O evangelho de Keith Richards?

O PREDESTINADO

CAPÍTULO 31

A**mãe estava morta no quarto ao** lado e Lee Tourneau estava um pouco bêbado. Eram só 10

horas da manhã, mas a casa já estava um forno. O aroma das rosas de sua mãe,

plantadas

no caminho que levava à casa, entrava pelas janelas abertas, uma fragrância floral doce e suave

que se misturava de uma maneira bastante desagradável com o repulsivo cheiro de dejetos

humanos, fazendo o lugar cheirar a merda perfumada. Lee achou que estava quente demais para

ficar bêbado, mas também sabia que, sóbrio, não suportaria o cheiro dela.

A casa tinha ar-condicionado, mas estava desligado. Havia semanas que Lee o mantinha

desligado, porque assim sua mãe tinha ainda mais dificuldade para respirar, com a umidade

pesando sobre ela. Quando Lee e a mãe estavam sozinhos em casa, ele desligava o ar-

condicionado e botava um ou dois edredons extras sobre aquela puta velha. Depois tirava a

morfina, para ter certeza de que ela estava sentindo tudo: o peso e o calor. Deus sabe como Lee

podia sentir essas coisas. Lá pelo fim da tarde, andava pela casa descalço e nu, melado de suor,

era a única forma de aguentar. Sentava-se de pernas cruzadas na beira da cama e lia coisas sobre

teoria da comunicação, enquanto ela lutava, sem forças, sob as cobertas, muito fora de si para

entender por que cozinhava dentro de sua pele amarelada como pergaminho. Quando gritava

pedindo alguma coisa para beber – “sede” era talvez a única palavra que a mãe ainda parecia

saber em seus últimos dias de senilidade e falência dos rins –, Lee se levantava e pegava água

gelada. No momento em que ouvia o som dos cubos de gelo batendo no copo, sua garganta

começava a trabalhar, antecipando o momento em que saciaria a sede, e seus olhos começavam a

se revirar nas órbitas, brilhando de excitação. Então ele chegava perto da cama, se posicionava de

modo que ela pudesse vê-lo e bebia a água – a ansiedade era drenada do rosto dela, a deixando

confusa e desamparada. Uma piada que nunca perdia a graça. Sempre que ele repetia aquilo era

como se ela estivesse vendo pela primeira vez.

Outras vezes, ele trazia água salgada e a obrigava a engolir, praticamente a afogando. Só um

gole já fazia sua mãe se contorcer e engasgar, tentando cuspir. Era curioso ela ter sobrevivido

tanto tempo. Ele não esperava que ela chegasse à segunda semana de junho; ao contrário do que

previa, ela se agarrou à vida até julho.

Ele mantinha as roupas numa pilha, na estante do lado de fora do quarto de hóspedes, de

modo que pudesse se vestir rapidamente caso Ig ou Merrin aparecessem de surpresa para fazer

uma visita. Nunca permitia que a vissem, dizia que ela tinha acabado de dormir e que precisava

descansar. Não queria que eles soubessem como estava quente lá dentro.

Ig e Merrin traziam DVDs, livros, pizza, cerveja. Vinham juntos ou separados, queriam estar

com ele, saber como ele estava encarando a situação. No caso de Ig, Lee achava que era inveja.

Ele teria gostado que um de seus pais estivesse debilitado e dependesse de seus cuidados. Seria

uma oportunidade para mostrar sua abnegação, uma chance de ser estoicamente nobre. Quanto

a Merrin, achava que ela gostava de ter uma desculpa para ficar na casa quente com ele, tomar

martínis, abrir o botão da blusa e abanar seu peito descoberto. Quando era Merrin que chegava

pela entrada da garagem, Lee costumava abrir a porta sem camisa, achava emocionante estar em

casa, seminu, só os dois. Bem, os dois e a mãe dele, que já não contava mais.

Lee tinha instruções para chamar o médico se a mãe piorasse, mas ele achava que, no caso

dela, morrer na verdade representava uma melhora. Tendo isso em mente, a primeira pessoa

para quem ligou foi Merrin. Ele estava nu naquele momento e foi uma sensação agradável, estar

ali na cozinha escura, sem roupas, com a voz solícita de Merrin em seu ouvido. Ela disse que só

iria se vestir e logo estaria lá e imediatamente Lee a imaginou seminua, no seu quarto na casa dos

pais. Talvez com um baby-doll de seda, calcinha de menina, com florezinhas cor-de-rosa

estampadas. Ela perguntou se ele precisava de alguma coisa. Lee disse que só precisava de sua

amizade.

Depois de desligar, tomou outro drinque, uma cuba-libre. Imaginou Merrin escolhendo uma

saia, virando-se de um lado para o outro para se admirar no espelho na porta do armário. Então

teve que parar de pensar nisso, estava ficando excitado demais. Pensou que talvez devesse se

vestir. Ficou discutindo consigo mesmo se devia vestir uma camisa e acabou decidindo que não

pegaria bem estar sem camisa nessa manhã. As roupas que tinha usado na véspera – uma camisa

branca de botões, manchada, e calça jeans – estavam no cesto de roupa suja. Pensou em subir e

vestir roupas limpas, depois perguntou OQIF e decidiu vestir as roupas usadas. Roupas sujas e

amassadas completariam o quadro de perda dolorosa. Durante quase uma década, Lee

controlava seu comportamento se perguntando OQIF e isso tinha lhe dado uma vida, o havia

mantido longe dos problemas, a salvo – a salvo de si mesmo.

Pensou que ela chegaria em alguns minutos. Tempo para fazer mais alguns telefonemas. Ligou

para o médico e disse que sua mãe tinha descansado. Ligou para seu pai na Flórida. Ligou para

o escritório do deputado e falou com ele pessoalmente por cerca de um minuto. O deputado

perguntou se Lee queria rezar com ele, fazerem uma prece juntos, em silêncio, naquele momento,

ao telefone. Lee disse que sim. Disse que queria agradecer a Deus por esses três últimos meses

com a mãe. Tinham sido realmente preciosos. Os dois ficaram em silêncio por um tempo, ainda

no telefone, mas sem dizer nada. Finalmente o deputado limpou a garganta, ligeiramente

emocionado, e disse a Lee que ele estaria em seus pensamentos. Lee agradeceu e se despediu.

Por último, ligou para Ig. Pensou que talvez Ig fosse chorar quando soubesse da notícia, mas

ele tirou da cartola uma de suas surpresas não raras e permaneceu calmo, sinceramente

emocionado. Lee tinha passado os últimos cinco anos entrando e saindo da faculdade, tinha

feito cursos de psicologia, sociologia, teologia, ciência política e teoria da comunicação, mas sua

verdadeira área de interesse eram os Estudos de Ig e, mesmo depois de anos de estudo diligente,

ainda não conseguia sempre antecipar suas reações.

– Não sei de onde ela tirou força para aguentar tanto tempo – disse Lee.

– De você, Lee – respondeu Ig. – Ela tirou força de você.

Lee não achava graça em quase nada, mas, ao ouvir isso, caiu na gargalhada, que depois teve

que transformar num soluço rouco e trêmulo. Anos antes, havia descoberto que conseguia

chorar sempre que precisava e que uma pessoa que chora sempre consegue fazer a conversa

tomar o rumo que achar melhor.

– Obrigado – disse, outra coisa que tinha aprendido com Ig ao longo dos anos: nada fazia as

pessoas se sentirem melhor do que receberem agradecimentos, sem motivo e repetidamente.

Então, com voz rouca e entrecortada, disse: – Tenho que desligar – a frase certa, perfeita para

aquele momento em particular, mas também era verdade, já que podia ver Merrin embicando na

entrada, atrás do volante da caminhonete de seu pai. Ig disse que chegaria num instante.

Pela janela da cozinha, Lee a viu se aproximar, andando pelo caminho cercado de rosas,

elegante numa saia de linho azul e ajeitando a blusa branca, desabotoada para mostrar seu

crucifixo de ouro. As pernas nuas, de sapato chanel azul-marinho. Ela havia pensado no que

vestir antes de vir até aqui, tinha pensado em como gostaria de ser vista. Ele

terminou sua cuba-

libre a caminho da porta e a abriu na mesma hora em que ela levantava a mão para bater. Seus

olhos ainda estavam vermelhos e cheios d’água por causa da conversa que tivera com Ig e ele se

perguntou se deveria piscar, derramando algumas lágrimas, depois achou melhor não. Melhor

parecer que estava lutando contra elas do que de fato chorar.

– Oi, Lee.

Merrin também parecia estar lutando contra as lágrimas. Cobriu o rosto com uma das mãos,

depois se jogou nos braços dele.

Foi um abraço rápido, mas por um momento seu nariz estava nos cabelos dela e as mãos

pequenas de Merrin estavam em seu peito. O cabelo tinha um aroma penetrante, quase agudo

de limão e menta. Lee achou que aquele era o cheiro mais fascinante que já sentira, melhor até

que o cheiro de xoxota molhada. Ele já tinha dormido com muitas garotas, conhecia todos os

seus cheiros, todos os seus sabores, mas Merrin era diferente. Às vezes ele achava que, se pelo

menos ela não tivesse esse aroma, ele conseguiria parar de se preocupar com ela.

– Quem está aí? – perguntou ela, enquanto entrava na casa, seu braço ainda em volta da

cintura dele.

– Você foi a primeira… – disse Lee, quase acrescentando *“pra quem liguei”* , mas então

percebeu que seria a coisa errada a dizer, seria muito… o quê? Incomum. Inapropriado para o

momento. Em vez disso falou: – … a chegar aqui. Liguei pro Ig, depois liguei pra você. Não

estava pensando direito. Devia ter ligado pro meu pai primeiro.

– Você falou com ele?

– Há alguns minutos.

– Então está tudo bem, Lee. Você quer se sentar? Quer que eu ligue pra alguém?

Ele a estava levando até o quarto de hóspedes, onde estava o corpo da mãe. Não perguntou se

ela queria ir, só foi andando e ela foi com ele, o braço em sua cintura. Ele queria que ela visse sua

mãe, queria ver sua reação.

Pararam diante da porta. Lee tinha instalado o ventilador junto à janela e ligado no máximo

assim que percebeu que ela estava morta, mas o quarto ainda conservava um calor seco e febril.

Os braços contorcidos da mãe estavam sobre o peito, suas mãos muito finas arqueadas como

garras, como se ela estivesse enxotando alguma coisa. E ela estava, tinha feito um último esforço

para afastar os edredons por volta de nove e meia, mas estava fraca demais. As cobertas extras já

estavam dobradas e guardadas. Um único lençol azul, novo e bem passado

estava sobre ela.

Morta, tinha ficado parecida com um passarinho, como uma galinha morta que tivesse caído do

ninho. Sua cabeça estava caída para trás e a boca estava aberta, num bocejo grande o bastante

para mostrar suas obturações.

– Ah, Lee – disse Merrin, apertando os dedos dele nos seus. Tinha começado a chorar. Lee

achou que talvez fosse hora de chorar também.

– Tentei botar um lençol sobre seu rosto – disse Lee –, mas não parecia certo. Ela lutou por

tanto tempo, Merrin.

– Eu sei.

– Não gosto do jeito como ela está olhando. Será que você fecharia os olhos dela pra mim?

– Sim, claro. Senta um pouco, Lee.

– Você beberia alguma coisa comigo?

– Claro. Num instante estarei com você.

Ele foi para a cozinha e preparou uma bebida bem forte para ela, depois ficou de frente para o

armário, olhando para seu reflexo no vidro e tentando se forçar a chorar. Foi mais difícil que o

normal. Na verdade, ele estava um pouco excitado. Quando Merrin entrou na cozinha atrás

dele, as lágrimas tinham acabado de começar a rolar por seu rosto e ele se

curvou para a frente e

deu um suspiro bruto, um barulho muito parecido com um soluço. Forçar essas lágrimas a

saírem foi difícil, um trabalho doloroso, como espremer uma espinha. Ela se aproximou dele.

Também estava chorando. Mesmo sem ver seu rosto, ele sabia disso pelo barulho suave de

esforço que sua respiração fazia. Ela botou a mão no seu ombro. Foi ela que o virou, quando ele

estava quase recuperando o fôlego, então vieram os soluços roucos e raivosos.

Merrin botou as mãos atrás de sua cabeça, puxou-o para perto e sussurrou para ele:

– Ela o amava tanto. Você esteve com ela todos os dias, Lee, e isso significou tudo para ela. –

Disse um monte de coisas iguais a essa. Lee não estava escutando.

Ele era quase 30 centímetros mais alto do que ela e, para chegar mais perto, ela teve que puxar

a cabeça dele para baixo. Ele encostou a cabeça no peito dela, no vale entre os seios e fechou os

olhos, inspirando seu aroma quase adstringente de menta. Depois puxou a borda da blusa dela

para baixo com uma das mãos, a apertando contra seu corpo e deformando o decote, para

mostrar o bojo do sutiã e a parte superior dos seios, com sardas claras. A outra mão estava na

sua cintura e ele a movia para cima e para baixo até seus quadris. Ela não pediu

para que ele

parasse. Ele chorou sobre seus seios, ela sussurrava para ele e o embalava. Ele beijou o topo de

seu seio esquerdo. E ficou imaginando se ela tinha notado – seu rosto estava tão molhado que

talvez ela não tivesse percebido – e começou a levantar o rosto para ver a expressão dela, para ver

se ela tinha gostado. Mas ela baixou o rosto dele novamente, o segurando junto ao seio.

– Pode continuar – murmurou ela, a voz suave, um sussurro excitado. – Vai em frente. Está

tudo bem agora. Não há mais ninguém aqui além de nós. Ninguém vai ver. – E segurou a boca

de Lee junto ao seu seio.

Ele sentiu o pau ficando duro dentro das calças e então percebeu como ela estava de pé, a

perna esquerda dele entre suas coxas. Ficou imaginando se aquilo a tinha deixado excitada, o

cadáver. Havia uma linha da psicologia que acreditava que a presença de um cadáver era

afrodisíaca. Um cadáver era uma carta branca para fazer coisas doidas. Depois que tivessem

transado, ela poderia aliviar qualquer culpa que sentisse, ou que achasse que deveria sentir – Lee

não acreditava em culpa, acreditava em consertar as coisas para atender às convenções sociais –,

dizendo a si mesma que ambos tinham sido arrebatados pelo sofrimento, por sua carência

desesperada. Ele beijou seu seio de novo e uma terceira vez, e ela não tentou se desvencilhar.

– Eu te amo, Merrin – confidenciou ele. Sabia que era a coisa certa a dizer. Tornaria tudo mais

fácil, para ele e para ela. Quando o disse, estava com a mão no quadril dela e se inclinando, a

obrigando a se equilibrar sobre os calcanhares, de forma que ela teve que se encostar na bancada

da cozinha. Com a outra mão, puxava a saia dela, a levantando até o meio das coxas. Sua perna

estava bem no meio das coxas de Merrin e ele podia sentir o calor de sua boceta.

– Eu também te amo – disse ela, mas seu tom era brochante. – Nós dois te amamos, Lee. Ig e

eu.

Era uma coisa estranha a se dizer, levando-se em consideração o que estavam fazendo. Era

estranho meter Ig naquilo. Ela soltou a parte de trás de sua cabeça e deixou suas mãos caírem até

a cintura dele, se apoiando suavemente sobre seus quadris. Lee ficou imaginando se ela estava

procurando seu cinto. Ele levantou as mãos para a blusa dela, com a intenção de abri-la – se

soltasse dois botões, então estaria no papo –, mas sua mão tocou o pequeno crucifixo de ouro

em seu pescoço e na mesma hora um soluço convulsivo totalmente inesperado o atravessou. Sua

mão foi repelida pela cruz, ouviu-se um som metálico e suave, e a cruz se soltou, escorregando

para dentro da blusa dela.

– Lee, meu cordão.

O cordão caiu de leve no chão. Eles ficaram olhando para baixo, então Lee se abaixou, o

pegou e entregou a ela. Ele brilhou à luz do sol e iluminou o rosto de Merrin com uma luz

dourada.

– Eu posso consertar – disse Lee.

– Você consertou da última vez, não foi?

Ela sorriu, o rosto corado e os olhos cheios de lágrimas. Ela alisou a blusa nervosamente.

Havia um botão aberto, deixando à mostra a parte de cima de seu seio molhada. Ela se

aproximou e colocou as mãos sobre as dele, fechando os dedos dele sobre o crucifixo.

– Conserte e me devolva quando estiver pronto. Dessa vez você nem precisa usar o Ig como

intermediário.

Lee estremeceu instintivamente, se perguntando por um momento se ela queria dizer o que ele

achava que ela queria dizer. Mas é claro que sim, é claro que ela sabia exatamente como ele

entenderia. Muitas coisas que Merrin dizia tinham duplo sentido, um para as pessoas em geral e

outro só para ele. Havia anos que ela vinha lhe mandando mensagens.

Merrin lhe lançou um olhar penetrante e perguntou:

– Há quanto tempo você está com essas roupas?

– Não sei. Dois dias.

– Certo. Quero que você tire essas coisas e entre no chuveiro.

Ele sentiu o coração se apertar; seu pau estava quente contra sua coxa. Olhou para a porta da

frente. Não havia tempo para ele tomar banho antes que fizessem sexo.

– As pessoas já estão chegando – disse Lee.

– É, mas ainda não tem ninguém aqui. Dá tempo. Vai logo. Eu levo sua bebida.

Ele foi andando na frente dela pelo corredor, o pau tão duro como nunca estivera na vida,

grato por sua cueca o manter firme junto à perna. Ele achou que ela o seguiria até o banheiro, o

abraçaria e desabotoaria sua calça, mas, quando ele entrou, ela fechou a porta gentilmente atrás

dele.

Lee tirou a roupa e entrou no chuveiro, esperando por ela, a água quente caindo sobre ele. O

vapor subia. Seu pulso batia rápido e forte e sua ereção exagerada latejava sob a água. Quando a

mão dela apareceu pela lateral da cortina com o drinque, outra cuba-libre, ele achou que ela ia

entrar em seguida, sem roupa, mas, assim que ele pegou a bebida, ela retirou a mão.

– Ig está aqui – disse ela, com a voz baixa e cheia de arrependimento.

– Cheguei em tempo recorde – disse Ig, de algum lugar atrás dela. – Como você está, cara?

– Oi, Ig – disse Lee, para quem o som da voz de Ig era tão desagradável quanto se a água

tivesse sido cortada de repente. – Estou bem, dadas as circunstâncias. Obrigado por ter vindo. –

O “obrigado” não saiu no tom certo dessa vez, mas concluiu que Ig ouviria a irritação em sua

voz e julgaria que era apenas tensão.

– Vou buscar algo pra você vestir – disse Merrin, e então eles saíram, batendo a porta com um

clique.

Ele ficou debaixo da água quente, furioso com a ideia de que Ig já estivesse lá, imaginando se

ele sabia de alguma coisa – não –, se tinha alguma desconfiança – não, não. Ig tinha vindo

correndo porque um amigo precisava dele. Essa era a natureza de Ig.

Lee não tinha certeza de quanto tempo fazia que estava ali até de se dar conta de que sua mão

direita estava doendo. Olhou para ela e viu que estava segurando o crucifixo, o cordão de ouro

enrolado na mão, cortando a pele. Merrin tinha olhado em seus olhos, com a blusa meio

desabotoada e lhe dado aquilo. Não poderia ter se oferecido a ele de forma mais clara, a perna

dele entre suas coxas enquanto ela lhe entregava o crucifixo. Havia coisas que ela não tinha

coragem de dizer diretamente, mas ele tinha entendido a mensagem, tinha entendido

perfeitamente. Ele enrolou o cordão no cano do chuveiro e ficou olhando para ele balançando,

brilhando sob a luz do final da manhã, piscando a mensagem de “liberado”. Logo Ig estaria na

Inglaterra e eles não teriam mais com o que se preocupar, não haveria nada que os impedisse de

fazer o que queriam.

CAPÍTULO 32

D**epois que a mãe dele morreu,** Merrin telefonava e mandava e-mails com mais frequência,

sob o pretexto de querer saber como ele estava. Ou talvez ela realmente acreditasse nisso –

Lee não podia subestimar a capacidade de uma pessoa normal de se enganar a respeito daquilo

que realmente queria. Merrin havia interiorizado muito da moralidade de Ig, e Lee achava que

aquele era o ponto máximo aonde ela conseguia ir, só podia dar indiretas, dali em diante ele

teria que assumir a liderança. Além disso, mesmo com Ig na Inglaterra, o caminho não estaria

necessariamente livre para eles. Pelo menos não de cara. Merrin havia estabelecido uma série de

regras de como as pessoas de classe deveriam agir. Teria que ser persuadida de que, se ia transar

com outras pessoas, era para o bem do próprio Ig. Lee entendia. Lee podia ajudá-la com isso.

Merrin deixava mensagens na casa dele, no escritório do deputado. Queria saber como ele

estava, *o que* estava fazendo, se estava saindo com alguém. Disse que ele precisava de uma

mulher, que precisava trepar. Disse que estava pensando nele. Não era difícil perceber o que ela

estava tramando. Sempre imaginava que ela telefonava para ele depois de ter tomado alguns

drinques, podia perceber uma lentidão sexy em sua voz.

Então Ig foi para Nova York para seu treinamento na Anistia Internacional e alguns dias

depois Merrin começou a perturbar Lee para que ele fosse vê-la. A garota com quem ela morava

estava se mudando e Merrin ficaria com o quarto dela e teria o dobro de espaço. Ela queria uma

penteadeira que havia deixado em casa, em Gideão, e mandou um e-mail para Lee, perguntando

se ele poderia levá-la da próxima vez que fosse a Boston. Disse que suas coisas da Victoria’s

Secret estavam na última gaveta, para que ele não perdesse tempo procurando. Disse que ele

podia experimentar suas lingeries, mas só se tirasse fotos e mandasse para ela. Mandou torpedos

para ele dizendo que, se ele levasse a penteadeira para ela, arranjaria um encontro para ele com

uma garota, uma loura, igualzinha a ele, uma rainha do gelo. Disse que o sexo seria ótimo,

exatamente como tocar punheta na frente do espelho, só que melhor, porque seu reflexo teria

peitos. E lembrou a ele que, como sua colega tinha ido embora, haveria um quarto extra, caso ele

se desse bem. Isso era para que ele soubesse que ela estaria sozinha.

A essa altura Lee já tinha aprendido a decifrar suas mensagens quase perfeitamente. Quando

falava sobre essa outra garota, estava falando de si mesma, do que os estava esperando. Mesmo

assim, ele ainda não tinha decidido se ia levar a penteadeira, não tinha certeza se queria se

encontrar com ela enquanto Ig ainda estivesse nos Estados Unidos, mesmo que ele estivesse a

mais de 200 quilômetros. Eles podiam não conseguir conter seus impulsos. As coisas ficariam

mais fáceis depois que Ig tivesse viajado.

Lee sempre presumira que Ig é que fosse terminar com Merrin. Nunca tinha pensado que *ela*

podia querer cair fora, que podia estar entediada e pronta para partir para outra e que Ig ter que

passar seis meses fora era sua chance de terminar amigavelmente. A família de Ig tinha dinheiro,

um sobrenome respeitado, além de ser bem unida: fazia sentido que ele quisesse aproveitar a

vida. Lee sempre tinha achado que ele a dispensaria depois do ensino médio, e isso resolveria as

coisas, Lee teria sua chance de ficar com ela. Merrin iria para Harvard, e Ig para Dartmouth.

Longe dos olhos, longe do coração, era o que Lee achava. Mas Ig pensava diferente e passava

todos os fins de semana em Boston, transando com ela, como um cão marcando seu território.

Lee só conseguia pensar que, de certo modo, Ig só continuava com ela por um desejo perverso

de mantê-la *fora do alcance* de Lee. Ig gostava de ter Lee como seu amigo íntimo – a

transformação de Lee Touneau tinha sido seu passatempo no ensino médio –, mas também era

importante que Lee soubesse que havia limites para essa amizade. Não queria que Lee se

esquecesse de quem tinha conquistado Merrin. Como se Lee não se lembrasse disso a cada vez

que fechava o olho direito e o mundo se tornava uma escura terra de sombras, um lugar onde os

fantasmas espiavam através das trevas e o sol era uma lua fria e distante.

Uma parte de Lee respeitava a forma como Ig a havia tirado dele, quando ambos ainda

tinham chances iguais com ela. Ig simplesmente tinha querido aquela xoxota ruiva mais do que

Lee e, sob pressão, tinha se tornado uma pessoa diferente, esperto e tranquilo. Com sua asma,

seu cabelo horroroso e a cabeça cheia de informações bíblicas, ninguém pensaria em Ig como

uma pessoa cruel e astuta. Lee tinha ficado junto de Ig por mais de 10 anos, sob sua liderança.

Pensava nesse tempo como um curso disfarçado, um curso sobre como parecer inofensivo,

redimido. Quando se via diante de qualquer dilema ético, Lee aprendera que o melhor era

perguntar: “O que Ig faria?” Em geral a resposta era pedir desculpas, se humilhar e depois se

envolver em qualquer atividade totalmente desnecessária para “fazer o bem”. Com Ig, Lee tinha

aprendido a admitir que estava errado mesmo quando não estava, a pedir desculpas sem

precisar e a fingir que não desejava as coisas que conquistava.

Por um curto período, quando tinha 16 anos, ela havia sido dele por direito. Por alguns dias,

tinha usado o crucifixo de Merrin no pescoço e, quando o pressionava contra os lábios, podia se

imaginar o beijando enquanto ela o usava em volta da garganta – o crucifixo e nada mais. Porém

deixou o crucifixo e suas chances com ela escaparem por entre seus dedos porque, por mais que

desejasse ver sua pele pálida e nua na escuridão, havia algo que desejava ainda mais: queria ver

as coisas indo pelos ares, queria ouvir uma explosão alta o bastante para deixá-lo surdo, queria

ver um carro em chamas. Talvez o Cadillac de sua mãe, com ela dentro. Só de pensar nisso sua

pulsação ficava acelerada e estranha, de um jeito que as fantasias com Merrin não chegavam

nem perto. Então abriu mão dela, a devolveu. Fez seu acordo idiota com Ig – um pacto com o

Diabo, na verdade. Não tinha lhe custado só a garota. Tinha custado seu olho. Achava que

havia um significado nisso. Uma vez ele havia feito um milagre, tinha tocado o céu e segurado a

Lua antes que ela caísse e desde então Deus vinha lhe mostrando outras coisas que precisavam

ser consertadas: gatos e cruzes, campanhas políticas e velhas senis. Todas as coisas que

consertava passavam a ser dele para sempre, podia fazer com elas o que bem entendesse. E uma

única vez que abdicara de algo que Deus pusera em suas mãos tinha ficado cego, um lembrete

para que nunca mais fizesse isso. Agora a cruz era dele novamente, uma prova – como se ele

precisasse – de que estava sendo guiado na direção de alguma coisa, que ele e Merrin tinham se

aproximado por alguma razão. Ele sentia que precisava consertar a cruz e depois

consertar

Merrin de algum modo, talvez simplesmente a libertando de Ig.

Lee poderia ter mantido distância de Merrin durante todo o verão, mas então Ig facilitou seu

encontro com ela, mandando um e-mail de Nova York:

Merrin quer a penteadeira dela, mas não tem carro e seu pai tem que trabalhar. Sugeri

que ela pedisse pra você levar e ela disse que você não é escravo dela, mas nós sabemos que

é, então leve a penteadeira da próxima vez que for fazer alguma coisa para o deputado

em Boston. Além disso, ela descolou uma louraça pra você. Imagina só os filhos que essa

mulher vai te dar, pequenos vikings de olhos da cor do Ártico. Vá se encontrar com a

Merrin agora. Não dá pra resistir aos pedidos dela. Deixe que ela te pague um belo jantar.

Você tem que estar pronto pra fazer o trabalho sujo pra ela no meu lugar enquanto eu

estiver viajando.

Está tudo bem com você?

Ig

Durante horas, Lee ficou sem entender a última parte do e-mail de Ig – *Está tudo bem com*

você? – e passou a manhã inteira pensando nisso. Depois se lembrou de que sua mãe morrera

havia duas semanas. Estava mais interessado na parte que dizia para ele estar pronto para fazer o

trabalho sujo para Merrin, uma espécie de mensagem contida em si mesma. Naquela noite Lee

teve sonhos sexuais complicados e quentíssimos. Sonhou que Merrin estava nua em sua cama e

que ele se sentava sobre os braços dela e a mantinha sob ele enquanto enfiava um funil de

plástico vermelho em sua boca e depois despejava gasolina nele, e ela começava a se contorcer

debaixo dele, num orgasmo. Ele acendia um fósforo, segurando a caixa entre os dentes, para

manter a lixa firme, depois o jogava dentro do funil e então ouvia-se um estampido e um ciclone

de chamas vermelhas subia do buraco e os olhos dela, surpresos, se incendiavam. Quando

acordou, viu que os lençóis estavam encharcados, nunca tivera um sonho erótico tão poderoso,

nem mesmo quando era adolescente.

Dois dias depois, numa sexta-feira, ele foi de carro até a casa de Merrin para pegar a

penteadeira. Para abrir espaço para ela, precisou tirar uma caixa de ferramentas pesada e

enferrujada do porta-malas e colocá-la no banco de trás, e mesmo assim teve que pegar umas

correias emprestadas com o pai dela, para manter a porta fechada e a penteadeira no lugar. A

caminho de Boston, Lee fez uma parada e mandou um torpedo para ela:

Chego em Boston hoje à noite, botei essa merda no porta-malas, é bom que vc esteja

em casa. Minha rainha de gelo está por aí? Talvez eu possa conhecê-la.

Demorou um tempão até ele receber a resposta de Merrin:

Porra, Lee. Vc é o cara. Obrigada por vir. Devia ter avisado. Nada de rainha do gelo

essa noite. Ela tá trabalhando. Vai ter que se contentar comigo.

CAPÍTULO 33

M**errin abriu a porta usando uma** calça de moletom e uma blusa larga, com capuz. A garota

com quem dividia o apartamento estava lá, uma asiática com pinta de sapatão. Ela andava

pela sala, falando ao celular com a voz nasalada e dolorosamente alegre.

– O que tem aqui dentro, afinal? – perguntou Lee. Ele se curvou sobre a penteadeira, arfando

e limpando o suor do rosto. Tinha empurrado o móvel para dentro, amarrado em um carrinho

de mão que o pai de Merrin tinha dito para ele levar. Havia subido com ele aos trancos, pelos 17

degraus, quase deixando a penteadeira cair por duas vezes. – Calcinhas de cota de malha?

A colega de Merrin olhou por cima do ombro e disse:

– Que tal um cinto de castidade de ferro? – E foi embora rindo; sua gargalhada lembrava um

pato grasnando.

– Achei que sua colega tinha ido embora – disse Lee.

– Ela vai embora na mesma época que Ig – respondeu Merrin. – San Diego. Depois disso vou

ficar sozinha aqui por uns tempos.

Ela o olhava nos olhos e sorria, maliciosa. Outra mensagem.

Lutaram para passar a penteadeira pela porta e depois Merrin disse para deixarem ali mesmo

e foi para a cozinha esquentar um pouco de comida indiana. Trouxe pratos de papel para uma

mesa redonda e manchada sob uma janela com vista para a rua. A garotada andava de skate na

noite de verão, saindo das sombras para poças amareladas pelas lâmpadas de vapor de sódio da

rua.

Os cadernos e papéis de Merrin estavam espalhados de um lado da mesa e ela começou a

empilhá-los para abrir espaço. Lee se debruçou sobre seu ombro, fingindo olhar seu trabalho

enquanto inspirava longamente o doce cheiro de seus cabelos perfumados. Viu folhas de

caderno soltas, cheias de pontos e traços formando uma grade.

– O que é essa coisa de ligar os pontos?

– Ah – disse ela, juntando os papéis dentro de um livro e botando tudo no peitoril da janela.

– Minha colega. Nós jogamos isso. Você conhece? Você tem que ligar os pontos, formando

quadrados, quem tiver mais quadrados ganha. Quem perde tem que lavar a roupa. Há meses ela

não lava a roupa.

– Você devia deixar eu dar uma olhada. Sou bom nisso. Posso te ajudar na próxima jogada. –

Ele só tinha dado uma olhada rápida, mas parecia que a grade não tinha sido montada da

forma correta. Talvez fosse uma versão diferente do jogo que ele conhecia.

– Acho que isso seria trapaça. Você quer que eu me torne o tipo de pessoa que engana os

outros? – perguntou ela.

Os dois se encararam por um momento. E então Lee disse:

– Quero o que você quiser.

– Muito bem. Acho que eu deveria jogar limpo. Sou meio quadrada nesse tipo de coisa. Sem

trocadilhos.

Eles se sentaram de frente um para o outro. Lee deu um olhada em volta, examinando o

apartamento. Não era lá grande coisa: uma sala, uma cozinha americana e dois quartos no

segundo andar de um casarão, em Cambridge, que fora dividido em cinco unidades. Uma

música dance tocava alta no andar de baixo.

– Você vai conseguir pagar o aluguel sozinha?

– Não. Mais cedo ou mais tarde vou ter que arrumar alguém pra dividir.

– Aposto que Ig poderia ajudar.

– Por ele, pagaria tudo sozinho. Eu seria sua escrava sexual. Já me fizeram essa proposta uma

vez, sabia?

– Que proposta?

– Um dos meus professores me convidou pra almoçar há alguns meses. Achei que fosse pra

falar sobre a minha residência. Em vez disso, ele pediu um vinho de 200 dólares e disse que

queria alugar um apartamento pra mim em Back Bay. Um cara de 60 anos, com uma filha dois

anos mais velha que eu.

– Casado?

– É claro.

Lee se recostou na cadeira e assoviou.

– Ig deve ter ficado muito puto.

– Não contei pra ele. E nem você vai contar, hein? Eu não devia ter falado disso.

– Por que você não contou?

– Porque o cara é meu professor. Não gostaria que Ig o denunciasse por assédio sexual ou

qualquer coisa assim.

– Ig não iria denunciá-lo.

– É. Acho que não. Mas ia querer que eu largasse as aulas dele. E eu não queria. Não me

importa o que ele faz fora de sala, o cara é um dos melhores oncologistas do país e eu queria ver

o que ele tinha pra me ensinar. Parecia importante.

– Agora não é mais?

– Foda-se. Não preciso me formar como a melhor aluna da turma. Às vezes acho até que já vai

ser uma sorte se eu conseguir me formar.

– Ah, para com isso. Você está indo muito bem. – Lee fez uma pausa e disse: – E como esse

velho filho da puta reagiu? Quando você mandou ele se foder?

– Com bom humor. O vinho era bom. Do início dos anos 1990, de um pequeno vinhedo

familiar na Itália. Tenho a impressão de que ele pediu exatamente a mesma garrafa para algumas

outras garotas. De todo modo, não mandei ele se foder. Disse que estava apaixonada por outra

pessoa e que não achava aquilo apropriado enquanto fosse aluna dele, mas que, em outras

circunstâncias, ficaria feliz de considerar a proposta.

– Isso foi gentil da sua parte.

– Mas é verdade. Se eu não fosse aluna dele e *jamais* tivesse conhecido o Ig? Até podia pensar

em ir com ele ver um filme estrangeiro, esse tipo de coisa.

– Ah, qual é? Você não disse que ele era velho?

– O bastante pra participar de grupos da terceira idade.

Lee se recostou na cadeira, com uma sensação nada familiar: repulsa. E surpresa.

– Você só pode estar brincando.

– É claro. Ele poderia me ensinar sobre vinhos. E livros. E coisas que eu não sei. Como é a vida

vista pelo outro lado do telescópio. Como é participar de um relacionamento imoral.

– Seria um erro – disse Lee.

– Talvez seja necessário errar um pouco – disse Merrin. – Se você não erra, provavelmente está

pensando demais. E esse é o pior erro que se pode cometer.

– Mas e a mulher e a filha dele?

– É. Tem essa parte. Tudo bem que já é a terceira mulher, então ela não ficaria tão chocada

assim. – Merrin apertou os olhos e disse: – Você acha que, mais cedo ou mais tarde, todos os

homens se cansam?

– Acho que a maioria dos caras cria fantasias sobre o que não tem. Nunca tive uma única

relação em que eu não ficasse fantasiando sobre outras mulheres.

– Mas em que ponto? Em que momento da relação o cara começa a pensar em outras?

Lee jogou a cabeça para trás, a fim de olhar para o teto, fingindo pensar.

– Não sei. Depois de 15 minutos no primeiro encontro? Depende se a garçonete for gostosa.

Ela fez uma careta, depois disse:

– Às vezes vejo Ig olhando pra outra garota. Não é frequente. Se ele sabe que estou por perto,

controla os olhos. Mas, por exemplo, quando fomos pra Cape Cod no verão e eu saí pra buscar

o protetor solar no carro e depois me lembrei de que ele estava no bolso da minha blusa. Ele não

esperava que eu voltasse tão depressa, e lá estava ele olhando pra uma garota deitada de bruços,

com a parte de cima do biquíni solta. Era uma garota bonita, de 19, 20 anos. Quando estávamos

no ensino médio eu brigava com ele por olhar, mas agora não digo nada. Não sei o que dizer. Ele

nunca esteve com ninguém além de mim.

– É sério? – perguntou Lee num tom incrédulo, embora já soubesse disso.

– Você acha que, quando ele tiver uns 35 anos, vai achar que eu o agarrei cedo demais? Acha

que ele vai pensar que roubei dele todo o sexo e a diversão da adolescência e vai ficar fantasiando

sobre todas as garotas que perdeu?

– Tenho certeza de que ele fantasia a respeito de outras garotas agora – disse a colega de

Merrin, passando com um Hot Pocket em uma das mãos e segurando o telefone

no ouvido com

a outra. Ela seguiu até seu quarto e bateu a porta. Não porque estava com raiva ou ao menos

consciente do que fazia. Apenas era o tipo de pessoa que bate portas sem notar.

Merrin se recostou na cadeira, com os braços cruzados.

– Falso ou verdadeiro? O que ela disse.

– Não é nada sério. É como olhar para a garota na praia. Ele pode até se divertir pensando

nisso, mas é só em pensamento, então não tem importância, não é?

Merrin se inclinou para a frente e disse:

– Você acha que ele vai trepar com alguém na Inglaterra? Só pra tirar isso da cabeça? Ou acha

que ele julgaria isso uma transgressão imperdoável em relação a mim e às crianças?

– Que crianças?

– As crianças. Harper e Charlie. Falamos delas desde que eu tinha 19 anos.

– Harper e Charlie?

– Harper é a menina, por causa de Harper Lee, minha autora de um livro só favorita. Charlie

se for menino. – O modo como ela falava fez Lee não gostar tanto dela. Ela parecia descontraída

e feliz, e ele pôde ver, através de seu olhar repentinamente distante, que ela mesma estava

imaginando as crianças.

– Não – disse Lee.

– Não o quê?

– Ig não vai trair você. A menos você o traísse primeiro e desse um jeito de ele ficar sabendo.

Nesse caso, acho que sim. Talvez. Pense no contrário por um momento. Alguma vez já pensou

que *você*, aos 35 anos, possa achar que perdeu alguma coisa?

– Não – respondeu ela com uma certeza direta e desinteressada. – Não acho que eu algum dia

vá chegar aos 35 anos e ter a impressão de que perdi alguma coisa. É uma ideia horrível, sabia?

– O quê?

– Trepar com alguém só pra contar pra ele. – Ela não estava olhando para ele, mas através da

janela. – Só de pensar nisso fico com o estômago embrulhado.

O engraçado é que naquele exato momento ela pareceu mesmo um pouco enjoada. Pela

primeira vez Lee notou como ela era pálida, com círculos rosa-claro debaixo dos olhos, os

cabelos sem vida. Suas mãos estavam fazendo alguma coisa com o guardanapo de papel,

dobrando-o em quadradinhos cada vez menores.

– Você está se sentindo bem? Está parecendo um pouco distante.

Os cantos dos lábios dela se contorceram num meio sorriso.

– Acho que estou ficando doente. Mas não precisa se preocupar. Sem beijo de

língua não tem

perigo de você pegar.

Uma hora depois, quando dirigia de volta para casa, estava furioso. Era assim que Merrin

funcionava. Ela o tinha atraído até Boston, deixado que ele imaginasse que ficariam sozinhos,

depois abriu a porta de moletom, parecendo merda requentada, sua colega entrando e saindo, e

passaram a noite falando de Ig. Se ela não o tivesse deixado beijar seu seio há duas semanas e lhe

dado seu crucifixo, ele poderia pensar que ela não tinha o menor interesse nele. Estava cansado

de ser sacaneado e de saco cheio daquele papo dela.

No entanto, quando cruzou a ponte Zakim, sua pulsação começou a se acalmar e ele voltou a

respirar mais normalmente. Então lhe ocorreu que Merrin não havia mencionado a rainha de

gelo loura nem uma única vez durante todo o tempo em que ele estivera lá. Depois disso veio

outra ideia, a de que não havia nenhuma rainha de gelo, que só havia Merrin, testando até que

ponto poderia provocá-lo, fazer com que ficasse pensando nela.

E ele realmente estava pensando. Pensava que em breve Ig iria embora, assim como a colega de

Merrin, e que em algum momento do outono ele iria bater na porta dela e, quando a abrisse, ela

estaria sozinha.

CAPÍTULO 34

L**ee havia esperado uma noitada** com Merrin, mas mal passava das 10 horas quando cruzou a

fronteira para New Hampshire e percebeu que tinha uma mensagem de voz do deputado. Ele

falava com sua voz de enxaqueca, arrastada e cansada, e dizia que esperava que Lee desse uma

passada lá amanhã de manhã para discutir algumas notícias que haviam chegado. Seu modo de

falar fez Lee pensar que ele ficaria igualmente contente se o visse naquela noite mesmo, então, em

vez de sair pela I-95 e dirigir para oeste, rumo a Gideão, Lee seguiu para o norte e pegou a saída

para Rye.

Às 11 horas, embicou no caminho de conchas brancas que levava à garagem do deputado. A

vasta mansão, em estilo georgiano, com seu pórtico de colunas, ficava em um acre de gramado

muito bem-cuidado. As gêmeas do deputado estavam jogando croqué com seus namorados no

jardim da frente, sob a luz de grandes refletores. Taças de champanhe repousavam no caminho,

ao lado dos sapatos de salto alto das moças, que circulavam por ali descalças. Lee saiu do

Cadillac e ficou de pé ao lado do carro, as observando jogar, duas jovens de

pernas morenas e

compridas, usando vestidos de verão. Uma delas curvada sobre seu martelo, seu par atrás dela,

esticando os braços, oferecendo sua ajuda como pretexto para abraçá-la. O riso das duas tinha

algo do perfume do mar, e Lee se sentiu novamente em seu ambiente.

As filhas do deputado adoravam Lee e, quando o viram subindo pelo caminho que levava à

porta de entrada, correram para ele. Kaley jogou os braços em volta de seu pescoço e Daley o

beijou no rosto. Tinham 21 anos, eram bronzeadas e felizes, mas as duas tiveram problemas que

foram devidamente abafados: alcoolismo, anorexia, uma doença venérea. Ele as abraçou de volta

e prometeu que voltaria para jogar com elas se pudesse, mas tinha arrepios quando elas o

tocavam. Elas pareciam tranquilas e legais, mas eram tão nojentas quanto baratas cobertas com

chocolate. Uma estava mascando um chiclete de hortelã, e ele imaginou se seria para esconder o

cheiro de cigarro, maconha ou pau. Ele não trocaria uma noite com Merrin por uma noite com

as duas juntas. Merrin, de certa forma, ainda era limpa, ainda tinha o corpo de uma virgem de

16 anos. Ela só tinha dormido com Ig e, conhecendo Ig como Lee conhecia, isso quase não

contava. Ig provavelmente mantinha um lençol entre eles o tempo todo.

A esposa do deputado recebeu Lee na porta, uma mulher pequena, de cabelos curtos e

grisalhos, lábios congelados em um sorriso rígido de tanto botox. Ela tocou o punho de Lee.

Todos gostavam de tocá-lo, a mulher, as filhas e o próprio deputado, como se Lee fosse algum

amuleto da sorte, um pé de coelho – e ele era, sabia que era.

– Ele está no escritório – disse ela. – Vai ficar muito contente em vê-lo. Você sabia? Foi por isso

que veio?

– Sabia. Dor de cabeça?

– Terrível.

– Tudo bem – disse Lee. – Não se preocupe. O médico chegou.

Lee sabia onde ficava o escritório e se encaminhou para lá. Bateu na porta, mas não esperou

autorização para abri-la e entar. As luzes estavam apagadas, a não ser pela televisão, e o

deputado estava no sofá, no escuro, com uma pequena toalha molhada dobrada sobre os olhos.

Estava passando *Hothouse*. O volume estava no mínimo, mas Lee podia ver Terry Perrish

sentado atrás da bancada, entrevistando um inglês magricela com uma jaqueta de couro preta,

com certeza um astro do rock.

O deputado ouviu a porta, levantou uma ponta da toalha, viu Lee e sorriu com metade da

boca. Deixou a toalha cair de novo.

– Aí está você. Quase não deixei recado, pois sabia que você ia ficar preocupado e viria hoje

mesmo. Eu não queria incomodar, afinal é sexta-feira à noite. Eu já tomo muito tempo da sua

vida. Você devia estar por aí, se divertindo com uma garota. – Falava com o tom suave e

amoroso de um homem em seu leito de morte conversando com o filho predileto. Não era a

primeira vez que Lee o ouvia falar assim, nem a primeira que cuidava dele durante uma de suas

enxaquecas. As dores de cabeça do deputado estavam intimamente relacionadas com o

levantamento de fundos e os fracos resultados nas pesquisas. Ultimamente vinham aos montes.

Pouquíssimas pessoas no estado sabiam, mas no início do próximo ano o deputado iria anunciar

sua candidatura ao governo, contra a governadora atual, que vencera a última eleição com uma

margem grande de vantagem, mas vinha despencando nas últimas pesquisas. Sempre que o nível

de aprovação dela subia mais de três pontos, o deputado tinha de tomar alguns comprimidos e

se deitar. Nunca dependera tanto da tranquilidade de Lee.

– O plano era esse – disse Lee –, mas ela me enrolou. E você é muito mais charmoso, então

está tudo bem.

O deputado riu e ofegou. Lee se sentou na mesinha de centro, de frente para ele.

– Quem morreu? – perguntou.

– O marido da governadora – disse o deputado.

Lee hesitou, depois disse:

– Puxa, espero que você esteja brincando.

O deputado levantou a toalha mais uma vez.

– Está com a doença de Lou Gehrig, esclerose lateral amiotrófica. Acaba de ser diagnosticada.

Vai haver uma coletiva de imprensa amanhã. Vão fazer 20 anos de casados semana que vem.

Não é horrível?

Lee tinha se preparado para resultados negativos nas pesquisas, ou para saber que o

Portsmouth Herald ia publicar uma matéria pouco elogiosa a respeito do deputado (ou de suas

filhas – havia um bom número dessas). Mas precisou de um tempo para processar aquilo.

– Meu Deus – disse Lee.

– Como eu disse. Começou com um tique no polegar que não parava. Agora já está nas duas

mãos. Parece que a doença está avaçando muito rápido. “Vigiem, porque vocês não sabem o dia

nem a hora", não é?

– É, senhor.

Os dois ficaram sentados em silêncio. A TV continuava ligada.

– O pai do meu melhor amigo na escola teve isso – disse o deputado. – O pobre homem ficava

sentado em sua poltrona diante da TV, tremendo como um peixe no anzol; metade do tempo

parecia que ele estava sendo estrangulado até a morte pelo Homem Invisível. Lamento por eles.

Nem sei o que faria se uma das meninas ficasse doente. Quer rezar por eles junto comigo, Lee?

De jeito nenhum, pensou Lee, mas se ajoelhou diante da mesinha de centro, juntou as mãos e

esperou. O deputado foi para o lado dele e baixou a cabeça. Lee fechou os olhos para se

concentrar, para resolver a questão. Para começar, o nível de aprovação da concorrente ia

disparar; tragédias pessoais sempre valem alguns milhares de votos de solidariedade. Além disso,

a questão da saúde sempre fora um dos pontos fortes dela, e agora uma coisa se juntaria à outra,

passaria a ser uma questão pessoal. Por fim, já era difícil o bastante concorrer com uma mulher

sem parecer chauvinista e machista. Mas concorrer com uma que está heroicamente cuidando do

marido doente – quem poderia saber o que *isso* faria a uma campanha? Ia

depender da mídia, de

como aquilo seria explorado. Haveria alguma forma de que aquilo não acabasse sendo

claramente vantajoso para ela? Talvez. Lee concluiu que havia ao menos uma possibilidade pela

qual valeria a pena rezar – pelo menos um jeito de consertar as coisas.

Após algum tempo o deputado suspirou, um sinal de que o tempo de oração tinha acabado.

Ambos continuaram ajoelhados, num clima bem harmonioso.

– Você acha que seria melhor eu desistir? – perguntou o deputado – Por respeito?

– A doença do marido é uma tragédia – disse Lee. – As propostas políticas dela são outra. Não

se trata apenas dela. Trata-se de toda a população do estado.

O deputado estremeceu e disse:

– Sinto até vergonha de estar pensando nisso. Como se a única coisa que importasse fosse

minha maldita ambição política. O pecado do orgulho, Lee. O pecado do orgulho.

– Não sabemos o que vai acontecer. Talvez ela desista para cuidar dele e não concorra desta

vez, o que vai ser melhor para você do que para qualquer outro.

O deputado teve outro calafrio.

– Não devíamos falar assim. Não esta noite. Me sinto indecente. Trata-se da vida e da saúde

de um homem. Diante disso, eu decidir se vou me candidatar a governador ou

não é a coisa

menos importante do mundo. – Ele se inclinou para a frente, ainda de joelhos, o olhar vazio na

direção da TV. Passou a língua pelos lábios e disse: – Mas, se ela desistir, seria uma

irresponsabilidade eu *não* me candidatar.

– Ah, sim, é claro – concordou Lee. – Já pensou se você não concorre e Bill Flores é eleito? As

crianças começarão a ter educação sexual no jardim de infância, vão receber camisinhas aos 6

anos. Muito bem, crianças, levante a mão quem achar que sabe soletrar "sodomia".

– Pare – disse o deputado, rindo. – Você é terrível.

– Você nem vai anunciar a candidatura pelos próximos cinco meses – disse Lee. – Muita coisa

pode acontecer em um ano. As pessoas não vão votar nela porque o marido está doente. Isso não

ajudou John Edwards neste estado. Na verdade, acho até que o prejudicou. Parecia que ele

estava pondo a carreira acima da saúde da mulher. – Já estava pensando que seria ainda pior

uma mulher ficar fazendo discursos enquanto seu marido faz uma dança espasmódica em uma

cadeira de rodas ao lado do palanque. Seria uma péssima imagem e o povo iria mesmo querer

mais dois anos *daquilo* em suas televisões. Ou iria querer votar numa mulher que

acha que

ganhar a eleição é mais importante que cuidar de seu companheiro? – As pessoas votam em

propostas, não por solidariedade – acrescentou. Era mentira. O povo vota de acordo com suas

emoções. Era assim que ia dar um jeito naquilo. Tranquila e indiretamente, usaria a doença do

marido para fazê-la parecer muito menos preocupada, menos mulher. Sempre havia um jeito de

consertar as coisas. – Não vai mais ser novidade quando você entrar na corrida. O público já

estará pronto para mudar de assunto.

No entanto, Lee já sabia dizer se o deputado ainda estava prestando atenção. Ele apertava os

olhos para a TV. Terry Perrish estava esparramado em sua cadeira, se fingindo de morto, a

cabeça caída em um ângulo estranho. Seu convidado, o astro de rock inglês magricela de jaqueta

de couro preta, fez o sinal da cruz sobre seu corpo.

– Você não é amigo dele? Do Terry Perrish?

– Mais do irmão dele, Ig. São pessoas maravilhosas, a família Perrish. Foram tudo para mim

enquanto crescia.

– Nunca os conheci. A família Perrish.

– Acho que eles são democratas.

– As pessoas votam mais nos amigos do que no partido – disse o deputado. – Talvez

pudéssemos ser todos amigos. – Ele bateu no ombro de Lee, como se tivesse acabado de ter uma

ideia. Parecia ter se esquecido completamente da enxaqueca. – Não seria uma boa anunciar

minha candidatura no programa de Terry Perrish, no ano que vem?

– Acho que sim. É claro – concordou Lee.

– Você acha que pode dar um jeito nisso?

– Posso chamá-lo para sair na próxima vez que ele vier aqui e falar bem de você – sugeriu Lee.

– Vamos ver o que acontece.

– Certo – disse o deputado. – Faça isso. Saia com ele e faça a festa. Por minha conta. – Ele

suspirou. – Você sempre me anima. Sou um homem abençoado. E você, Lee, é uma dessas

bênçãos. – Ele olhou para Lee, os olhos brilhando como os de um avô carinhoso. Era só ter uma

oportunidade que ele fazia aquele olhar de Papai Noel. – Sabe, Lee, você não é jovem demais

para se candidatar ao Congresso. Meu lugar vai estar vazio daqui a uns dois anos, de qualquer

forma. Você tem qualidades muito atraentes. É bem-apessoado e honesto. Tem uma boa história

de redenção. E suas piadas são ótimas.

– Acho que não. Estou feliz com o trabalho que faço agora… por você. Não

acho que a

política seja minha verdadeira vocação – disse Lee e, sem nenhum constrangimento, acrescentou:

– Não creio que seja isso que o Senhor quer para mim.

– É uma pena – disse o deputado. – O partido poderia aproveitá-lo e ninguém sabe quão

longe você poderia chegar. Droga, dê uma chance a si mesmo. Você poderia ser nosso próximo

Reagan.

– Não – disse Lee. – Prefiro ser o próximo Karl Rove.

CAPÍTULO 35

N**o final, sua mãe não tinha muito** o que dizer. Lee não sabia ao certo quanto ela era capaz de

compreender nas últimas semanas. Na maioria dos dias falava variações de uma única

palavra, sua voz louca e falha: “Sede! Seee-de!” Seus olhos pulavam para fora das órbitas. Lee se

sentava ao lado da cama, nu por causa do calor, lendo uma revista. Ao meio-dia a temperatura

dentro do quarto chegava aos 35 graus e talvez fosse uns 5 graus mais alta debaixo das cobertas.

Nem sempre a mãe parecia se dar conta de que Lee também estava no quarto. Ela olhava para o

teto, com os braços fracos lutando debaixo das cobertas, como um “homem ao mar”, lutando

para se manter fora da água. Era uma coisa de dar dó. Outras vezes seus grandes

olhos se

reviravam nas órbitas para lançar um olhar de súplica desesperada na direção de Lee. Então ele

tomava um pequeno gole de seu chá gelado sem dar a mínima para ela.

Certos dias, depois de tirar a fralda da mãe, Lee se esquecia de colocar uma nova, e a deixava

nua da cintura para baixo sob as cobertas. Quando urinava, ela começava a chamar: “Molhada!

Molhada! Meu Deus, Lee! Me molhei toda!” Lee nunca se apressava em trocar os lençóis, um

processo cansativo e trabalhoso. Sua urina cheirava mal, em decorrência da falência dos rins.

Quando Lee finalmente terminava de trocar os lençóis, fazia uma trouxa com a roupa de cama

molhada e a apertava contra o rosto da mãe enquanto ela uivava numa voz confusa e

estrangulada. Isso era exatamente o que a mãe tinha feito com ele, esfregado os lençóis em sua

cara quando ele os molhava. Foi o jeito que ela encontrara para lhe ensinar a não fazer xixi na

cama, um problema que tivera na infância.

Sua mãe, entretanto, teve um único momento de lucidez mais ou menos no final de maio,

depois de semanas de incoerência – um perigoso momento de clareza. Lee tinha acordado antes

do amanhecer em seu quarto no segundo andar. Não sabia o que o tinha

despertado, só que

havia alguma coisa errada. Apoiou-se sobre os cotovelos e ficou prestando atenção ao silêncio,

tentando ouvir alguma coisa. Ainda não eram cinco da manhã e lá fora traços de um falso

amanhecer deixavam o céu cinza. Havia uma fresta aberta na janela e ele podia sentir o cheiro da

grama fresca e das árvores florescendo. O ar que entrava era quente e carregado de umidade. Se

já fazia calor àquela hora, o dia ia ser escaldante, especialmente no quarto de hóspedes, onde ele

estava tentando descobrir se era possível cozinhar uma velha em fogo baixo. Finalmente ouviu

uma coisa, um ruído surdo no andar de baixo, seguido por um som que parecia alguém

esfregando os sapatos num capacho de plástico.

Levantou-se e desceu em silêncio para dar uma olhada na mãe. Pensou que a encontraria

dormindo ou olhando, inexpressiva, para o teto. Não imaginou que a encontraria deitada para o

lado esquerdo, tentando pegar o telefone com uma de suas mãos secas como garras. Ela tinha

conseguido tirar o fone do gancho e ele estava pendurado pelo fio bege espiralado. Ela já havia

recolhido um bocado do fio com uma das mãos e tentava alcançar o fone, que balançava para a

frente e para trás, raspando no chão, e às vezes batendo de leve na mesinha de cabeceira.

Sua mãe parou de tentar puxar o fio quando viu Lee de pé na sua frente. Seu rosto chupado e

atormentado parecia calmo, quase esperançoso. Ela já tivera cabelos grossos, cor de mel, que

durante anos manteve curtos mas cheios, os cachos na altura dos ombros. Um corte estilo Farrah

Fawcett. Mas agora estava ficando careca, os finos fios de prata penteados de lado sobre a cabeça

coberta de manchas senis.

– O que você está fazendo, mãe? – perguntou Lee.

– Telefonando.

– Para quem você ia telefonar? – Ele havia percebido a lucidez na voz dela e soube que,

contrariando as possibilidades, por um momento a mãe tinha saído de sua demência.

Ela lhe lançou um olhar vazio e demorado, depois perguntou:

– O que você é? – Parcialmente lúcida, pelo menos.

– Lee. Você não me conhece?

– Você não é ele. Lee está lá fora andando sobre a cerca. Eu disse para ele não fazer isso. Avisei

que ele teria que acertar contas com o Diabo, mas ele não consegue evitar.

Lee cruzou o quarto e colocou o fone de volta no gancho. Ter deixado um telefone em

funcionamento quase ao alcance da mão dela tinha sido um descuido idiota,

independentemente do estado da mãe.

Entretanto, quando se abaixou para tirar o telefone da tomada, a mãe o agarrou pelo pulso.

Lee quase gritou, surpreso com a força feroz de seus dedos finos e nodosos.

– Vou morrer de qualquer maneira – disse. – Por que você quer que eu sofra? Por que você

não pode simplesmente se afastar e deixar acontecer?

– Porque eu não aprenderia nada se simplesmente deixasse acontecer – respondeu ele.

Lee esperou outra pergunta, mas em vez disso a mãe disse, com uma voz quase satisfeita:

– *Sim.* Está certo. Aprender sobre o quê?

– Se há limites.

– A que eu possa sobreviver? – Depois ela continuou: – Não. Não é isso. Você quer dizer

limites para o que você é capaz de fazer. – Ela se afundou de volta nos travesseiros e Lee ficou

surpreso ao ver que ela sorria de um jeito sábio. – Você não é Lee. Lee está andando sobre a

cerca. Se eu o pegar fazendo isso de novo, ele vai sentir o peso da minha mão. Já avisei.

Ela respirou profundamente e suas pálpebras se fecharam. Ele pensou que talvez ela estivesse

se preparando para voltar a dormir – costumava ficar inconsciente muito rápido –, mas então

ela voltou a falar. Havia um tom reflexivo em sua voz fina e velha.

– Uma vez encomendei uma cafeteira *espresso* por um catálogo. Uma coisa muito bonitinha,

com os acabamentos em cobre. Esperei umas duas semanas e finalmente ela apareceu na porta.

Abri a caixa com um estilete e não havia nada lá dentro, só o embrulho. Você acredita? Paguei

89 dólares por um monte de plástico bolha e isopor. Alguém deve ter se distraído na fábrica. –

Ela deu um suspiro de contentamento, longo e profundo.

– E o que eu tenho a ver com isso?

– Porque com você aconteceu a mesma coisa – disse ela, abrindo seus olhos grandes e

brilhantes e virando a cabeça para ele. Deu um grande sorriso que mostrava os dentes que lhe

restavam, pequenos, amarelos e tortos, e começou a rir. – Você devia pedir seu dinheiro de volta.

Foi enganado. Você é só o embrulho. Apenas uma caixa bonita sem nada dentro. – Sua risada

era rouca, entrecortada e ofegante.

– Pare de rir de mim – disse Lee, o que fez com que ela risse ainda mais. Ela não parou até que

ele lhe aplicasse uma dose dupla de morfina.

Depois ele foi até a cozinha e tomou um Bloody Mary com muita pimenta, a mão tremendo

enquanto segurava o copo.

Lee queria desesperadamente enfiar uma caneca de água salgada fervente pela goela da mãe.

Queria afogá-la.

Mas, em vez disso, a deixou em paz. Na verdade, por uma semana tomou alguns cuidados

especiais com ela, deixou o ventilador ligado o dia todo, trocou os lençóis regularmente, manteve

flores frescas no quarto e a TV ligada. Foi especialmente cuidadoso ao administrar a morfina no

horário correto: não queria que voltasse a ficar lúcida enquanto a enfermeira estivesse lá.

Contando detalhes de como era tratada quando ficava sozinha com o filho. Mas sua ansiedade

foi exagerada. A mãe nunca mais teve outro momento de lucidez.

CAPÍTULO 36

E**le se lembrava da cerca.** Não se lembrava de quase nada dos dois anos que moraram em

West Bucksport, no Maine – não lembrava, por exemplo, *por que* tinham se mudado para

aquele lugar, o cu do mundo, no meio do nada, uma cidade mínima onde os pais não

conheciam ninguém. Também não lembrava por que tinham voltado para Gideão. Mas se

lembrava da cerca, do gato vira-lata que veio do milharal e da noite em que tinha impedido que

a Lua caísse.

O gato saiu do milharal ao anoitecer. Era a segunda ou terceira vez que ele aparecia no

quintal, miando baixinho, e a mãe de Lee saiu para vê-lo. Ela levou uma lata de sardinhas, que

colocou no chão, e esperou o gato se aproximar. O gato se atirou sobre as sardinhas como se

houvesse dias que não comia – e talvez houvesse mesmo –, engolindo os peixes prateados com

uma série de movimentos de cabeça rápidos e espasmódicos. Então começou a se enroscar por

entre os tornozelos de Kathy Tourneau, ronronando satisfeito. Aquele som parecia meio

enferrujado, como se o gato tivesse perdido a prática de se sentir feliz.

Mas, quando a mãe de Lee se abaixou para coçar a parte de trás das orelhas do gato, ele

arranhou as costas da mão dela, deixando a carne exposta em longas linhas vermelhas. Ela

gritou e deu um pontapé nele, que saiu correndo, derrubando a lata de sardinhas em sua pressa

de fugir.

Ela usou um curativo branco na mão por uma semana e ficou com uma cicatriz bem feia para

o resto da vida. Quando o gato voltou a aparecer, saindo do milharal, miando em busca de

atenção, ela jogou uma frigideira nele, que voltou correndo para a plantação.

Atrás de sua casa em Bucksport havia uma plantação de um acre, uma dúzia de

fileiras de

milho baixo e malcuidado. Não foram seus pais que a plantaram e também não cuidavam dela.

Não eram fazendeiros, nem ao menos gostavam de jardinagem. Em agosto, sua mãe tinha

colhido e tentado cozinhar algumas espigas, mas ninguém conseguiu comer. Não tinham gosto,

eram duras e difíceis de mastigar. O pai riu e disse que era milho para os porcos.

Em outubro, as plantas estavam secas, marrons e mortas, muitas delas quebradas e caídas. Lee

adorava o milharal, seu cheiro no ar frio do outono, adorava se embrenhar pelas estreitas vielas

entre as fileiras, as folhas secas roçando nele. Anos mais tarde, ainda se lembrava de como

adorava aquilo, mesmo que não conseguisse se lembrar de como era sentir aquele amor. Para o

Lee Tourneau adulto, tentar se lembrar de seu entusiasmo pelo milharal era como tentar ficar

saciado com a lembrança de uma boa refeição.

Não sabia onde o gato passava o resto do dia. Ele não pertencia aos vizinhos. Não pertencia a

ninguém. A mãe de Lee dizia que ele era feroz. Ela pronunciava a palavra “feroz” com o mesmo

tom de nojo com que se referia ao Winterhaus, o bar onde o pai de Lee parava todas as noites

para tomar um drinque (talvez dois ou três) antes de voltar para casa.

O gato era tão magro que se podiam ver suas costelas, seu pelo preto tinha algumas falhas que

deixavam à mostra obscenos pedaços de pele rosada e escamada, e seu saco peludo tinha bolas

tão grandes que, quando ele andava, balançavam para a frente e para trás entre suas pernas

traseiras. Um dos olhos era verde, o outro branco, o que lhe dava uma aparência de cegueira

parcial. A mãe de Lee disse ao filho que mantivesse distância do bicho, para não acariciá-lo em

hipótese alguma e não confiar nele.

– Ele não vai aprender a gostar de você – disse ela. – Ele já passou do ponto em que pode

aprender a gostar das pessoas. Não está interessado em você nem em ninguém, nunca vai estar.

Só aparece pra ver se alguém lhe dá alguma coisa e, se não dermos comida, vai parar de vir aqui.

Mas ele não parou. Todas as noites, quando o sol se punha mas as nuvens ainda ficavam

iluminadas por seu brilho, o gato voltava para miar no quintal deles.

Às vezes Lee saía para procurá-lo, assim que chegava do colégio. Ficava imaginando como o

gato passava o dia, para onde ia e de onde vinha. Lee subia na cerca e andava pelas estacas,

espiando o milharal em busca do gato.

Só podia subir na cerca até que sua mãe o pegasse e gritasse para ele descer. Era

uma cerca

feita de postes de madeira quebradiça onde as traves ficavam encaixadas, que fechava todo o

quintal, inclusive o milharal. A trave mais alta ficava bem acima do chão, na altura da cabeça de

Lee, e os troncos balançavam quando Lee andava sobre eles. A mãe dizia que a madeira estava

podre e que uma das traves ia acabar se quebrando sob seus pés e que então seria uma viagem ao

hospital (o pai dele abanava a mão num gesto de desdém e dizia: “Por que você não larga do pé

dele e deixa ele ser criança?). Mas ele não conseguia ficar longe da cerca; nenhum garoto

conseguiria. Ele não só subia nela e andava sobre a trave como se fosse uma corda bamba, mas,

de vez em quando, chegava a correr em cima dela, com os braços abertos para os lados, como se

fosse uma garça tentando alçar voo. Era uma sensação boa, correr pela cerca, os troncos

sacudindo sob seus pés e o sangue pulsando nas veias.

O gato começou a irritar Kathy Tourneau. Ele passou a anunciar sua chegada com um uivo

de lamentação, uma única nota rouca que ele repetia sem parar, até que a mãe de Lee não

pudesse mais suportar e aparecesse na porta dos fundos com alguma coisa para atirar nele.

– Pelo amor de Deus, o que você quer? – gritou certa noite para o gato preto. – Você não

ganha comida, então por que não vai embora?

Lee não disse nada à mãe, mas achou que sabia por que o gato voltava todas as noites. Ela

estava enganada em pensar que ele queria comida. Ele achava que o gato estava chamando pelos

antigos donos da casa, pelas pessoas que moravam ali e o tratavam como ele queria. Lee

imaginou uma menina sardenta, mais ou menos da sua idade, de macacão e cabelos ruivos e

compridos, colocando uma tigela de leite para o gato preto e se sentando a uma distância segura,

para vê-lo comer, sem incomodá-lo. Talvez cantasse para ele. A ideia da mãe – de que o gato

havia deliberadamente decidido torturá-los com aquele miado incessante, só para ver até quando

aguentariam – lhe parecia pouco provável.

Decidiu que seria amigo do gato vira-lata e, uma noite, se sentou do lado de fora para esperá-

lo. Disse para a mãe que não queria jantar, que ainda estava cheio por causa da tigela de cereal

que tinha comido ao voltar da escola e perguntou se poderia ficar do lado de fora por um

tempo. Ela deixou que ele saísse, pelo menos até que seu pai chegasse, quando seria hora de

botar o pijama e ir dormir. Ele não mencionou que pretendia encontrar o gato e que estava

levando sardinhas para ele.

Escurecia rápido em meados de outubro. Não eram nem seis horas quando ele saiu, mas a

única luz que ainda restava no céu era uma linha rosa acima dos campos, na extremidade oposta

da estrada. Enquanto esperava, cantou para si mesmo uma música famosa que tocava no rádio o

tempo todo. “*Look at ‘em go-o-o”* , murmurava baixinho, “*look at ‘em ki-i-ick”* . Algumas estrelas

já tinham saído. Jogou a cabeça para trás e ficou surpreso ao ver que uma das estrelas se movia,

traçando uma linha reta pelo universo. Logo percebeu que devia ser um avião ou talvez um

satélite. Ou um óvni! Que ideia! Quando baixou os olhos, o gato estava lá.

O animal com um olho diferente do outro enfiou a cabeça por entre os talos baixos de milho,

olhando para Lee por um momento longo e silencioso, sem miar nem uma vez. Lee tirou a mão

do bolso do casaco, se movendo bem devagar, para não assustá-lo.

– Ei, amiguinhooo – disse, sustentando a última sílaba, como se cantasse. – Ei, amiguinhooo.

A lata de sardinhas fez um barulho agudo de metal estalando quando ele a abriu e o gato

desapareceu de novo no milharal; tinha ido embora.

– Ah, *não*, amigo – disse Lee, pulando para ficar de pé. Não era justo. Tinha planejado todo o

encontro, como atrairia o gato com uma música suave e amigável, depois lhe daria a lata de

sardinhas, sem tentar tocá-lo essa noite, apenas deixá-lo comer. E agora ele tinha ido embora,

sem nem ao menos dar uma chance a Lee.

O vento soprou e o milharal farfalhou de um jeito incômodo. Lee sentiu o frio penetrar seu

casaco. Ele estava lá, parado, frustrado demais para se mexer, fitando o milharal com o olhar

vazio. Então o gato apareceu de novo, pulando para a trave mais alta da cerca. Virou a cabeça

para olhar de volta para Lee com olhos brilhantes e fascinados.

Lee ficou aliviado por o gato não ter fugido sem nem olhar para trás, estava grato por ele ter

ficado por perto. Não fez nenhum movimento brusco. Rastejou em vez de andar e não falou

com o gato de novo. Pensou que, quando se aproximasse, o bicho iria correr para dentro do

milharal e desaparecer. Mas, em vez disso, quando Lee chegou à cerca, o gato deu alguns passos

em cima da trave, então parou e olhou para trás novamente, com um olhar esperançoso.

Esperando para ver se Lee o seguiria, o *convidando* a segui-lo. Lee escolheu um poste e subiu na

trave mais alta. A cerca balançou e ele pensou que, *agora*, o gato iria pular e fugir. Mas o gato

esperou a cerca parar de se mexer e então começou a se afastar, com a cauda levantada,

deixando à mostra sua bunda preta e suas grandes bolas.

Como um acrobata, Lee seguiu o gato, os braços abertos para os lados, para se equilibrar. Não

ousou se apressar, com medo de assustá-lo, mas manteve o passo regular. O gato se empertigava

preguiçosamente pelo caminho, levando Lee para cada vez mais longe de casa. O milho crescia

acima da cerca e as folhas duras e secas açoitavam e arranhavam seu braço. Ele passou maus

bocados quando uma das traves se agitou loucamente sob seus pés e ele teve que se agachar e

apoiar uma das mãos no poste para não cair. O gato esperou que ele se recuperasse, encolhendo-

se junto ao poste logo adiante. Ele não se mexeu nem quando Lee ficou de novo em pé e passou

pelo tronco oscilante para chegar até ele. Surpreendentemente, arqueou as costas, arrepiando os

pelos, e começou a ronronar de seu jeito tenso e enferrujado. Lee estava fora de si de tanta

excitação, por finalmente estar tão perto dele, perto o bastante para tocá-lo.

– Ei – disse num sopro.

O gato ronronou mais alto e arqueou mais as costas. Era impossível pensar que o

animal não

queria que Lee o tocasse.

Ele havia prometido a si mesmo que não tentaria encostar no gato, não essa noite, quando

estavam fazendo o primeiro contato, mas seria grosseiro rejeitar aquele pedido irrefutável de

afeto. Então se abaixou gentilmente para acariciá-lo.

– Ei, amiguinhooo – entoou baixinho.

O gato apertou os olhos, uma demonstração de puro prazer animal, então os abriu e

subitamente atacou com uma das patas.

Lee se levantou num pulo, a pata do gato cruzando o ar a não mais que alguns centímetros de

seu olho esquerdo. A cerca chacoalhou violentamente, as pernas de Lee ficaram bambas e ele

caiu de lado sobre o milharal.

Na maior parte do terreno, o topo da cerca ficava a mais ou menos 1,20m do chão, mas

naquela área havia um declive para a esquerda, de modo que ele caiu de uma altura de 1,80m. O

forcado caído sobre a plantação estava lá havia mais de uma década, esperando por Lee desde

antes de ele ter nascido, deitado sobre a terra com seus dentes curvos e enferrujados virados para

cima. Lee bateu com a cabeça.

CAPÍTULO 37

P**ouco depois ele se sentou.** O milharal sussurrava freneticamente, espalhando boatos falsos a

seu respeito. O gato tinha ido embora da cerca. Já era noite e, quando ele olhou para cima,

viu que as estrelas se moviam. Eram todas satélites agora, disparando em diferentes direções,

caindo de um lado para outro. A Lua estremeceu, caiu alguns centímetros e estremeceu de novo.

Como se as cortinas do céu corressem perigo de desabar, revelando um palco vazio atrás de si.

Lee esticou a mão e ajeitou a Lua, a colocando de volta no lugar certo. A Lua era tão fria em sua

mão que fez seus dedos ficarem dormentes, como se ele estivesse segurando um pedaço de gelo.

Ele teve que ficar muito alto para consertar a Lua e, enquanto estava lá em cima, deu uma

espiada em West Bucksport. Viu coisas que jamais poderia ver entre as espigas, viu as coisas

como Deus as via. Viu o carro de seu pai descendo a travessa Pickpocket e virando na entrada de

cascalho que levava até sua casa. Ele estava dirigindo com uma embalagem de seis garrafas de

cerveja no banco do carona e uma outra, gelada, entre as pernas. Se Lee quisesse, poderia ter

dado um peteleco no carro e o tirado da estrada, o fazendo rolar entre as sempre-vivas que

separavam a casa da estrada. Imaginou o carro virado de lado, as chamas subindo por baixo do

capô. Todos diriam que ele estava dirigindo completamente bêbado.

Sentiu-se tão desapegado daquele mundo ali embaixo quanto se sentiria diante de um trem

em miniatura. West Bucksport era simplesmente encantadora e preciosa, com suas arvorezinhas,

suas casinhas e pessoas de brinquedo. Se quisesse, poderia ter pegado sua casa e colocado do

outro lado da rua. Ou ter pisado sobre ela, a esmagando. Poderia varrer toda aquela merda com

um único golpe de seu braço.

Viu um movimento no milharal, uma sombra viva se esgueirando entre outras sombras, e

reconheceu o gato. Então soube que não tinha crescido tanto só para consertar a Lua. Ele

oferecera comida e carinho àquele vira-lata, que o enganara demonstrando afeição para de

repente atacá-lo, o derrubando da cerca. O gato poderia até tê-lo matado, por nenhuma outra

razão além de simplesmente ter sido criado para isso. Agora ele ia embora como se nada tivesse

acontecido e talvez para o gato nada tivesse acontecido, talvez já *tivesse* se esquecido de Lee, *e isso*

não iria ficar assim. Lee esticou seu enorme braço – era como estar no último andar da Torre

John Hancock, vendo toda a extensão do prédio de vidro até lá embaixo – e meteu seu dedo no

gato, o esmagando no solo. Por um único instante frenético, menos de um segundo, sentiu um

espasmo de vida pulsante sob a ponta do dedo, sentiu o gato tentando escapar, mas era tarde

demais, e ele o esmigalhou, sentindo o animal se espatifar como uma semente seca. Ele arrastou

o dedo para a frente e para trás, do mesmo jeito que vira seu pai apagar cigarros num cinzeiro.

Matou o gato com uma espécie de satisfação tranquila e submissa, se sentindo um tanto distante

de si mesmo, como ficava às vezes ao colorir.

Depois de algum tempo, levantou a mão e olhou para ela: havia uma linha de

sangue ao

longo de sua palma com um chumaço de pelos pretos grudados nela. Cheirou a mão, que tinha

a fragrância de porões mofados misturados com grama de verão. O cheiro o interessou, contava

uma história de ratos caçando no subterrâneo, procurando uma parceira para trepar entre ervas

mais altas.

Lee baixou a mão até o colo e ficou olhando para o gato, sem qualquer expressão. Estava

novamente sentado no milharal, embora não se lembrasse de ter se sentado, e tinha o mesmo

tamanho que sempre tivera, embora não se lembrasse de ter encolhido. O gato era uma massa

disforme. Sua cabeça estava virada para trás, como se alguém tivesse tentado desatarraxá-la

como uma lâmpada. O animal olhava para a noite, os olhos arregalados de surpresa. O crânio

estava quebrado e sem forma, os miolos saindo por uma orelha. O gato preto agourento estava

caído ao lado de um pedaço liso de ardósia, molhado de sangue. Lee tinha uma vaga sensação

de ardor no braço direito e, ao olhar, notou que seu punho e o antebraço tinham arranhões, três

linhas paralelas, como se ele houvesse se riscado com um garfo, cortando sua carne com os

dentes. Não entendia como o gato conseguira arranhá-lo quando estava tão mais alto, mas agora

se sentia cansado e sua cabeça doía, e depois de algum tempo desistiu de entender. Era muito

cansativo ser como Deus, grande o bastante para consertar as coisas que precisavam de conserto.

Fez um esforço para ficar de pé e, com as pernas fracas, começou a caminhar de volta para casa.

Sua mãe e seu pai estavam na sala brigando de novo. Ou, melhor dizendo, o pai estava

sentado com uma cerveja e a *Sports Illustrated* sem dizer nada, enquanto Kathy o pressionava,

tagarelando sem parar com sua voz baixa e estrangulada. Lee teve um pequeno flash da

compreensão absoluta que experimentara quando era grande o bastante para consertar a Lua,

então soube que seu pai não ia ao Winterhaus para beber, mas para ver uma garçonete, e que

eles tinham uma amizade especial. Não que seus pais alguma vez tivessem dito uma única

palavra sobre a garçonete; a mãe estava furiosa por causa da bagunça na garagem, por ele usar

botas na sala de estar, por causa do trabalho dela. Mas, de forma alguma, era por causa da

garçonete que eles estavam brigando. E Lee também soube que com o tempo – dentro de alguns

anos, talvez – seu pai iria embora e não o levaria com ele.

O fato de os dois brigarem não o incomodava. O que o incomodava era o rádio ao fundo,

emitindo um som dissonante: como panelas atiradas escada abaixo, enquanto alguém chiava e

esbravejava, como água fervendo numa chaleira. O som do rádio arranhava seus ouvidos e ele

cambaleava em sua direção para diminuir o volume quando reconheceu aquela canção: “The

Devil Inside”, o demônio interior. Não sabia por quê, mas sempre gostara dela. Nas semanas

seguintes, Lee descobriria que não podia suportar quase nenhuma música tocando ao fundo,

que as canções não faziam mais sentido para ele, eram só um monte de sons irritantes. Quando

o rádio estava ligado, ele saía da sala, preferindo a tranquilidade que combinava melhor com

seus pensamentos.

Sentiu-se meio tonto ao subir as escadas. Às vezes as paredes pareciam pulsar e ele tinha medo

de olhar para fora e ver a Lua estremecendo no céu novamente, pois dessa vez não poderia

consertá-la. Achou que seria melhor se deitar antes que ela caísse. Disse boa-noite da escada. A

mãe não ouviu. O pai não se importou.

Quando Lee acordou na manhã seguinte, o travesseiro estava cheio de manchas secas de

sangue. Ele o observou sem medo. O cheiro, um odor de moedas velhas de cobre, era

particularmente interessante.

Minutos mais tarde, estava no chuveiro e por acaso olhou para baixo, entre os pés. Um fio

fino, marrom-avermelhado, seguia a corrente e girava ralo abaixo, como se houvesse ferrugem na

água. Mas não era ferrugem. Distraidamente, levou uma das mãos até a cabeça, imaginando se

teria se machucado ao cair da cerca na noite anterior. Os dedos apertaram um ponto sensível do

lado direito de seu crânio. Tocou o que parecia ser uma pequena depressão, e por um momento

foi como se alguém tivesse deixado cair um secador de cabelo dentro do chuveiro, um choque

intenso fez o mundo piscar por um instante, se tornando o negativo de uma fotografia. Quando

a sensação de choque passou, ele olhou para as mãos e viu sangue nos dedos.

Ele não contou à mãe que tinha machucado a cabeça – não parecia importante – nem

explicou o sangue no travesseiro, embora ela tenha ficado horrorizada ao ver a sujeira.

– Olhe só para isso – disse. – Esse já era! – Estava de pé no meio da cozinha, com o travesseiro

ensanguentado nas mãos.

– Jogue isso fora! – disse o pai de Lee, sentando-se à mesa da cozinha, a cabeça

apoiada entre

as mãos enquanto lia o caderno de esportes. Ele estava pálido, com a barba por fazer e um

aspecto doentio, mas ainda assim tinha um sorriso pronto para seu garoto. – O menino tem

uma hemorragia nasal e você age como se ele tivesse matado alguém. Ele não matou ninguém. –

O pai piscou para Lee.

– Pelo menos não por enquanto.

CAPÍTULO 38

L**ee tinha um sorriso pronto para** Merrin quando ela abriu a porta, mas ela não o apreciou, na

verdade, mal olhou para ele.

– Falei pro Ig que tinha de vir a Boston hoje para o deputado e ele disse que, se eu não levasse

você pra jantar em algum lugar legal, não seria mais meu amigo – disse Lee.

Duas moças estavam sentadas no sofá vendo televisão, o volume bem alto, assistindo a uma

reprise de *Tudo em família*. Amontoadas entre as duas e também aos seus pés havia pilhas de

caixas de papelão. Japas, como a garota que morava com Merrin e que estava sentada no braço

de uma cadeira, gritando alegremente ao celular. Lee não gostava muito de asiáticos em geral,

criaturas que viviam em bandos e com fixação por celulares e câmeras, embora gostasse do estilo

“colegial asiática”, com sapatos pretos de fivela, meias até os joelhos e saias de pregas. A porta do

quarto da amiga de Merrin estava aberta, e lá dentro havia mais caixas de papelão empilhadas

sobre um colchão sem lençol.

Merrin observava a cena com uma espécie de dúvida sem esperança, depois se virou para Lee.

Se soubesse que ia encontrá-la desmazelada, sem maquiagem, o cabelo sujo, de calça de moletom

larga, não teria ido visitá-la. Era totalmente fora de mão. Já estava arrependido. Então se deu

conta de que ainda estava sorrindo e se obrigou a parar, procurando a coisa certa a dizer.

– Meu Deus, você ainda está doente? – perguntou.

Ela fez que sim com a cabeça, meio distraída, e disse:

– Quer ir até o terraço? É menos barulhento.

Ele a seguiu escada acima. Não parecia que sairiam para jantar, mas ela pegou duas

Heinekens na geladeira, o que era melhor do que nada.

Já eram quase oito horas, mas ainda não estava escuro. Os skatistas estavam lá embaixo na rua

de novo, os skates batendo no asfalto. Lee caminhou até a beira do terraço para olhar para eles.

Dois tinham cabelo moicano e usavam gravatas e camisas de botão fechadas só no colarinho. Lee

nunca se interessara por skate, a não ser pelo visual, porque você acabava sendo

meio alternativo

com o skate debaixo do braço, um pouco perigoso, mas também atlético. No entanto, ele não

gostava de cair. Só de pensar nisso, um lado de sua cabeça ficava frio e amortecido.

Merrin tocou a parte de baixo de suas costas e por um momento ele achou que ela fosse

empurrá-lo do alto do terraço e já estava pronto para se virar e agarrá-la pela garganta pálida, a

puxando consigo. Ela deve ter percebido o susto no rosto dele porque, pela primeira vez naquela

noite, sorriu, lhe oferecendo uma das Heinekens. Ele agradeceu com um aceno, a pegou e

segurou com uma das mãos, enquanto acendia o cigarro com a outra.

Ela se sentou no condensador do ar-condicionado com sua própria cerveja, sem beber, só

girando e girando o gargalo gelado entre os dedos. Seus pés estavam nus. Seus pezinhos rosados

eram bonitinhos de qualquer jeito. Olhando para eles, era fácil imaginá-la colocando um pé

entre as pernas dele, os dedos massageando suavemente sua virilha.

– Acho que vou seguir o seu conselho – disse ela.

– Votar nos republicanos? Finalmente algum progresso.

Ela voltou a sorrir, mas era um sorriso tristonho e pálido. Olhando para o lado, disse:

– Vou dizer ao Ig que, quando ele for pra Inglaterra, vou querer dar um tempo.

Como uma

separação experimental, só pra podermos sair com outras pessoas.

Lee teve a impressão de ter tropeçado em alguma coisa, embora estivesse parado.

– Quando você está pensando em jogar essa bomba em cima dele?

– Quando ele voltar de Nova York. Não quero dizer pelo telefone. Você não pode falar nada,

Lee. Nem uma palavra.

– Não vou dizer nada. – Ele ficou excitado, mas sabia que era importante não demonstrar. –

Você vai sugerir que ele saia com outras garotas?

Ela concordou com a cabeça.

– E… você também?

– Vou dizer que quero me relacionar com outra pessoa. E mais nada. Vou propor que

qualquer coisa que aconteça enquanto ele estiver fora não conte. Não vou querer saber com

quem ele está saindo e também não vou contar sobre meus casos. Acho que isso… isso vai tornar

tudo mais fácil. – Então ela levantou os olhos; seu olhar parecia divertido e triste. O vento tocou

seus cabelos e fez coisas bonitas com eles. Ela pareceu menos doente e pálida sob o céu violeta do

final do dia. – Sabe, já me sinto culpada.

– Mas não precisa. Olha, se vocês realmente se amam, daqui a seis meses terão

certeza

absoluta disso e vão querer ficar juntos de novo.

Ela balançou a cabeça e disse:

– Não… acho que não vai ser temporário. *Descobri algumas coisas sobre mim neste verão,* e sei

que algumas mudaram a forma como vejo meu relacionamento com Ig. Sei que não posso me

casar com ele. Depois dessa temporada na Inglaterra, quando ele vai ter tempo pra conhecer

outra pessoa, vou terminar tudo de vez.

– Meu Deus – disse Lee baixinho, repetindo em sua cabeça: *Descobri algumas coisas sobre mim*

neste verão. Lembrando-se do que tinha acontecido entre eles na cozinha, suas pernas entre as

dela, sua mão sobre a curva lisa do quadril dela, Merrin respirando rápida e suavemente em seu

ouvido. – Mas há apenas duas semanas você estava me dizendo os nomes que tinham escolhido

para as crianças.

– É. Mas, quando você sabe de uma coisa, não tem jeito. E sei que nunca vou ter filhos com

ele. – Ela parecia calma, um pouco mais relaxada. – É agora que você entra em cena pra

defender seu melhor amigo e me convencer do contrário. Você está zangado comigo?

– Não.

– Mas está pensando horrores de mim?

– Isso eu pensaria se você fingisse que ainda quer estar com Ig mesmo sabendo, no fundo do

coração, que não há futuro pra vocês dois.

– É isso. É exatamente isso. Quero que Ig tenha outros relacionamentos, que fique com outras

garotas, que seja feliz. Se eu souber que ele está feliz, vai ser muito mais fácil seguir em frente.

– Mesmo assim. Meu Deus. Vocês estão juntos há séculos. – A mão dele quase tremeu quando

tirou um segundo cigarro do maço. Em uma semana Ig teria partido e ela estaria sozinha e não

ia contar para ele com quem estava transando.

Ela esticou o pescoço para o maço de cigarros.

– Me dá um?

– Sério? Pensei que você queria que eu parasse.

– *Ig* queria que você parasse. Sempre tive curiosidade, mas, você sabe. Achava que Ig não ia

gostar. Acho que agora posso experimentar. – Ela esfregou as mãos nos joelhos e perguntou: – E

aí? Vai me ensinar a fumar esta noite, Lee?

– Claro.

Na rua, um skate bateu e se quebrou, e a turma gritou num misto de admiração e

desapontamento quando um dos skatistas caiu. Ela olhou por cima da beirada do terraço.

– Também quero aprender a andar de skate – disse.

– É esporte de retardado – disse Lee. – A melhor maneira de quebrar qualquer coisa. O

pescoço, por exemplo.

– Não estou nem aí pro meu pescoço – disse ela, depois se virou, ficou na ponta dos pés e

beijou o canto de sua boca. – Obrigada. Por conversar, por me ajudar a passar por essas coisas.

Fico devendo, Lee.

Sua camisa regata ficou grudada em seus seios, seus mamilos estavam rígidos por causa do

frescor do ar noturno, marcando o tecido. Ele pensou em levantar as mãos e segurar os quadris

dela, imaginando se poderiam dar uns amassos já esta noite. No entanto, antes que tentasse

tocá-la, a porta do terraço foi escancarada com um estrondo. Era a amiga de Merrin, mascando

chiclete e olhando para eles desconfiada.

– Merrin, seu namorado no telefone. Parece que ele e seus amigos da Anistia Internacional

treparam no chuveiro, só pra ver como era. Ele está excitadíssimo, louco pra te contar os

detalhes. Parece que ele se saiu muito bem. Estou interrompendo alguma coisa?

– Não – disse Merrin e, se virando para Lee, sussurrou: – Ela acha que você é um cara mau. É

claro que é. Tenho que ir falar com Ig. Podemos deixar o jantar pra outro dia?

– Quando falar com ele, você vai dizer alguma coisa sobre… *nós*, sobre o que estivemos

conversando?…

– Claro que não. Eu sei guardar segredo, Lee.

– Está certo – disse ele com a boca seca de tanto tesão.

– Posso ficar com essa guimba? – perguntou a japa lésbica e gorda, se aproximando deles.

– Claro – disse Lee.

Merrin balançou a mão num aceno, cruzou o terraço e foi embora.

Lee puxou um cigarro do maço de Winston para a japa e o acendeu.

– Então você vai para San Diego?

– Isso – disse a garota. — Vou morar com uma amiga do ensino médio. Vai ser o máximo. Ela

tem um Wii e tudo.

– Sua amiga também brinca de ligar os pontos ou agora você vai ter que lavar sua própria

roupa?

A garota espremeu ainda mais os olhos para ele, depois agitou sua mão gorducha, afastando a

fumaça entre ambos:

– Do que você está falando? – perguntou.

– Você sabe. Aquele jogo em que se faz uma grade de pontos e depois tem que ligá-los pra

formar quadrados. Você e Merrin não jogam isso pra ver quem vai lavar a roupa?

– Jogamos?

CAPÍTULO 39

E**le procurou por ela, seu olho bom** correndo de um lado para outro do estacionamento, que

estava iluminado pelo brilho estranho e infernal do letreiro de néon vermelho do Pit, mais

alto do que qualquer outra coisa, de modo que até a chuva caía avermelhada. E de repente lá

estava ela, do lado de fora, debaixo de uma árvore, na chuva.

– Lee, olhe, bem ali – disse Terry, mas Lee já estava dirigindo até lá.

Ela lhe dissera que talvez fosse precisar de uma carona para casa se Ig ficasse muito zangado

depois da “grande conversa”. Lee prometera passar de carro para ver se estava tudo bem e,

embora Merrin tivesse dito que não era necessário, sorria e parecia grata, então ele soube que, na

verdade, queria que ele fizesse isso. O problema com Merrin é que nem sempre ela queria dizer o

que de fato dizia. Na verdade, suas palavras muitas vezes eram completamente contrárias às suas

intenções.

Quando Lee a viu, com a blusa ensopada e a saia grudando nas pernas, os olhos vermelhos de

tanto chorar, sentiu suas entranhas se contraírem de tanta excitação, pensando que ela estava lá

fora esperando por ele, querendo ficar com ele. A conversa tinha ido mal, Ig

dissera coisas

horríveis e, por fim, a abandonara. E agora não havia mais motivos para que esperassem. Ele

acreditou que haveria grandes chances de ela concordar quando ele a convidasse a ir para sua

casa; que ela diria sim, com voz suave e submissa. Quando ele diminuiu a velocidade, Merrin o

viu e levantou a mão, já se aproxmando do carro. Lee lamentou não ter levado Terry para casa

antes de ir até lá. Queria estar a sós com ela. Pensou que, se estivessem apenas os dois no carro,

ela poderia se inclinar na direção dele, com suas roupas molhadas, em busca de calor e conforto,

e ele poderia passar o braço pelos ombros dela, talvez conseguir botar a mão dentro de sua blusa.

Lee queria que ela ficasse no banco da frente e virou a cabeça para dizer a Terry que passasse

para trás, mas ele já havia se levantado e pulava por cima do banco. Terry Perrish estava

chapado, tinha fumado metade do México nas últimas duas horas e se movia com a graça de um

elefante sob o efeito de sedativos. Lee esticou o braço para abrir a porta do carro para ela e, ao

fazer isso, deu uma cotovelada na bunda de Terry, para apressá-lo. Lee ouviu um baque baixo e

metálico, Terry havia caído e batido com a cabeça na caixa de ferramentas aberta no chão.

Ela entrou, tirando do rosto os fios de cabelo molhados. Seu pequeno rosto, com queixo

pontudo – ainda um rosto de menina –, estava molhado, branco e parecia frio, e Lee foi tomado

por uma necessidade de tocá-la, de acariciar delicadamente sua face. A blusa estava encharcada,

deixando à mostra seu sutiã estampado com pequenas rosas. Antes que se desse conta, ele estava

esticando o braço para tocá-la. Mas então seus olhos se moveram e ele viu o baseado de Terry

sobre o banco, grosso e comprido como um quiabo, e deixou a mão cair sobre ele, o jogando no

chão antes que ela visse.

Em vez disso, foi *ela* quem *o* tocou, pousando os dedos gelados de leve no punho dele. Ele se

arrepiou.

– Obrigada por vir me pegar – disse ela. – Você acabou de salvar a minha vida.

– Cadê o Ig? – perguntou Terry com uma voz grossa e estúpida, quebrando o clima. Lee olhou

para ele pelo retrovisor. Terry estava debruçado para a frente, os olhos desfocados, uma das

mãos pressionada contra a testa.

Merrin comprimiu o estômago, como se o simples fato de pensar em Ig lhe causasse dor.

– Eu… não sei. Foi embora.

– Você falou com ele? – perguntou Lee.

Merrin virou a cabeça para olhar para o Pit, mas Lee podia ver o seu reflexo no vidro, seu

queixo tremendo, num esforço para não chorar. Ela tremia descontroladamente, com os joelhos

quase batendo um no outro.

– Como ele reagiu? – perguntou Lee, sem conseguir evitar.

Ela balançou a cabeça num movimento rápido e perguntou:

– Podemos só ir embora?

Lee concordou com a cabeça e pegou a estrada, virando o carro para a direção de onde

tinham vindo. Viu o resto da noite como uma série de etapas ordenadas: deixar Terry em casa,

levá-la para casa consigo sem discussão, dizer que ela precisava tirar aquelas roupas molhadas e

tomar um banho, com a mesma voz calma e decidida com que ela o mandara para o chuveiro na

manhã em que sua mãe morrera. Só que, quando levasse um drinque para ela, afastaria

delicadamente a cortina para vê-la debaixo da ducha e já estaria despido.

– Merrin, você quer a minha jaqueta?

Pelo retrovisor, Lee lançou um olhar irritado para Terry. Tinha estado tão ocupado pensando

em Merrin no chuveiro que se esquecera de que o outro estava ali. Sentiu uma leve carga de ódio

pelo tranquilo, engraçado, famoso, bonito e basicamente idiota Terry, que usara um mínimo de

talento, contatos da família e um sobrenome famoso para ficar rico e conquistar a melhor boceta

do país. Fazia sentido tentar tirar proveito de Terry, quem sabe ele não emprestaria um pouco da

sua fama ao deputado, ou pelo menos doaria algum dinheiro; mas, para dizer a verdade, Lee

nunca tinha gostado muito dele, um falastrão que gostava de chamar atenção e tentara humilhar

Lee na frente de Glenna Nicholson no dia em que se conheceram. Ele sentiu nojo ao ver aquele

seboso de merda jogar charme para a namorada do próprio irmão nem 10 minutos depois de

eles terem terminado, como se tivesse sido designado para isso, como se fosse um direito seu. Lee

estendeu a mão para o ar-condicionado, irritado por não ter pensado em desligá-lo antes.

– Tudo bem – disse Merrin, mas Terry já estendia a jaqueta para ela. – Obrigada, Terry. – Seu

tom era tão insinuante e carente que Lee teve vontade de lhe dar um tapa. Merrin tinha suas

qualidades, mas no fundo era uma mulher como todas as outras, ficava excitada e submissa

diante de status e dinheiro. Era só tirar a grana e o sobrenome que Lee duvidava que ela teria

olhado para o lamentável Ig Perrish duas vezes. – Você deve pensar…

– Não estou pensando nada. Relaxa.

– Ig…

– Tenho certeza de que Ig está bem. Não se preocupe.

Ela ainda estava tremendo muito – na verdade, o modo como seus seios vibravam era um

tanto excitante –, mas se virou e esticou a mão para o banco de trás.

– Você está bem? – Quando retirou a mão, Lee viu que havia sangue nas pontas de seus

dedos. – Você precisa fazer um curativo.

– Estou ótimo. Não se preocupe – disse Terry, e dessa vez Lee teve vontade de dar um tapa

nele. Até pisou mais fundo no acelerador, com pressa de atirar Terry em casa, tirá-lo de cena o

mais rápido possível.

O Cadillac subia e descia, disparando pela estrada molhada e derrapando nas curvas. Merrin

se encolheu debaixo da coberta feita pela jaqueta de Terry, ainda tremendo violentamente, seus

olhos brilhantes e tristes espiando para fora do ninho embaraçado de seus cabelos, uma

confusão de palha vermelha molhada. De repente ela se sentou e apoiou uma das mãos no

painel, o braço esticado e rígido, como se eles estivessem prestes a ser lançados para fora da

estrada.

– Merrin, você está bem?

Ela balançou a cabeça.

– Não… estou. Eu… Lee, para o carro, por favor. Para aqui. – Sua voz estava estrangulada de

tensão.

Quando voltou a olhar para ela, viu que iria vomitar. A noite se contraía em volta dele, já

saindo do controle. Ela ia vomitar no Cadillac, um pensamento que sinceramente o aterrorizava.

A coisa de que mais gostava a respeito da doença e subsequente morte da mãe era que isso fazia

dele o único dono do Cadillac e, se Merrin vomitasse ali dentro, ficaria muito puto. É impossível

se livrar do cheiro, não importa o que você faça.

Ele viu a entrada que levava à velha fundição se aproximando à direita e, subitamente, saiu da

estrada para virar ali, ainda depressa demais. O pneu dianteiro da direita resvalou para a terra

no acostamento, jogando a traseira do carro para fora; não era algo muito bom de se fazer

quando se tinha uma garota passando mal no banco do carona. Ainda desacelerando, ajeitou o

Cadillac sobre os sulcos de cascalho, os galhos açoitando as laterais do carro e pedrinhas batendo

contra a lataria. Uma corrente esticada através da estrada apareceu na frente dos faróis,

crescendo rapidamente na direção deles, e Lee continuou pisando no freio, numa

desaceleração

constante. Por fim o carro guinchou e parou suavemente, o para-choque bem junto à corrente.

Merrin abriu a porta e emitiu um som furioso de ânsia de vômito, quase como uma tosse

produtiva. Lee botou o carro em ponto morto precipitadamente. Ele mesmo se sentia um pouco

trêmulo, irritado, e fez um esforço para recuperar a calma. Se ainda ia levá-la para o chuveiro

naquela noite, era preciso fazer uma coisa de cada vez, a conduzindo. Ele podia fazer isso, podia

guiá-la para onde eles já estavam se dirigindo de um jeito ou de outro, mas tinha que recobrar o

controle de si mesmo e daquela noite que desandava. Ainda não havia acontecido nada que ele

não pudesse consertar.

Ele saltou e deu a volta no carro, a chuva caindo à sua volta, molhando as costas e os ombros

de sua camisa. Merrin estava com os pés no chão e a cabeça entre os joelhos. A tempestade já

estava estiando e agora apenas gotejava calmamente das folhas sobre a estrada de terra.

– Você está bem? – perguntou ele. Ela fez que sim com a cabeça. Ele continuou: – Vamos levar

Terry pra casa dele e depois iremos pra minha, pra você me contar tudo o que aconteceu. Vou

preparar um drinque e você vai poder desabafar. Isso vai fazer você se sentir melhor.

– Não, obrigada. Eu agora só quero ficar sozinha. Preciso pensar um pouco.

– Você não vai querer ficar sozinha esta noite. No seu estado, seria a pior coisa. Aliás, você *tem*

que ir até a minha casa. Consertei seu crucifixo. Quero colocá-lo em você.

– Não, Lee. Só quero ir pra casa, vestir umas roupas secas e ficar sozinha.

Ele sentiu outro golpe de irritação – era a cara dela achar que podia enrolá-lo para sempre,

esperar que ele a buscasse no Pit e obedientemente a levasse aonde ela queria ir, sem receber nada

em troca –, mas então afastou esse sentimento. Olhou para ela, a saia e a blusa encharcadas,

tremendo, depois foi até a mala do carro. Pegou sua bolsa de ginástica e a levou para ela.

– Tenho roupas de ginástica. Camisa. Calça. Estão secas e quentes, e sem vômito.

Ela hesitou, depois pegou a alça da bolsa e saiu do carro.

– Obrigada, Lee – disse, sem levantar os olhos para ele.

Ele não largou a bolsa, a segurou por um momento e, com isso, segurou *Merrin*, impedindo

que ela se afastasse noite adentro para se trocar.

– Você tinha que fazer isso. Era loucura pensar que você poderia… *que vocês dois poderiam.…*

– Só quero trocar de roupa, o.k.? – disse ela, e puxou a bolsa da mão dele.

Merrin se virou e se afastou, decidida, a saia justa grudada nas coxas. Passou pelos faróis e sua

blusa ficou transparente como papel vegetal. Ela pulou a corrente e seguiu pela estrada, para a

escuridão. Porém, antes de desaparecer, se virou, olhou Lee, franzindo a testa, uma sobrancelha

levantada como se fizesse uma pergunta – ou um convite. *Siga-me*. E se foi.

Lee acendeu um cigarrro e fumou, parado ao lado do carro, refletindo se seria uma boa ir

atrás dela, sem ter certeza de que queria entrar na mata com Terry olhando. Mas, depois de um

ou dois minutos, deu uma olhada para dentro do carro e viu que Terry havia se esticado no

banco de trás, com um braço cobrindo os olhos. Ele tinha batido a cabeça com força e havia um

arranhão avermelhado na têmpora direita, mas já estava fora do ar bem antes disso. Era

estranho estar ali na fundição, onde se encontrara com Terry Perrish pela primeira vez, no dia

em que este e Eric Hannity haviam explodido um imenso peru congelado. Lee se lembrou do

baseado de Terry e apalpou o bolso. Talvez uns dois tapas acalmassem o estômago de Merrin e a

deixassem menos nervosa.

Lee observou Terry por mais um instante e, como ele não se mexeu, jogou a guimba de seu

cigarro na grama molhada e foi atrás de Merrin pela estrada. Seguiu os sulcos no cascalho por

uma leve curva que subia um morro e lá estava a fundição, emoldurada por um céu de nuvens

negras. Com suas chaminés altíssimas, parecia uma fábrica construída para a produção em

massa de pesadelos. A grama molhada brilhava e balançava ao vento. Pensou que talvez ela

tivesse subido até as ruínas de tijolos escuros e sombras, e estivesse se trocando ali, mas depois a

ouviu sibilando para ele, do lado esquerdo.

– Lee – chamou, e ele a viu alguns metros fora da estrada.

Estava debaixo de uma velha árvore, a casca se abrindo para deixar à mostra a madeira morta,

branca, leprosa. Tinha vestido sua calça de moletom cinza, mas agarrava a jaqueta de Terry

contra seu peito magro e nu. A visão era um choque erótico, como a fantasia de uma punheta

preguiçosa no meio da tarde: Merrin com seus ombros pálidos, braços finos e olhos torturados,

seminua e tremendo na mata, sozinha e à espera dele.

A bolsa de ginástica estava a seus pés, as roupas molhadas dobradas e colocadas a um lado, os

sapatos de salto cuidadosamente arrumados sobre elas. Havia algo enfiado dentro de um sapato

– parecia uma gravata de homem, dobrada várias vezes. Como ela gostava de

dobrar as coisas!

Lee às vezes tinha a sensação de que havia anos que ela o vinha dobrando em pedaços cada vez

menores.

– Não tem nenhuma camisa na sua bolsa – disse ela. – Só calças.

– É mesmo, esqueci – respondeu ele, caminhando na direção dela.

– Que merda. Me dá a sua camisa – pediu ela.

– Você quer que eu tire a roupa?

Ela tentou sorrir, mas soltou um suspirou curto e impaciente.

– Lee… desculpa, mas eu… não estou no clima.

– Não. Claro que não. Você precisa de um drinque e de alguém com quem conversar. Olha,

eu tenho maconha, se você realmente quiser relaxar. – Mostrou o baseado e sorriu, pois achou

que ela precisava de um sorriso naquele momento. – Vamos pra minha casa. Se não estiver a fim

esta noite, fica pra outra hora.

– Do que você está falando? – perguntou ela, a testa tão franzida que as sobrancelhas estavam

unidas. – Eu quis dizer que não estou no clima para piadinhas. O que você quis dizer com eu

não estar “a fim”?

Ele se inclinou e a beijou. Os lábios dela estavam molhados e frios.

Ela estremeceu e deu um passo assustado para trás. A jaqueta escorregou, ela a

agarrou e

segurou de volta no lugar, mantendo-a entre eles.

– O que você está fazendo?

– Só quero que você se sinta melhor. Se está sofrendo, parte da culpa é minha.

– Você não tem culpa nenhuma – disse ela, o encarando com os olhos arregalados e

espantados, uma terrível espécie de compreensão surgindo em seu rosto. Tão parecido com o

rosto de uma menina. Era fácil olhar para ela e imaginar que não tinha 24 anos, mas só 16,

ainda virgem. – Não terminei com Ig por sua causa. Não tem nada a ver com você.

– A não ser pelo fato de que agora podemos ficar juntos. Não era esse o motivo pra tudo isso?

Ela deu mais um passo hesitante para trás, o rosto se tornando incrédulo, a boca se abrindo

como se fosse gritar. A ideia de que ela estivesse prestes a berrar o assustou e ele teve um impulso

de dar um passo à frente e cobrir sua boca com a mão. Mas ela não gritou. Ela riu – uma risada

tensa e cética. Lee fez uma careta; por um momento era como se sua mãe doente estivesse rindo

dele: *Você devia pedir seu dinheiro de volta.*

– Puta merda! Puta que o pariu! Lee, esse realmente não é um bom momento pra esse tipo de

brincadeira.

– Concordo.

Ela ficou olhando para ele. O sorriso enjoado e confuso foi sumindo de seu rosto e seu lábio

superior se retraiu numa expressão de repulsa. Uma terrível repulsa.

– Foi isso que você achou? Que eu terminei com ele… pra poder trepar com *você*? Você é

amigo dele. *Meu* amigo. Será que você não entende nada?

Ele deu um passo na direção dela, estendeu as mãos para tocar seus ombros, mas ela o

empurrou. Ele não estava esperando, e seus calcanhares se prenderam numa raiz, o fazendo cair

de bunda na terra molhada e dura.

Lee olhou para ela e sentiu algo crescer dentro dele, uma espécie de rugido tempestuoso, um

metrô se aproximando pelo túnel. Ele não a odiou pelas coisas que estava dizendo, embora já

fossem suficientemente ruins, o fazendo de bobo durante meses – anos, na verdade – para

depois o ridicularizar por desejá-la. O que ele mais odiava era a expressão de seu rosto. Aquele

olhar de repugnância, os dentinhos afiados aparecendo por baixo do lábio contraído.

– Do que estávamos falando, então? – perguntou Lee, paciente, ridículo, caído no chão. – O

que estivemos discutindo durante o último mês inteiro? Achei que você quisesse trepar com

outras pessoas. Pensei que tinha descoberto coisas sobre si mesma e sobre como se sente que

precisava enfrentar. Coisas a meu respeito.

– Meu Deus – disse ela. – Caralho, Lee.

– Dizendo pra eu me encontrar com você pra jantar. Mandando mensagens sobre uma loura

mítica que nem existe. Telefonando o tempo todo pra saber onde eu estava e o que estava

fazendo. – Ele esticou a mão e a pousou sobre a pilha de roupas dela. Estava se preparando para

levantar.

– Eu estava preocupada com você, seu merda. Sua *mãe* acabou de morrer.

– Você acha que eu sou idiota? Você ficou se jogando pra cima de mim na manhã em que ela

morreu, se esfregando na minha perna com o corpo dela no quarto ao lado.

– Eu *o quê*? – A voz dela ficou mais alta, aguda e sibilante. Ela estava fazendo muito barulho,

Terry poderia ouvir. Poderia se perguntar por que eles estariam brigando. A mão de Lee se

fechou em torno da gravata enfiada no sapato dela, a agarrando enquanto se punha de pé.

Merrin continuou: – Está falando daquele dia quando você estava de porre, eu te dei um abraço

e você aproveitou pra tirar um sarro? Deixei passar porque você estava na merda, Lee, e foi só

isso que aconteceu. *Só isso!* – Ela estava começando a chorar de novo. Cobriu os

olhos com uma

das mãos, o queixo tremendo. Com a outra mão continuava segurando a jaqueta de Terry. –

Mas que merda. Como você pôde pensar que eu ia terminar com Ig só pra trepar com você? Eu

prefiro morrer, Lee. *Morrer.* Sabia?

– Agora eu sei, sua puta – disse ele. Jogou a jaqueta no chão depois de arrancá-la da mão dela

e então passou o laço da gravata em volta da garganta de Merrin.

CAPÍTULO 40

D**epois de bater nela com a pedra,** Merrin parou de tentar se livrar dele, que finalmente pôde

fazer o que queria e afrouxou o aperto da gravata em sua garganta. Ela virou o rosto para o

lado, os olhos reviraram nas órbitas, as pálpebras tremeram de um jeito estranho. Um fio de

sangue escorreu da raiz de seus cabelos pelo seu rosto sujo.

Lee achou que Merrin estava completamente fora de si, tonta demais para fazer qualquer coisa

além de suportar enquanto ele fodia com ela, mas então ela falou, com uma voz distante e

estranha:

– Tudo bem.

– É? – ele perguntou, enfiando com mais força, porque era o único jeito de manter o pau

duro. Não estava sendo tão bom quanto ele tinha imaginado que seria. Ela estava seca. – Você

está gostando?

Mas ele tinha entendido tudo errado outra vez. Ela não estava falando do que sentia.

– Escapei – disse ela.

Lee a ignorou e continuou a trabalhar entre suas pernas.

Sua cabeça se virou um pouquinho e ela olhou para cima, para a enorme copa da árvore sobre

eles.

– Subi na árvore e fugi – disse ela. – Finalmente encontrei o caminho de volta, Ig. Estou bem.

Estou num lugar seguro.

Lee deu uma olhada para os galhos e folhas ondulantes, mas não havia nada lá em cima. Não

fazia ideia do que ela falava ou para onde estava olhando, e nem quis perguntar. Quando voltou

a olhar para seu rosto, alguma coisa tinha fugido dos seus olhos e ela não disse mais nenhuma

palavra, o que era bom, porque ele já estava de saco cheio daquela lenga-lenga.

EVANGELHO SEGUNDO

MICK E KEITH

CAPÍTULO 41

A**inda era muito cedo quando Ig** pegou seu tridente na fundição e voltou, ainda nu, para o

rio. Enfiou-se na água até os joelhos e ficou parado, enquanto o sol se levantava num céu

sem nuvens, a luz morna em seus ombros.

Não sabia quanto tempo havia se passado até que viu uma truta marrom, a cerca de um

metro de sua perna esquerda. Ela boiava sobre o leito de areia, agitando o rabo para lá e para cá,

olhando de um jeito estúpido para os pés de Ig. Como um Poséidon, ele levantou seu tridente,

ajeitou o cabo na mão e arremessou. Acertou o peixe de primeira, como se pescasse assim há

anos, como se tivesse arremessado um tridente mil vezes. Não era muito diferente do dardo, que

ele ensinara no Acampamento Galileia.

Na beira do rio, Ig cozinhou o peixe com seu bafo, extraindo de seus pulmões um jato de

calor sufocante, forte o bastante para agitar o ar e enegrecer o peixe que se debatia, forte o

bastante para assar seus olhos até ficarem da cor de gemas cozidas. Ainda não conseguia soprar

fogo, como um dragão, mas achava que em breve chegaria lá.

Era fácil produzir o calor. Tudo o que tinha de fazer era se concentrar em algum ódio

prazeroso. Em geral se concentrava no que tinha visto na cabeça de Lee – ele cozinhando sua

mãe no fogo brando no leito de morte, apertando a gravata na garganta de Merrin

para impedi-

la de gritar. Agora as lembranças de Lee enchiam a cabeça de Ig e eram como ácido de bateria,

uma amargura tóxica e inflamável, que precisava ser cuspida.

Depois de comer, voltou ao rio para se limpar, tirar a gordura da truta, enquanto cobras-

d'água deslizavam em volta de seus tornozelos… Ele mergulhou e voltou à superfície, a água fria

escorrendo pelo rosto. Passou as costas da mão magra e vermelha sobre os olhos, para limpá-los,

piscou e olhou para seu reflexo no rio. Talvez fosse uma ilusão provocada pelo movimento da

água, mas seus chifres pareciam maiores, mais grossos na base, as pontas começando a se curvar

para dentro, como se fossem se juntar acima do crânio. Sua pele torrara, assumindo um tom de

vermelho profundo e muito escuro. Seu corpo estava sem formas e flexível como o de uma foca,

o crânio liso como uma bola de bilhar. Inexplicavelmente, apenas seu cavanhaque sedoso não

tinha sido queimado.

Ele virou a cabeça de um lado para o outro, observando o perfil. Achou que era a própria

imagem de Asmodeus: romântico e selvagem.

Seu reflexo virou a cabeça e o fitou com malícia.

– *Por que está pescando aqui?* – perguntou o diabo na água. – *Você não é um*

pescador de

homens?

– Daquele tipo que solta os peixes? – perguntou Ig.

O reflexo se contorcia de tanto rir, o grito nojento e convulsivo de um corvo, tão

surpreendente quanto o estouro de fogos de artifício. Ig levantou a cabeça e viu que de fato era

só o som de um corvo levantando voo da rocha Coffin e dando um rasante sobre o rio. Ig

brincou com os cachinhos de seu queixo, seu pequeno cavanhaque de conspirador, ouvindo a

mata, o silêncio ecoante, e finalmente tomou consciência de outro som, vozes correndo rio

acima. Após algum tempo soou ao longe o silvo breve e distante de uma sirene da polícia, longe,

muito longe.

Ig tornou a subir o morro para se vestir. Tudo o que tinha levado consigo para a fundição

havia se queimado no Gremlin. Mas se lembrou das roupas velhas e mofadas penduradas nos

galhos do carvalho no topo da trilha Evel Knievel: um sobretudo preto manchado com o forro

rasgado, uma meia preta e uma saia de renda azul que lembrava o figurino de um videoclipe da

Madonna nos anos 1980. Ig puxou as roupas sujas dos galhos. Enfiou a saia até os quadris,

lembrando-se da regra em Deuteronômio 22:5, que o homem não usaria roupas

de mulher, pois

Deus tem aversão a todos que assim procedem. Ig levava muito a sério suas responsabilidades

como um jovem senhor do Inferno em desenvolvimento. Fodido, fodido e meio. Mesmo assim,

se sentia envergonhado e por isso vestiu a meia por baixo da saia curta. Por fim, acrescentou o

pesado sobretudo preto, com o forro impermeável esfarrapado.

Ig começou a andar, a saia de renda azul batendo em suas coxas, arejando sua bunda

vermelha e nua, enquanto arrastava o grande tridente pela terra. Ainda não alcançara a linha

das árvores, no entanto, quando viu um raio de luz dourada à sua direita, na grama. Virou-se,

procurando sua origem. A luz piscou de novo, uma fagulha quente no meio do mato, lhe

enviando uma mensagem urgente e nada complicada: *Aqui, idiota, olha aqui.* Ele se curvou e

pegou o crucifixo de Merrin na grama. Estava quente por ter passado a manhã inteira ao sol e

tinha centenas de arranhões finos. Ele o segurou junto ao nariz e à boca, imaginando se poderia

sentir o cheiro dela, mas não havia cheiro nenhum. O fecho estava arrebentado de novo. Ig

soprou nele delicadamente, o aquecendo para amaciar o metal, e usou suas unhas pontudas

para consertar o delicado anel de ouro. Olhou para ele por mais um momento e depois o

levantou e o prendeu em volta de seu pescoço, com o fecho na nuca. Ele meio que esperava que

o crucifixo chiasse e se incendiasse, queimando a pele vermelha de seu peito, deixando uma

queimadura negra em forma de cruz, porém ele pousou suavemente em sua pele. É claro que

nada que tivesse pertencido a ela poderia realmente lhe fazer mal. Ig inspirou uma doce golfada

da manhã e seguiu seu caminho.

Eles tinham achado o carro. O Gremlin seguira a correnteza até a faixa de areia debaixo da

ponte da estrada Old Fair, onde os meninos do lugar estavam armando sua fogueira anual de

fim de verão. O carro parecia ter tentado se arrastar para fora do rio, os pneus da frente

enterrados na areia macia, enquanto a traseira continuava na água. Alguns carros da polícia e

um reboque haviam avançado um pouco pelo banco de areia, na direção do Gremlin. Outros

carros da polícia e de alguns curiosos que tinham parado para espiar estavam espalhados pelo

terreno de cascalho debaixo da ponte. Havia outros parados em cima da ponte e pessoas

debruçadas no parapeito, olhando para baixo. Rádios de polícia estalavam e matraqueavam.

O Gremlin não parecia o mesmo: a pintura havia queimado até sumir e a lataria por baixo

assara até ficar preta. Um policial usando galochas abriu a porta do carona e a água escorreu

para fora. Um peixe foi expelido junto com a cor-rente, as escamas brihando à luz do sol do fim

da manhã, e caiu com um estalo na areia molhada. O policial o chutou para a água rasa e o

peixe se recuperou e fugiu depressa.

Alguns policiais de uniforme formavam um grupo no banco de areia, bebendo café e rindo,

sem nem ao menos olhar para o carro. Pequenos trechos da conversa chegavam até Ig, trazidos

pelo ar puro da manhã.

– … que merda, hein? Acha que é um Civic?

– … acho que não. Uma porra de um carro velho.

– … alguém resolveu acender a fogueira dois dias antes…

Eles exalavam bom humor de verão, tranquilidade e indiferença masculina. Quando o

reboque engrenou e começou a se mover para a frente, puxando o Gremlin para fora do rio,

começou a jorrar água pelas janelas de trás, que haviam sido estraçalhadas. Ig viu que a placa

traseira tinha sido arrancada. Provavelmente a da frente também. Lee tomara o cuidado de

removê-las antes de arrancar Ig da fornalha e o jogar dentro do carro. A polícia

não sabia o que

tinha em mãos. Ainda.

Ig caminhou por entre as árvores e finalmente se sentou numa pedra acima de uma encosta

para observar a margem do rio, a uma distância de cerca de 20 metros. Não olhou para baixo até

que ouviu o som de risadinhas diretamente abaixo dele. Deu uma olhada da beira e viu Sturtz e

Posada, de uniforme, parados lado a lado, um segurando o pau do outro enquanto mijavam

numa moita. Quando suas bocas se juntaram, Ig teve de agarrar uma árvore baixa para não cair

da pedra bem em cima deles. Depois se arrastou rapidamente para trás, para não ser visto.

Alguém gritou: “Sturtz! Posada! Onde vocês se enfiaram, seus merdas? Precisamos de alguém

na ponte!” Ig deu mais uma espiada e os viu ir embora. Sua intenção tinha sido jogar um contra

o outro e não um *para cima* do outro, mas não ficou muito surpreso com o desfecho daquilo.

Talvez fosse o preceito mais antigo do Demônio, o de que se podia sempre confiar no pecado

para revelar o que havia de mais humano em uma pessoa, fosse para o bem ou para o mal. Ele

ouviu um sussurro, o farfalhar de dois homens ajeitando as roupas, Posada rindo. E então os

dois se foram.

Ig se mudou para uma posição mais alta no declive, de onde tinha melhor visão do banco de

areia e da ponte. Foi então que ele viu Dale Williams. O pai de Merrin estava debruçado no

parapeito junto com os outros observadores, um homem pálido, com corte de cabelo militar e

camisa listrada de mangas curtas.

A visão do carro destruído parecia deixá-lo fascinado. Ele se debruçou sobre a grade

enferrujada da ponte, a agarrando com seus dedos gordos, olhando tudo com uma expressão

chocada. Talvez os policiais não soubessem o que tinham encontrado, mas Dale sabia. Dale

entendia de carros, os vendera durante 20 anos, e conhecia aquele. Ele não só o tinha vendido a

Ig, mas também o ajudara a consertá-lo e o vira toda noite na entrada de sua casa por quase seis

anos. Ig não conseguia imaginar o que Dale via agora, olhando da ponte para os restos negros e

queimados do Gremlin no banco de areia e pensando que havia sido nele que sua filha dera seu

último passeio.

Havia carros parados ao longo da ponte e na estrada. Dale estava no extremo leste da ponte.

Ig começou a cruzar o morro, caminhando por entre as árvores em direção à

estrada.

Dale também se movia. Por muito tempo ele havia simplesmente ficado ali parado, olhando a

carcaça queimada do Gremlin, de onde jorrava água. O que finalmente o tirou do transe foi a

visão de um policial – era Sturtz – subindo o morro para controlar um pouco a multidão. Dale

começou a se esgueirar no meio dos curiosos, lentamente abrindo caminho para sair da ponte.

Quando Ig chegou à beira da estrada, localizou o veículo de Dale, uma caminhonete BMW. Ig

soube que era dele pelas placa de distribuidor. Estava estacionado na trilha de cascalho, à

sombra de uma fileira de pinheiros. Ig saiu rapidamente da área das árvores, se sentou no banco

de trás, fechou a porta atrás de si e esperou ali, com o tridente sobre os joelhos.

As janelas de trás eram pintadas, mas isso pouco importava. Dale estava com pressa e nem

olhou para o banco traseiro. Ig entendeu que ele não quisesse ser visto por ali. Se fizessem uma

lista das pessoas de Gideão que mais gostariam de ver Ig ser queimado vivo, Dale sem dúvida

estaria entre os cinco primeiros. O vendedor de automóveis abriu a porta e caiu atrás do volante.

Tirou os óculos com uma das mãos e cobriu os olhos com a outra. Por um tempo,

simplesmente ficou sentado ali, a respiração leve mas ruidosa. Ig esperou, não queria

interromper.

Havia imagens coladas no painel. Uma era de Jesus, a reprodução de um quadro a óleo, Jesus

com sua barba dourada e seus cabelos dourados que o vento jogava para trás, olhando para o

céu com ar inspirado, enquanto raios de luz dourada surgiam das nuvens atrás dele. “*Bem-*

aventurados os que choram” , dizia a legenda, “*pois serão consolados”*. Ao lado, presa com fita

adesiva, estava uma foto de Merrin aos 10 anos, montada na garupa da moto do pai. Ela usava

antigos óculos de aviador e um capacete branco com estrelas vermelhas e listras azuis, e tinha os

braços em torno dele. Uma bela mulher com cabelos de um vermelho cor de cereja estava de pé

atrás da moto, com uma das mãos no capacete de Merrin, sorrindo para a câmera. A princípio

Ig achou que fosse a mãe, depois percebeu que ela era jovem demais e só podia ser sua irmã, a

que morrera quando eles moravam em Rhode Island. Duas filhas, ambas mortas. Bem-

aventurados os que choram, pois serão chutados no saco assim que tentarem se reerguer. Isso

não estava na Bíblia, mas talvez devesse estar.

Quando Dale recuperou o controle, esticou a mão para a chave e deu a partida e pegou a

estrada com um último olhar pelo retrovisor do lado do motorista. Ele limpou o rosto com os

punhos, voltou a botar os óculos. Dirigiu por algum tempo. Então beijou o polegar e tocou a

menininha na moto.

– Era o carro dele, Mary – disse. Era assim que chamava Merrin. – Todo queimado. Acho que

ele se foi. Acho que o vilão morreu.

Ig apoiou uma das mãos no banco do motorista e a outra no do passageiro, se esgueirando

entre eles para se sentar na frente, ao lado de Dale.

– Sinto ter de desapontá-lo – disse Ig –, mas acho que só os bons morrem cedo.

Quando Ig apareceu, Dale engasgou de susto e virou o volante bruscamente. Eles foram

jogados para a direita, até o acostamento de cascalho. Ig caiu com força em cima do painel e

quase desabou no chão. Podia ouvir o barulho das pedras batendo na lataria. Depois o carro

parou, Dale saltou e saiu correndo pela estrada, gritando.

Ig se levantou. Não estava entendendo nada. Ninguém mais tinha corrido e gritado ao ver os

chifres. Já tinham querido matá-lo, mas não gritado e corrido.

Dale cambaleava pelo meio da estrada, olhando por cima do ombro para a caminhonete e

dando gritos vagos que pareciam de pássaros. Uma mulher num Sentra buzinou enquanto

passava e gritou: “*Sai da estrada, porra.*” Dale cambaleou até a beira da estrada, uma pequena

faixa de terra que ia se desmanchando até uma vala cheia de mato. A terra cedeu debaixo do pé

direito de Dale e ele caiu.

Ig assumiu o volante e foi lentamente até ele.

Parou ao lado de Dale enquanto ele se levantava, ainda desequilibrado. Dale começou a correr

de novo, agora pela vala. Ig abriu o vidro da janela do lado do carona e chamou:

– Sr. Williams, entre no carro.

Dale não diminuiu o ritmo, continuou correndo, lutando para respirar, a mão no peito,

agarrando o coração. O suor brilhava em seu rosto. Havia um rasgo nos fundilhos de sua calça.

– Vá embora! – gritou Dale, as palavras se atropelando. *Vaembó*. – Vaembororro! – Ele gritou

mais duas vezes antes que Ig entendesse que o “orro” vinha de “socorro” na linguagem do

pânico.

Ig olhou indiferente para a imagem de Cristo no painel, como que esperando que Ele lhe desse

algum conselho. Foi quando se lembrou da cruz. Olhou para baixo, para ela, pendurada entre

suas clavículas, suavemente pousada sobre seu peito nu. Lee não conseguira ver

os chifres

enquanto usava a cruz. Fazia sentido que, se Ig a usasse, *ninguém* pudesse vê-los ou sentir seus

efeitos. Um pensamento surpreendente, a cura para sua condição. Para Dale Williams, Ig era ele

mesmo: o assassino que esmagara a cabeça de sua filha com uma pedra e acabara de sair do

banco de trás de saia, armado com um tridente. A cruz dourada pendurada em torno da

garganta de Ig era sua própria humanidade, queimando brilhante à luz da manhã.

Mas sua humanidade não tinha nenhuma utilidade para ele, não nesta situação nem em

qualquer outra. Não tinha lhe servido de nada desde a noite em que Merrin foi levada. Na

verdade, era uma fraqueza. Agora que havia se acostumado, preferia ser um demônio. A cruz era

um símbolo da mais típica condição humana: o sofrimento. E Ig estava cansado de sofrer. Se

alguém tivesse de ser pregado numa árvore, ele queria ser quem tinha o martelo na mão. Parou

no acostamento, abriu o fecho do cordão e o guardou no porta-luvas. Depois se endireitou atrás

do volante.

Aumentou a velocidade para ultrapassar Dale, depois parou o carro. Esticou a mão para trás,

desajeitadamente pegando o tridente no banco, e saltou. Dale estava passando

nesse momento,

aos tropeções, ainda na vala e com água até os tornozelos. Ig deu dois passos atrás dele e atirou o

tridente. Acertou a água lamacenta à frente dele, e Dale deu um grito agudo. Tentou se virar

muito rápido, e caiu de bunda na água, fazendo barulho. Agitou os braços, tentando ficar de pé.

O cabo do tridente estava bem à sua frente, saindo da água suja, vibrando com a força do

impacto.

Ig deslizou pelo acostamento com toda a graça de uma cobra deslizando entre folhas

molhadas e agarrou o tridente antes que Dale pudesse se levantar. Soltou-o da lama e o segurou,

as pontas viradas para Dale. Havia um lagostim preso a um dos dentes, se contorcendo à beira

da morte.

– Chega de correr. Entre no carro. Temos muito que conversar.

Dale se sentou na lama, arfando. Seu olhar subiu pelo cabo do tridente e se apertou ao

encontrar o rosto de Ig. Com uma das mãos em concha, fez uma sombra para proteger os olhos.

– Você se livrou daquele cabelo. – Fez uma pausa, depois acrescentou, como se não tivesse

percebido antes: – E criou chifres. Meu Deus. O *que* você é?

– O que você acha? – perguntou Ig – O diabo vestido de azul.

CAPÍTULO 42

– E**u soube imediatamente que** era o seu carro – disse Dale, novamente atrás do volante,

dirigindo. Agora estava calmo, em paz com seu demônio particular. – Assim que olhei

para ele, soube que alguém o tinha incendiado e jogado no rio. E pensei que provavelmente você

estaria dentro dele na hora e me senti… me senti tão…

– Feliz?

– Triste. Me senti triste.

– Sério?

– Por não ter sido eu a fazer aquilo.

– Ah – disse Ig, olhando para o lado.

Ig segurava o tridente entre os joelhos, os dentes agarrando no tecido do teto, mas, depois de

terem rodado por algum tempo, Dale parecia ter se esquecido dele. Os chifres estavam fazendo o

que faziam, tocando sua música secreta e, enquanto Ig não estivesse usando o crucifixo, Dale

não tinha opção a não ser dançar.

– Eu estava assustado demais pra matar você. Tinha um revólver. Comprei só pra atirar em

você. Só que o mais perto que cheguei de matar alguém com ele foi a mim mesmo. Eu o enfiei na

boca uma noite para ver que gosto tinha. – Ficou em silêncio um tempinho,

relembrando, depois

acrescentou: – Era um gosto ruim.

– Fico contente de o senhor não ter se matado, Sr. Williams.

– Fiquei com medo de fazer isso também. Não que eu tenha medo de ir pro inferno por ter me

suicidado… Foi por medo de *não* ir pro inferno… de que não haja um inferno para o qual ir.

Nem céu. Apenas nada. A maior parte do tempo penso que não deve haver nada depois que se

morre. Às vezes, parece um alívio. Outras, é a coisa mais terrível que eu posso imaginar. Não

acredito que um Deus misericordioso fosse tirar minhas duas garotinhas de mim. Uma com

câncer, outra morta na mata daquele jeito. Não creio que um Deus pra quem valha a pena rezar

faria nenhuma das duas passar pelo que passaram. Heidi ainda reza. Você nem acredita quanto

ela reza. Vem rezando pra você morrer, Ig, já faz um ano. Quando vi seu carro no rio pensei…

pensei… Bem. Deus finalmente fez alguma coisa. Mas não. Mary se foi pra sempre e você ainda

está aqui. Você ainda está aqui. Você é…você é… a porra do *diabo*. – Ele arfava, lutando para

continuar.

– Você faz isso parecer ruim – disse Ig. – Vire à esquerda. Vamos pra sua casa.

As árvores que cresciam ao longo da estrada delineavam uma avenida de céu

azul e sem

nuvens. Um dia lindo para um passeio.

– Disse que temos muito o que conversar – disse Dale –, mas sobre o que, Ig? O que você

gostaria de me dizer?

– Que eu não sei se amava Merrin tanto quanto o senhor, mas a amava tanto quanto sou

capaz. E *não* a matei. A história que contei à polícia, sobre ter apagado de tão bêbado atrás do

Dunkin' Donuts, é verdade. Lee Tourneau pegou Merrin na frente do Pit. Ele a levou para a

fundição e a matou. – Após uma pausa, Ig acrescentou: – Não espero que você acredite em mim.

Só que ele esperava. Talvez não imediatamente, mas muito em breve. Ig estava muito

persuasivo esses dias. As pessoas acreditavam em praticamente qualquer absurdo que seu

demônio interior lhes dissesse. Nesse caso era verdade, mas Ig suspeitava que, se quisesse,

provavelmente poderia convencer Dale de que Merrin havia sido morta por um grupo de

palhaços que a levaram do Pit em seu carrinho de circo. Não era justo. Mas jogar limpo era coisa

do antigo Ig.

Entretanto, Dale o surpreendeu dizendo:

– Por que eu deveria acreditar em você? Me dê uma única razão.

Ig esticou a mão e tocou o braço nu de Dale por um momento, depois a recolheu.

– Sei que, depois que seu pai morreu, você foi visitar a amante dele em Lowell e lhe pagou

dois mil dólares pra ela ir embora. E avisou que, se ela algum dia voltasse a ligar bêbada para sua

mãe, iria atrás dela e, quando a encontrasse, arrebentaria seus dentes. Sei que teve um caso de

uma noite com uma secretária na concessionária, na festa de Natal, no ano anterior ao da morte

de Merrin. Sei que uma vez bateu na boca de Merrin por ela chamar a própria mãe de

vagabunda. E que provavelmente essa é a coisa de que mais se arrepende na vida. Sei que já faz

quase 10 anos que o senhor não ama sua esposa. Sei da garrafa na última gaveta do lado

esquerdo da sua escrivaninha e das revistas de mulher pelada na garagem, e do irmão com quem

você não fala porque não suporta que os filhos dele estejam vivos e as suas mortas, e…

– Pare. Pare com isso.

– E sei de tudo sobre o Lee da mesma forma que sei sobre você. Quando toco as pessoas fico

sabendo das coisas. Coisas que não deveria saber. E elas também me contam. Falam de coisas

que gostariam de fazer. Não conseguem evitar.

– As coisas más – disse Dale, esfregando delicadamente dois dedos na têmpora

direita. – Só

que elas não parecem tão más quando olhamos pra você. Ficam parecendo mais… *engraçadas*.

Por exemplo, como eu pensar que, quando Heidi se ajoelhar para rezar hoje à noite, eu deveria

me sentar na cama na frente dela e mandar ela me chupar enquanto está ali. Ou, na próxima vez

que ela me disser que Deus não nos dá fardos que não possamos carregar, eu poderia lhe dar

uma surra. Socar e socar, até aquela centelha de fé desaparecer dos olhos dela.

– Não. Você não vai fazer isso.

– Ou talvez fosse bom faltar ao trabalho hoje à tarde. Deitar uma hora ou duas no escuro.

– Isso já é melhor.

– Tirar uma soneca e depois botar o revólver na boca e acabar com esse sofrimento.

– Não. Você também não vai fazer isso.

Dale deu um suspiro trêmulo e embicou na garagem de sua casa. Os Williams tinham uma

chácara lúgubre numa rua de chácaras igualmente lúgubres, caixas de um andar com um quintal

quadrado atrás e um quadrado um pouco menor na frente. A deles era do mesmo verde pálido e

fosco de alguns quartos de hospital e parecia pior do que Ig se lembrava. O revestimento externo

de vinil estava salpicado de manchas marrons de mofo nos pontos onde

encontrava as

fundações de concreto. As janelas estavam empoeiradas e a grama não era cortada havia mais de

uma semana. A rua torrava sob o sol do verão, nada se movia, e o barulho de um cachorro

latindo um pouco adiante na rua era um som de insolação, de enxaqueca, de um verão

quentíssimo e indolente que se arrastava para o fim. Ig tinha esperado, perversamente, ver a mãe

de Merrin, para saber que segredos ela escondia, mas Heidi não estava em casa. Ninguém na rua

parecia estar em casa.

– Que tal se eu matar o trabalho e ver se consigo encher a cara até a hora do almoço? Ver se eu

consigo ser despedido. Faz seis semanas que não vendo um carro. Eles só precisam de uma

desculpa. Só me mantêm lá por pena.

– Ótimo – disse Ig. – Isso é o que eu chamo de um bom plano.

Dale o conduziu para dentro; Ig não levou o tridente. Achou que agora já não precisava dele.

– Ig, pode pegar um drinque pra mim no bar? Você sabe onde fica. Você e Mary sempre

costumavam surrupiar uns drinques daí. Quero me sentar no escuro e descansar a cabeça.

Minha cabeça está um caos.

O quarto principal ficava no fundo de um corredor curto e decorado com tapete

felpudo cor

de chocolate. Antes, havia fotos de Merrin ao longo da passagem, mas agora já não existiam. Em

vez disso, havia retratos de Jesus. Ig ficou zangado pela primeira vez naquele dia.

– Por que o senhor tirou as fotos dela pra colocar as d'Ele?

– Foi ideia da Heidi. Foi ela que tirou os retratos da Mary. – Dale chutou os mocassins pretos

para longe enquanto atravessava o hall. – Há três meses ela empacotou todos os livros de Mary,

suas roupas, suas cartas, e levou tudo pro sótão. O quarto de Merrin agora é o escritório dela.

Heidi trabalha ali envelopando material para causas cristãs. Passa mais tempo com o padre

Mould do que comigo, vai à igreja todas as manhãs e, aos domingos, passa o dia inteiro lá. Tem

um retrato de Jesus em sua escrivaninha. Não tem um retrato meu nem das filhas mortas, mas

tem o de Jesus. Eu tenho vontade de expulsá-la de casa, gritando os nomes das filhas pra ela.

Sabe de uma coisa? Você devia ir até o sótão e buscar a caixa. Eu gostaria de encontrar todas as

fotos de Mary e Regan. Podia jogá-las em Heidi até ela começar a chorar. Poderia lhe dizer que,

se quiser se livrar das fotos das filhas, vai ter que comê-las. Uma a uma.

– Parece muito trabalho pra uma tarde tão quente.

– Ia ser divertido. Uma farra dos diabos.

– Mas não tão refrescante quanto um gim-tônica.

– Não – disse Dale, agora parado na porta de seu quarto. – Você faz um pra mim, Ig? Bem

forte.

Ig voltou ao antigo quarto de Merrin, um cômodo que já fora uma galeria sobre sua infância,

cheia de fotos dela: Merrin vestida com peles e com pintura de guerra no rosto; Merrin andando

de bicicleta e rindo, a boca cheia de arames cromados; Merrin de maiô sentada nos ombros de

Ig, mergulhado até a cintura no rio Knowles. Todas as fotos tinham sumido, e o quarto parecia

ter sido mobiliado por um corretor de imóveis, do modo mais banal possível, para uma visitação

domingo de manhã. Como se ninguém morasse mais ali.

Ninguém morava mais ali. Havia meses que ninguém morava ali. Era apenas um lugar onde

Dale e Heidi Williams guardavam suas coisas, tão isento de suas vidas interiores quanto um

quarto de hotel.

A bebida estava onde sempre estivera, no armário acima da TV. Ig preparou um gim-tônica

para Dale, usando a água tônica que estava na geladeira, colocando um galhinho de menta,

cortando uma rodela de laranja e a esmagando no gelo. A caminho do quarto, no

entanto, uma

corda pendendo do teto bateu no chifre direito de Ig, ameaçando se enganchar nele. Ig olhou

para cima e…

… *lá estava, nos galhos da árvore acima dele, na base da casa na árvore, as palavras pintadas na*

porta do alçapão, em cal quase invisível à noite: Abençoado serás ao entrares. Ig balançou, depois…

… afastou uma inesperada onda de tonteira. Usou a mão livre para esfregar a testa, esperando

que a cabeça clareasse, que a sensação de enjoo diminuísse. Por um instante estava lá, o que

acontecera na mata quando ele tinha ido bêbado para a fundição, para despejar sua raiva e

espalhar merda, mas agora já tinha passado. Ig pousou o copo no tapete e puxou a corda,

baixando a porta do alçapão que levava ao sótão, a dobradiça emitindo um rangido agudo.

Se estava quente na rua, era sufocante no sótão baixo e inacabado. Uns pedaços de

compensado haviam sido colocados em cima das traves, para fazer um assoalho rudimentar.

Não havia espaço bastante para ficar de pé debaixo do teto muito inclinado. E Ig também não

precisou. Três grandes caixas de papelão com a palavra MERRIN escrita em vermelho nas

laterais haviam sido empurradas logo na beira do alçapão aberto.

Ele as carregou para baixo, uma de cada vez, e as colocou sobre a mesinha de centro da sala de

estar, explorando cada uma delas. Bebeu o gim-tônica de Dale Williams enquanto olhava o que

Merrin havia deixado para trás ao morrer.

Ig cheirou seu casaco de Harvard e os fundilhos de seu jeans favorito. Examinou seus livros,

suas pilhas de livros de bolso. Ig raramente lia romances. Sempre gostara de não ficção sobre

jejum, irrigação, viagens, acampamentos e estruturas de construção feitas de materiais reciclados.

Merrin, porém, preferia ficção. Gostava de coisas escritas por pessoas que tiveram vida curta,

feia, trágica, ou que pelo menos fossem inglesas. Queria que os romances fossem viagens

emocionantes e filosóficas e que lhe ensinassem algumas palavras novas para seu vocabulário.

Leu Gabriel García Márquez, Michael Chabon, John Fowles e Ian McEwan. Um livro caiu

aberto nas mãos de Ig com uma passagem sublinhada: “Como a culpa refinava os métodos de

autotortura, enfiando as contas dos detalhes em um círculo eterno, um rosário a ser desfiado por

toda a vida.” Depois outra, em um livro diferente: “Vai contra a essência da narrativa americana

ter alguém em uma situação da qual não pode sair, porém creio que isso seja muito comum na

vida real.” Ig parou de folhear os livros. Estava começando a se sentir desconfortável.

Havia livros dele misturados aos dela, alguns que fazia anos ele não via. Um guia de

estatística. *O livro de cozinha para acampamento. Répteis da Nova Inglaterra.* Ele bebeu o resto do

gim e folheou o *Répteis*. Por volta da página 100 encontrou uma foto da cobra marrom com o

chocalho e a listra alaranjada descendo pelas costas. Era a *Crotalus horridus*, uma cascavel que,

embora ocorresse predominantemente ao sul da fronteira de New Hampshire – era bastante

comum na Pensilvânia –, podia ser encontrada, ao norte, até as montanhas Brancas. Raramente

atacam humanos, são tímidas por natureza. Mais pessoas haviam morrido no último ano

atingidas por raios do que as que morreram em todo o último século por encontros com a

horridus. Apesar de tudo isso, seu veneno era tido como o mais letal de todas as cobras

americanas, neurotóxico, conhecido por paralisar pulmões e coração. Ele botou o livro no lugar.

Os textos médicos de Merrin e seus cadernos de espiral estavam empilhados no fundo da

caixa. Ig abriu um, depois outro, dando uma olhada. Ela tomava notas com lápis,

e sua

caligrafia cuidadosa, não particularmente feminina, estava borrada e desbotada. Definições de

compostos químicos. Um esboço de um corte transverso de um seio. Uma lista de apartamentos

em Londres – flats – que ela tinha procurado para Ig na internet. E, bem no fundo da caixa, um

envelope pardo. Ig quase o deixou de lado, depois hesitou, apertando os olhos para ver certas

marcas a lápis no canto esquerdo do alto do envelope. Alguns pontos. Alguns traços.

Abriu o envelope e puxou uma mamografia, uma imagem em forma de lágrima de um tecido

azul e branco. A data era um dia qualquer de junho do ano passado. Havia papéis também,

folhas de caderno pautadas. Ig viu seu nome em um deles. Estavam todos escritos em pontos e

traços. Ele enfiou a mamografia e as outras folhas de volta no envelope.

Preparou outro gim-tônica e atravessou o corredor. Quando entrou no quarto, Dale estava

apagado sobre as cobertas, com meias pretas puxadas até quase os joelhos e uma cueca boxer

branca com manchas de urina na frente. O resto dele era uma vasta expansão muito branca de

carne masculina, a barriga e o peito cobertos por pelos escuros. Ig caminhou em silêncio até o

lado da cama para deixar a bebida. Dale despertou com o barulhinho das pedras de gelo.

– Ah, Ig – disse Dale. – Olá. Acredita que por um instante esqueci que você estava aqui?

Ig não respondeu. Ficou de pé ao lado da cama, com o envelope pardo.

– Ela tinha câncer?

Dale lhe virou o rosto.

– Não quero falar de Mary – disse. – Eu a amo, mas não suporto pensar nela e… em nada

disso. Meu irmão, você sabe, há anos que não nos falamos. Mas ele tem uma distribuidora de

bicicletas e de jet skis em Sarasota. Às vezes fico pensando que podia ir lá e vender as bicicletas

pra ele, e olhar as moças na praia. Ele ainda me manda cartões de Natal me convidando para ir

visitá-lo. Às vezes penso que gostaria de largar Heidi, esta cidade e esta casa horrível, e como me

sinto mal com esta vida de merda, e podia começar tudo de novo. Se não há Deus nem razão

para toda essa dor, então talvez eu devesse começar de novo antes que seja tarde.

– Dale – disse Ig baixinho. – Ela contou pra você que tinha câncer?

Ele balançou a cabeça, sem levantá-la do travesseiro.

– É uma dessas coisas genéticas, sabe? Dá na família. E não foi ela que nos contou. Não

sabíamos de absolutamente nada até ela morrer. Foi o médico-legista que nos disse.

– Não saiu nada nos jornais sobre ela ter câncer – disse Ig.

– Heidi queria que pusessem nos jornais. Pensou que iria gerar mais compaixão e fazer as

pessoas sentirem mais ódio de você. Mas eu disse que Mary não queria que ninguém soubesse e

que devíamos respeitar sua vontade. Ela não nos disse. Ela contou pra você?

– Não – disse Ig. Em vez disso, lhe dissera que eles deveriam sair com outras pessoas. Ig ainda

não tinha lido a nota de duas páginas no envelope, mas achava que já entendia tudo. – Sua filha

mais velha. Regan. Nunca falei nada sobre isso. Achava que não era da minha conta. Mas sabia

que tinha sido difícil perdê-la.

– Ela sentia tanta dor – disse Dale. Ele tomou fôlego e sua respiração estremeceu de um jeito

estranho. – Fazia com que dissesse coisas horríveis. Sei que não queria dizer boa parte daquilo.

Era uma pessoa tão boa. Uma moça tão linda. Tento me lembrar disso, mas… o que mais me

lembro é de como ela ficou no fim. Mal chegava a pesar 40 quilos, e mais de 30 deles eram puro

ódio. Ela disse coisas imperdoáveis a Mary, sabe? Acho que ficava com raiva porque Mary era

tão bonita e… Regan perdeu o cabelo e, além disso, teve a mastectomia e uma cirurgia para

remover um bloqueio intestinal, e ela se sentia… como um Frankenstein, como

uma criatura de

filme de terror. Dizia que, se a amássemos, cobriríamos seu rosto com um travesseiro pra acabar

de uma vez com aquilo. Me disse que eu provavelmente estava feliz por ser ela quem estava

morrendo e não Merrin, porque sempre gostei mais de Merrin. Tentei tirar isso da cabeça, mas

há noites em que acordo pensando nisso. Ou pensando em como Merrin morreu. A gente quer

se lembrar de como elas viveram, mas as coisas ruins expulsam todo o resto. Deve haver alguma

explicação psicológica para isso. Mary fez várias cadeiras de psicologia, ela deveria saber por que

as coisas ruins deixam marcas mais profundas do que as boas. Puxa, Ig, você acredita que minha

menininha entrou pra Harvard?

– Claro que acredito. Ela era mais inteligente do que nós dois juntos.

Dale pigarreou, ainda com o rosto virado.

– Se era. Eu fiz uma faculdade de dois anos, porque era o máximo que meu pai podia pagar.

Meu Deus, eu queria ser um pai melhor do que ele. Ele me dizia que disciplinas eu podia

frequentar, onde eu podia morar e em que teria de trabalhar depois que me formasse, pra pagar

tudo o que ele tinha gastado. Eu costumava dizer a Heidi que tinha ficado surpreso por ele não

ter aparecido em nosso quarto na noite de núpcias, pra me instruir sobre a maneira adequada de

foder com ela. – Ele sorriu, lembrando. – Isso foi no tempo em que Heidi e eu ainda

brincávamos com esse tipo de coisa. Heidi tinha um jeito engraçado e meio grosso, até ficar com

a cabeça transbordando de Cristo. Até o mundo fincar suas presas nela e sugar todo seu sangue.

Às vezes quero tanto deixá-la, mas ela não tem mais ninguém. É completamente só…a não ser

por Jesus, acho.

– Não sei se é bem assim – disse Ig, e expirou longamente, pensando em como Heidi tinha

tirado todas as fotos de Merrin, tentando empurrar qualquer lembrança da filha para a poeira e

a escuridão. – O senhor devia ir vê-la qualquer manhã dessas quando ela estiver trabalhando pro

padre Mould na igreja. De surpresa. Acho que vai descobrir que ela tem um *relacionamento*…

muito mais ativo com a vida do que o senhor pensa.

Dale lhe lançou um olhar questionador, mas Ig ficou inexpressivo e não disse mais nada. Por

fim, Dale deu um sorriso fino e disse:

– Você devia ter raspado a cabeça há anos, Ig. Fica muito bom. Eu queria fazer isso, ficar

careca, mas Heidi sempre disse que, se algum dia eu fizesse isso, podia

considerar nosso

casamento acabado. Não me deixou raspar o cabelo nem pra mostrar solidariedade a Regan,

depois que ela fez a quimioterapia. Algumas famílias fazem isso. Pra mostrar que estão todos no

mesmo barco. Mas não a nossa família. – Ele franziu as sobrancelhas e perguntou: – Como

chegamos a esse assunto? Do que estávamos falando mesmo?

– De quando você foi pra faculdade.

– É. Bom. Meu pai não me deixou fazer o curso de teologia que eu queria, mas não podia me

impedir de ir às aulas como ouvinte. Eu me lembro que a professora Tandy, uma negra, disse

que Satanás aparece em muitas religiões como o cara bom. Geralmente é ele que dá o golpe e

consegue levar a deusa da fertilidade para a cama e, depois de brincar um pouquinho, fazem o

mundo existir. Ou as colheitas, Alguma coisa. Ele entra na história pra enganar os sem mérito ou

tentá-los pra que se arruínem, ou pelo menos deixar a bebida. Nem mesmo os cristãos sabem

direito o que fazer com ele. Quero dizer, pense um pouco nisso. Ele e Deus são destinados a lutar

um contra o outro. Mas, se Deus odeia o pecado e Satanás pune os pecadores, então não estão

do mesmo lado? Não estariam o juiz e o executor do mesmo lado? Os

românticos. Acho que os

românticos gostam de Satanás. Não me lembro direito por quê. Talvez porque a barba dele fosse

bonita, ou ele curtisse as moças e o sexo e soubesse dar uma boa festa. Os românticos não

gostavam de Satanás?

– *You're whispering in my ear. Tell me all the things I wanna hear* – sussurrou Ig, cantando

"What I Like About You", sucesso da banda The Romantics.

Dale riu de novo.

– Não. Não é deles que estou falando.

– São os únicos que conheço.

Ig fechou delicadamente a porta ao sair.

CAPÍTULO 43

I**g ficou sentado no fundo da chaminé, em** um círculo quente de luz da tarde, segurando a

mamografia de Merrin acima da cabeça. Iluminada por trás pelo céu de agosto, os tecidos da

mama pareciam um sol negro, prestes a se tranformar numa supernova, parecia o Fim dos

Tempos, enquanto o céu parecia feito de saco de aniagem. O Diabo se voltou para sua Bíblia:

não para o Antigo Testamento, nem para o Novo, mas para a última página, onde anos antes

havia copiado o código Morse da enciclopédia de seu irmão. Mesmo antes de

traduzir os papéis

que estavam dentro do envelope, sabia que formavam outro tipo de testamento, um definitivo.

O testamento de Merrin.

Ele começou com os pontos e traços na frente do pacote, uma sequência simples. Dizia: CAI

FORA, IG.

Ele riu – um ruído sacana e convulsivo, como um corvo se divertindo.

Tirou as duas folhas de caderno, cobertas de pontos e traços de ambos os lados, o trabalho de

meses, de todo um verão. Trabalhando com sua Bíblia, Ig começou a traduzir, ocasionalmente

levando os dedos à cruz pendurada em seu pescoço, o crucifixo de Merrin. Ele o tinha colocado

de novo assim que saiu da casa de Dale. Fazia com que sentisse que estava com ela, perto o

bastante para sentir os dedos frescos dela em sua nuca.

Era um trabalho lento essa conversão de pontos e traços em letras e palavras. Pouco

importava. O diabo não tinha nada além de tempo.

Querido Ig,

Você nunca lerá isto enquanto eu estiver viva. Não tenho certeza de que quero que

leia mesmo depois que eu morrer.

Ai, como é lento escrever assim. Acho que não me importo. Ajuda a passar o

tempo

enquanto estou presa em uma sala de espera aguardando o resultado desse ou daquele

exame. Também me força a dizer apenas o que tem de ser dito e nada mais.

O tipo de câncer que tenho é o mesmo que matou minha irmã, um tipo conhecido

por afetar famílias. Não vou aborrecê-lo com a genética. Ainda não está avançado e

tenho certeza de que, se você soubesse, iria insistir comigo para que lutasse. Sei que

devia, mas não vou. Resolvi que não quero partir como minha irmã. Não quero esperar

até ficar tomada pela feiura, não quero magoar as pessoas que amo e que têm me

amado, o que quer dizer você, Ig, e meus pais.

A Bíblia diz que suicidas vão para o inferno, mas inferno é aquilo pelo que minha

irmã passou quando estava morrendo. Você não sabe disso, mas minha irmã estava

noiva quando foi diagnosticada. O noivo a deixou meses antes de ela morrer. Ela o foi

afastando, dia a dia. Queria saber quanto tempo ele esperaria depois que ela fosse

enterrada para trepar com outra pessoa. Queria saber se ele usaria a tragédia dela para

despertar a solidariedade de outras garotas. Ela foi horrível. Eu a teria deixado.

Tenho medo de que, se eu lhe disser que estou doente, você abra mão de seu futuro,

me peça em casamento e eu seja fraca e diga sim, e aí você ficará acorrentado a mim,

olhando enquanto eles cortam pedaços de mim e eu encolho, fico careca e faço você

passar pelo inferno, para depois eu morrer de qualquer maneira, tendo arruinado o

melhor de você nesse processo. Você quer tanto acreditar que o mundo é bom, Ig, que

as pessoas são boas. E sei que, quando estiver realmente doente, não conseguirei ser boa.

Sei que ficarei como minha irmã. Isso está em mim, sei como machucar as pessoas e

talvez não consiga evitar. Quero que se lembre do que há de bom em mim, não do

mais terrível. As pessoas que você ama deveriam poder guardar o pior só para elas

mesmas.

Você não imagina como é difícil não falar sobre essas coisas com você. Acho que é por

isso que estou escrevendo isso. Porque preciso falar com você, e este é o único modo.

Uma conversinha de mão única, não é?

Você está tão animado para ir para a Inglaterra, para se enterrar até o pescoço no

mundo. Lembra aquela história que você me contou da trilha Evel Knievel e do

carrinho de supermercado? Você é assim todo dia. Pronto para descer o desfiladeiro

íngreme da sua vida nu e ser atirado na corrente humana. Salvar os que estão se

afogando na injustiça.

Posso machucar você apenas o bastante para que vá embora. Não anseio por isso,

mas será mais bondoso do que deixar esta coisa ir até o fim.

Quero que você encontre uma moça com um sotaque cockney bem cafona, a leve

para o seu apartamento e a faça tirar a calcinha. Engraçadinha, imoral e literata. Não

tão bonita quanto eu, não sou tão generosa assim, mas tudo bem se ela não for

horrorosa. E depois espero que ela te dê um pé na bunda e que você passe para a

próxima. Alguém melhor. Que seja séria e carinhosa e sem histórico familiar de câncer,

doenças cardíacas, Alzheimer ou qualquer dessas outras coisas horríveis. Também

espero que a essa altura eu já esteja morta há muito tempo, de modo que não precise

saber de nada sobre ela.

Sabe como eu quero morrer? Na trilha Evel Knievel, despencando por ela em meu

próprio carrinho. Poderia fechar os olhos e imaginar seus braços em volta de mim.

Depois bater em uma árvore. Ela nunca saberia o que aconteceu com ela. É assim.

Gostaria muito de acreditar em um Evangelho Segundo Mick e Keith, no qual eu não

posso ter o que quero – que é você, Ig, nossos filhos e nossos ridículos sonhos –, mas pelo

menos ter o que preciso, que é um fim rápido e repentino, e a certeza de que você

escapou ileso.

E você terá uma esposa e mãe gorda e bondosa que lhe dará filhos, e será um pai

maravilhoso, feliz e cheio de energia. Você vai ver o mundo inteiro, cada um de seus

cantos, verá dor e vai aliviar um pouco dela. Você terá netos e bisnetos. Você vai

ensinar. Vai dar longos passeios pela mata. Em um deles, quando já estiver muito

velho, vai se ver diante de uma árvore com uma casa nos galhos. Estarei lá esperando

por você. Estarei esperando à luz de velas em nossa casa na árvore da mente.

São muitos pontos e traços. Dois meses de trabalho até aqui. Quando comecei a

escrever, o câncer era uma ervilha em um seio e menor que uma ervilha em minha

axila esquerda. E agora, para atualizar você, ele está… bem. De coisas pequenas,

Mama, um dia nascem coisas grandes.

Não tenho certeza se precisava ter escrito tanto. Provavelmente poderia ter me

poupado o esforço e apenas copiado a primeira mensagem que lhe mandei, piscando

para você com meu crucifixo. NÓS. Isso diz praticamente tudo. E aqui está o resto: Eu

te amo, Ig Perrish.

A sua garota, Merrin Williams

CAPÍTULO 44

D**epois de ler a mensagem final** de Merrin e deixá-la de lado, e lê-la de novo e deixá-la de

lado outra vez, Ig se levantou da chaminé, querendo ficar um tempo longe do cheiro de

escória e cinzas. Ficou de pé na câmara ao lado, inspirando profundamente o ar da tarde, até

que se deu conta de que as cobras não tinham se reunido. Ele estava sozinho na fundição, ou

quase. Uma única cobra, a cascavel, dormia no carrinho de mão, enrolada sobre si mesma em

voltas largas. Ficou tentado a se aproximar e acariciar sua cabeça, chegou até a dar um passo na

direção dela, depois parou. *Melhor não*, pensou e olhou para baixo, para a cruz pendurada em

seu pescoço, depois desviou o olhar para sua sombra que subia pela parede, à luz avermelhada

do fim do dia. Viu a sombra de um homem, comprido e magro. Ainda sentia os chifres nas

têmporas, sentia seu peso, as pontas cortando o ar frio, porém a sombra só

mostrava ele mesmo.

Se caminhasse até a cobra agora, com a cruz de Merrin no pescoço, era provável que ela fincasse

as presas nele.

Avaliou o comprimento negro de sua sombra subindo pela parede de tijolos e entendeu que

poderia ir para casa se quisesse. Com a cruz no pescoço, recuperava sua humanidade, se a

quisesse de volta. Podia deixar os últimos dois dias para trás, um período de pesadelo, de doença

e pânico, e voltar a ser o que sempre fora. Esse pensamento trouxe uma sensação quase dolorosa

de alívio, um prazer quase sensual: ser Ig Perrish e não o diabo, ser um homem, não uma

fornalha ambulante.

Ainda estava pensando nisso quando a serpente no carrinho levantou a cabeça, luzes brancas

a banhando. Alguém se aproximava pela estrada. A princípio, Ig pensou que fosse Lee voltando

para procurar o crucifixo perdido e qualquer outra evidência incriminadora que pudesse ter

deixado para trás.

No entanto, quando parou diante da fundição, reconheceu o massacrado Saturn esmeralda

de Glenna. Podia vê-lo pela abertura que ficava a quase dois metros do chão. Ela saiu, deixando

nuvens de fumaça atrás de si. Jogou o cigarro na grama e pisou nele. Tinha parado de fumar

duas vezes enquanto estava com Ig – uma delas por uma semana.

Ig ficou olhando pelas janelas enquanto ela dava a volta no prédio. Estava maquiada demais.

Sempre andava maquiada demais. Batom cereja, o cabelo armado por um permanente, sombra

nos olhos e blush cor-de-rosa. Ela não queria entrar, Ig percebeu por sua expressão. Por trás de

sua máscara pintada, parecia medrosa, sofrida e bonita, de modo simples e solitário. Estava

usando jeans pretos, apertados, de cintura baixa que deixava à mostra o cofrinho, com um cinto

de tachas e um colete branco que deixava nua sua barriga flácida e a tatuagem em seu quadril, a

cabeça do coelhinho da Playboy. Ig ficou triste ao olhar para ela e ver como tudo se juntava

numa espécie de pedido desesperado: *Me ame, alguém, me ame.*

– Ig! – gritou ela. – Ig! Você está aí dentro? Está por aqui? – Ela levou a mão em concha à boca

para amplificar a voz.

Ele não respondeu e ela baixou a mão.

Ig foi de janela em janela, vendo-a caminhar pelo mato até chegar aos fundos do prédio. O sol

estava do outro lado, a ponta vermelha de cigarro atravessando a cortina pálida do céu. Quando

ela cruzou a trilha Evel Knievel, Ig deslizou por uma porta aberta e passou a andar atrás dela. Ele

se esgueirava pelo verde e a brasa do dia que morria: uma sombra avermelhada entre muitas

outras. Ela estava de costas para ele e não o viu se aproximar.

Glenna diminuiu o passo ao chegar ao topo da trilha, vendo a marca queimada na terra, o

lugar da explosão, onde o solo cozinhara até ficar branco. A lata vermelha de gasolina ainda

estava lá, perto dos pequenos arbustos ao lado da trilha. Ig foi avançando atrás dela, cruzando a

grama, até entrar pelas árvores e arbustos no lado direito da trilha. No campo em torno da

fundição ainda era fim de tarde, mas abaixo das árvores já era de noitinha. Ele brincava inquieto

com o crucifixo, o esfregando entre o polegar e o indicador, pensando em como se aproximar de

Glenna e no que dizer a ela. O que ela merecia dele.

Ela olhou para o chão queimado, depois para a lata vermelha e, finalmente, para a trilha, na

direção da água. Ig podia vê-la juntando as peças, raciocinando. Agora respirava mais depressa.

Sua mão direita mergulhou na bolsa.

– Ah, Ig – disse ela. – Que merda, Ig.

Tirou a mão da bolsa, segurando o celular.

– Não – disse Ig.

Ela se desequilibrou. Seu celular, rosa e liso como um sabonete, escorregou de sua mão e bateu

no chão, quicando na grama.

– Que diabo você está fazendo, Ig? – disse Glenna, mudando da tristeza para a raiva com a

mesma rapidez com que recuperou o equilíbrio. Ela olhou através de arbustos de amora para as

sombras debaixo das árvores. – Quase me cago de susto! – E começou a andar na direção dele.

– Fique onde está – disse ele.

– Por que você não quer que eu… – começou ela, mas depois parou. – Você está usando uma

saia?

Uma luz pálida e rosada se esgueirou por entre as árvores e caiu sobre a saia e a barriga nua

dele. Do peito para cima, no entanto, ele continuava na sombra.

O aspecto afogueado e raivoso de seu rosto deu lugar a um sorriso de descrença que

expressava mais susto do que divertimento.

– Ah, Ig – ela suspirou. – Ah, meu bem… – Ela deu um passo à frente e ele levantou a mão.

– Não quero que você volte aqui.

Ela não chegou mais perto.

– Por que você veio à fundição? – perguntou ele.

– Você destruiu nossa casa – disse ela. – Por que fez uma coisa dessas? Ele não

respondeu, não

sabia o que dizer.

Ela baixou os olhos e mordeu o lábio.

– Acho que alguém lhe contou sobre Lee e eu na outra noite. – Sem se lembrar, é claro, que ela

mesma havia contado. Ela se forçou a olhar para cima. – Ig, sinto muito. Pode me odiar se

quiser. Acho que eu fiz por merecer. Só quero ter certeza de que você está bem. – Respirando

suavemente e com voz delicada, ela disse: – Por favor, me deixe ajudá-lo.

Ig estremeceu. Era quase mais do que ele podia suportar, ouvir outro ser humano se

oferecendo para ajudá-lo, ouvir uma voz afetuosa e preocupada. Fazia apenas dois dias que era

um diabo, mas o tempo em que sabia o que era ser amado parecia ter ficado num passado

nebuloso, há muito deixado para trás. Ficou espantado de estar falando com Glenna de modo

perfeitamente normal, um milagre comum, tão simples e bom quanto um copo de limonada

gelada num dia quente. Glenna não foi levada a despejar seus piores e mais vergonhosos

impulsos; suas culpas secretas eram apenas isso, segredos. Ele tocou a cruz no pescoço mais uma

vez, o crucifixo de Merrin, que guardava um pequeno e precioso círculo de humanidade.

– Como soube que me encontraria aqui?

– Estava assistindo ao noticiário local no trabalho e falaram do carro queimado que

encontraram na beira do rio. As câmeras da TV estavam muito afastadas, de modo que não

consegui saber se era o Gremlin, e a repórter disse que a polícia ainda não havia confirmado a

marca nem o modelo. Mas senti uma coisa, tive uma espécie de pressentimento. Então telefonei

pro Wyatt Farmer, você se lembra do Wyatt? Uma vez, quando a gente era criança, ele colou

uma barba no meu primo Gary, pra ver se conseguiam comprar umas cervejas.

– Eu me lembro. Por que ligou pra ele?

– Vi que foi o reboque de Wyatt que tirou a carcaça da areia. Ele tem um negócio de conserto

de carros. Achei que ele poderia me dizer que tipo de carro era. Ele disse que estava tão

esturricado que ainda não tinham conseguido descobrir, porque não havia nada com que

trabalhar, a não ser a estrutura básica e as portas, mas achava que devia ser um Hornet ou um

Gremlin, e acreditava mais no Gremlin, que é mais popular agora. Então pensei, meu Deus, que

alguém tinha queimado seu carro. Depois fiquei pensando se você estaria nele quando pegou

fogo. Pensando se você mesmo teria feito isso. E sabia que, se tivesse feito, teria

sido aqui. Para

ficar perto dela. – E então ela lhe lançou mais um olhar tímido e assustado. – Já sei por que você

destruiu nossa casa…

– Sua casa. Nunca foi nossa.

– Eu tentei fazer com que fosse nossa.

– Eu sei. Acho que você fez o melhor que pôde. Eu, não.

– Por que você queimaria seu carro? Por que está aqui vestido… assim? – Ela estava com os

punhos cerrados, pressionando o peito. Lutou para sorrir. – Ah, meu bem. Parece que você

passou pelo inferno na Terra.

– Pode-se dizer que sim.

– Vamos lá. Entra no meu carro. Vamos voltar pro apartamento. Você vai tirar essa saia, se

limpar e voltar a ser você mesmo.

– E as coisas voltarão a ser como antes?

– Isso. Exatamente como antes – disse ela.

Era aí que estava o problema. Com o crucifixo no pescoço, ele podia voltar a ser o velho Ig,

podia ter tudo de volta se quisesse, mas nada daquilo valia a pena. Se era para viver o inferno na

Terra, havia algo de bom em ser um dos diabos. Ig estendeu a mão para a nuca e soltou o

cordão, o pendurando em um dos galhos acima dele, depois empurrou os arbustos para um

lado e avançou para a luz, a deixando ver o que ele era agora.

Por um momento ela estremeceu. Deu um passo vacilante para trás, um de seus saltos

afundou na terra e virou, de modo que ela quase torceu o tornozelo antes de se recuperar. Abriu

a boca para gritar, um daqueles gritos de filme de terror, um uivo profundo e torturado. Mas o

grito não saiu. Quase imediatamente seu rosto gorducho e bonitinho se acalmou.

– Você odiava as coisas como eram – disse o diabo.

– Odiava – concordou ela e uma espécie de dor tornou a cobrir seu rosto.

– Tudo.

– Não – disse ela. – Havia umas duas coisas de que eu gostava. Gostava de quando fazíamos

amor. Você fechava os olhos e eu sabia que estava pensando nela, mas eu não me importava,

porque podia fazer você se sentir bem e então estava tudo certo. E eu gostava de quando

fazíamos o café juntos nas manhãs de sábado, uma refeição enorme, com bacon, ovos e suco,

depois ficávamos vendo bobagens na TV, e você parecia feliz por ficar sentado ao meu lado o dia

todo. Mas odiava saber que eu jamais seria importante. Odiava não termos um futuro. E odiava

ouvir você falar das coisas engraçadas que ela dizia, e as coisas brilhantes que

ela fazia. Eu não

podia competir. Eu nunca teria nenhuma chance de competir.

– Você realmente quer que eu volte para o apartamento?

– Nem *eu* quero voltar pra lá. Eu detesto aquele lugar. Detesto viver lá. Quero ir embora.

Quero recomeçar em outro lugar.

– Pra onde você iria? Aonde você poderia ir para ser feliz?

– Pra casa de Lee – disse e seu rosto brilhou. Ela sorriu de um modo deslumbrado, como uma

criança que chega à Disney pela primeira vez. – Iria com minha capa de chuva, sem nada por

baixo, para lhe fazer uma grande surpresa. Lee quer que eu passe lá pra vê-lo qualquer hora.

Hoje de tarde me mandou uma mensagem dizendo que, se você não aparecesse, nós

deveríamos…

– *Não* – disse Ig, com a voz ríspida e soltando uma fumaça negra pelas narinas.

Ela se encolheu e se afastou.

Ele inspirou, puxando a fumaça de volta. Tomando seu braço, ele a virou na direção do carro

e começou a andar. A donzela e o diabo caminharam à luz da fornalha do fim do dia, e o diabo

a advertiu:

– Você não vai querer ter nada com ele. O que ele já fez por você além de roubar aquela

jaqueta e tratá-la como uma puta? Você precisa mandar Lee se foder. Você precisa de alguém

melhor do que ele. Você precisa dar menos e receber mais, Glenna.

– Gosto de fazer coisas legais para as pessoas – disse ela com uma vozinha corajosa, como se

estivesse envergonhada.

– Você também é uma pessoa. Faça algo legal para si mesma. – E, ao falar, concentrou toda a

sua vontade nos chifres e sentiu o choque de um prazer passar pelos nervos dentro deles. – Além

disso, pense em como você tem sido tratada. Eu destruí seu apartamento, há dias que você não

me vê e aí chega aqui e me vê de saia, vestido como uma bicha. Trepar com Lee não vai nos

deixar quites. Tem que pensar mais alto do que isso. Você tem direito a alguma vingança. Vá pra

casa, pegue meu cartão do banco, limpe a conta e… tire umas férias. Será que nunca teve

vontade de ter um pouco de tempo para *você*?

– Não ia ser fantástico? – perguntou ela, mas seu sorriso hesitou após um momento. – Eu

entraria numa fria. Fui presa uma vez, passei 30 dias na cadeia. Não quero voltar nunca.

– Ninguém vai incomodar você. Não depois de você vir até a fundição e me encontrar aqui

com minha sainha de renda, bancando o veado. Meus pais não vão soltar um

advogado atrás de

você. Não é o tipo de coisa que eles vão querer tornar pública. Fique com meu cartão de crédito

também. Aposto que minha família não vai bloqueá-lo por alguns meses. A melhor maneira de

se vingar de alguém é deixá-lo para trás, quando estiver a caminho de algo melhor. Você merece

algo melhor, Glenna.

Eles estavam ao lado do carro dela. Ig abriu a porta para ela entrar. Ela baixou os olhos para a

saia dele, depois os levantou para encará-lo. Estava sorrindo. Também estava chorando, imensas

lágrimas pretas de rímel.

– Essa era a sua, Ig? Saias? Foi por isso que não nos divertimos tanto assim? Se eu soubesse,

teria tentado… não sei, fazer funcionar.

– Não – disse Ig. – Só estou usando isso porque não tinha malha vermelha e capa.

– Malha vermelha e capa? – A voz dela estava tonta e meio lenta.

– Não é isso que o diabo deveria usar? Como uma roupa de super-herói. Sob muitos aspectos,

acho que Satanás foi o primeiro super-herói.

– Você não quer dizer supervilão?

– Nãão. Herói, com certeza. Pensa bem. Em sua primeira aventura ele assumiu a forma de

cobra pra libertar dois prisioneiros mantidos nus numa floresta de Terceiro Mundo por um

megalomaníaco todo-poderoso. Ao mesmo tempo, ampliou a dieta deles e fez com que

tomassem consciência de sua sexualidade. Pra mim, parece um cruzamento entre o Homem-

Animal e um conselheiro amoroso.

Ela riu – uma risada estranha, desajeitada, confusa. Depois deu um soluço e o sorriso se

perdeu.

– Então, pra onde você iria? – perguntou Ig.

– Não sei – disse ela. – Sempre quis ir a Nova York. Ver a cidade à noite. Táxis passando com

músicas estrangeiras estranhas saindo pela janela. Sujeitos vendendo amendoins, aqueles

amendoins doces, nas esquinas. Ainda se vende aqueles amendoins em Nova York?

– Não sei. Costumavam vender. Eu não vou lá desde antes da morte de Merrin. Por que não

vai descobrir? Vai ser ótimo. A melhor fase da sua vida.

– Se viajar é tão bom – disse ela –, se me vingar de você é tão maravilhoso, por que me sinto

uma merda?

– Porque ainda não chegou lá. Ainda está aqui. Mas, quando for embora, tudo de que vai se

lembrar é que me viu vestido pra festa, com minha melhor saia azul. Todo o

resto… você vai

esquecer – disse, concentrando o poder de seus chifres nas instruções, empurrando o

pensamento bem para o fundo da cabeça dela, com uma penetração mais íntima do que

qualquer outra que tivessem experimentado na cama.

Ela meneou a cabeça, o encarando com olhos injetados e fascinados.

– Esquece, o.k.? – insistiu Ig.

Ela foi entrando no carro, depois hesitou, olhando para ele por cima da porta.

– A primeira vez que falei com você foi aqui. Lembra? Eu estava com um grupo assando cocô.

Que coisa, hein?

– Engraçado – disse Ig. – É mais ou menos isso que estou planejando fazer hoje à noite. Agora

vai, Glenna. Espelho retrovisor.

Ela fez um sinal com a cabeça e começou a se sentar no carro, depois levantou, se debruçou

sobre a porta e lhe deu um beijo na testa. Ele viu algumas coisas ruins sobre ela que não sabia.

Glenna havia pecado muitas vezes, sempre contra ela mesma. Ele se assustou e deu um passo

atrás, o toque fresco de seus lábios ainda na testa e o cheiro de cigarro e menta do hálito dela nas

narinas.

– Ei – disse ele.

Ela sorriu.

– Não vá se machucar por aqui, Ig. Parece que você não consegue passar uma tarde na

fundição sem sair quase morto.

– É – disse ele. – Agora que você falou, parece mesmo que está virando um hábito.

Ig caminhou de volta para a trilha Evel Knievel, para ver a brasa vermelha do sol afundar no

rio Knowles e desaparecer. De pé no meio de toda aquela grama alta, ouviu um chiado curioso e

musical, parecendo um inseto, mas não um que ele conhecesse. Ele o ouvia bem nitidamente…

os gafanhotos tinham se calado com o cair da noite. Eles estavam morrendo, de qualquer modo,

o ronco da maquinaria de seu desejo perdendo a intensidade com o fim do verão. O som voltou,

à esquerda, no matagal.

Ele se agachou para investigar e viu o celular de Glenna em sua capa rosa translúcida, deitado

no capim cor de palha, onde ela o deixara cair. Pegou o aparelho na grama e o abriu. Havia uma

mensagem de Lee Tourneau na tela:

O que vc tá usando?

Ig torceu o cavanhaque, refletindo nervoso. Ainda não sabia se era capaz de fazer aquilo pelo

telefone, se a influência dos chifres podia ser enviada por um transmissor de rádio e saltar por

um satélite. Por outro lado, é fato conhecido que os celulares são instrumentos do demônio.

Ele abriu a mensagem de Lee e apertou “chamar”.

Lee atendeu no segundo toque.

– Diga que está usando alguma coisa provocante. Não precisa nem ser verdade. Sou ótimo em

fingimentos.

Ig abriu a boca, mas falou com a voz suave, mole e sem fôlego de Glenna:

– Estou usando uma massa de lama e terra, é isso que estou usando. Estou numa fria, Lee.

Preciso que alguém me ajude. A merda do carro atolou.

Lee hesitou e, quando voltou a falar, sua voz estava grave e pausada:

– E onde a senhora atolou, madame?

– *Aqui na porra da fundição* – disse Ig, com a voz de Glenna.

– Na fundição? O que você foi fazer aí?

– Vim procurar o Ig.

– E por que foi fazer isso? Glenna, isso não foi inteligente. Você sabe que ele anda instável.

– Eu sei, mas não pude evitar. Estou preocupada com ele. A família dele está preocupada.

Ninguém sabe onde ele está, ele faltou ao aniversário da avó e nem atende o telefone. Pode até estar

morto. Eu não aguento mais e detesto pensar que ele se ferrou e a culpa é minha. E em parte

também é culpa sua, seu merda.

Ele riu.

– É. Provavelmente. Mas continuo sem entender por que você foi à fundição.

– Foi aqui que ela morreu, então é normal que ele queira vir aqui nesta época. Resolvi dar uma

olhada, vim até aqui, o carro atolou, e é claro que Ig não está em nenhum lugar por perto. Você foi

gentil o bastante ao me dar uma carona pra casa na outra noite. Salvaria a mesma donzela duas

vezes?

Ele fez uma pausa, depois disse:

– Você telefonou pra mais alguém?

– Você foi a primeira pessoa em quem pensei. Qual é? Não me faça implorar. Minhas roupas

estão cobertas de lama e preciso me livrar delas e me lavar.

– Claro – disse ele. – Desde que eu possa ficar espiando. Você se lavar, quero dizer.

– Isso depende de quanto tempo você vai levar pra chegar aqui. Estou sentada dentro da fundição

esperando por você. Você vai rir da minha cara quando vir onde atolei o carro. Quando chegar aqui,

vai morrer de rir.

– Mal posso esperar – disse ele.

– Depressa. É meio assustador ficar aqui sozinha.

– Aposto que sim. Aí só tem mesmo fantasma. Segura a onda. Já estou indo.

Ig desligou sem se despedir. Depois se agachou por um tempo sobre o chão queimado no

topo da trilha Evel Knievel. O sol se pusera enquanto ele não estava prestando atenção. O céu

era de um roxo profundo, cor de ameixa, as primeiras estrelas começando a brilhar como furos

de alfinetes. Por fim, ele se levantou para caminhar de volta para a fundição e se preparar para

Lee. Parou e recuperou o crucifixo de Merrin que havia pendurado em um galho de carvalho.

Também pegou o tanque vermelho de gasolina. Ainda restava um quarto do combustível.

CAPÍTULO 45

E**le calculou que Lee levaria pelo** menos meia hora para chegar lá, até mais se estivesse vindo

de Portsmouth. Não parecia tanto tempo assim. Ig estava satisfeito. Quanto mais tempo

tivesse para pensar no que precisava fazer, menos provável seria que o fizesse.

Ig tinha dado a volta até a frente da fundição e estava a ponto de se erguer pela passagem

para o grande salão quando ouviu o baque de um carro nos sulcos profundos da estrada atrás

dele. A adrenalina subiu em uma onda gelada, o enchendo com sua frieza. As coisas estavam

acontecendo rápido, mas não podiam ser tão rápidas assim, a menos que Lee já estivesse no seu

carro quando Ig telefonou, por algum motivo a caminho da fundição. Só que não era o grande

Cadillac vermelho de Lee, era um Mercedes preto e Terry Perrish estava ao volante.

Ig mergulhou na folhagem rasteira e encostou a lata com um quarto de gasolina na parede.

Estava tão despreparado para o aparecimento de seu irmão – aqui, *agora* – que era difícil aceitar

o que estava vendo. Terry não podia estar ali porque, a essa hora, seu avião estava na Califórnia

e ele estava em Los Angeles, no calor semitropical e ao sol do Pacífico. Ig tinha mandado que ele

fosse embora, que cedesse ao que mais queria fazer – que era cair fora –, e aquilo deveria ter sido

o bastante.

O carro fez a curva e diminuiu a velocidade ao se aproximar do prédio, se arrastando por

entre toda aquela folhagem alta e fina. Ver Terry deixou Ig furioso e alarmado. Seu irmão não

pertencia àquele lugar e quase não havia tempo para se livrar dele.

Ig correu agachado ao longo da fundação de concreto. Chegou ao canto da fundição no

momento em que ouviu o Mercedes passando por ali, então apressou o passo, agarrou a porta

do lado do carona, a abriu e pulou para dentro.

Terry olhou para ele, gritou e caiu contra a porta do motorista, procurando, atrapalhado, o

trinco. Depois reconheceu Ig e parou.

– Ig – disse, arfando –, o que é que você… – Seus olhos baixaram até a saia imunda, depois

subiram até o rosto do irmão. – Que merda você fez?

Ig não entendeu a princípio, o susto de Terry não fazia sentido. Depois sentiu o crucifixo,

ainda fechado em sua mão direita, a corrente enrolada nos dedos.

Ele estava segurando a cruz e ela desativava os chifres. Pela primeira vez desde que havia

chegado, Terry estava vendo apenas Ig. O Mercedes sacolejava sobre o mato alto.

– Quer parar o carro, Terry? – disse Ig. – Antes que a gente despenque pela Evel Knievel até o

rio?

O pé de Terry encontrou o freio e ele parou o carro.

Os dois irmãos estavam juntos no banco da frente. Terry respirava rapidamente, pela boca.

Por um longo momento ficou olhando para Ig, o rosto sem vida e confuso. Depois riu. Um riso

incerto, horrorizado, que trouxe consigo um tique nervoso dos lábios que era quase um sorriso.

– Ig. O que você está fazendo aqui… assim?

– Eu é que pergunto. O que você está fazendo aqui? Você tinha um voo hoje.

– Como você…

– Você tem que sair daqui, Terry. Não temos muito tempo. – Enquanto falava, olhava pelo

retrovisor, observando a estrada. Lee chegaria a qualquer momento.

– Tempo pra quê? O que vai acontecer? – Terry hesitou, depois perguntou: – Qual é a da saia?

– Você, mais do que ninguém, deveria reconhecer uma referência à Motown, Terry.

– Motown? Você não está dizendo coisa com coisa.

– Claro que estou. Porra, estou dizendo que você precisa sumir daqui. O que poderia fazer

mais sentido que isso? Você é a pessoa errada no lugar errado exatamente no momento errado,

Terry.

– Do que você está falando? Está me assustando. O que vai acontecer? Por que você fica

olhando pelo retrovisor?

– Estou esperando uma pessoa.

– Quem?

– Lee Tourneau.

Terry empalideceu.

– Ah, por quê?

– Você sabe.

– Ah – disse Terry de novo. – Então você sabe. Humm… quanto você sabe?

– Tudo. Que você estava no carro. Que desmaiou. Que ele armou pra você não poder contar.

As mãos de Terry estavam no volante, com os polegares se movendo para cima e

para baixo,

os nós dos dedos brancos.

– Tudo. Como você sabe que ele está vindo?

– Eu sei.

– Você vai acabar com ele – disse Terry. Não era uma pergunta.

– Óbvio.

Terry olhou para a saia de Ig, seus pés nus e imundos, sua pele avermelhada, que podia até

parecer uma queimadura de sol muito forte. Então disse:

– Vamos pra casa, Ig. Vamos pra casa conversar sobre isso. Nossos pais estão preocupados

com você. Vamos até lá pra eles verem que você está bem, depois conversamos todos juntos.

Vamos esclarecer as coisas.

– Pra mim já está claro. Você devia ter ido embora. Eu disse pra você ir.

Terry balançou a cabeça.

– Como assim, disse pra eu ir? Não vi você desde que cheguei. Nós não conversamos.

Ig olhou pelo retrovisor e viu faróis. Ele se virou no assento e olhou pela janela traseira. Um

carro estava passando na estrada, do outro lado da fina faixa de mata entre a fundição e a

estrada. Os faróis piscavam entre os troncos das árvores, um obturador abrindo e fechando,

pisca-pisca-pisca, transmitindo uma mensagem: *Depressa, depressa.* O carro passou sem virar,

mas era uma questão de minutos até que um carro *não* passasse e, em vez disso, virasse na

entrada de cascalho e fosse até eles. Os olhos de Ig baixaram e ele viu uma mala no banco de

trás, com o estojo do trompete de Terry ao lado.

– Você fez a mala – disse Ig. – Pretendia ir. Por que não foi?

– Eu fui.

Ig se empertigou, fazendo uma pergunta com os olhos.

Terry balançou a cabeça.

– Não importa. Deixa pra lá.

– Não. Conta.

– Mais tarde.

– Conta agora. O que está querendo dizer? Se saiu da cidade, por que voltou?

Terry lhe lançou um olhar brilhante e vazio. Depois de um instante, começou a falar, lenta e

cuidadosamente.

– Não faz o menor sentido, tá?

– Não. Também acho. É por isso que quero que me conte tudo.

Num movimento rápido, a língua de Terry tocou seus lábios secos. Quando falou, sua voz

estava tranquila mas um pouco apressada:

– Decidi voltar para Los Angeles. Cair fora desse hospício. Papai ficou puto comigo. Vera está

no hospital e ninguém sabe por onde você anda. Mas simplesmente enfiei na cabeça que não

adiantava nada eu ficar em Gideão, que precisava ir, tinha que voltar pra Los Angeles e

comparecer aos ensaios. Papai disse que não podia imaginar nada mais egoísta do que eu dar o

fora com as coisas desse jeito. Sei que ele estava certo, mas por alguma razão isso parecia não

importar. Estava me sentindo muito bem no carro, indo embora. Só que quanto mais me

afastava de Gideão, menos bem eu me sentia. Estava ouvindo rádio e tocou uma música de que

gosto, então comecei a pensar num arranjo para tocá-la com banda. Aí me lembrei que não

tenho mais banda. Não há mais ninguém com quem ensaiar.

– Como assim não há ninguém com quem ensaiar?

– Não tenho emprego – disse Terry. – Pedi demissão. Caí fora do *Hothouse*.

– Do que você está falando? – perguntou Ig. Ele não tinha visto nada disso na viagem que fez

pela cabeça de Terry.

– Na semana passada – disse Terry. – Eu não suportava mais. Depois do que aconteceu com

Merrin, não era mais divertido. Muito pelo contrário. Era um inferno. Inferno é ser forçado a

sorrir, ser divertido e tocar música de festa quando tudo o que se quer é gritar. Cada vez que

tocava o trompete, estava gritando. O pessoal da Fox pediu que eu tirasse o fim de semana pra

pensar. Não me ameaçaram abertamente com quebra de contrato se não aparecesse na semana

seguinte, mas a coisa ficou no ar. E também sei que não estou nem aí. Estou cagando. Eles não

têm nada do que preciso.

– E quando se lembrou que não tinha mais show… deu meia-volta e veio pra casa?

– Não imediatamente. Era assustador. Como… ser duas pessoas ao mesmo tempo. Uma hora

achava que tinha de sair daquela estrada e voltar pra Gideão. Então voltava pros ensaios

imaginários. Finalmente, quando estava quase no aeroporto Logan… sabe aquela colina com

uma cruz enorme no topo? Aquela logo depois do hipódromo de Suffolk Downs?

Os braços de Ig se arrepiaram.

– Tem quase 10 metros. Sei qual é. Achava que se chamava Don Orsillo, mas não é isso.

– Don Orione. Esse é o nome da casa de saúde que mantém a cruz. Eu parei ali. Há uma

estrada que atravessa toda a área e vai até a cruz. Não fui até o topo. Só encostei pra pensar,

parando na sombra.

– À sombra da cruz?

Seu irmão assentiu de forma vaga.

– Ainda estava com o rádio ligado. Na estação da faculdade. O sinal estala um pouco, ali para

o sul, mas eu ainda não tinha trocado. E o rapaz começou a dar notícias locais, dizendo que a

ponte da estrada Old Fair em Gideão estava aberta de novo, depois de ter ficado fechada

algumas horas no meio do dia, enquanto a polícia rebocava da beiro do rio um carro que havia

sido explodido por uma bomba. Ouvir a história do carro me deu uma espécie de enjoo. Só

porque… porque não tínhamos notícias suas havia uns dois dias e o banco de areia fica abaixo

da fundição, seguindo o rio. E na mesma época do ano em que Merrin morreu. Tudo parecia

relacionado. E de repente eu não sabia mais por que estava com tanta pressa de sair de Gideão.

Não sabia por que era tão importante ir embora. Peguei um retorno e voltei. E, quando estava

entrando na cidade, pensei que talvez devesse dar uma checada na fundição. No caso de você ter

vindo pra cá pra ficar perto de Merrin e… alguma coisa ter acontecido com você. Senti que não

podia fazer mais nada enquanto não soubesse que você estava bem. E… aqui

estou. E você não

está bem. – Ele olhou para Ig novamente e, quando falou, sua voz estava hesitante e medrosa. –

Como é que você ia… matar Lee?

– Depressa. O que é mais do que ele merece.

– Você sabe o que eu fiz… e vai me deixar tirar o corpo fora? Por que não me mata também?

– Você não é o primeiro a foder com tudo porque estava com medo.

– O que você quer dizer com isso?

Ig pensou um pouco antes de responder.

– Eu odiava o jeito como Merrin olhava pra você, quando se apresentava com o trompete.

Sempre tive medo de que ela amasse você, e não a mim, e não suportava isso. Lembra dos

diagramas que você desenhava zombando da irmã Bennett? Fui eu que escrevi o bilhete te

dedurando. Aquele que fez você tirar F em ética e ser cortado do recital de fim de ano.

Terry arregalou os olhos para ele, como se Ig tivesse falado numa língua incompreensível.

Depois riu. Era um som forçado e fino, mas verdadeiro.

– Que merda. Meu rabo ainda dói da surra que o padre Mould me deu. – Mas não conseguiu

sustentar o sorriso e, quando ele desapareceu, disse: – Não é a mesma coisa que eu fiz com você.

Não é do mesmo tipo nem da mesma gravidade.

– Não – concordou Ig. – Só quis ilustrar o princípio. As pessoas tomam péssimas decisões

quando estão com medo.

Terry tentou sorrir, mas parecia mais perto de chorar.

– Precisamos ir – disse ele.

– Não – atalhou Ig. – Só você. Agora.

Enquanto falava, já estava baixando a janela do lado do carona. Enrolou o cordão com o

crucifixo e o jogou para fora, no meio da grama, livrando-se dele. No mesmo momento,

concentrou sua força de vontade atrás dos chifres e chamou todas as cobras da mata,

convocando-as a se juntarem a ele na fundição.

Terry emitiu um som, no fundo da garganta, um longo sibilar de surpresa.

– *Ohhh.*.. *chifres.* Você tem chifres. Na cabeça. O que… meu Deus, Ig… o que você é?

Ig voltou a encará-lo. Os olhos de Terry eram lâmpadas, brilhando com uma espécie elevada

de terror, beirando a reverência.

– Não sei – respondeu Ig. – Homem ou demônio, não estou bem certo. O mais estranho é que

a coisa ainda está meio indefinida. Mas sei do seguinte: Merrin queria que eu fosse uma pessoa.

As pessoas perdoam. Demônios… nem tanto. Se estou deixando você sair dessa,

é mais por ela

do que por mim ou por você. Ela também te amava.

– Preciso ir – disse Terry, com a voz fina e assustada.

– Isso mesmo. Não vai querer estar aqui quando Lee chegar. Você pode se machucar se as

coisas derem errado, mas, mesmo que isso não aconteça, imagine o prejuízo à sua reputação.

Isso não tem nada a ver com você. Nunca teve. De fato, você vai esquecer essa conversa. Nunca

esteve aqui e não me viu esta noite. Tudo isso passou.

– Passou – disse Terry, se encolhendo e piscando rápido, como se alguém tivesse jogado água

fria no seu rosto. – Meu Deus, preciso sair daqui. Se algum dia for voltar a trabalhar, tenho que

sair dessa merda.

– Isso mesmo. Esta conversa acabou, e você vai embora. Anda logo. Vá pra casa e diga a

Mamãe e Papai que perdeu o voo. Fique com as pessoas que te amam e dê uma olhada no jornal

amanhã. Eles dizem que nunca publicam boas notícias, mas acho que você vai se sentir muito

melhor em relação à sua vida quando vir a primeira página. – Ig quis beijar o rosto do irmão,

mas teve medo, não queria descobrir nada que o fizesse se arrepender de mandá-lo embora. –

Adeus, Terry.

Ele saiu do carro e ficou afastado, enquanto o veículo começava a andar lentamente,

amassando o mato alto à sua frente. Ele fez uma volta larga e preguiçosa, contornando uma

pilha de lixo, tijolos, tábuas velhas e latas. Então Ig se virou, sem esperar para ver o Mercedes

sair do outro lado do monte de estrume. Tinha que tomar algumas providências. Caminhou

rapidamente junto à parede externa da fundição, lançando olhares para a fileira de árvores que

cobriam o prédio da estrada como uma tela. Esperava ver faróis a qualquer momento, entre os

pinheiros, mais devagar quando Lee virasse.

Subiu para a câmara atrás da fornalha. Parecia que alguém tinha vindo com um par de baldes

de cobras, as despejara e fora embora. As cobras deslizavam dos cantos e caíam de pilhas de

tijolos. A víbora no carrinho se desenrolou e caiu chocalhando no chão. Devia haver apenas

umas 100. Bom. Era o bastante.

Ele se abaixou e pegou a cobra de chocalho no ar, com a mão debaixo de sua parte central;

agora não tinha medo de ser mordido. Ela apertou os olhos numa expressão sonolenta de afeto,

sua língua preta pulou para ele e por um momento ela sussurrou palavras carinhosas e frescas,

ofegante, em seu ouvido. Ele beijou sua cabeça delicadamente e depois a levou para a fornalha.

Ao carregá-la, se deu conta de que não percebia nela qualquer culpa ou pecado, ela não tinha

nenhuma lembrança de ter feito algo de errado. Era inocente. Todas as cobras eram, é claro.

Correr na grama, morder ou paralisar, com veneno ou com o rápido aperto das mandíbulas,

engolir e sentir a massa boa, peluda e lisa de um rato goela abaixo, cair em um buraco escuro e se

enrolar numa cama de folhas – tudo isso eram coisas boas, era como o mundo deveria ser.

Ele se inclinou para a chaminé e a colocou no cobertor fedorento sobre o colchão. Depois se

curvou sobre ela e acendeu todas as velas, criando um ambiente íntimo e romântico. Ela se

acomodou numa espiral confortável.

– Você sabe o que fazer se ele passar por mim – disse Ig. – A próxima pessoa que passar por

esta porta. É preciso que você morda, morda e morda. Entendeu?

A língua da cobra escapou de sua boca e lambeu o ar com doçura. Ele dobrou os cantos do

cobertor sobre ela, para escondê-la, e então pousou sobre ela o sabonete liso e rosa que era o

celular de Glenna. Se por acaso Lee o matasse, e não o contrário, ele teria que ir até lá para

apagar as velas e, ao ver o celular, iria querer levá-lo, afinal tinha sido usado para ligar para ele,

não era conveniente deixar evidências largadas por ali.

Ig se acomodou na fornalha e fechou a porta quase completamente. A luz das velas brilhava

pelas frestas, como se a velha fornalha tivesse sido acesa mais uma vez. Agarrou seu tridente, que

estava encostado na parede logo à direita da portinhola.

– Ig – sussurrou Terry atrás dele.

Ig virou, o coração explodindo no peito, e viu o irmão de pé, do lado de fora, nas pontas dos

pés para olhar por sobre a porta.

– O que você ainda está fazendo aqui? – reclamou Ig, perturbado por vê-lo.

– Isso são cobras? – perguntou Terry.

Terry deu um passo atrás, para se afastar da porta, quando Ig pulou de onde estava. Ig

continuava com a caixa de fósforos na mão e a atirou para um lado, na lata de gasolina. Depois

se virou e apontou o tridente para o peito de Terry. Ele torceu o pescoço para olhar para além

dele, para o campo, mas não viu o Mercedes.

– Onde está seu carro?

– Atrás daquele monte de merda – disse, apontando para um monte bem grande de lixo. Ele

levantou a mão e com delicadeza afastou o tridente.

– Mandei você ir embora.

O rosto de Terry brilhava de suor na noite quente de agosto.

– Não – disse ele.

Ig levou um momento para processar a resposta improvável do irmão.

– *Sim*. – Ele se concentrava nos chifres com tanta força que a sensação de pressão e calor neles

foi, pela primeira vez, quase dolorosa, um machucado desagradável. – Você não vai querer ficar

aqui e eu não quero você aqui.

Terry de fato cambaleou, como se Ig o tivesse empurrado. Mas depois se firmou nos pés e

ficou onde estava, com uma tensão sombria no rosto.

– Eu disse que não. Você não pode me obrigar. Seja o que for que você estiver fazendo com a

minha cabeça, há limites. Você só pode fazer a proposta. Eu tenho que aceitar. E não aceito. Não

vou sair daqui e deixar você sozinho para enfrentar o Lee. Foi isso que fiz com Merrin e desde

então tenho vivido no inferno. Se quiser que eu vá, entre no carro e venha comigo. Vamos

resolver isso. Vamos encontrar um jeito de cuidar do Lee sem que ninguém morra.

Ig emitiu um som engasgado na garganta e avançou para ele com o tridente. Terry desviou

para trás, para fora do alcance dos dentes. Ig ficou furioso por não conseguir obrigar o irmão a

fazer o que ele queria. Cada vez que Ig avançava para ele, para empurrá-lo com o tridente, Terry

conseguia escapar, com um sorriso fraco e incerto no rosto. Ig teve a sensação desesperadora de

ter 10 anos e ser forçado a participar de algum jogo ou briga no quintal.

Faróis se agitaram do outro lado da fileira de árvores que separava a fundição da estrada,

diminuindo a velocidade de modo uniforme enquanto se preparavam para pegar a trilha de

cascalho. Ig e Terry pararam, olhando para a estrada.

– É Lee – disse Ig, focando seu olhar furioso em Terry. – Vá pro carro e suma de vista. Você

não pode me ajudar. Só vai foder com tudo. Abaixe a cabeça e fique fora do caminho, num

lugar onde não possa ser morto.

Mais uma vez ele o empurrou com o tridente e concentrou mais uma onda de vontade atrás

dos chifres, tentando *convencer* Terry.

Desta vez ele não relutou, deu a volta e correu pelo mato mais alto, indo para o monte de

esterco. Ig ficou de olho até ele ter alcançado a quina do prédio. Então se arrastou pela porta alta

para dentro da fundição. Atrás dele os faróis do Cadillac de Lee Tourneau deslizavam pelo ar,

fatiando a escuridão como um abridor de cartas cortando um envelope preto.

CAPÍTULO 46

A**ssim que entrou na câmara,** a luz dos faróis passou pelas janelas e portas. Quadrados

brancos brilhantes atravessaram as paredes cobertas de grafite, escolhendo algumas antigas

mensagens: TERRY PERRISH CHUPA, PAZ 79, DEUS ESTÁ MORTO. Ig deu um passo para

fora do alcance da luz, para o lado da porta. Tirou o casaco e o jogou no chão, no centro da

sala. Então ficou agachado num canto e usou seus chifres para chamar as cobras.

Elas saíram dos cantos, caíram dos buracos nas paredes, deslizando por baixo da pilha de

tijolos. Deslizaram na direção do casaco, escorregando umas por cima das outras de tanta pressa.

O sobretudo se contorcia enquanto elas iam se juntando embaixo dele. Então começou a se

sentar. O casaco levantou e se aprumou, os ombros começaram a inflar, as mangas se moviam,

inchando, como se um homem invisível enfiasse os braços nelas. Por fim despontou uma cabeça,

com cabelo que se torcia e se espalhava sobe o colarinho. Parecia que um homem de cabelo

comprido, ou talvez uma mulher, estava sentado no chão, meditando, com a cabeça baixa.

Alguém que tremia sem parar.

Lee buzinou.

– Glenna? – chamou. – O que você está fazendo, gata?

– *Estou aqui dentro* – respondeu Ig com sua voz de Glenna. E se agachou bem à direita da

porta. – *Oi, Lee, torci a porra do tornozelo.*

A porta de um carro se abriu e bateu. Ouviram-se passos se aproximando pela grama.

– Glenna? – disse Lee. – O que houve?

– *Estou só sentada aqui, querido. Estou sentada bem aqui.*

Lee apoiou as mãos no concreto e se içou pela porta. Tinha engordado uns 50 quilos e

raspado a cabeça desde a última vez que Ig o vira, uma transformação tão impressionante

quanto criar chifres, e por um instante Ig não conseguiu entender o que estava acontecendo, não

podia assimilar o que via. Definitivamente não era Lee. Era Eric, com suas luvas azuis de látex,

segurando seu cassetete, a cabeça queimada e cheia de bolhas. Sob a luz dos faróis, a curva de

seu crânio parecia tão vermelha quanto a de Ig. As bolhas na sua face esquerda eram grossas e

largas e pareciam cheias de pus.

– Ei, madame – disse Eric baixinho. Seus olhos relanceavam de um lado para outro, varrendo

a câmara escura e vasta. Ele não podia ver Ig com seu tridente, não onde estava, agachado do

lado direito, nas sombras mais escuras. A vista de Eric ainda não tinha se acostumado com a

escuridão. Com a luz dos faróis vazando pela porta atrás dele, não se acostumariam nunca. Lee

estava lá fora, em algum lugar. De algum modo soubera que não era seguro e tinha levado Eric

com ele. Mas como soube disso? Não tinha mais o crucifixo para protegê-lo. Não fazia sentido.

Eric dava pequenos passos desorientados na direção da figura com o sobretudo, o cassetete

balançando em sua mão direita, fazendo arcos preguiçosos.

– Fala alguma coisa, sua puta – disse Eric.

O casaco tremeu, abanou um braço sem forças e balançou a cabeça. Ig não se moveu,

prendendo a respiração. Não conseguia pensar no que fazer. Era para ser Lee a entrar pela porta,

ninguém mais. Então essa era a história de sua curta existência como diabo, pensou. Tinha feito

seu melhor satanismo para arquitetar um simples assassinato e agora tudo ia por água abaixo.

Talvez fosse sempre assim. Talvez todos os planos do Diabo não fossem nada comparados ao

que os homens conseguem tramar.

Eric se arrastou até ficar de pé atrás da coisa de casaco. Levantou o cassetete com as duas mãos

e bateu com força, bem nas costas. O casaco desmoronou e as cobras jorraram para fora, um

enorme saco aberto derramando serpentes para todos os lados. Eric deu um grito

estrangulado

de nojo e quase tropeçou em suas botas Timberland enquanto se afastava.

– O que foi? – gritou Lee de algum lugar lá fora. – O que está acontecendo? Eric baixou a bota

na cabeça da cobra-amarela, que se contorcia entre seus tornozelos. Foi esmigalhada com um

estalo, como uma lâmpada se quebrando. Eric emitiu um gemido de repulsa, chutou uma cobra-

d’água e foi recuando na direção de Ig. Patinava sobre elas, um gêiser de serpentes. Estava se

virando para sair quando tropeçou numa delas e seu tornozelo se torceu sob seu corpo. Ele deu

uma pirueta surpreendentemente graciosa, fazendo um giro completo até perder o equilíbrio e

cair com toda a força sobre um dos joelhos, ficando de cara para Ig. Eric o encarou com seus

olhinhos pequenos de porco, incrustados na sua cara grande queimada. Ig colocou o tridente

entre eles.

– Estou fodido – disse Eric.

– Você e eu – disse Ig.

– Vai pro inferno, seu merda – disse Eric, levantando a mão esquerda. Pela primeira vez Ig viu

o cano do revólver.

Ig atacou rapidamente, sem se dar tempo para pensar, e bateu com o tridente no ombro

esquerdo de Eric. Era como atirá-lo contra o tronco de uma árvore. Um impacto estremecedor

vibrou através do cabo até as mãos de Ig. Um dos dentes esmagou a clavícula de Eric, outro se

enterrou no músculo de seu ombro, e o dente do meio atingiu a parte superior de seu peito. A

arma disparou, atirando para o alto, um estrondo como o de uma bomba-cereja explodindo, o

som de um verão americano. Ig continuou, fazendo Eric perder o equilíbrio até cair de bunda. O

braço esquerdo de Eric vacilou e a arma saiu voando para a escuridão até que disparou

novamente ao bater no chão, e uma cobra-amarela foi partida em duas.

Eric grunhiu. Parecia se esforçar para levantar um peso enorme. Suas mandíbulas estavam

cerradas e seu rosto, que já estava vermelho, agora assumia um tom púrpura, salpicado por

bolhas brancas e gordas. Ele deixou cair seu cassetete e tateou pelo corpo com a mão direita,

pegando o tridente pela cabeça de ferro, como se quisesse arrancá-lo de seu corpo.

– Solta – disse Ig. – Não quero matá-lo. Você vai se machucar muito mais se tentar arrancá-lo.

– Não estou. – Eric arfava. – Tentando. Arrancar.

E jogou seu corpo para a direita, puxando o cabo do tridente – e Ig junto com ele – para fora

da escuridão, para a claridade da porta. Ig não sabia que isso ia acontecer até que aconteceu, até

perder o equilíbrio e sair das sombras cambaleando. Ele recuou, puxando o tridente, e por um

instante as pontas dos dentes atingiram um tendão e a carne, então se soltaram e Eric gritou.

Ig não tinha dúvidas do que iria acontecer e tentou sair da frente da porta, que o enquadrava,

o transformando num alvo vermelho contra um fundo preto, mas ele foi lento demais. O

estampido da arma foi único e ensurdecedor, e a primeira baixa foi a audição de Ig. A arma

cuspiu fogo vermelho e os tímpanos aturdidos de Ig se retesaram. O mundo foi imediatamente

tomado por algo fora do comum, um silêncio não tão perfeito. Ig sentiu como se um ônibus

escolar tivesse carregado seu ombro direito. Ele cambaleou para a frente e despencou em cima de

Eric, que fez um barulho igual a uma tosse rouca, uma espécie de latido.

Lee se agarrou no batente da porta com uma das mãos e se puxou para dentro, uma arma na

outra mão. Sem pressa, ficou de pé. Ig o viu mexendo no tambor, viu claramente quando o

cartucho da bala pulou, descrevendo uma parábola na escuridão, até cair no chão. Ig tentou dar

um pulo e descrever seu próprio arco, desviar para a esquerda, tornando-se um alvo móvel, mas

algo prendia seu braço – Eric. Ele estava agarrado a seu cotovelo, talvez para usá-lo de muleta,

talvez para mantê-lo no lugar, como um escudo humano.

Lee atirou de novo, e Ig foi atingido nas pernas, que se dobraram. Por um instante conseguiu

se manter de pé: apoiou o cabo do tridente no chão e jogou seu peso sobre ele para se segurar.

Mas Eric ainda o mantinha preso pelo braço e fora atingido, não nas pernas, mas no peito. Eric

caiu para trás e jogou Ig no chão junto com ele.

Ig teve um vislumbre do céu escuro e de uma nuvem luminescente, onde antes, há quase um

século, houvera um telhado. Então suas costas bateram no concreto com um baque surdo que

fez suas costelas chacoalharem.

Ficou deitado ao lado de Eric, a cabeça quase pousada sobre os quadris dele. Não conseguia

mais sentir seu ombro direito, nem nada abaixo dos joelhos. O sangue jorrava de sua cabeça, a

escuridão do céu ficava perigosamente mais profunda e ele fez um esforço desesperado para se

manter consciente. Se desmaiasse agora, Lee o mataria. Em seguida se deu conta de que sua

relativa consciência não fazia a menor diferença, porque seria morto de qualquer maneira. Com

uma percepção muito vaga, notou que ainda segurava o tridente.

– Você *me* acertou, seu babaca! – gritou Eric. Sua voz estava abafada. Ig sentia que escutava o

mundo através de um capacete de motociclista.

– Podia ser pior. Você podia estar morto – respondeu Lee e então já estava de pé ao lado de

Ig, apontando o revólver para a cara dele.

Ig deu uma estocada com o tridente e prendeu o cano da arma entre os dentes, a empurrando

para cima e para a direita, de modo que, quando disparou, explodiu bem na cara de Eric. Ig

olhou para cima a tempo de ver a cabeça de Eric estourando como um melão maduro caindo de

muito alto. O sangue se espalhou pelo rosto de Ig, tão quente que parecia em ebulição e Ig não

pode deixar de lembrar do peru explodindo com um estalo repentino e aniquilador. As cobras

deslizavam pelo atoleiro de sangue, fugindo para os cantos da câmara.

– Merda – disse Lee. – Agora ficou pior. Desculpe, Eric. Juro que estava tentando matar o Ig.

– E então ele riu, uma risada histérica, que não tinha a menor graça.

Lee deu um passo para trás, soltando a arma do tridente. Abaixou o revólver e Ig voltou a

golpeá-lo com o tridente, o fazendo disparar pela quarta vez. O tiro foi para cima e acertou o

próprio cabo do tridente, que se quebrou. A cabeça do tridente saiu girando pela escuridão e

tiniu ao bater no concreto. Ig ficou segurando uma lança de madeira lascada e inútil.

– Será que você pode fazer o favor de ficar quieto? – perguntou Lee, mexendo de novo no

carregador da arma.

Deu um passo atrás e, a uma distância segura, apontou novamente a arma para a cara de Ig e

puxou o gatilho. O tambor baixou com um baque seco. Lee fez uma cara feia, levantou a .410 e

olhou para ela desapontado.

– Como? Essas merdas só têm quatro tiros? Não é minha. É do Eric. Eu devia ter usado uma

arma pra matar você na outra noite, mas, você sabe: evidências. Mas, nesse caso, não tenho com

o que me preocupar. Você matou Eric, ele matou você e eu não tenho nada a ver com isso, e

tudo faz sentido. Só lamento que as balas de Eric tenham acabado e que ele tenha sido obrigado

a matar você a coronhadas.

Ele girou a .410, a segurou pelo cano com as duas mãos e a levantou até o ombro. Ig teve um

instante para perceber que Lee parecia ter tido aulas de golfe – tinha uma tacada fácil e limpa –

trazendo a arma com uma volta e a esmagando contra a cabeça de Ig. Acertou um dos chifres

com um impacto despedaçante e Ig foi lançado para longe de Eric, rolando pelo

chão liso.

Ele parou de cara para cima, latejando, uma pontada quente no pulmão, e esperou que o céu

parasse de girar. Os céus dançavam, as estrelas voando em círculos como flocos de neve num

globo no qual alguém dera uma boa sacudida. Os chifres zumbiam, como um diapasão. Porém o

golpe tinha sido absorvido e seu crânio permanecia intacto.

Lee correu atrás dele, levantou a arma e acertou o joelho direito de Ig, que gritou e se sentou

empertigado, agarrando a perna com uma das mãos. Parecia que sua patela havia se partido em

três grandes pedaços, como se cacos se deslocassem sob a pele. Porém, mal havia se sentado

quando Lee partiu para cima dele de novo. Acertou Ig com um golpe, desferido por reflexo, que

resvalou no alto da sua cabeça e o jogou de volta de costas no chão. O pedaço de madeira que Ig

estava segurando, a lança afiada que fora o cabo do tridente, voou de sua mão. O céu

continuava seu nauseante rodopio de globo de neve.

Lee balançou a coronha da arma com toda a força que conseguiu e bateu entre as pernas de

Ig, acertando suas bolas. Ig não conseguia gritar, não tinha ar para isso. Ele se contorceu, se

virando de lado e se dobrando sobre si mesmo.

Um nó branco de dor subiu de sua virilha para os intestinos, se expandindo, como um gás

venenoso enchendo um balão, transformando tudo numa sensação de náusea. Todo o corpo de

Ig se apertou como se ele lutasse para não vomitar, seu corpo cerrado como um punho.

Lee jogou a arma fora e Ig a ouviu cair no chão perto de Eric. Então começou a andar por ali,

procurando alguma coisa. Ig não podia falar, mal podia fazer com que o ar chegasse aos

pulmões.

– O que Eric fez com a pistola dele? – disse Lee com uma voz meditativa. – Sabe, Ig, você me

enganou direitinho. É impressionante o que você consegue fazer com a cabeça das pessoas.

Como faz com que se esqueçam das coisas. Apaga a memória delas. Faz com que ouçam vozes.

Achei mesmo que era a Glenna. Já estava vindo pra cá quando ela me ligou do salão, dizendo

que era pra eu me foder. Assim, sem mais nem menos. Acredita? Eu disse: “O.k., vou me foder,

mas como você desatolou o carro?” E ela: “Do que você está falando?” Você não imagina como

me senti. Como se estivesse ficando louco. Como se o mundo estivesse de cabeça pra baixo. Já

tinha sentido uma coisa parecida, uma vez, Ig. Quando eu era pequeno, caí de uma cerca e bati

com a cabeça, e quando acordei a Lua estava tremendo como se fosse cair do céu. Tentei te

contar isso uma vez, como eu tinha consertado a Lua. Eu consertei a Lua. Dei um jeito no céu. E

vou dar um jeito em você também.

Ig ouviu a porta que dava para a fornalha se abrir com um guincho de dobradiças de ferro e

sentiu um ínfimo, quase doloroso, fio de esperança. A cascavel pegaria Lee. Ele iria até a chaminé

e a cobra iria mordê-lo. Mas então ouviu Lee se afastando, seu sapato se arrastando pelo

concreto. Ele só tinha aberto a porta, talvez para que entrasse mais luz e ele pudesse ver melhor,

ainda procurando a arma.

– Liguei para o Eric e disse a ele que achava que você estava aqui, fazendo algum tipo de jogo,

e que tínhamos que pisar em você, mas ainda não sabia com que intensidade. Disse que, como

você tinha sido nosso amigo, seria melhor tratá-lo de um jeito que não estava nos manuais. Você

conhece o Eric. Não tive que me esforçar muito pra convencê-lo a vir. Também não tive que

pedir pra ele trazer as armas. Ele fez tudo por conta própria. Sabia que nunca usei uma arma na

vida? Ainda mais carregada. Minha mãe costumava dizer que elas são a mão direita do Diabo e

não admitia ter uma em casa. Pois muito bem. Melhor do que nada.

Ig ouviu um barulho metálico, Lee pegando alguma coisa no chão. As ondas de náusea agora

vinham mais devagar e Ig podia respirar, tomando pequenos goles de ar. Ele pensou que com

mais um minuto de descanso talvez tivesse forças para se sentar. Para fazer um esforço final.

Também pensou que em mais um minuto poderia haver cinco balas calibre .38 na sua cabeça.

– Você está cheio de truques, Ig – disse Lee, andando de volta. – A verdade é que, dois

minutos atrás, quando você estava gritando daqui de dentro pra nós, com a voz de Glenna,

parte de mim meio que acreditou em tudo de novo. Realmente pensei que fosse ela, mesmo que,

racionalmente, soubesse que ela está no salão. As vozes são ótimas, Ig, mas não tão sensacionais

quanto sair dos destroços de um incêndio sem nenhum arranhão. – Ele fez uma pausa. Estava

de pé ao lado de Ig, não com a pistola, mas com a cabeça do tridente. – Como isso aconteceu?

Como você ficou desse jeito? Com os chifres?

– Merrin – disse Ig.

– O que tem ela?

A voz de Ig estava fraca, tremia, era apenas um pouco mais que um suspiro.

– Sem Merrin na minha vida… eu era isso.

Lee se apoiou sobre um joelho e olhou para Ig com o que parecia ser compaixão sincera.

– Sabe, eu também a amava – disse Lee. – Acho que o amor transformou nós dois em

demônios.

Ig abriu a boca para falar e Lee botou a mão em seu pescoço e todas as coisas medonhas que

ele já fizera na vida foram derramadas pela garganta de Ig, como se fossem uma química

corrosiva e gelada.

– Não, acho que seria um erro deixá-lo falar mais alguma coisa – disse Lee, levantando o

tridente acima da cabeça, as pontas voltadas para o peito de Ig. – Além do mais, acho que não

resta mais nada a ser dito entre nós.

O som do trompete era agudo e ensurdecedor, como o barulho de um acidente de carro

prestes a acontecer. Lee virou a cabeça para olhar a entrada, onde Terry se equilibrava em um

joelho só, com seu trompete nos lábios.

No momento em que ele olhou para o lado, Ig tomou um impulso para se erguer,

empurrando a mão de Lee. Agarrou a lapela de sua jaqueta e bateu a cabeça contra seu tronco:

enterrando os chifres no estômago de Lee. O impacto reverberou pela espinha de Ig. Lee gemeu,

o som simples e baixo de todo o ar sendo expulso de dentro dele.

Uma sucção úmida agarrou os chifres, os mantendo presos, de forma que era difícil arrancá-

los. Ig sacudiu a cabeça de um lado para outro, fazendo os buracos ficarem ainda maiores. Lee

prendeu a cabeça de Ig com os braços, tentanto puxá-la para trás, e Ig voltou a fincar os chifres

nele, empurrando mais profundamente contra a resistência elástica. Sentia cheiro de sangue,

misturado com outro odor, um fedor de detritos velhos e estragados – talvez de tripas

perfuradas.

Lee colocou as mãos nos ombros de Ig e sacudiu, tentando se livrar dos chifres. Ao se

soltarem, eles fizeram um som molhado, como se estivessem sugando alguma coisa, o mesmo

som que uma bota faz quando é puxada do fundo da lama.

Lee se curvou e rolou para o lado, com os braços agarrando a barriga. Ig não conseguia mais

se manter sentado e tombou, despencando sobre o cimento. Ainda encarava Lee, que estava

quase em posição fetal, se abraçando, os olhos fechados e a boca formando um grande buraco

aberto. Lee não estava mais gritando, não tinha fôlego para gritar e, de olhos fechados, não pôde

ver a cascavel preta que deslizava perto dele. A cascavel procurava um lugar onde se esconder,

longe daquele caos. Ao passar, se virou para Ig, lhe lançando um olhar frenético, com seus olhos

folheados a ouro.

Lá, Ig falou com ela telepaticamente, apontando o queixo na direção de Lee. *Esconda-se. Salve-*

se.

A cascavel desacelerou e olhou para Lee, depois de volta para Ig. Ig sentiu que havia uma

inequívoca gratidão no olhar da cobra. Ela se desviou, ondulando elegantemente através da

poeira sobre o concreto liso, e se enfiou de cabeça na boca aberta de Lee.

Ele arregalou os olhos, tanto o bom quanto o cego, e eles brilharam com uma espécie de

horror extático. Tentou fechar as mandíbulas, mas tudo o que conseguiu foi assustar a cobra,

que tinha 8 centímetros de espessura. Seu rabo tremeu furiosamente para a frente e para trás e

ela começou a se apressar, se enfiando pela garganta de Lee. Ele gemeu, engasgado, e largou seu

estômago para agarrá-la, mas suas mãos estavam ensopadas de sangue e a cobra escorregou

lustrosa por entre seus dedos.

Terry correu desajeitadamente.

– Ig? Ig, você está… – Mas, quando viu Lee jogado no chão, parou onde estava e ficou

olhando.

Lee rolou, se deitando de costas, gritando agora, embora fosse difícil emitir algum som com a

garganta tomada pela cobra. Seus calcanhares batiam no chão. Seu rosto escurecia, assumindo

uma cor quase tão negra quanto a noite, as veias saltaram em suas têmporas. O olho cego, o olho

da ruína, ainda estava virado para Ig, o encarando com algo muito próximo à surpresa. Aquele

olho era um buraco negro sem fundo, como uma escada caracol de fumaça pálida que levava

para baixo, para um lugar do qual as almas podiam nunca mais voltar. Suas mãos estavam

caídas para os lados. Uns 20 centímetros de cobra pendiam de sua boca aberta, um longo pavio

preto saindo de uma bomba humana. A própria cobra estava imóvel, parecia entender que tinha

sido enganada, tendo cometido um erro grave ao tentar se esconder no túnel molhado e

apertado da garganta de Lee. Não podia ir adiante nem sair. Ig teve pena. Aquela era uma

péssima forma de morrer: entalada dentro de Lee Tourneau.

A dor estava voltando, fluindo para o centro de seu corpo, vindo da virilha, do ombro

machucado e dos joelhos estraçalhados, como quatro afluentes poluídos de um rio desaguando

numa represa de enjoo. Ig fechou os olhos e se concentrou em como aliviar a dor. Então, por um

tempo, ficou tudo quieto na velha fundição, onde o homem e o demônio estavam deitados lado

a lado – embora dizer quem era quem fosse uma questão de debate teológico.

CAPÍTULO 47

A**s sombras lambiam as paredes** de um jeito instável, subindo e descendo, a escuridão vindo

em ondas. O mundo fluía e vazava em volta dele como a maré, e Ig lutava para se agarrar a

ele. Uma parte dele queria se render, escapar da dor, diminuir o volume de seu corpo destruído.

Ele já estava sendo carregado para longe de si mesmo, a dor balanceada por uma crescente

sensação de sonho, de estar flutuando. As estrelas nadavam lentamente sobre sua cabeça,

descendo da esquerda para a direita, então era como se ele estivesse boiando de costas no rio

Knowles, deixando a correnteza levá-lo rio abaixo.

Terry debruçou-se sobre ele, com o rosto angustiado e confuso.

– Tudo bem, Ig. Você está bem. Vou chamar alguém. Tenho que correr até o carro para pegar

meu telefone.

Ig sorriu de uma forma que esperava ser tranquilizadora e tentou dizer a Terry que tudo o que

precisava fazer era atear fogo nele. A lata de gasolina estava lá fora, encostada na parede. Era só

derramar um pouco de combustível nele e riscar um fósforo que ele ficaria bem.

Mas não tinha

ar para empurrar as palavras e sua garganta estava muito ferida e apertada para falar. Lee

também tinha feito um belo estrago nele.

Terry apertava sua mão e Ig ficou sabendo, por acaso, que seu irmão mais velho, no sétimo

ano, tinha colado as respostas do colega sentado à sua frente no teste de geografia.

– Vou voltar. Está me ouvindo? – disse Terry. – Já volto. Num instante.

Ig concordou com a cabeça, grato por Terry cuidar das coisas. O irmão soltou sua mão

quando se levantou e sumiu de vista.

Ig espichou a cabeça para trás e viu a luz avermelhada das velas subindo pelos velhos tijolos.

O movimento ritmado e oscilante da luz o acalmou, junto com a sensação de suspensão, de estar

flutuando. A próxima coisa em que pensou foi que, se havia luz de velas, era porque a

portinhola da fornalha estava aberta. Isso mesmo, Lee tinha aberto para iluminar mais o chão de

cimento.

E então Ig entendeu o que estava prestes a acontecer e o choque o trouxe de volta de seu

estupor sonolento e flutuante. Terry ia ver o celular de Glenna, cuidadosamente colocado sobre

o cobertor dentro da fornalha. Ele não podia botar as mãos ali. Terry, de todas as

pessoas – ele,

que tinha quase morrido aos 14 anos por causa de uma picada de abelha –, tinha que ficar fora

da porra da fornalha. Ig tentou chamá-lo, gritar, alertá-lo, mas não conseguia produzir nada

além de um assovio baixo e entrecortado.

– Um minuto, Ig – disse Terry do outro lado da câmara. Na verdade, parecia estar falando

consigo mesmo. – Aguenta aí e… Espera! Ei, Ig, estamos com sorte. Tem um telefone bem aqui.

Ig virou a cabeça e tentou de novo, tentou fazer com que ele parasse, e de fato conseguiu

pronunciar uma única palavra:

– Terry.

Mas então aquela sensação de compressão, apertada e doída, voltou a se instalar em sua

garganta, e não pôde dizer mais nada e, de todo modo, Terry não olhou para trás quando ouviu

seu nome.

Seu irmão se abaixou para passar pela portinhola, querendo pegar o telefone sobre o cobertor

cheio de ondulações. Quando o segurou, uma dobra se mexeu e Terry hesitou, olhando para as

voltas da cobra que estava embaixo dele, as escamas brilhando como cobre polido à luz das velas.

Havia um som seco como de castanholas.

A víbora deu o bote e pegou Terry pelo pulso, fazendo um barulho que Ig pôde ouvir a

metros de distância: dentes se cravando na carne. O telefone voou. Terry gritou, se levantou

depressa e bateu com a cabeça na esquadria de ferro da portinhola. O impacto o fez cair. Ele

levantou as mãos, se protegendo antes de bater de cara no colchão, a parte de baixo do seu corpo

pendurada para fora da portinhola.

A cobra ainda estava presa ao seu pulso. Terry a agarrou, a atirando para longe. A cascavel

rasgou seu pulso quando foi obrigada a soltar as presas, mas ela se enrolou e atacou de novo, o

mordendo no rosto, enterrando os dentes em sua bochecha direita. Terry a agarrou pela metade

do corpo e puxou, ela armou o bote e o atacou pela terceira vez, e mais uma quarta. Cada vez

que ela o atacava, fazia um barulho igual ao de alguém treinando boxe no saco de areia na

academia.

O irmão de Ig caiu para fora da portinhola, de joelhos. Segurava a cobra pela parte de baixo,

perto do rabo. Ele a fez soltá-lo e a levantou no ar, depois bateu com ela no chão, como alguém

que estivesse batendo com a vassoura num tapete para tirar a poeira. Um jato preto de sangue e

de cérebro de cobra jorrou pelo chão de cimento. Terry a arremessou para longe, a cobra rolou e

caiu de costas. Seu rabo chicoteava loucamente, estapeando o cimento. Foi se debatendo cada

vez mais devagar, até que só o rabo continuava ondulando suavemente para a frente e para trás,

então parou por completo.

Terry se ajoelhou diante da porta da fornalha com a cabeça baixa, como um homem rezando,

um devoto penitente na igreja da perpétua e sagrada chaminé. Seus ombros subiam e desciam,

subiam e desciam com sua respiração.

– Terry – Ig conseguiu chamar, mas Terry não levantou a cabeça para olhar para ele.

Se o irmão o ouviu – Ig não estava certo se ele ouvira –, não podia responder. Terry tinha que

poupar cada fôlego precioso para o esforço da próxima lufada de oxigênio. Se fosse choque

anafilático, então ele precisaria de uma injeção de adrenalina nos próximos minutos, ou seria

sufocado pelos tecidos inchados de sua própria garganta.

O celular de Glenna estava em algum lugar na fornalha, a não mais de 10 metros de distância,

mas Ig não sabia onde Terry o havia deixado cair e não queria se arrastar por ali procurando

enquanto Terry sufocava. Sentia-se fraco e não sabia nem se conseguiria

alcançar a portinhola

para entrar na fornalha, que ficava a 80 centímetros do chão. Enquanto a lata de gasolina estava

do lado de fora.

Ele sabia que o mais difícil seria começar. Só a ideia de tentar rolar para o lado provocava

vastas e intricadas redes de dor no ombro e na virilha, uma centena de finas fibras

incandescentes. Quanto mais tempo se permitisse pensar, pior seria. Virou-se para o lado e

sentiu como se houvesse uma lâmina com um gancho enterrada em seu ombro, sendo torcida de

um lado para outro, um empalamento contínuo. Gritou – não sabia que *podia* gritar até fazê-lo

– e fechou os olhos.

Quando sua cabeça clareou, esticou o braço bom, se agarrou no concreto e puxou, avançando

cerca de 30 centímetros. E gritou de novo. Tentou se empurrar para a frente com as pernas, mas

não sentia os pés, não conseguia sentir nada além da dor aguda e persistente nos joelhos. Sua

saia estava encharcada de sangue, provavelmente arruinada.

– E era a minha favorita – sussurrou, com o nariz esmagado contra o chão. – Estava pensando

em usá-la no baile. – E riu, uma gargalhada rouca e seca que ele pensou que era especialmente

louca.

Arrastou-se por mais 30 centímetros com o braço direito, e as facas, novamente, se enterraram

mais fundo em seu ombro esquerdo, a dor se irradiando para o peito. A porta de entrada não

parecia nem um pouco mais perto. Quase riu de novo da hilariante futilidade de tudo aquilo.

Arriscou uma olhadela para o irmão. Terry ainda estava ajoelhado diante da portinhola, mas

sua cabeça agora estava tão caída que a testa quase encostava nos joelhos. De onde estava, Ig não

conseguia mais ver a chaminé para além da portinhola. Em vez disso, estava olhando para a

porta de ferro entreaberta e a forma como a luz das velas oscilava em torno dela e…

… havia uma porta lá em cima, com a luz oscilando em volta dela.

Ele estava tão bêbado. Não estivera tão bêbado assim desde a noite em que Merrin fora

assassinada, e queria ficar ainda mais bêbado. Tinha mijado na Virgem Maria. Tinha mijado na

cruz. Tinha mijado abundantemente sobre os próprios pés e rido disso. Estava guardando o pau nas

calças com uma das mão e jogando a cabeça para trás para beber direto do gargalo da garrafa

quando a viu acima dele, repousando como num berço nos galhos podres da velha árvore morta. Era

a parte de baixo de uma casa na árvore, a menos de cinco metros do chão, e ele podia ver o amplo

retângulo do alçapão, delineado pela débil luz bruxuleante da vela que aparecia em torno das suas

bordas. Na escuridão, mal se podiam ver as palavras escritas na porta: ABENÇOADO SERÁS AO

ENTRARES.

– Humm – disse Ig, distraidamente colocando a rolha de volta na garrafa e a deixando cair. – Aí

está você. Eu a vejo aí em cima.

A Casa na Árvore da Mente tinha pregado uma bela peça nele – tanto nele quanto em Merrin –

se escondendo deles aqui por todos esses anos. Nunca estivera ali antes, em nenhuma das outras

vezes que ele tinha ido visitar o lugar onde Merrin havia sido morta. Ou talvez sempre tenha estado,

mas ele não estivesse no estado de espírito adequado para vê-la.

Puxando o zíper com uma das mão, cambaleou e então começou a se mover…

… outros 30 centímetros através do chão de concreto liso; ele não queria levantar a cabeça

para ver quanto já tinha avançado, tinha medo de não estar mais próximo da porta agora do

que estivera alguns minutos atrás. Esticou o braço direito e…

… agarrou o galho mais baixo e começou a subir. Seu pé escorregou e ele teve que se agarrar a

outro galho para não cair. Fechou os olhos e esperou que uma forte tontura

passasse, sentindo que a

árvore estava a ponto de se desprender do solo e despencar com ele. Então se recuperou e continuou,

subindo com a despreocupação dos bêbados, graça líquida. Logo depois já se encontrava no galho

exatamente abaixo do alçapão e foi direto abri-lo. Mas havia um peso sobre ele e a tampa só batia

ruidosamente sobre sua moldura.

Alguém gritou lá de dentro – uma voz que ele reconhecia.

– O que foi isso? – gritou Merrin.

– Ei! – disse outra pessoa, uma voz que ele conhecia ainda melhor: a dele mesmo. Vindo de

dentro da casa na árvore, estava abafada e remota, mas mesmo assim Ig a reconheceu

imediatamente. – Tem alguém aí?

Por um instante Ig não pôde se mover. Eles estavam lá, do outro lado do alçapão, Merrin e ele

mesmo, ambos ainda jovens, intactos e completamente apaixonados. Estavam lá e ainda não era

tarde para salvá-los das coisas terríveis que aconteceriam a eles, e ele levantou rápido e com força e

bateu no alçapão de novo com os ombros…

… e abriu os olhos turvos e olhou em volta. Tinha cochilado por um tempo, talvez por 10

minutos. Sua pulsação estava lenta e pesada. Seu ombro esquerdo antes estava quente. Agora

estava frio e molhado. A temperatura o deixou preocupado. Cadáveres ficam frios. Levantou a

cabeça para se orientar e viu que estava a menos de um metro da porta e da queda de 1,80m,

sobre a qual tentava não pensar. A lata estava lá embaixo, bem à direita. Tudo o que precisava

fazer era chegar até a porta e…

… poderia dizer a eles o que iria acontecer, poderia alertá-los. Poderia dizer ao seu eu mais jovem

para amar Merrin ainda mais e confiar nela, para ficar junto dela, que o tempo deles era curto.

Bateu no alçapão de novo e de novo, mas a cada vez a porta só levantava no máximo cinco

centímetros antes de cair de volta.

– Para com essa porra! – gritou o jovem Ig, dentro da casa na árvore.

Ig fez uma pausa, se preparando para dar outro golpe no alçapão – e então se conteve, se

lembrando de quando estivera do outro lado da porta.

Tinha ficado com medo de abrir o alçapão e só teve coragem de puxar a tampa quando a coisa

que estava esperando do lado de fora parou de tentar forçar a entrada. E não havia nada lá. Ele não

estava lá, ou eles não estavam.

– Olha! – disse a pessoa que ele tinha sido, do outro lado da porta – Se tem alguém aí embaixo…

Você já se divertiu bastante. Nós já estamos bem assustados. Agora nós vamos

sair.

As pernas da poltrona deram uma pancada surda e rangeram quando foi removida dali e Ig

bateu no alçapão pelo lado de fora no mesmo momento em que o jovem Ig o abriu. Por um

momento, pensou ter visto a sombra dos dois amantes pulando para fora e passando por ele, mas era

apenas uma ilusão criada pela luz das velas lá dentro, tornando a escuridão momentaneamente

viva.

Eles tinham se esquecido de apagar as velas e, quando Ig enfiou a cabeça pela porta aberta, as

encontrou ainda acesas, então…

… enfiou a cabeça pela porta e seu corpo caiu atrás dela. Bateu na terra com os ombros e um

choque negro atravessou seu braço esquerdo, uma explosão, e ele sentiu que podia ter se

fragmentado com aquela força, se estilhaçando. Eles encontrariam pedaços dele até nas árvores.

Rolou para ficar de costas, com os olhos abertos e encarando.

O mundo tremia com a força do impacto. Os ouvidos de Ig estavam cheios de um zumbido

sem tom. Quando olhou para o céu noturno, foi como o fim de um filme mudo: um círculo

preto começou a encolher, se fechando, apagando o mundo, deixando Ig…

… sozinho na escuridão da casa na árvore.

As velas tinham derretido, se transformando em tocos disformes. A cera escorria em colunas

grossas e cintilantes, ocultando quase completamente aquele demônio encurvado que estava na base

da menorá. A chama de luz bruxuleava pela casa. A poltrona manchada de mofo estava à esquerda

do alçapão aberto. As sombras das figuras de porcelana tremulavam nas paredes, os dois anjos do

Senhor e o alienígena. Maria estava jogada para o lado, exatamente como ele se lembrava de tê-la

deixado.

Ig correu os olhos por tudo que estava a sua volta. Era como se tivessem se passado apenas

algumas horas desde a última vez em que estivera naquele lugar, e não anos.

– De que adianta? – perguntou. Primeiro achou que estava falando sozinho. – Por que me trazer

aqui se não posso fazer nada para ajudá-los? – Foi ficando furioso enquanto falava. Sentia um calor

no peito, uma opressão fumegante. Eram velas bem fumacentas, e toda a casa estava tomada por

aquele cheiro.

Tinha que haver uma razão, alguma coisa que ele devia fazer ou encontrar. Talvez algo que eles

tivessem deixado para trás. Olhou para a mesa de canto com as figuras de porcelana em cima dela e

percebeu que a gaveta estava alguns centímetros aberta. Com um passo chegou

até lá e puxou,

imaginando se haveria alguma coisa lá dentro, algo que ele pudesse usar, algo com que pudesse

aprender. Mas não havia nada a não ser uma caixa de fósforos retangular. Com um diabo negro

pulando na tampa, a cabeça jogada para trás, às gargalhadas. As palavras FÓSFOROS LÚCIFER

estavam escritas na tampa com uma caligrafia ornamentada do século XIX. Ele pegou a caixa e ficou

olhando para ela, depois fechou o punho em volta dela, querendo amassá-la. Entretanto, não

amassou. Ficou com ela na mão, olhando as pequenas imagens – e então seus olhos focaram o

pergaminho debaixo delas.

Da última vez em que estivera nessa casa na árvore, quando Merrin estava viva e o mundo era

bom, as palavras no pergaminho estavam em hebraico e ele não tinha a menor ideia do que diziam.

Tinha achado que eram Escrituras, um rolo de pergaminho do filactério. Mas, sob a luz bruxuleante

da vela, as letras negras ornamentadas dançavam como sombras vivas que de alguma forma mágica

estavam presas ao papel, soletrando uma mensagem clara e simples:

A CASA NA ÁRVORE DA MENTE

ÁRVORE DO BEM E DO MAL

ESTRADA DA VELHA FUNDIÇÃO, 1

GIDEÃO, NH 03880

REGRAS E CONDIÇÕES:

PEGUE O QUE QUISER ENQUANTO ESTIVER AQUI

LEVE O QUE ACHAR NECESSÁRIO QUANDO SAIR

DIGA AMÉM AO CRUZAR A PORTA

FUMAR *NÃO* É PROIBIDO

L. ESTRELA DA MANHÃ, PROPRIETÁRIA

Ig ficou olhando, sem ter certeza de que agora tinha entendido melhor do que antes, mesmo

sabendo o que dizia. O que ele queria era Merrin, mas nunca a teria de novo, fora isso, queria

tocar fogo nessa merda desse lugar e fumar não era proibido e, antes que se desse conta do que

estava fazendo, passou a mão sobre a mesa, jogando do outro lado do quarto a menorá acesa, que

caiu em cima das pequenas figuras. O alienígena tombou e quicou, rolando para fora da mesa. O

anjo que se parecia com Terry e que segurava uma trombeta nos lábios caiu da mesa dentro da

gaveta aberta. O segundo anjo, aquele que estava de pé ao lado de Maria, com um ar distante e

superior, bateu na mesa com um estalo. Sua cabeça distante e superior rolou para o chão.

Ig girou, descrevendo um círculo furioso…

… girou o corpo descrevendo um círculo doloroso e viu a lata de gasolina onde a

tinha

deixado, encostada na parede de pedra, abaixo e à direita da entrada. Enfiou-se por uma moita

de grama alta e sua mão alcançou a lata, fazendo um barulho estranho de chapinhar de água.

Encontrou a alça e a puxou. Ficou surpreso com o peso. Era como se estivesse cheia de concreto

líquido. Ig tateou por cima da lata buscando a caixa de fósforos Lúcifer e a colocou de lado.

Ficou deitado por um tempo, imóvel, juntando forças para o último ato necessário. Os

músculos do seu braço direito tremiam sem parar, e ele não tinha certeza se conseguiria fazer o

que precisava ser feito. Finalmente decidiu que estava pronto para tentar e fez um esforço para

erguer a lata sobre si mesmo.

A gasolina caiu por cima dele numa chuva resplandecente e fedorenta. Sentiu em seu ombro

ferido uma repentina explosão de dor. Gritou, e um cogumelo de fumaça jorrou dos seus lábios.

Seus olhos se encheram d’água. A dor era sufocante e fez Ig derrubar a lata e se curvar. Ele

tremia furiosamente em sua ridícula saia azul, uma série de solavancos que ameaçavam se

transformar numa convulsão completa. Foi tateando com a mão direita, sem saber o que

procurava até que encontrou a caixa de Fósforos Lúcifer no chão.

Os sons daquela noite de agosto, de gafanhotos e carros passando na autoestrada, eram muito

fracos. Ig deu um tapinha na caixa para que ela se abrisse. Os fósforos voaram da sua mão

trêmula. Ele pegou um dos poucos que restaram e o riscou na fita de lixa na lateral da caixa. Um

pontinho de fogo apareceu na cabeça do palito.

As velas tinham caído no chão e rolado para todos os cantos. A maioria ainda estava acesa. A

figura de borracha cinzenta do alienígena foi parar ao lado de uma delas, e uma língua branca de

fogo estava escurecendo e derretendo um dos lados de seu rosto. Um olho preto já havia derretido e

revelava o vazio lá dentro. Três outras velas tinham rolado para junto da parede, embaixo da janela,

com suas cortinas brancas transparentes tremulando gentilmente à brisa de agosto.

Ig agarrou punhados de cortina, a arrancando da janela e a segurando sobre as velas acesas. O

fogo subiu pelo nylon barato, correndo para suas mãos. Ele a jogou sobre a poltrona.

Alguma coisa estalou e foi esmagada sob seus pés, como se ele tivesse pisado numa pequena

lâmpada. Olhou para baixo e viu que tinha posto o calcanhar sobre a figura de porcelana do Diabo.

Tinha esmagado seu corpo, mas a cabeça permanecia intacta, balançando sobre as tábuas. O Diabo

ria de um jeito maníaco, com os dentes aparecendo por trás do seu cavanhaque.

Ig se abaixou e pegou a cabeça do chão. Permaneceu na casa na árvore em chamas observando as

feições belas e afáveis de Satanás, as pequenas agulhas que eram seus chifres. Línguas de fogo

serpenteavam, se desenrolando pela parede e a fumaça preta se concentrava sob o telhado inclinado.

As chamas fervilhavam tanto sobre a poltrona quanto sobre a mesa de canto. O diabinho parecia

olhar para ele com prazer, com aprovação. Ele admirava um homem que sabia atear fogo nas coisas.

Mas o trabalho de Ig ali estava terminado e era hora de ir em frente. O mundo estava cheio de

outras coisas esperando para serem incendiadas.

Ele rolou a pequena cabeça entre os dedos por um instante, então voltou até a mesa de canto.

Pegou Maria e beijou sua pequena face, dizendo:

– Adeus, Merrin. – Então a colocou de pé.

Levantou o anjo que estivera de pé diante dela. Seu rosto era imperioso e indiferente, uma cara de

“mais santo do que vós”, de “como você ousa me tocar”, mas sua cabeça tinha caído e rolado para

algum lugar, Ig a substituiu pela cabeça do diabo, pensando que Maria estaria melhor com alguém

que parecia saber se divertir.

A fumaça entrou nos pulmões de Ig, os queimando, fazendo seus olhos arderem. Ele sentiu que

sua pele se retesava com o calor, três paredes de fogo. Ele caminhou até o alçapão, mas, antes de

passar por ele, o levantou até a metade para ver o que estava escrito na parte de dentro. Ele se

lembrava perfeitamente de que havia alguma coisa pintada lá com cal. Dizia: ABENÇOADO

SERÁS QUANDO PARTIRES. Ig quis rir, mas não riu. Em vez disso, passou a mão sobre a poeira

fina do alçapão e disse:

– Amém. – Então se deixou passar pelo buraco.

Com os pés no galho mais largo que ficava exatamente embaixo do alçapão, parou para dar uma

última olhada em volta. A sala era o olho no centro do desatado furacão de chamas. Nós de madeira

espocavam com o calor. A poltrona rugia e assoviava. De modo geral, ele se sentia feliz consigo

mesmo. Sem Merrin, aquele lugar não passava de lenha. Assim como o resto do mundo, pelo menos

para Ig.

Fechou o alçapão atrás dele e começou a escolher uma rota lenta e cuidadosa para baixo.

Precisava ir para casa. Precisava descansar.

Não. O que realmente precisava era colocar as mãos no pescoço da pessoa que

tirara Merrin dele.

O que estava dito no pergaminho da Casa na Árvore da Mente? Para pegar o que achasse necessário

quando fosse embora? Sempre se podia ter esperança.

Ele parou só uma vez, a meio caminho do chão, para se inclinar sobre o tronco e esfregar as

palmas das mãos nas têmporas. Uma dor chata e perigosa estava surgindo ali, uma sensação de

pressão, de algo com pontas afiadas empurrando para sair da sua cabeça. Meu Deus. Se estava se

sentindo assim agora, teria uma ressaca infernal pela manhã.

Ig expirou – não notou a pálida fumaça que saiu de suas narinas – e continuou a descer da

árvore, enquanto acima dele seu paraíso estava em chamas.

Ficou olhando para o fósforo que queimava em sua mão por exatamente dois segundos – *mil*

e um… mil e dois –, depois o fogo chiou, queimando o palito até seus dedos, atingiu a gasolina e

Ig pegou fogo com um assovio e explodiu como uma bomba-cereja.

CAPÍTULO 48

I**g ficou parado, um homem em** chamas, o Diabo num traje de fogo. Por meio minuto, as

chamas da gasolina rolaram para longe dele, carregadas pelo vento. Então, tão rápido quanto

tomaram vida, rugindo, as labaredas começaram a tremular com fraqueza e crepitaram. Em

alguns instantes tinham desaparecido completamente, e uma fumaça oleosa e negra saiu de seu

corpo numa coluna grossa e asfixiante. Ou melhor, que seria asfixiante para qualquer pessoa,

mas que, para o Demônio no centro dela, era tão doce quanto a brisa dos Alpes.

Ele afastou seu manto de fumaça e deu um passo à frente, completamente nu. A antiga pele

tinha queimado, e a nova pele tinha um tom de carmim mais profundo e mais opulento. Seu

ombro esquerdo ainda estava meio duro, apesar de a ferida ter sido curada, deixando uma

cicatriz esbranquiçada. Sua cabeça estava clara. Ele se sentia bem, como se tivesse acabado de

correr um quilômetro e meio e pronto para nadar. A grama em torno dele estava preta e ainda

ardia. Uma linha vermelha de chamas seguia pelo mato seco e pelas moitas de capim, correndo

em direção à mata. Ig olhou para além dela, para a cerejeira morta, pálida contra o fundo de

sempre-vivas.

Ele tinha deixado a Casa na Árvore da Mente em chamas, ateara fogo ao paraíso, mas a

cerejeira ainda estava de pé, intocada. Correu uma rajada de vento quente e as folhas se

agitaram, e mesmo de onde estava Ig podia ver que não havia nenhuma casa lá em cima. No

entanto, era estranho… o jeito como o fogo parecia estar *apontado* para ela, queimando um

caminho através do capim alto até o tronco. Era o vento, se afunilando diretamente para o

campo, derramando fogo na velha mata da cidade.

Ig subiu pela entrada da fundição. Tropeçou no trompete do irmão.

Terry estava de joelhos diante da portinhola da fornalha, a cabeça baixa. Ig viu sua completa

quietude, o ar calmo de concentração em seu rosto e pensou que o irmão era bonito até na

morte. Sua camisa caía bem em suas costas largas, os punhos dobrados cuidadosamente até

pouco acima dos pulsos. Ig se ajoelhou ao lado de Terry. Dois irmãos no banco da igreja.

Tomou a mão de Terry na sua e viu que, quando ele tinha 11 anos, havia grudado chiclete no

cabelo de Ig, no ônibus do colégio.

– Merda – disse Ig. – Tive que cortar.

– O quê? – perguntou Terry.

– O chiclete que você grudou no meu cabelo. No ônibus 19.

Terry tomou um pouco de ar, sua respiração assoviava.

– Respirando – disse Ig. – Como você está respirando?

– Eu tenho… – sussurrou Terry – … pulmões. Muito fortes. Tenho. Toco trompete. Uma vez.

Ou outra. – Depois de um tempo acrescentou: – É um milagre. Nós dois.

Sairmos disso. Vivos.

– Não tenha tanta certeza disso – disse Ig.

O celular de Glenna estava na fornalha, tinha batido na parede e se quebrado. A tampa da

bateria tinha saído. Ig achou que não ia funcionar, mas voltou à vida assim que ele o abriu. Uma

sorte dos diabos. Ligou para o serviço de emergência e disse para uma operadora impessoal que

tinha sido mordido por uma cobra, que estava na fundição na Rota 17, que havia pessoas

mortas lá e que as coisas estavam queimando. Então desligou e subiu para a chaminé, para se

ajoelhar junto de Terry de novo.

– Você ligou? Pediu ajuda? – perguntou Terry.

– Não – disse Ig. – *Você* ligou pedindo socorro. Preste atenção, Terry. Deixa eu te contar o que

você vai se lembrar… e o que vai ter que esquecer. Você tem muita coisa pra esquecer. Coisas que

aconteceram esta noite e coisas que aconteceram *antes* desta noite. – Enquanto falava, seus

chifres pulsavam, era um sobressalto forte de prazer animal. – Só pode haver um herói nesta

história, e todo mundo sabe que o Diabo não pode ser o mocinho.

Ig contou uma história para ele, com uma voz suave e agradável, uma boa história, e Terry

concordou, balançando a cabeça enquanto ouvia, como se fosse a batida de uma

música de que

ele gostasse especialmente.

Em poucos minutos, estava feito. Ig ficou sentado ao lado dele por ainda mais um tempo, os

dois em silêncio. Ig não tinha certeza se Terry ainda sabia que ele estava lá. Tinha mandado que

o irmão esquecesse. Ele parecia estar dormindo de joelhos. Ig ficou sentado até ouvir o som

distante de um trompete lamuriante, tocando uma nota única e afobada, o som da sirene, a

trilha sonora da urgência em pânico: os caminhões do corpo de bombeiros. Segurou a cabeça do

irmão entre as mãos e beijou sua testa. O que viu foi menos importante do que o que sentiu.

– Você é um bom homem, Ignatius Perrish – sussurrou Terry, sem abrir os olhos.

– Blasfêmia – disse Ig.

CAPÍTULO 49

E**le desceu pela abertura da** porta e então, pensando bem, voltou e pegou o trompete do

irmão. Depois, se virou e olhou para o campo aberto, pela avenida de fogo, que levava em

linha reta à cerejeira. As labaredas saltaram e piscaram em volta do tronco por um momento – e

então a própria árvore explodiu em chamas, como se estivesse encharcada de querosene. A copa

da árvore rugia, um paraquedas de chamas vermelhas e amarelas, e nos seus

galhos estava a Casa

na Árvore da Mente. Cortinas de chamas subiam pelas janelas. Somente a cerejeira queimava na

mata, as outras árvores intocadas pelo fogo.

Ig foi andando pelo caminho que o fogo tinha aberto pelo campo, um jovem lorde sobre o

tapete vermelho que leva à sua mansão. Os faróis do Cadillac de Lee apontaram para ele,

criando uma ilusão de ótica: uma vasta sombra de quatro andares que se agigantava sobre a

fumaça borbulhante. O primeiro caminhão dos bombeiros estava descendo, lentamente e aos

solavancos, a trilha de terra sulcada, e o motorista, um veterano com 30 anos de serviço

chamado Rick Terrapin, o viu, um diabo preto e chifrudo, tão alto quanto a chaminé da

fundição. Ele gritou e perdeu o controle da direção, levando o caminhão direto para fora da

estrada, chocando-se contra uma árvore. Rick Terrapin se aposentaria três semanas depois. Entre

o diabo na fumaça e os horrores que viu dentro da fundição, relmente não tinha mais vontade

de apagar incêndios. Depois daquilo, ficaria feliz em simplesmente deixar a merda queimar.

Ig foi com seu trompete roubado na direção das labaredas amarelas e finalmente chegou à

árvore. Não diminuiu o passo e foi logo subindo a escada de galhos flamejantes. Pensou ter

ouvido risos e vozes lá em cima, alegres, irreverentes – uma celebração! Havia música também,

tambores e o travesso som dos trompetes. O alçapão estava aberto. Ig entrou em sua nova casa,

sua torre de fogo, que guardava seu trono de chamas. Ele estava certo. Havia uma festa em

andamento – um casamento, *seu* casamento – e sua noiva estava lá esperando por ele, com seus

cabelos incandescentes, nua, com apenas um xale de fogo. Ele a tomou nos braços e sua boca

achou a dele. E, juntos, pegaram fogo.

CAPÍTULO 50

T**erry voltou para casa na** terceira semana de outubro. E na primeira tarde morna em que não

tinha nada para fazer foi de carro até a fundição para dar uma olhada.

O grande prédio de tijolos ficava num campo enegrecido, no meio dos montes de lixo que

tinham se transformado em fogueiras e agora eram montanhas de cinzas, de vidros esfumaçados

e de arame queimado. O próprio edifício agora estava coberto por camadas de fuligem e o lugar

tinha um leve cheiro de carvão.

Mas do outro lado, no alto da trilha Evel Knievel, era simpático, a luz era bonita, vinda de

lado, através das árvores com suas fantasias de Halloween vermelhas e douradas. As árvores

estavam em chamas, acesas como enormes tochas. O rio lá embaixo emitia um som de suave

agitação que fazia um contraponto suave ao sussurro agradável do vento. Terry pensou que

podia ficar sentado ali o dia todo.

Tinha andado muito nas últimas semanas, também havia ficado bastante tempo sentado,

observado e esperado à beça. Colocara sua casa em Los Angeles à venda no fim de setembro e

voltara para Nova York. Ia ao Central Park quase todos os dias. Seu programa tinha acabado e,

sem ele, não havia motivo para ficar num lugar onde não havia estações do ano e onde não se

podia ir andando a lugar nenhum.

A Fox ainda esperava que ele voltasse e deu uma declaração dizendo que, como consequência

do assassinato de seu irmão, Terry havia optado por tirar um período sabático. A declaração

convenientemente deixava de lado o fato de Terry ter, na verdade, se demitido formalmente

semanas antes do incidente na fundição. O pessoal da TV podia dizer o que quisesse. Ele não ia

voltar. Achava que em um ou dois meses poderia sair e fazer algumas apresentações em bares.

Não tinha a menor pressa de voltar a trabalhar. Ainda estava desempacotando a mudança,

tentando não pensar muito. Qualquer coisa que fosse acontecer em seguida aconteceria a seu

tempo. Por fim acabaria encontrando seu caminho. Nem tinha comprado um trompete novo.

Ninguém sabia o que tinha acontecido aquela noite na fundição. E, como Terry se recusava a

dar uma declaração pública e todas as outras pessoas que estavam na cena do crime tinham

morrido, havia um monte de ideias malucas circulando sobre a noite em que Eric e Lee

morreram. A TMZ publicou a explicação mais louca. Disseram que Terry tinha ido à fundição

procurar seu irmão e lá encontrara Eric Hannity e Lee Tourneau discutindo. Terry ouvira o

bastante para compreender que eles tinham matado Ig, fazendo churrasco com ele vivo no

próprio carro, e tinham voltado lá para procurar alguma evidência que pudessem ter deixado

para trás. De acordo com a TMZ, Lee e Eric viram Terry tentando fugir e o arrastaram para a

fundição. Pretendiam matá-lo, mas antes queriam saber se ele tinha ligado para mais alguém, se

alguém sabia onde ele estava. Então o trancaram na chaminé com uma cobra venenosa,

tentando fazer com que ficasse com medo e falasse. Mas, enquanto Terry estava

lá, eles

começaram a discutir de novo. Terry ouviu gritos e tiros. E, quando saiu da chaminé, as coisas

estavam em chamas e os dois homens tinham sido mortos, Eric Hannity com um tiro, Lee

Tourneau com o tridente. Era como o enredo de uma tragédia de vingança do século XVI. Só

faltava a aparição do Diabo. Terry imaginou como a TMZ tinha conseguido aquelas

informações, se eles tinham subornado alguém no departamento de polícia – o detetive Carter,

talvez; sua estranha reportagem dizia quase exatamente a mesma coisa que o depoimento de

Terry.

O detetive Carter tinha ido vê-lo no segundo dia em que estava no hospital. Terry não se

lembrava bem do primeiro dia. Lembrava-se de quando foi levado de maca para o pronto-

socorro, se lembrava de alguém botando uma máscara de oxigênio em seu rosto e de uma lufada

de ar frio que tinha um cheiro ligeiramente medicinal. Lembrava-se de que, mais tarde, tivera

uma alucinação. Abrira os olhos e vira seu irmão morto sentado na beira de seu leito. Ig estava

com o trompete de Terry, tocando os acordes iniciais de um *bebop*. Merrin também estava lá,

descalça, dando piruetas com um vestido curto de seda carmesim, girando ao som da música,

seu cabelo esvoaçando. À medida que o som do trompete foi se transformando no bip contínuo

da máquina de eletrocardiograma, ambos desapareceram. Mais tarde, nas primeiras horas da

manhã, Terry levantou sua cabeça do travesseiro, olhou em volta e viu seu pai e sua mãe

sentados em cadeiras encostadas na parede, ambos dormindo, a cabeça do pai repousada sobre o

ombro da mãe. Estavam de mãos dadas.

Mas, na tarde do segundo dia, Terry se sentia como se estivesse apenas se recuperando de uma

gripe muito forte. Suas juntas latejavam, ele não parava de sentir sede e tinha consciência de

uma fraqueza generalizada no corpo… mas era ele mesmo. Quando a médica, uma asiática

atraente com “óculos gatinha”, entrou no quarto para checar seu prontuário, ele lhe perguntou

quão perto da morte havia chegado. Ela disse que ele tinha uma chance em três de ficar bom.

Terry lhe perguntou como ela tinha chegado àquela estatística, e ela disse que fora fácil. Existem

três tipos de cascavéis. Ele tinha sido atacado pela que tem o veneno mais fraco. Se tivesse sido

com uma das outras duas, não teria a menor chance. Uma em três.

O detetive Carter entrou quando a médica saiu. Carter tomou o depoimento de Terry de

forma impassível, fazendo poucas perguntas, deixando que ele contasse sua história, quase como

se não fosse um oficial de polícia, mas uma secretária tomando notas do que lhe ditavam. Ele

releu o que Terry tinha dito, fazendo algumas correções. Então, sem tirar os olhos de seu

caderno de folhas amarelas e pautadas, disse:

– Não acredito numa só palavra dessa bosta. – Sem raiva, humor ou qualquer outra emoção.

– Você sabe disso, não é? Nem uma merda de palavra. – E finalmente levantou para Terry seus

olhos inexpressivos, mas que sabiam.

– É mesmo? – disse Terry, deitado em sua cama de hospital, num andar abaixo de onde estava

sua avó com sua cara amassada. – Então o que você acha que aconteceu?

– Encontrei diversas explicações – disse o detetive – e todas elas fazem menos sentido do que

esse monte de merda que você me arranjou. – Que o diabo me carregue se eu tiver alguma ideia

do que aconteceu. Que o diabo me carregue.

– Mas ele não quer carregar todos nós? – perguntou Terry.

Carter o encarou com um olhar duro e nada amigável.

– Gostaria de poder lhe contar algo diferente. Mas foi exatamente isso que aconteceu – disse

Terry. E na maior parte do tempo, pelo menos enquanto era dia, ele realmente acreditava que

era o que tinha acontecido. Depois que escurecia, entretanto, quando tentava dormir… depois

que escurecia, às vezes ele tinha outros pensamentos. Pensamentos ruins.

O barulho de pneus no cascalho o despertou e ele levantou a cabeça, olhando para trás, para a

fundição. Em poucos instantes um Saturn esmeralda apareceu, fazendo a curva, chacoalhando

em meio àquela paisagem destruída. Quando o motorista o viu, o carro gemeu e ficou parado

por um tempo. Depois continuou, finalmente parando a poucos metros.

– Ei, Terry – disse Glenna, saindo de trás do volante. Ela não parecia nem um pouco surpresa

por vê-lo, como se tivessem combinado de se encontrar ali.

Ela estava bonita, uma garota cheia de curvas com calça jeans cinza desbotada, uma camiseta

sem mangas preta e um cinto de tachas. Ele podia ver o coelhinho da Playboy na parte exposta

de seu quadril, que lhe dava um toque meio vadio, mas quem nunca cometera erros? Quem

nunca tinha feito a si mesmo coisas que gostaria de apagar?

– Ei, Glenna. O que você está fazendo por aqui?

– Às vezes venho aqui pra almoçar – disse ela, mostrando um sanduíche embrulhado em

papel vegetal branco. – É tranquilo. Um bom lugar pra pensar. Sobre Ig e… um

monte de

coisas.

Ele fez que sim com a cabeça.

– O quê você tem aí?

– Berinjela a parmegiana. Tenho um Dr. Pepper, também. Quer metade? Sempre compro o

grande, não sei por quê. Não consigo comer tudo. Ou não devia. Acho que às vezes eu como. –

Ela franziu o nariz. – Estou realmente tentando perder uns 5 quilos.

– Por quê? – perguntou Terry, olhando novamente para ela.

Ela riu.

– Para com isso.

Ele deu de ombros.

– Fico com metade do seu sanduíche, se for ajudar na dieta. Mas você não tem nada com que

se preocupar. Está ótima.

Sentaram-se num tronco caído do lado da trilha Evel Knievel. A água tinha um tom dourado

cintilante sob a luz da tarde. Terry não sabia que estava com fome até Glenna lhe dar metade do

sanduíche e ele começar a comer. O sanduíche acabou rápido e Terry estava lambendo os dedos.

Eles dividiram o resto do Dr. Pepper. Não conversaram. Para Terry estava ótimo. Não queria ter

que bater papo e ela parecia saber disso. O silêncio não a deixava nervosa. Era engraçado, em

Los Angeles ninguém conseguia ficar calado; todo mundo parecia mortificado por um momento

de silêncio.

– Obrigado – disse ele por fim.

– De nada, imagina.

Ele passou a mão pelos cabelos. Em algum momento nas últimas semanas, descobrira que seu

cabelo estava rareando no topo da cabeça e reagira o deixando crescer até ficar um pouco

desgrenhado.

– Eu devia dar um pulo no salão, pra você cortar meu cabelo. Essa merda está ficando fora de

controle.

– Não estou mais trabalhando lá – disse ela. – Fiz meu último corte ontem.

– Como assim?

– É.

– Então, um brinde ao que nos espera.

– Um brinde ao que nos espera.

Ambos deram um golinho no Dr. Pepper.

– O último corte foi maneiro? – perguntou Terry. – Você fez uma coisa de arrasar só pra

terminar?

– Deixei um homem careca. Um cara mais velho, na verdade. É raro ver um cara assim

pedindo máquina zero. É coisa de rapazes mais jovens. Você o conhece… o pai de Merrin

Williams. Dale.

– É, conheço mais ou menos – disse Terry, fazendo uma careta, lutando contra uma onda de

tristeza que não fazia muito sentido.

É claro que Ig tinha sido assassinado por causa de Merrin. Lee e Eric o queimaram vivo por

causa do que achavam que ele tinha feito com ela. O último ano de Ig tinha sido tão ruim, tão

triste que Terry mal conseguia suportar pensar no assunto. Tinha certeza de que Ig não tinha

feito aquilo, jamais teria matado Merrin. Agora acreditava que ninguém nunca mais ia ficar

sabendo quem realmente a matara. Estremeceu ao se lembrar da noite em que Merrin morreu.

Ele estivera com aquele maldito Lee Tourneau – aquele sociopata repugnante –, tinha até

gostado de sua companhia. Alguns drinques, um bagulho barato na beira do rio – e então Terry

apagou no banco de trás do carro de Lee e só acordou de madrugada. Às vezes tinha a impressão

de que aquela fora a última noite em que realmente foi feliz, jogando cartas com Ig e depois

dando voltas de carro por Gideão, sem destino, naquela noite de agosto que tinha o cheiro do

rio e de fogos de artifício. Terry imaginava se haveria outro cheiro tão bom no mundo.

– Por que ele fez isso? – perguntou Terry.

– O Sr. Williams disse que está se mudando pra Sarasota e que, quando chegar lá, quer sentir

o sol na cabeça nua. E também porque sua mulher detesta homens de cabeça raspada. Ou

melhor, sua ex-mulher. Acho que ele está indo pra Sarasota sem ela. – Glenna alisou uma folha

em cima do joelho e depois a pegou pelo talo, a levantou para a brisa e soltou, olhando

enquanto ela voava. – Estou me mudando também. Foi por isso que pedi demissão.

– Pra onde?

– Nova York – disse ela.

– A cidade?

– A-hã.

– Caramba. Você tem que me procurar quando chegar lá, o.k.? Vou te mostrar uns lugares

ótimos – disse Terry. E já estava anotando o número do seu celular num recibo velho que tinha

no bolso.

– Como assim? Você não mora em Los Angeles?

– Não. Não tenho mais motivo pra ficar lá sem *Hothouse*. Além disso, trocaria Los Angeles

por Nova York a qualquer hora. Sabe, é muito mais… real.

Ele entregou o papel com seu número.

Ela se sentou no chão, segurando o pedaço de papel e sorrindo para ele, seu cotovelo

encostado no tronco com a luz salpicando seu rosto. Estava bonita.

– Bem – disse ela –, acho que vamos morar em bairros diferentes.

– Foi por isso que Deus inventou os táxis.

– Foi ele que inventou?

– Não. Foram os homens. Pra que pudessem chegar em casa sãos e salvos depois de uma noite

de farra e bebedeira.

– Pensando bem – disse ela –, a maioria das coisas boas surgiu pra facilitar o pecado.

– É verdade.

Eles se levantaram para caminhar e fazer a digestão. Deram um passeio sinuoso pela fundição.

Quando chegaram à frente do prédio, Terry parou, olhando para o largo caminho de terra

queimada. Era engraçado como o vento tinha canalizado o fogo diretamente para a mata da

cidade e então as chamas atingiram uma única árvore. *Aquela* árvore. Ainda estava de pé, um

tronco com enormes galhadas pretas, chifres terríveis enfiando suas garras no

céu. A visão

daquilo obrigou Terry a parar, pois o deixara ligeiramente transtornado. Ele estremeceu, o ar de

repente ficou mais frio, mais parecido com o do fim de outubro na Nova Inglaterra.

– Olha aqui – disse Glenna, se inclinando para pegar uma coisa no terreno queimado.

Era um crucifixo de ouro, preso numa corrente delicada. Ela o levantou e o balançou para a

frente e para trás, projetando uma luz dourada sobre seu rosto macio e bonito.

– Legal – disse ela.

– Quer levar?

– Eu provavelmente pegaria fogo se colocasse isso – respondeu ela. – Pode ficar.

– Não – disse Terry. – É coisa de mulher. – Levou o cordão para uma árvore nova que crescia

encostada à fundição e o pendurou em um dos galhos. – Talvez quem o perdeu volte pra

procurar.

Continuaram seu caminho, sem falar muito, apenas curtindo a luz e o dia, dando a volta na

fundição e chegando de novo ao carro dela. Ele não estava certo de quando aquilo tinha

acontecido, mas, quando chegaram ao Saturn, estavam de mãos dadas. Os dedos dela

escaparam dos dele com inequívoca relutância.

A brisa ficou mais forte, correndo pelo pátio, carregando aquele cheiro de cinza e o frio de

outono. Ela colocou os braços em torno de si mesma, tremendo prazerosamente. Ao longe

ouviu-se o som de um trompete, uma coisa elegante, vivaz, e Terry levantou a cabeça, escutando,

mas devia ser a música de um carro passando pela autoestrada, porque logo depois desapareceu.

– Sinto falta dele, sabe? – disse Glenna. – Nem sei dizer quanto.

– Eu também. Mas é engraçado. Às vezes… às vezes ele está tão perto que é como se eu

pudesse me virar e vê-lo. Sorrindo pra mim.

– É. Também sinto isso – disse ela, com um sorriso firme, generoso, um sorriso de verdade. –

Bem, tenho que ir. Vejo você em Nova York, talvez.

– Talvez não. Com certeza.

– Está bem. Com certeza. – Ela entrou no carro, fechou a porta e acenou para ele antes de

começar a dar ré.

Terry ficou lá depois que ela foi embora, a brisa batendo em seu sobretudo. Olhou de novo

para a fundição vazia, para o campo destruído. Sabia que devia estar sentindo alguma coisa por

Ig, devia estar atormentado e sofrendo… mas, em vez disso, estava pensando em quanto tempo

depois de voltar a Nova York ia levar até Glenna telefonar e aonde devia levá-la.

Ele conhecia

alguns lugares.

O vento soprou de novo, não só um friozinho, mas frio de verdade, e Terry levantou a cabeça

de novo: por um momento pensou ter ouvido outro toque de trompete, uma saudação obscena.

Era um acorde curto muito bem elaborado e, assim que o ouviu, sentiu, pela primeira vez em

várias semanas, o impulso de tocar de novo. Então o som do trompete sumiu levado pela brisa.

Era hora de ele ir também.

– Pobre diabo – disse Terry antes de entrar em seu carro alugado e ir embora.

AGRADECIMENTOS, NOTAS E CONFISSÕES

O**s peritos não concordam com a** letra de “What I Like About You”, sucesso da banda The

Romantics em 1980. Ig canta “*you’re whispering in my ear”* , mas muita gente defende que

Jim Marinos está gritando “*warm whispering in my ear”* ou mesmo “*phone whispering in my ear”* .

Por causa dessa frequente confusão, achei que poderia permitir que Ig cantasse do seu jeito, mas

peço desculpas aos puristas do rock que acreditam que estou errado.

A editora de texto deste livro apontou que os gafanhotos morrem em julho, mas o autor

optou por fingir que era diferente, pelas famosas razões artísticas sobre as quais tanto ouvimos

falar.

Meu obrigado ao Dr. Andy Singh por ter me fornecido um esboço do BRCA1, a forma de

câncer que consumiu a irmã de Merrin e que poderia tê-la destruído também, se meu enredo

não exigisse outra coisa. Portanto, quaisquer erros relativos a fatos médicos são do próprio autor.

Meus agradecimentos a Kerri Singh, e ao resto do clã Singh, por suportar meu nervosismo com

relação a este romance durante inúmeras noites.

Muita gratidão também a Danielle e ao Dr. Alan Ades. Quando eu precisava de um canto

para trabalhar onde ninguém pudesse me aborrecer, eles arrumaram o lugar certo. Obrigado

também ao pessoal do Lee Mac por me alimentarem durante quatro meses. Também agradeço

aos meus amigos Jason Ciaramella e Shane Leonard, que leram o manuscrito e me deram um

retorno muito proveitoso.

Obrigado a Ray Slyman, que me deu informações sobre a cruz Don Orione; à minha irmã, a

clériga Naomi King, que me indicou inúmeras passagens da Bíblia. Um livro, *God's Problem:*

How the Bible Fails to Answer Our Most Important Question – Why We Suffer, de Bart Ehrman

(HarperOne), também se mostrou uma fonte útil. Li *God's Problem* enquanto

estava enfiado até

o pescoço no quinto rascunho. Acho que, se o tivesse lido antes, este livro seria completamente

diferente. Não sei se melhor ou pior, só diferente.

Um dedicado grupo de pessoas aficionadas por livros trabalhou nos bastidores de *O pacto* na

William Morrow/Harper Collins: Mary Schuck, Ben Bruton, Tavia Kowalchuk, Lynn Grady,

Liate Stehlik, Lorie Young, Nyamekye Waliyaya e a editora de texto Maureen Sugden. Meus

agradecimentos a toda a equipe pelo trabalho que tiveram para que eu me apresentasse bem.

Todo o reconhecimento também é devido a Jody Hotchkiss e Sean Daily, que são apaixonados

por livros (e por filmes), e que foram advogados imbatíveis desta história.

Houve um momento em que cheguei a acreditar que este livro em si era o Diabo. Sou grato

aos meus editores, Jen Brehl, Jo Fletcher e Pete Crowther, e ao meu agente, Mickey Choate, tanto

por sua paciência enquanto eu lutava com essa coisa quanto pela ajuda que ofereceram para me

guiar através dos espinhos da minha própria história. Finalmente, todo o amor para a minha

família, Leanora e meus meninos, sem os quais eu queimaria no inferno, sem esperanças de

terminar *O pacto*.

J.H., agosto de 2009

CONHEÇA OS CLÁSSICOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e *Cilada,* de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição,* de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de

Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo*

mais; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva,* de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE

OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar

de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,

basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,

escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br

ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Document Outline

- Capa
- Créditos
- Dedicatória
- Citação
- Inferno
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
- Cereja
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
  - Capítulo 13
  - Capítulo 14
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
- O sermão de fogo
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
  - Capítulo 24
  - Capítulo 25
  - Capítulo 26
  - Capítulo 27

    - Capítulo 28
    - Capítulo 29
    - Capítulo 30
- O predestinado
    - Capítulo 31
    - Capítulo 32
    - Capítulo 33
    - Capítulo 34
    - Capítulo 35
    - Capítulo 36
    - Capítulo 37
    - Capítulo 38
    - Capítulo 39
    - Capítulo 40
- Evangelho segundo Mick e Keith
    - Capítulo 41
    - Capítulo 42
    - Capítulo 43
    - Capítulo 44
    - Capítulo 45
    - Capítulo 46
    - Capítulo 47
    - Capítulo 48
    - Capítulo 49
    - Capítulo 50
- Agradecimentos, notas e confissões
- Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
- Informações sobre os próximos lançamentos